



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FÁBIO MARQUES DE SOUZA

**UM ESTUDO DIALÓGICO DE ENUNCIADOS CONCRETOS DO
DISCURSO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (2019)**

João Pessoa – PB

2023

FÁBIO MARQUES DE SOUZA

**UM ESTUDO DIALÓGICO DE ENUNCIADOS CONCRETOS DO
DISCURSO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus V, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional

Linha de pesquisa: Política Externa e Segurança

Orientador: Prof. Dr. Filipe Reis Melo

Coorientadora: Profa. Dra. Silvia Garcia Nogueira

João Pessoa – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729e Souza, Fábio Marques de.
Um estudo dialógico de enunciados concretos do discurso da política externa brasileira (2019) [manuscrito] / Fábio Marques de Souza. - 2023.
199 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Filipe Reis Melo, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

"Coorientação: Profa. Dra. Sílvia Garcia Nogueira , Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Política externa brasileira. 2. Discurso político. 3. Análise dialógica do discurso. 4. Teoria dialógica da linguagem. 5. Círculo de Bakhtin. I. Título

21. ed. CDD 327.81

FÁBIO MARQUES DE SOUZA

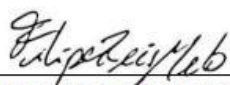
**UM ESTUDO DIALÓGICO DE ENUNCIADOS CONCRETOS DO
DISCURSO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus V, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional
Linha de pesquisa: Política Externa e Segurança

Aprovada em: 20/06/2023.

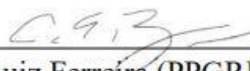
BANCA EXAMINADORA



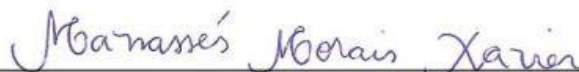
Prof. Dr. Filipe Reis Melo (PPGRI/UEPB - Orientador)



Profa. Dra. Silvia Garcia Nogueira (PPGRI/UEPB - Coorientadora)



Prof. Dr. Carlos Henrique Ruiz Ferreira (PPGRI/UEPB – Examinador Interno)



Prof. Dr. Manassés Morais Xavier (PPGLE/UFCG – Examinador Externo)

Aos meus pais, minhas raízes.

À Nathália Gama de Souza, o maior, melhor e mais saboroso dos meus frutos; meu maior exemplo de diplomacia, hibridismo e interculturalidade; meu combustível para a utopia de um outro mundo como possibilidade.

À Nathália, Déborah, Ivone, Chapolin, Panqueca, Brigadeiro e Suspiro, que me convocam à realidade e me ensinam a suportar o dia a dia.

Aos amigos, que me motivam e me acompanham nas mais diversas oportunidades de aprendizado dessa vida.

AGRADECIMENTOS

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto (...)
Me ha dado el sonido y el abecedario, con él las palabras que pienso y declaro: madre amigo
hermano y luz alumbrando,
La ruta del alma del que estoy amando. (...) y el canto de ustedes que es el mismo canto, y el
canto de todos, que es mi propio canto
(Fragmento de *Gracias a la vida*, de Violeta Parra).*

Esta pesquisa é um trabalho dialógico e polifônico e, com certeza, escaparam nomes na hora de relacionar todas as vozes que se cruzaram na composição desse texto. São muitas as pessoas que contribuíram, de alguma maneira, com a minha formação, em permanente (re)construção, como pessoa e como pesquisador.

Assim como Bakhtin (2011), “em tudo ouço vozes e relações dialógicas ente elas” (p. 78). Um trabalho como esse só é possível com a ajuda de muita, muita gente... Assim sendo, seria inviável, por limitações de espaço e de memória, relacionar e agradecer a todos aqui. Relaciono, abaixo, aqueles que a memória me permitiu captar...

Dr. Filipe Reis Melo e Dra. Silvia Garcia Nogueira por terem – corajosamente - acreditado em mim, me recebido como orientando; pela compreensão e paciência diante das minhas muitas limitações, dúvidas e incertezas. Sem o apoio e suporte de vocês eu não teria chegado até o fim desse momento (que é só o início de uma jornada).

Aos professores doutores do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, *campus* de João Pessoa, com os quais tive a oportunidade de conviver e aprender durante o mestrado: Alexandre Cesar Cunha Leite, Ana Paula Maielo Silva, Andrea Maria Calazans Pacheco Pacífico, Carlos Enrique Ruiz Ferreira, Cristina Carvalho Pacheco, Filipe Reis Melo, Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann, Saulo Felipe Costa, Silvia Garcia Nogueira. Cada um, à sua maneira, me ensinou muito!

Agradeço também ao corpo docente que eu ainda não tive a oportunidade de conviver, mas que fazem o PPGRI possível, bem como os secretários, sempre atenciosos e dispostos, Síría Bandeira Bulcão e Valentim Heleno Santos Rodrigues.

Sou paulista de nascimento, mas paraibano de coração. Minha gratidão ao Estado da Paraíba, que me acolheu, desde 2011, e tem sido paciente comigo. Aos meus colegas de trabalho, alunos, monitores, bolsistas e orientandos da Universidade Estadual da

Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) com quem tenho podido – na maioria das vezes – mais aprender do que ensinar.

Agradeço, também, aos professores doutores Nefatalin Gonçalves Neto e Ivo Di Camargo Jr., meus amigos desde a primeira graduação em Letras na UNESP/Assis e ao Flávio José Souza Silva, Doutorando em Serviço Social pela UFRJ, pelas muitas leituras, diálogos, revisões e sugestões de reescrita e aprimoramento dos textos ao longo da vida e desses meses de curso.

À Dra. Andrea Maria Calazans Pacheco Pacífico, pela leitura crítica, dura e necessária do texto; ao Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann, pelo apoio, estímulo e motivação constantes ao longo do componente curricular Seminário de Pesquisa, oportunidade fundamental para o amadurecimento da investigação.

Aos doutores Carlos Enrique Ruiz Ferreira (UEPB), Manassés Morais Xavier (UFCG) e Samir Perrone de Miranda (UFPB) pela leitura atenta e generosa e pelas sugestões enriquecedoras dadas na ocasião do Exame Geral de Qualificação. Aos professores que compuseram a banca de defesa – os titulares e os suplentes – pela disponibilidade, paciência, dedicação e pelas contribuições para o aprimoramento do trabalho.

Aos membros do grupo de pesquisa “O Círculo de Bakhtin em Diálogo” (DGP/CNPq/UEPB), pelos momentos de interlocução e aprendizagem colaborativa e intercultural. Liderar este grupo, em parceria com meu amigo Prof. Dr. Ivo Di Camargo Jr., desde 2018, tem sido uma experiência enriquecedora e inspiradora, que me permite expandir meus conhecimentos a respeito das teorias de Bakhtin e sua aplicação em diferentes áreas de estudo.

Algumas vezes também na vida profissional-acadêmica, mas muitas vezes além dela, são muitas as pessoas que me ensinam a amar e a mudar as coisas, que me suportam e me dão suporte na grande alucinação que é, para mim (e para Belchior), suportar o dia a dia e experienciar com as coisas reais:

*Eu não estou interessado em nenhuma teoria
(...) A minha alucinação é suportar o dia a dia
E meu delírio é a experiência com coisas reais
(...)*

*Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais!
(...)*

*Amar e mudar as coisas
Amar e mudar as coisas me interessa mais
(Fragmento de Alucinação, de Belchior)*

São essas pessoas que me ajudam, a cada dia, buscar ser uma pessoa melhor e a “*ser quem se é, aceitar o que não deu pra ser, receita pra não sofrer, não ser perfeito, mas ser você!*” (Canção do amigo, Zélia Duncan): Adélia, Alberto, Alício, Álvaro, Ana Caroline, Ana Luzia, André, Angélica, Betânia, Bete, Brigadeiro, Carol, Chapolin, Cristina, Dánie, Daniel, Dany, Déborah, Elen, Everton, Filipe, Flávio, Gean, Ítalo, Ivo, Ivone, Jean, Juliana, Lígia, Lilian, Lúcia, Luis Augusto, Manassés, Marta, Mona, Nath, Nefa, Panqueca, Pricila, Raonne, Rickison, Roberta, Ronny, Rossana, Rozana, Silvia, Suspiro, dentre muitos outros.

À Divindade, essa energia que quanto mais eu tento, menos eu consigo entender, mas que, de qualquer forma, como já nos alertou Clarice Lispector,

‘Não entender’ era tão vasto que ultrapassava qualquer entender - entender era sempre limitado. Mas não entender não tinha fronteiras e levava ao infinito, ao Deus. Não era um não entender como um espírito. O bom era ter inteligência e não entender. Era uma benção como a de ter loucura sem ser doida. Era um desinteresse manso em relação às coisas ditas do intelecto, uma doçura de estupidez (LISPECTOR, 1998, p. 43-44, destaques nossos).

A você, que está lendo este trabalho, e dando vida ao meu objetivo de contribuir com a construção de conhecimento que tenta aproximar Linguística, Ciência Política e Relações Internacionais:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas); eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. [...] Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2011, p. 410).

A você, leitor, que de forma dialógica e alteritária, quer seja pela concordância com nossas proposições, quer seja pelo contraponto tão necessário à construção do conhecimento, possibilita que essa investigação tenha valido a pena. Apesar de não finalizar esta pesquisa da forma como eu gostaria, sei que evolui muito ao longo do processo: “*você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui*” (A estrada, Cidade Negra) e tenho certeza de que “*valeu a pena*”, porque eu “*sou pescador de ilusões*” (Pescador de ilusões, O Rappa).

“As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante de os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2011, p. 290).

"Entre palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavras somos, finalmente, mas com que significado?" (ANDRADE, 1988, p. 67).

"O discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido" (CHARAUDEAU, 2018, p. 39).

RESUMO

Essa investigação teve como objeto de estudo alguns enunciados concretos do discurso ideologicamente situado da Política Externa Brasileira (2019) e prezou pelo diálogo entre os Estudos da Linguagem, a Ciência Política e as Relações Internacionais. Objetivou compreender os sentidos discursivos ideologicamente construídos por Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo, agentes da PEB ao longo de 2019. Tomou-se como pergunta orientadora da pesquisa: “Quais filiações ideológicas são possíveis compreender em alguns dos discursos enunciados pela Política Externa Brasileira no cronotopo do ano de 2019?”. O objetivo geral consistiu em analisar, dialogicamente, o discurso materializado em alguns dos diferentes gêneros discursivos da Política Externa Brasileira durante o primeiro ano (2019) do governo Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), que desdobrou-se nos objetivos específicos: i) Compreender o contexto sociopolítico (condições de produção) dos enunciados concretos dos gêneros discursivos em destaque nesta pesquisa; e ii) analisar os fios ideológicos que constituem, discursivamente (ou política discursiva), tais enunciados. Em relação à metodologia da pesquisa realizada, do ponto de vista da sua natureza ou finalidade, foi uma investigação teórico-político-ideológica. No que se refere à forma de abordagem do “problema”, tratou-se de uma pesquisa qualitativa. No que diz respeito aos procedimentos técnicos, foi uma pesquisa de cunho documental. Neste ensejo, o *corpus* inicial foi composto pelos pronunciamentos oficiais da PEB ao longo do ano de 2019, primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Contou-se com os gêneros discursivos produzidos pelos agentes da PEB: discursos, artigos, apresentações, palestras, painéis, mensagens, aula magna, declarações à imprensa, palavras iniciais, entrevistas, alocuções, exposição, disponibilizados pelo Portal da Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG em uma sessão intitulada “A Nova Política Externa Brasileira”. Ao todo, foram reunidos 87 arquivos de texto. Desse montante, nesta dissertação, a partir do objetivo geral e dos objetivos específicos, foram analisados 14 textos entendidos como Enunciados Concretos, à luz da Análise Dialógica do Discurso (ADD), a partir dos conceitos e fundamentos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010, 2011, 2013, 2016; BRAIT, 2006a, 2006b; VOLÓCHINOV, 2017), levando em conta a forma, mas também o contexto socioideológico em que foram produzidos: as orientações analítica consideraram, de forma integrada e simultânea, a descrição, a análise e a interpretação. Esses direcionamentos foram atravessados por três focos de estudos do campo da ADD, que se relacionaram com as relações dialógicas, gêneros do discurso e formas da língua. A análise realizada identificou uma conexão ideológica entre os discursos do Presidente e do seu ministro das Relações Exteriores, ambos de matriz conservadora reacionária, utilizando do negacionismo ideológico como estratégia. Observou-se, também, no corpus, a relação entre política e religião, como estratégia para construir uma ideologia que criasse consenso entre os eleitores e que justificasse, em nome de Deus, as ações do governo.

Palavras-chave: Política Externa Brasileira; Discurso Político; Análise Dialógica do Discurso; Teoria Dialógica da Linguagem; Círculo de Bakhtin.

RESUMEN

Esta investigación se centró en el análisis de algunos enunciados concretos del discurso ideológicamente situado de la Política Exterior Brasileña (2019) y buscó promover el diálogo entre los Estudios del Lenguaje, la Ciencia Política y las Relaciones Internacionales. El objetivo fue comprender los sentidos discursivos ideológicamente contruidos por Jair Bolsonaro y Ernesto Araújo, actores de la PEB a lo largo de 2019. La pregunta orientadora de la investigación fue: "¿Qué filiaciones ideológicas son posibles de comprender en algunos de los discursos enunciados por la Política Exterior Brasileña durante el año 2019?". El objetivo general consistió en analizar, de manera dialógica, el discurso materializado en algunos de los diferentes géneros discursivos de la Política Exterior Brasileña durante el primer año (2019) del gobierno de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), desplegando los objetivos específicos: i) Comprender el contexto sociopolítico (condiciones de producción) de los enunciados concretos de los géneros discursivos destacados en esta investigación; y ii) analizar los hilos ideológicos que constituyen discursivamente (o políticamente discursiva) dichos enunciados. En cuanto a la metodología de la investigación, en términos de su naturaleza o finalidad, fue una investigación teórico-político-ideológica. En cuanto al enfoque del "problema", se trató de una investigación cualitativa. En cuanto a los procedimientos técnicos, fue una investigación de carácter documental. En este sentido, el corpus inicial estuvo compuesto por los pronunciamientos oficiales de la PEB a lo largo del año 2019, el primer año del gobierno de Jair Bolsonaro (2019-2022). Se contó con los géneros discursivos producidos por los actores de la PEB: discursos, artículos, presentaciones, conferencias, paneles, mensajes, clases magistrales, declaraciones a la prensa, palabras iniciales, entrevistas, alocuciones, exposiciones, disponibles en el Portal de la Fundación Alexandre de Gusmão - FUNAG en una sección titulada "La Nueva Política Exterior Brasileña". En total, se recopilaron 87 archivos de texto. De este conjunto, en esta disertación, a partir del objetivo general y de los objetivos específicos, se analizaron 14 textos entendidos como Enunciados Concretos, a la luz del Análisis Dialógico del Discurso (ADD), a partir de los conceptos y fundamentos del Círculo de Bajtín (BAKHTIN, 2010, 2011, 2013, 2016; BRAIT, 2006a, 2006b; VOLÓCHINOV, 2017), teniendo en cuenta la forma, pero también el contexto socioideológico en el que fueron producidos: las orientaciones analíticas consideraron, de manera integrada y simultánea, la descripción, el análisis y la interpretación. Estas orientaciones estuvieron atravesadas por tres enfoques de estudios del campo del ADD, que se relacionaron con las relaciones dialógicas, los géneros del discurso y las formas de la lengua. El análisis realizado identificó una conexión ideológica entre los discursos del Presidente y su Ministro de Relaciones Exteriores, ambos de matriz conservadora reaccionaria, utilizando el negacionismo ideológico como estrategia. También se observó, en el corpus, la relación entre política y religión, como estrategia para construir una ideología que generara consenso entre los electores y que justificara, en nombre de Dios, las acciones del gobierno.

Palabras-clave: Política Exterior Brasileña; Discurso político; Análisis Dialógico del Discurso; Teoría Dialógica del Lenguaje; Círculo de Bajtín.

ABSTRACT

This investigation aimed to study specific statements within the ideologically situated discourse of Brazilian Foreign Policy (2019) and fostered dialogue between Language Studies, Political Science, and International Relations. The objective was to understand the ideologically constructed discursive meanings by Jair Bolsonaro and Ernesto Araújo, key actors in Brazilian Foreign Policy throughout 2019. The guiding research question was: "What ideological affiliations can be understood in some of the speeches delivered by Brazilian Foreign Policy during the timeframe of 2019?" The overall goal was to analyze, dialogically, the discourse materialized in different discursive genres of Brazilian Foreign Policy during the first year (2019) of Jair Messias Bolsonaro's government (2019-2022). This unfolded into specific objectives: i) To understand the sociopolitical context (production conditions) of the concrete statements within the highlighted discursive genres in this research, and ii) to analyze the ideological threads that constitute these statements from a discursive (or discursive policy) perspective. Regarding the methodology, this research was a theoretical-political-ideological investigation. In terms of the approach to the "problem," it was a qualitative research study. As for the technical procedures, it was documentary research. The initial corpus consisted of the official pronouncements of Brazilian Foreign Policy throughout 2019, the first year of Jair Bolsonaro's government (2019-2022). The discursive genres produced by the agents of Brazilian Foreign Policy were included: speeches, articles, presentations, lectures, panels, messages, inaugural lectures, press statements, opening words, interviews, addresses, and exhibitions, made available by the Alexandre de Gusmão Foundation - FUNAG through a section titled "The New Brazilian Foreign Policy." A total of 87 text files were collected. Within this dissertation, considering the general and specific objectives, 14 texts understood as Concrete Statements were analyzed using the Dialogical Discourse Analysis (DDA), based on the concepts and foundations of the Bakhtin Circle (BAKHTIN, 2010, 2011, 2013, 2016; BRAIT, 2006a, 2006b; VOLÓCHINOV, 2017). Both the form and the socio-ideological context in which they were produced were considered. The analytical guidelines integrated and simultaneous the description, analysis, and interpretation. These directions were influenced by three focal points of the DDA field, which were related to dialogical relationships, discourse genres, and language forms. The analysis identified an ideological connection between the speeches of the President and his Minister of Foreign Affairs, both adhering to a reactionary conservative matrix, employing ideological denialism as a strategy. The corpus also revealed a relationship between politics and religion, used as a strategy to construct an ideology that would create consensus among voters and justify government actions in the name of God.

Keywords: Brazilian Foreign Policy; Political speech; Dialogical Discourse Analysis; Dialogical Theory of Language; Circle of Bakhtin.

LISTA DE SIGLAS

ACD - Análise Crítica do Discurso

AD - Análise do Discurso

ADD - Análise Dialógica do Discurso

FUNAG - Fundação Alexandre de Gusmão

MRE - Ministério das Relações Exteriores

PEB - Política Externa Brasileira

RI - Relações Internacionais

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1 PENSAR O DISCURSO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (PEB) COM O CÍRCULO DE BAKHTIN.....	22
1.1 Língua(gem), Discurso e Prática Social	23
1.2 Ideologia e valorização <i>na e pela</i> linguagem	31
1.3 Cronotopo, dialogismo e interação	43
1.4 O Enunciado Concreto.....	47
1.5 Os gêneros do discurso na esfera dos pronunciamentos oficiais	54
1.6 Análise Dialógica do Discurso (ADD)	59
1.7 Considerações parciais.....	64
2 FIOS DISCURSIVOS DA IDEOLOGIA NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (2019).....	65
2.1 Contexto de produção dos pronunciamentos oficiais da PEB	66
2.2 O pronunciamento inaugural de Bolsonaro no exterior	77
2.3 O negacionismo no discurso inaugural de Bolsonaro no exterior	86
2.4 Desvendando fios ideológicos do termo ideologia	97
2.5 Considerações parciais.....	114
3 “DEUS ACIMA DE TODOS” E A VERDADE LIBERTADORA.....	116
3.1 O discurso de posse o ministro das relações exteriores Ernesto Araújo.....	119
3.2 O Estado laico em um governo “cristão”	133
3.2.1 Oração de abertura	136
3.3 “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”: o Estado laico num governo “terrivelmente” cristão	140
3.4 O globalismo como um inimigo a ser combatido e “Deus em Davos!”	152
3.5 Considerações parciais.....	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICE A: corpus da pesquisa.....	185

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho compartilha da visão de língua como prática social. Dentro desta perspectiva, pensar o uso da língua, enquanto um fenômeno de linguagem, sob à luz de prática, incide em compreendê-la em função de atividades que organizam a vida em sociedade. Neste ensejo, assim como Bakhtin (2011), considera-se a vida como sendo dialógica por natureza e, portanto, “viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida (...). Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal” (p. 348).

Essa investigação teve como objeto de estudo alguns enunciados concretos¹ do discurso ideologicamente² situado da Política Externa Brasileira (2019). Para alcançarmos os objetivos propostos, nosso processo prezou pelo diálogo entre os Estudos da Linguagem, da Ciência Política e das Relações Internacionais (RI). Uma das principais áreas de conexão entre esses três campos do conhecimento humano está no papel da linguagem na política internacional. A linguagem é uma forma de mediação entre o homem e o mundo essencial para a comunicação e, portanto, para a construção das relações internacionais.

Na política internacional, a linguagem é uma ferramenta crucial para a construção de alianças e identidades nacionais. Por meio dela, os líderes políticos podem transmitir ideias e valores que fortalecem a coesão do país e justificam as políticas adotadas. Entretanto, em situações de conflito, pode ser utilizada para desumanizar o adversário e justificar a violência. Ademais, pode ser empregada como uma forma de impor a dominação de um grupo sobre outro. Nesse sentido, é importante reconhecer o poder da linguagem na política internacional e estar atento às suas possíveis manipulações e consequências.

¹ Volóchinov (2017) propõe o estudo do Enunciado Concreto como um componente da estrutura socioideológica. Para o autor “o signo e sua função social estão fundidos de modo inseparável” (p. 135 – destaques do autor).

² Conforme apresentaremos no capítulo 1, compartilharemos da definição de ideologia apresentada por Volóchinov (1993): ela deve ser entendida como o conjunto completo de reflexos e interpretações da realidade social e natural que ocorrem no cérebro humano e são fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas simbólicas. A ideologia é formada por todas as maneiras como interpretamos e compreendemos o mundo ao nosso redor, e essas interpretações são moldadas pelas formas simbólicas que utilizamos para representar a realidade a partir de uma dimensão semiótica - interpretativa.

Na área da ciência política, a linguagem é importante na análise de discursos políticos e na compreensão da construção de ideologias. Por meio da análise da linguagem, é possível identificar os valores e ideologias subjacentes aos discursos políticos e compreender como esses discursos podem ser usados para construir a imagem de líderes políticos e justificar suas políticas. Além disso, ela é importante na análise das relações internacionais, especialmente no que diz respeito à diplomacia. Por meio da linguagem, diplomatas e demais agentes de política externa podem construir acordos e relações amistosas entre países, mas também podem usar a linguagem de forma agressiva e beligerante.

A Teoria Dialógica da Linguagem, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, tem um lugar consolidado na história do pensamento linguístico, esses teóricos deixaram uma contribuição filosófica densa e rica que se soma às muitas outras que têm tentado, ao longo dos milênios, apreender o Ser da linguagem (FARACO, 2009). Conforme destacado por Ponzio (2011), Bakhtin e o Círculo não formavam uma escola no sentido acadêmico tradicional, mas sim uma equipe que trabalhava em estreita colaboração, combinando interesses e habilidades diferentes em suas pesquisas conjuntas.

É da essência dialógica da linguagem não conceber o discurso como *ab ovo* (surgido do nada)³, uma vez que toda prática discursiva surge como resposta aos enunciados precedentes e convocará novas manifestações discursivas no simpósio universal da existência humana, de forma que Bakhtin e o Círculo defendem que todo enunciado estará sempre relacionado a um contexto verbo-ideológico ancorado no tempo e no espaço (cronotopo⁴). Dessa forma, esta pesquisa objetiva compreender os sentidos discursivos ideologicamente construídos por alguns dos agentes (Bolsonaro e Ernesto Araújo) da Política Externa Brasileira (PEB) ao longo de 2019 e, a partir disso, tomamos como pergunta orientadora da pesquisa: “Quais filiações ideológicas são possíveis compreender em alguns dos discursos enunciados pela Política Externa Brasileira no cronotopo do ano de 2019?”.

³ De acordo com os estudos bakhtinianos, apenas o Adão mítico (BAKHTIN, 2011, p. 300) surgiu com a primeira palavra no mundo, a palavra entendida, neste cenário, como “virgem”. Na orientação dialógica da linguagem, este Adão se adjetiva como mítico por, justamente, afastar-se da compreensão de que os enunciados não admitem relação com outros enunciados já proferidos. Pelo contrário, eles – os enunciados – são banhados pela ideologia que, à luz do discurso, imprimem valorizações.

⁴ Para Bakhtin (1998), o cronotopo é a forma como o tempo e o espaço são representados em uma narrativa, e essa representação varia de acordo com o gênero discursivo utilizado. O conceito fornece informações precisas sobre o tempo e o lugar históricos da realização do gênero, permitindo que os gêneros sejam compreendidos como "modos específicos de visualizar uma dada parte da realidade situada no tempo-espaço" (MORSON; EMERSON, 2008, p. 290).

A partir dessa inquietação, tivemos como objetivo geral: analisar, dialogicamente, o discurso materializado em alguns dos diferentes gêneros discursivos⁵ da Política Externa Brasileira durante o primeiro ano (2019) do governo Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), que se desdobrou nos objetivos específicos: i) Compreender o contexto sociopolítico (condições de produção) dos enunciados concretos dos gêneros discursivos em destaque nesta pesquisa; e ii) analisar os fios ideológicos que constituem, discursivamente (ou política discursiva), tais enunciados.

Em relação à metodologia da pesquisa realizada, do ponto de vista da sua natureza ou finalidade, foi uma investigação teórico-político-ideológica. No que se refere à forma de abordagem do “problema”, tratou-se de uma pesquisa qualitativa. No que diz respeito aos procedimentos técnicos, foi uma pesquisa de cunho documental. Bakhtin (2011) destaca a importância do texto como ponto de partida para qualquer pesquisa ou pensamento. Para o pensador russo, o texto é a realidade imediata, ou seja, é a forma como a realidade se apresenta para nós na e pela linguagem. Portanto, não é possível estudar ou refletir a respeito da realidade sem recorrer ao texto (considerado aqui em seu sentido amplo), já que é por meio dele que construímos e comunicamos nossas ideias e interpretações. O filósofo argumenta que o objeto de pesquisa e pensamento só pode existir onde há texto, ou seja, onde há linguagem sendo utilizada para expressar ideias e conceitos. Assim, a análise do texto é fundamental para compreender e interpretar a realidade a nossa volta.

Neste ensejo, o *corpus* inicial foi composto pelos pronunciamentos oficiais da PEB ao longo do ano de 2019, primeiro ano do governo Jair Bolsonaro⁶. Contou-se com os gêneros discursivos produzidos pelos agentes da PEB: discursos, artigos, apresentações, palestras, painéis, mensagens, aula magna, declarações à imprensa,

⁵ Os gêneros do discurso são formas sociais e culturais de linguagem que surgem em diferentes contextos de uso. Cada gênero é caracterizado por suas próprias regras de composição, estilo, vocabulário e propósito comunicativo. Os gêneros do discurso podem ser divididos em dois tipos: os gêneros primários, que são aqueles que se manifestam de maneira natural e espontânea na vida cotidiana, e os gêneros secundários, que são aqueles que surgem em esferas específicas da atividade humana, como a esfera política (BAKHTIN, 2011).

⁶ Em 2018, Bolsonaro se candidatou à presidência da República pelo Partido Social Liberal (PSL), sigla considerada de centro-direita, mas que também tinha uma agenda conservadora nos costumes. Durante a campanha, o então candidato se destacou por suas declarações polêmicas e por se apresentar como um candidato "contra tudo o que está aí". Após a eleição, enfrentou divergências com o partido que o elegeu, e acabou rompendo com a legenda em 2019. Nesse período, ficou sem partido por cerca de um ano. Em março de 2020, se filiou ao partido Aliança Brasil, que ele próprio havia fundado, mas que ainda não tinha sido oficializado pela Justiça Eleitoral. Dessa forma, o presidente ficou sem partido durante quase todo o seu mandato. Em janeiro de 2021, se filiou ao Partido Social Cristão (PSC), sigla que possui uma plataforma conservadora e de centro-direita.

palavras iniciais, entrevistas, alocações, exposição, disponibilizados pelo Portal da Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG⁷ em uma sessão intitulada “A Nova Política Externa Brasileira”. Os enunciadores são apresentados no quadro 01:

Quadro 01: Enunciadores do *corpus* da pesquisa.

Enunciador	Sigla	Qtde textos
Presidente da República, Jair Bolsonaro	*E_BOL	2
Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves	*E_DAM	1
Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo	*E_ERN	81
Secretário-Geral das Relações Exteriores, Embaixador Otávio Brandelli	*E_OTA	2
Embaixadora Márcia Donner Abreu, Secretária de Comunicação e Cultura do Itamaraty	*E_MDA	1

Fonte: elaboração nossa.

Ao todo, foram reunidos 87 arquivos de texto. O apêndice A apresenta todos os pronunciamentos de 2019 em ordem cronológica. Nele, cada discurso oficial é composto por uma linha de identificação: número do texto (*T_01 até *T_87) seguido por um espaço e a marcação relativa ao enunciador (*E_BOL, *E_DAM, *E_ERN, *E_OTA, *E_MDA) conforme ilustrado no quadro 01. Na sequência, há a descrição do gênero do discurso, meio/suporte de circulação, local e data, seguido pelo link do texto na FUNAG, um link alternativo (gerado via *Google Drive*) e o *QRCode* para acesso via celular. Desse montante, nesta dissertação, a partir do objetivo geral e dos objetivos específicos, bem como por conta de limitações de tempo e espaço, foram analisados 15 (quinze) textos, elencados no quadro 02:

⁷ A Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), instituída pelo Decreto nº 69.553, de 18 de novembro de 1971, com base na Lei nº 5.717, de 26 de outubro de 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. De acordo com o seu Estatuto e seu Regimento Interno, o objetivo da FUNAG, em síntese, é o de tornar-se cada vez mais útil à sociedade brasileira, por meio da difusão dos temas e da agenda da política externa brasileira, das relações internacionais e da história diplomática do Brasil. Disponível em: <<https://antigo.funag.gov.br/index.php/pt-br/perguntas-frequentes>> Acesso em: 19 jun. 2022.

Quadro 02: *corpus* analisado na dissertação

Pronunciamento	Acesso
<p>*T_01 *E_ERN Transcrição do discurso do Embaixador Ernesto Araújo na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores, em Brasília, 2 de janeiro de 2019 https://drive.google.com/file/d/15q_TwFebmE1sNk1vhGSgeVeQFrILE_Ij/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/15q_TwFebmE1sNk1vhGSgeVeQFrILE_Ij/view?usp=sharing</small></p>
<p>*T_05 *E_BOL Transcrição do discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a sessão plenária do Fórum Econômico Mundial, em Davos, realizada em 22 de janeiro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1JTgzIu4m2jplXjlcCmCYh52faJf7-Pwg/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1JTgzIu4m2jplXjlcCmCYh52faJf7-Pwg/view?usp=sharing</small></p>
<p>*T_10 *E_ERN Transcrição da aula magna do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no Instituto Rio Branco, em Brasília, 11 de março de 2019 https://drive.google.com/file/d/1QGmv5PTJKVC7x_h7RWEal7hZOYttirkU/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1QGmv5PTJKVC7x_h7RWEal7hZOYttirkU/view?usp=sharing</small></p>
<p>*T_18 *E_ERN Transcrição da apresentação inicial do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal, em Brasília, 4 de abril de 2019 https://drive.google.com/file/d/1WzLnitIHoVQaIwYRdENjA4QJM9GlDEqU/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1WzLnitIHoVQaIwYRdENjA4QJM9GlDEqU/view?usp=sharing</small></p>
<p>*T_19 *E_ERN Transcrição da palestra do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), em São Paulo, 8 de abril de 2019 https://drive.google.com/file/d/1m-kyQJXxlawg-wk4KYL76TE4Kk-JcM-b/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1m-kyQJXxlawg-wk4KYL76TE4Kk-JcM-b/view?usp=sharing</small></p>
<p>*T_31 *E_ERN Palestra do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no seminário da FUNAG sobre globalismo, em Brasília, 10 de junho de 2019 https://drive.google.com/file/d/133mH_JIkedIK7RAFpomKrCIqu9yzpx98/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/133mH_JIkedIK7RAFpomKrCIqu9yzpx98/view?usp=sharing</small></p>
<p>*T_47 *E_ERN Transcrição de palestra do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, proferida na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) em 28 de agosto de 2019, no Rio de Janeiro https://drive.google.com/file/d/1RSpKvTt7xBJWFEHPTEnn23AvXvEfW7yA/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1RSpKvTt7xBJWFEHPTEnn23AvXvEfW7yA/view?usp=sharing</small></p>
<p>*T_61 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado no perfil do Governo Federal no LinkedIn em 10 de outubro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1UZoQInOhuz43-Getlc8-mO445fAQLnON/view?usp=sharing</p>	 <p><small>Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1UZoQInOhuz43-Getlc8-mO445fAQLnON/view?usp=sharing</small></p>

<p>*T_62 *E_ERN Transcrição do painel com o Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no Fórum de Investimentos Brasil 2019, em 10 de outubro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1oW5N9ViHkhV-D_JuM3R2v4nZrtucZg1D/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1oW5N9ViH</small></p>
<p>*T_64 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na CPAC (Conferência de Ação Política Conservadora) Brasil 2019, em São Paulo, 12 de outubro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1hh8pbwR2BmODyIJPCGegVgz7J9CgPicB/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1hh8pbwR2</small></p>
<p>*T_72 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no seminário internacional “Novos anseios da política externa brasileira: renovar para avançar”, em 21 de novembro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1W9GGALMSn3XuXXNUxqVNusxkOlhOGTS1/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1W9GGALM</small></p>
<p>*T_79 *E_ERN Transcrição dos discursos do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, proferido na LV Reunião do Conselho do Mercado Comum (CMC), em Bento Gonçalves, em 4 de dezembro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1-dvNswtpU7KbyYF0mkgIonHdZP9nE5g_/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1-dvNswtpU</small></p>
<p>*T_83 *E_ERN Transcrição da palestra proferida pelo Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no Ministério das Relações Exteriores de Angola, no dia 13 de dezembro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1COPhq_X7O0IZenC8ysopNV_AOega4X8BB/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1COPhq_X7</small></p>
<p>*T_86 *E_ERN Artigo "Para além do horizonte comunista", do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado na revista <i>Terça Livre</i>, em 18 de dezembro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1Z5m2hm-1Kc3TNJkOtuTunCEhTQOIWYZQ/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1Z5m2hm-1</small></p>
<p>*T_87 *E_ERN Mensagem de final de ano do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, em 27 de dezembro de 2019 https://drive.google.com/file/d/1WnMoeA97guwxBkrGbmjRCO5yiAYHbnWs/view?usp=sharing</p>	 <p><small>https://drive.google.com/file/d/1WnMoeA97</small></p>

Fonte: Elaboração nossa a partir do Portal da FUNAG.

Conforme nos alerta Volóchinov (2019), na vida, o discurso verbal é claramente não autossuficiente, ele é originado de uma situação prática não verbal, mantendo uma conexão estreita com essa situação. Além disso, um enunciado está diretamente ligado à vida em si e não pode ser separado dela sem perder seu significado. Considerado

isoladamente como um fenômeno linguístico, o discurso verbal não pode ser verdadeiro ou falso, corajoso ou tímido. Dessa forma, os pronunciamentos oficiais da PEB só podem ser analisados se encarados como Enunciados Concretos, à luz da Análise Dialógica do Discurso⁸, a partir dos conceitos e fundamentos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010, 2011, 2013, 2016; BRAIT, 2006a, 2006b; VOLÓCHINOV, 2017), levando em conta a forma, mas também o contexto socioideológico em que foram produzidos, esforço empreendido no desenvolvimento dessa investigação.

Em termos estruturais, esta dissertação está organizada em três capítulos, precedidos por essas considerações iniciais e seguidos pelas considerações finais, pelas referências e pelo apêndice A. O capítulo 1, "Pensar o discurso da PEB com o Círculo de Bakhtin", apresenta o embasamento teórico para a Análise Dialógica do Discurso Político, utilizando conceitos e princípios metodológicos do Círculo de Bakhtin. Discute a relação entre língua, discurso e prática social, conceitos como dialogismo⁹, cronotopo e valoração, bem como a importância da análise dialógica do discurso na compreensão da política externa brasileira e suas relações internacionais. No capítulo 2, "Fios discursivos que tecem a ideologia na PEB (2019)" são analisados alguns dos pronunciamentos produzidos pelos principais agentes da PEB, ao longo de 2019. Dar-se-á ênfase ao discurso inaugural proferido por Bolsonaro em solo estrangeiro, o pronunciamento no Fórum Econômico Mundial em Davos e, adicionalmente, utilizar-se-ão fragmentos de pronunciamentos de Ernesto Araújo que ilustrem questões ideológicas e valorativas. O capítulo 3, "‘Deus acima de todos’ e a verdade libertadora" analisa o discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, como uma forma de compreender a visão e as intenções da nova gestão, além de obter previsões sobre políticas públicas e ações futuras. Discute-se também o papel de termos polissêmicos como verdade e liberdade associados a Deus e à religião na campanha e no governo Bolsonaro e como essa visão pode influenciar a PEB do período.

⁸ A Análise Dialógica do Discurso (ADD) é uma metodologia que se baseia nos conceitos e abordagens do Círculo de Bakhtin e busca compreender as relações dialógicas e interativas entre os interlocutores e como essas relações são mediadas na e pela linguagem. A ADD é útil para compreender as relações entre o Brasil e outros países, bem como as posições ideológicas e interesses envolvidos nas negociações internacionais no contexto da política externa brasileira.

⁹ Conceito proposto por Bakhtin (1998) que se refere às interações entre diferentes vozes que ocorrem na construção do discurso. O filósofo russo argumenta que todo discurso é influenciado por outros discursos, que podem estar presentes em diferentes esferas discursivas e que se entrelaçam para formar o significado de um enunciado. O dialogismo é um fenômeno complexo que envolve fatores culturais, emocionais e históricos.

1 PENSAR O DISCURSO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (PEB) COM O CÍRCULO DE BAKHTIN

Este capítulo tem por objetivo apresentar o embasamento teórico que sustentará as nossas ações subsequentes. Nele, relacionaremos o Círculo de Bakhtin, seus conceitos e princípios metodológicos para a análise do discurso político, destacando a importância dos conceitos e abordagens propostos para compreender as relações entre linguagem, ideologia e prática social na PEB. Para dar conta dessa empreitada, temos sete subitens:

O primeiro, "Língua(gem), Discurso e Prática Social", discute a relação entre língua, discurso e prática social, destacando como as formas de falar e escrever estão intrinsecamente ligadas às práticas e relações sociais. Nesse sentido, a análise do discurso político é fundamental para compreender as posições ideológicas e interesses por trás das falas dos agentes políticos. No segundo, "Ideologia e valoração *na e pela* linguagem", são discutidos os conceitos de ideologia e valoração na linguagem, destacando como as escolhas linguísticas dos falantes revelam suas posições ideológicas e valores. No terceiro, "Cronotopo, dialogismo e interação", são discutidas as relações entre cronotopo, dialogismo e interação, destacando como esses conceitos são fundamentais para a compreensão da natureza interativa e social do discurso. No quarto, "O Enunciado Concreto", apresenta o conceito de enunciado concreto, que se refere à unidade básica da análise do discurso bakhtiniano. O enunciado concreto é entendido como uma unidade de interação verbal que leva em consideração o contexto e as posições ideológicas dos interlocutores. O quinto, "Os gêneros do discurso na esfera dos pronunciamentos oficiais", discute as características específicas dos gêneros discursivos que compõem a esfera dos pronunciamentos oficiais, que são amplamente utilizados na política externa brasileira. São destacados os elementos formais e linguísticos que compõem esse gênero discursivo, bem como sua relação com as posições ideológicas dos agentes políticos. No sexto, "Análise Dialógica do Discurso", é apresentada a metodologia da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que se baseia nos conceitos e abordagens do Círculo de Bakhtin. A ADD busca compreender as relações dialógicas e interativas entre os interlocutores e como essas relações são mediadas pela linguagem. Por fim, o sétimo subitem, "Considerações parciais" traça uma retrospectiva do que foi abordado no capítulo. No contexto da PEB, a ADD pode ser útil para compreender como se deram, discursivamente, as relações entre o Brasil e outros países no período analisado, bem

como as posições ideológicas e interesses envolvidos nas negociações internacionais durante a gestão de Bolsonaro em seu primeiro ano de governo.

1.1 Língua(gem), Discurso e Prática Social

Compreender a PEB a partir da análise dos pronunciamentos oficiais de 2019, que é o objetivo desta pesquisa, demanda compartilhar o que se entende, nesta dissertação, por termos polissêmicos como Língua, Linguagem e Análise (Dialógica) do Discurso. Por conta disso, iniciamos com a fundamentação teórica do que seja linguagem. Entretanto, como este fenômeno é plural e multissemiótico, trataremos inicialmente de suas concepções para, posteriormente explicitarmos a escolha pelo conceito dialógico.

De acordo com Geraldi (2006, p. 40) há, fundamentalmente, três grandes concepções de Linguagem que permeiam os estudos linguísticos, a saber:

- a) Linguagem como representação/expressão (“espelho”) do mundo e do pensamento;
- b) Linguagem como instrumento (“ferramenta”) de comunicação;
- c) Linguagem como forma/processo (“lugar” ou espaço) de interação.

Não cabe a este trabalho discutir as limitações e potencialidades de cada uma dessas concepções. O que importa, no momento, é destacarmos que nos filiaremos à terceira conceituação. Nela, a linguagem não é algo pronto que representa o mundo (como na primeira caracterização) e nem apenas centrada na transmissão de uma mensagem já pronta e acabada (como na segunda visão), antes é fruto de um processo de constante interação entre enunciadores, ou seja, não está pronta e acabada, mas é coconstruída na interação ao mesmo tempo em que se presta a ser representação do pensamento e processo de comunicação.

É nessa concepção que temos a visão de um sujeito que age na e pela linguagem. Em outros termos, não há apenas a consideração de elementos que comunicam ou que transmitem um pensamento, mas o entendimento de que a linguagem é um *locus* em que criamos uma imagem do eu, que recuperamos imagens do outro sobre esse eu e, mais ainda, resgatamos um contexto sócio-histórico-ideológico tanto de produção quanto de inserção dos interlocutores.

Dessa forma, para um estudo profícuo dos discursos dos agentes da PEB no governo Bolsonaro, tomamos tal concepção de linguagem para embasar nosso direcionamento analítico. Somado a tal concepção, tomaremos por base teórica os princípios da ADD para analisar esse processo multifacetado da linguagem enquanto processo de interação. A fim de melhor esclarecer tais pressupostos teóricos, apresentamos um breve histórico da Análise do Discurso, bem como quais as principais vertentes existentes para, posteriormente, justificar nossa escolha pela ADD.

A origem do pensamento sobre a questão discursiva remonta à retórica clássica de Aristóteles, que destacou a importância dos recursos retóricos para a organização argumentativa. Na Idade Média, a retórica tornou-se uma das artes liberais ensinadas nas universidades, juntamente com a lógica e a gramática. Isso levou a um interesse crescente em estudos de descrição da língua, embora ainda fossem limitados e desprovidos de uma visão científica e objetiva. Com o tempo, surgiram estudos de morfologia, sintaxe e fonética que se tornaram o núcleo dos estudos filológicos¹⁰.

A nascente filologia serviu como base para a consolidação de estudos histórico-comparativos entre línguas, que eclodiram no período romântico. Sua maior preocupação era identificar as relações entre as chamadas línguas mães (o latim, o grego e o sânscrito) com as línguas germânicas e/ou neolatinas e considera Franz Bopp¹¹ seu fundador. Há, em especial a partir dos estudos de Bopp no século XIX, todo um caudal de estudos com foco no desenvolvimento histórico (análise diacrônica) das línguas que imputou certa notoriedade a seus pesquisadores, quase assumindo para si o *status* de ciência.

Contudo, é exatamente no início do século XX, que temos uma mudança drástica e radical nesse cenário. Saussure (1969), por meio de seus estudos, irá postular uma concepção dicotômica que diferencia língua (*langue*) e fala (*parole*). Para o mestre genebrino, que apesar de reconhecer a interdependência entre a fala e a língua, a língua, enquanto um sistema de signos e de regras, deveria ser o elemento privilegiado de estudo, definindo-a como objeto específico da linguística. Apesar de não deixar seus estudos escritos, após sua morte, os alunos, acreditando que o mestre teria compilado as teorias apresentadas nos cursos ministrados, buscaram nos arquivos do professor apontamentos

¹⁰ A Filologia é uma área da linguística que estuda uma língua e sua literatura, cultura e civilização por meio de um enfoque histórico e a partir de documentos escritos.

¹¹ Franz Bopp, estudioso alemão, é reconhecido como o pai da linguística comparativa, uma vez que ele destacou a importância do sânscrito para as línguas indo-europeias e publicou uma gramática do sânscrito em 1827.

que pudessem ser organizados em um livro. É a partir dessa mescla entre anotações de aula e escritos esparsos que vem à lume, em 1916, o *Curso de Linguística Geral*, livro que inaugura uma nova era nos estudos da linguística.

Saussure, ao dividir seus estudos entre língua e fala, delimita como estudo da linguística apenas à língua, uma vez que é nela que se estabelece um sistema de signos e de regras. Não demorou muito para que os estudiosos da nascente ciência linguística constatarem os limites dessa dicotomia e a grande prisão teórica criada quando se toma apenas a língua como objeto da linguística e se exclui a fala como um campo de estudos. Justamente nesse momento, temos o surgimento de três grandes linhas que se preocupam a analisar a língua (ou discurso). São elas: i) a perspectiva francesa; ii) a perspectiva anglo-saxônica e; iii) a perspectiva russa.

Mainueneau (1976) sugere que foram os formalistas russos que permitiram a inclusão do conceito de discurso no campo dos estudos linguísticos. Ao proporem, inspirados no trabalho de Wladimir Propp (1958), operar o texto para além de um encadeamento frásico, os Formalistas Russos superaram tanto a noção filológica de leitura quanto as ideias saussurianas por meio de uma leitura na qual a lógica se estabelecia por encadeamentos transfrásicos. Essa proposta contribuiu em muito para os estudos discursivos, pois trouxe à cena conceitos importantes como literariedade, verossimilhança e intertextualidade. Todavia, essa abertura ao discurso ainda se manteve pouco avançada pois os estruturalistas, que surgiram a partir do formalismo, mantiveram a abordagem imanentista de leitura da estrutura do texto e supunham uma concepção monológica da linguagem, focando apenas na análise frasal. Dessa forma, não conseguiram avançar para uma análise do texto como um todo e não refletiam a respeito da sua exterioridade.

Sequencialmente, em 1952, Harris publicou "*Discourse Analysis: a sample text*", nos EUA, com o objetivo de demonstrar que é possível realizar análises linguísticas de enunciados além da frase. Jakobson (1963) relacionou funções da linguagem aos estudos linguísticos, e Benveniste (1989) afirmou que a língua só se torna real no ato enunciativo, onde se expressa a relação com o mundo. Benveniste adicionou que o sentido só pode ser construído considerando a noção de sujeito-locutor, pois este deixa marcas nos enunciados que produz. Essas contribuições foram importantes para a aproximação dos estudos linguísticos com a Análise do Discurso.

É a partir de tais movimentos e inscrita em um quadro que articula elementos linguísticos com o social, surge na França a *Análise do Discurso* (AD), campo de pesquisa

que se amplia para além dos horizontes da linguística. Em sua especificidade, a AD pode ser conceituada como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado” (BRANDÃO, 2004, p. 17) e se vale de conceitos e métodos advindos da linguística¹². A fim de marcar a sua especificidade no interior dos estudos da linguagem sem incorrer no risco de confirmar uma análise imanente, a AD considerará outras dimensões. Dentre elas temos, como, aponta Maingueneau:

- o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação;
- os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso;
- o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso (*apud* BRANDÃO, 2004, p. 17).

Podemos considerar, então, que a AD filia-se a uma tradição intelectual francesa que se pauta, em muitas instâncias, pela união entre o Texto e a História. Nascida de um processo interdisciplinar que uniu linguística, marxismo e psicanálise, ela passa a estudar a linguagem não apenas como fenômeno sistêmico e interno, mas enquanto formação ideológica manifesta por competências. A AD se constrói enquanto uma disciplina de entremeio:

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2003, p. 20).

Em relação à segunda perspectiva (anglo-saxônica), ela é também conhecida como Análise Crítica do Discurso ou Análise de Discurso Crítica (ACD). Surgida em 1980, a ACD, como pode ser consultado em Fairclough (1992), desponta como a concretização do desejo de um grupo de linguistas em desenvolver um método para analisar a linguagem capaz de aliar, em sua configuração, perspectivas linguísticas, sociológicas e políticas. A união dessas três instâncias é, para a ACD, a única maneira adequada de tratar a linguagem enquanto objeto dinâmico e mutante e, na qualidade de alternativa teórico-metodológica para os estudos críticos, apresenta-se como contributo para o exame de questões sociais contemporâneas. Dessa forma, a ACD tem por intuito desnaturalizar crenças cuja existência se dá como suporte a estruturas de dominação.

¹² “A AD pressupõe a Linguística e é pressupondo a Linguística que ganha especificidade em relação as metodologias de tratamento da linguagem nas ciências humanas” (ORLANDI, 1986, p. 110).

Tais pressupostos, como não poderiam deixar de ser, arvoram-se na tradição francesa, cujas referências são Pêcheux (1990a; 1990b), Foucault (1996) e Dominique Maingueneau (1976), teóricos da AD. A ACD traz em comum com aquela a preocupação não somente com o que seja linguagem, mas ainda o que fazemos por meio dela, tais como quais são as relações de poder estabelecidas, de que forma ela pode moldar as identidades sociais etc. Esse entrelaçamento de teorias e concepções semelhantes levou Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 16) a caracterizarem a ACD como uma “síntese mutante de outras teorias”, pois entendiam os pressupostos da AD como elementos necessários para um modo satisfatório e inovador de se entender a linguagem. Todavia, a ACD distancia-se da AD em pontos específicos, como na operacionalização da análise. A abordagem anglo-saxã traz em seu cerne a preocupação com o texto ser o elemento central de análise; essa fundamentação advém, em específico, da Linguística Sistêmico-Funcional – em especial Halliday e Hasan (1985) – e da Linguística Crítica.

Dentre os pressupostos teóricos e metodológicos da ACD propostos por Fairclough (2001), temos os recursos que exploram os três significados da linguagem (acional, representacional e identificacional) e que, juntas, possibilitam a compreensão do papel social do discurso. De acordo com o próprio Fairclough (2001, p. 32):

(...) o propósito é mapear três formas separadas de análise em uma só: análise de textos (falados ou escritos), análise da prática discursiva (processos de produção, distribuição e consumo dos textos) e análise dos eventos discursivos como instâncias da prática sociocultural.

Uma das intenções da ACD é, ainda, “aumentar a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras, já que essa consciência é o primeiro passo para a emancipação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22), por isso o contexto discursivo é parte crucial e centro de toda sua análise, assim como as ideologias presentes nela. A partir desse ato, a análise aprofundada do discurso constitui-se por não levar em consideração apenas aspectos linguísticos, mas também o reflexo do meio em que é produzido. Em outras palavras, para a ACD o discurso reflete o local de produção e, portanto, por meio dele é possível compreendermos o contexto social de uma determinada parcela de uma sociedade.

Por fim, a última perspectiva (russa), pensamento desenvolvido por Bakhtin e seu Círculo antecipam (especialmente VOLÓCHINOV, 2017), precocemente, uma ideia de linguagem que, apesar de não excluir o conceito de língua baseado em Saussure (1969) –

língua enquanto objeto abstrato e ideal, constituinte de um sistema sincrônico e homogêneo –, não deixa de aquilatá-la como algo concreto, nascido da manifestação de cada falante, valorizando a fala. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2017) formula uma teoria do enunciado na qual atribui um lugar privilegiado ao enunciado enquanto realidade da linguagem. Para o pensador russo, a matéria linguística seria apenas uma parte do enunciado, sendo que há, também, uma parte não-verbal, exterior, que corresponde ao contexto da enunciação. Ao tomar tal assertiva como direcionante de seus estudos, Volóchinov (2017) diverge tanto do objetivismo abstrato que tem como representante mais notório Saussure (1969), quanto do subjetivismo idealista, tendo em Karl Vossler – com seu *Spirit of Language in Civilization* (1932) – e seus discípulos os maiores expoentes.

Ao empreender uma crítica a partir do que considera serem os principais problemas dos estudos da linguagem e que seus antagonistas não foram capazes de resolver, a argumentação do pensador russo não se detém em uma controvérsia, mas na busca por um projeto crítico fundamentado por uma necessária teoria que fosse capaz de entender a língua como objeto de estudo em suas duas naturezas: simbólica e ideológica, afinal, seus interlocutores ainda consideravam o enunciado como um ato individual, monológico e, portanto, não-pertinente linguisticamente. Ao empreender uma reviravolta e tomar a *parole* (fala) como estrutura analisável ao lado da *langue* (língua), Volóchinov (2017) caracteriza o processo de enunciação como componente *sine qua non* para a interpretação de uma estrutura semântica de qualquer ato comunicacional.

Volóchinov (2017) vai explicitar ser por meio de cada ato de enunciação que se realiza a intersubjetividade humana e, por conta disso, o processo de interação passa a constituir uma realidade fundamental (e fundante) da língua. Essa mudança de paradigma coloca o interlocutor como um elemento ativo e necessário para a constituição do significado, ou seja, uma compreensão do fenômeno linguístico como algo vivo, em constante (re)construção, dinâmico.

O potencial inaugural da visão de Volóchinov (2017) – a linguagem como um exercício de interação e não como mero meio de transmitir conhecimentos ou expressão subjetiva do sujeito – faz com que a alteridade seja a tônica no processo de construção do significado. Ao integrar todos os participantes do processo comunicativo em sua construção, o pensamento dialógico possibilita que o ato de enunciação individual não seja pensado apenas por si, mas o integra a um contexto mais amplo no qual se revelam

artimanhas, processos, problemáticas e, em especial, as relações intrínsecas entre o linguístico e o social. Há todo um caminho a se pensar entre o momento da elaboração mental do conteúdo pelo sujeito, suas escolhas, a expressão que a objetiva externamente (enunciação), a orientação social que ela recai, o processo de adaptação ao contexto imediato de fala e, ainda, as respostas, intromissões e participações do(s) interlocutor(es) concreto(s) nele.

Por tais colocações, podemos constatar de forma evidente que é impossível valermos-nos de uma linguística imanente ou de uma perspectiva monológica e unilateral para analisarmos os pronunciamentos oficiais (discursos) da PEB, de 2019, enunciados pelos agentes do governo Bolsonaro. Uma vertente que se preocupe apenas com o estudo de questões internas e específicas da língua não poderá dar conta de nosso objeto. Do mesmo modo, uma corrente que se preocupe apenas com questões externas como ideologia, aspectos dominantes, processos sociais etc. será limitada por não dar conta das relações entre estudo interno da língua e fatores de influência e consolidação do discurso. A opção por um conceito de linguagem enquanto processo dialógico e a escolha da ADD como base teórica deste trabalho permite-nos trazer para o interior do sistema da língua um enfoque capaz de articular, de forma balanceada, o linguístico e o social, afora as necessárias relações que atrelam linguagem e ideologia¹³.

Antes de passarmos adiante em nossas reflexões, é importante apresentarmos que, para Volóchinov (2017), todo signo é um elemento ideológico por excelência, afinal, ele é produto de escolhas e opções dentro de um processo de interação. Se a tônica desse interacionismo é a dialogia, sua característica só poderá ser plurivalente. Justamente por isso, o signo é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia, nele há o modelar das diferentes maneiras de significar o real – por meio de vozes e pontos de vista múltiplos expressos por aqueles que dele se valem. A linguagem, enquanto discurso, não se constitui dentro de um universo de signos cuja função seja apenas de suporte para o pensamento (primeira hipótese de linguagem) ou como forma de comunicação (segunda hipótese de linguagem). Ao assumir a linguagem enquanto forma de interação, Volóchinov (2017) a coloca como um elemento de produção social que necessita

¹³ Entenderemos ideologia, neste trabalho, segundo o pressuposto bakhtiniano de que a linguagem é o elemento que aproxima coisa representada e signo. Nesse processo de aproximação, em seu interstício, reside o elemento ideológico que enforma o processo

expressar, também, sua ideologia e ser a memória viva de um momento histórico. Como bem delineia o pensador russo:

O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. A memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de construir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos. Somente na medida em que o filólogo e o historiador conservam a sua memória é que subsistem ainda neles alguns lampejos de vida (VOLÓCHINOV, 2017, p. 47-48).

Por tais quesitos é que o signo e, por consequência, a linguagem, jamais será apenas expressão de pensamento ou para uso comunicativo, não terá qualquer marca de neutralidade ou inocência, antes serve de espaço privilegiado para que a ideologia se manifeste. Ela se torna o espaço para o acontecimento das representações ideológicas, a mediadora que articula e atrita os agentes coletivos em tomadas de posicionamento. Não à toa Volóchinov (2017) afirma que, por seu caráter eminentemente dialógico, o signo é uma arena de luta de vozes valorativo-discursivas que, situadas em diferentes posições, participam de um embate a fim de que suas imagens, bem como seu valor social, sejam aceitas e respeitadas.

Necessária para a mediação entre o sujeito e a realidade – tanto quanto objeto que o engaja no real – a linguagem se constitui como um campo conflituoso, implicando que qualquer estudo sobre ela exija o entendimento de seu contexto ideológico-social, assim como suas condições de produção. É justamente esse o enfoque promovido pela ADD e que irá influenciar as outras duas linhas de análise discursiva que apresentamos anteriormente. Contudo, apesar de alguma similaridade e certos pressupostos congruentes, a ADD toma a materialidade da linguagem e sua manifestação particular não como objeto abstrato, mas em seu funcionamento, bem como em suas possibilidades de expressão, no seu funcionamento *in loco* ou, como bem expressa Volóchinov:

Sempre que tentamos circunscrever o objeto de pesquisa, reduzi-lo a um conjunto objetivo-material definido, visível e compacto, perdemos a própria essência do objeto estudado, ou seja, a sua natureza sónica e ideológica (VOLÓCHINOV, 2017, p. 144).

Esse reconhecimento biunívoco do signo – caráter formal e constituição subjetiva e social – permitiu ao Círculo e seus continuadores o deslocamento dos estudos da esfera formal que se circunscrevia, até então, à problemática apontada pela oposição língua/fala

para uma compreensão do fenômeno linguístico como algo que ultrapassava os domínios da língua, situado fora da justaposição dicotômica de Saussure (1969). A proposta de Volóchinov (2017) entende, em especial, que é o discurso o elemento capaz de articular processos ideológicos e fenômenos linguísticos. Mas, em diferencial às outras perspectivas discursivas, entende que todo e qualquer discurso exige uma reação. Essa reação apresenta sempre uma perspectiva responsiva, seja ela de similaridade (concordância) ou de confronto (discordância). Nas palavras do próprio pensador:

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011, p. 271).

É justamente esse posicionamento do sujeito que demarca a importância do estudo do caráter ideológico do signo. Para o Círculo, ignorar tal questão é ignorar não somente o processo ideológico que o circunscreve, mas ainda seu real funcionamento. Esse salto do linguístico para o extralinguístico, somado às questões dialógicas, são os principais elementos de diferenciação que justificam, nesta dissertação, a nossa filiação à ADD, que nos apresenta recursos e condições de reflexão para compreensão do discurso da PEB a partir da análise de alguns dos pronunciamentos oficiais de 2019.

1.2 Ideologia e valoração *na e pela* linguagem

O Círculo de Bakhtin defende que as mudanças sociais mais pequenas e efêmeras são refletidas imediatamente na língua e nas interações sociais que a envolvem. Isso significa que os sujeitos interagentes, ao se comunicarem, usam palavras, acentos apreciativos, entonações e índices de valores que refletem as mudanças sociais em curso. Além disso, as mudanças sociais também afetam os comportamentos éticos e sociais, que são inscritos nas interações linguísticas e nas práticas sociais. Dessa forma, o Círculo de Bakhtin acreditava que a linguagem é um reflexo das mudanças sociais e que essas mudanças são expressas nas interações sociais cotidianas.

A ideologia permeia a axiologia dos discursos tendo em vista que existe uma

proposição motivadora em cada uma das vozes que concretiza os discursos. De acordo com Faraco (2009), os autores que integram o Círculo de Bakhtin apresentam sua proposição na construção ideológica da consciência em sua obra “Marxismo e filosofia da linguagem” (VOLÓSHINOV, 2017), na qual é possível termos uma base sócio histórica e materialista da criação ideológica.

Em vista do fato de que todo ato discursivo se insere em um contexto objetivo, acabamos por ter condições de postular a não existência de neutralidade dos discursos, pois todos eles são marcados pela valoração de uma dada ideologia. Vale reforçar que a vinculação epistemológica do Círculo de Bakhtin promove uma valoração que não se vincula aos entendimentos acadêmicos idealistas verificados no período de transição entre o fim do século XIX e início do século XX. Volóchinov (2019), um dos membros do Círculo de Bakhtin, aborda a questão do entendimento do "valor" para seu grupo visando evitar mal-entendidos, pois tinha consciência de que esse termo poderia ser relacionado à concepção idealista vigente na Psicologia e Filosofia naquele mesmo período. O autor apresenta que por valor ideológico não se objetiva qualquer tipo de universalidade. Todavia, tem-se uma forte relação com a significação social e mais precisamente com uma significação de classe.

A questão da valoração é fundamentada na questão da ideologia e isto demanda um diálogo mais pormenorizado com a forma como os membros do Círculo de Bakhtin identificaram nessa questão sua relação com a linguagem, sendo esse elemento um conceito fundamental para que outros conceitos sejam entendidos na sua dialogicidade, especialmente em vista de construí-los dentro do movimento de enunciação dos discursos e de sua fundamentação teórica, motivo o qual auxilia a compreender as razões de não se ter uma forma exclusiva de se conceber a ideologia.

Sobre esse fato, Volóchinov (1993, p. 224) esclarece que nosso entendimento sobre ideologia deve ser orientado pelo conjunto completo de reflexos e interpretações da realidade social e natural que ocorrem no cérebro humano e são fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas simbólicas. Em outras palavras, a ideologia é formada por todas as maneiras como interpretamos e compreendemos o mundo ao nosso redor, e essas interpretações são moldadas pelas formas simbólicas que utilizamos para representar a realidade a partir de uma dimensão semiótica-interpretativa:

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 143).

A citação de Volóchinov (2017) destaca a importância do discurso interior na compreensão e interpretação da fala de outras pessoas. Ele argumenta que a nossa capacidade de entender a enunciação de outra pessoa não depende apenas da compreensão das palavras utilizadas, mas também do nosso próprio discurso interior, ou seja, das nossas próprias palavras e conceitos internos que mediam a nossa percepção da fala. O pensador afirma que o discurso interior é o meio pelo qual a compreensão e a apreciação da enunciação de outrem ocorre. Ele argumenta que nosso discurso interior é preenchido com nossas próprias palavras e conceitos que são usados para interpretar e atribuir significado à fala dos outros. Assim, a junção entre o discurso interno e a enunciação externa é a chave para a compreensão e interpretação corretas da fala de outras pessoas:

Esse processo efetua-se em dois planos: de um lado, a enunciação de outrem é recolocada no contexto de comentário efetivo (que se confunde em parte com o que se chama o fundo perceptivo da palavra); na situação (interna e externa), um elo se estabelece com a expressão facial, etc. Ao mesmo tempo prepara-se a réplica (Gegenrede). Essas duas operações, a réplica interior e o comentário efetivo são, naturalmente, organicamente fundidos na unidade da apreensão ativa e não são isoláveis senão de maneira abstrata. Os dois planos da apreensão exprimem-se, objetivam-se no contexto narrativo que engloba o discurso citado. Qualquer que seja a orientação funcional de um determinado contexto – quer se trate de uma obra literária, de um artigo polêmico, da defesa de um advogado etc. – nele discerniremos claramente essas duas tendências: o comentário efetivo, de um lado, e a réplica, de outro. Habitualmente, um dos dois é dominante. O discurso citado e o contexto narrativo unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas. É impossível compreender qualquer forma de discurso citado sem levá-las em conta (VOLÓCHINOV, 2017, p. 143).

A questão da ideologia é diretamente relacionada com as estruturas econômicas e políticas que se revelam pelo seu aspecto criativo e pela sua dimensão interpretativa da ideologia, por meio da qual é possível perceber sua dimensão semiótica, assim como sua

valoração. Por meio do trecho citado, podemos perceber a forma como a ideologia se constitui. As manifestações ideológicas não devem ser reduzidas a questões inerentes ao psiquismo e a questão da consciência, pois a sua constituição se adequa a sua realidade sógnica. A dimensão ideológica se justapõe com a realidade dos signos, como o próprio autor afirma: “A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 36).

Para Volóchinov (2017), a ideologia quando pensada para a questão da vivência cotidiana, é correspondente a atividade mental inerente a totalidade da vida, pois tanto a sua expressão quanto o seu sistema ideológico se dão de forma sistematizada e formalizada. Os sistemas ideológicos que se dão de maneira formal e constituídas sob a forte influência da vida cotidiana se dão pela esfera da influência da arte, da religião, da ciência e da moral. Por outro lado, o autor argumenta que a existência da ideologia deve ser pensada por meio de uma avaliação crítica de toda produção humana, que se dá *na* e por meio *da* ideologia. Assim sendo, cada obra deve ser pensada por meio de uma situação social, pois ela se guia por meio da consciência e sofre a influência das interações de todos os seres humanos que afetam uns aos outros na forma de pensar e de agir dialogicamente.

Para os integrantes do Círculo de Bakhtin, os discursos são polifônicos e todos os indivíduos são plenamente capazes de ofertar sua contribuição para a manutenção da vivacidade da língua. Contudo, o que temos em questão nessa pesquisa é a forma como se dá a valoração discursiva e como isso revela a ideologia de acordo com o entendimento dos autores do Círculo de Bakhtin. De acordo com Ponzio (2008):

Essa noção [ideologia] ocupa um lugar essencial em sua obra. Com o termo “ideologia” Bakhtin indica as diferentes formas de cultura, os sistemas superestruturais, como a arte, o direito, a religião, a ética, o conhecimento científico etc. (a ideologia oficial), e também os diferentes substratos da consciência individual, desde os que coincidem com a “ideologia oficial” aos da “ideologia não-oficial”, aos substratos do inconsciente, do discurso censurado [...]. A ideologia é a expressão das relações histórico-materiais dos homens, mas “expressão” não significa somente interpretação ou representação, mas também significa organização, regularização dessas relações. [...] no signo ideológico está sempre presente uma “acentuação valorativa”, que faz com que ele não seja simplesmente expressão de uma “ideia”, mas a expressão de uma tomada de posição determinada, de uma práxis concreta (PONZIO, 2008, p. 112-115, detalhes do autor).

Cabe destacar como se dá a materialização do discurso e da valoração. Volóchinov (2019) apresenta que tanto na arte quanto na vida o discurso possui um caráter social que não é devidamente tratado pelo método formal, que se voltava a estudar somente a forma material das produções artísticas. O método sociológico defendido pelo Círculo Bakhtin se apresenta como uma forma alternativa de se compreender uma obra/discurso, argumenta tratar-se de um meio alternativo ao método formal de análise. Sobre esse ponto explica o intelectual:

Os métodos que ignoram a essência social da arte tentam encontrar sua natureza e distinguir características apenas na organização do artefato são obrigados realmente a projetar a interrelação social do criador e do contemplador em vários aspectos do material e em vários procedimentos para estruturar o material. [...]. A comunicação estética, fixada numa obra de arte é, como já dissemos, inteiramente única e irredutível a outros tipos de comunicação ideológica. [...]. **O que caracteriza a comunicação estética é o fato de que ela é totalmente absorvida na criação de uma obra de arte, e nas suas contínuas recriações por meio da co-criação dos contempladores, e não requer nenhum outro tipo de objetivação.** Mas, desnecessário dizer, esta forma única de comunicação não existe **isoladamente**; ela participa do fluxo unitário da vida social, ela reflete a base econômica comum, e ela se envolve em interação e troca com outras formas de comunicação (VOLÓCHINOV, 2019, p. 4, grifos nossos).

Para o pensador russo, o método formal não é suficiente para que todo discurso verbal fosse analisado, tanto para o estudo da arte em geral quanto para a compreensão do discurso na vida se faz necessário o entendimento de que primeiro temos uma situação extraverbal que mantém essa conexão com a maior proximidade possível com a realidade. O enunciado não é refletido passivamente com a esfera extraverbal, pois está longe de ser uma causa externa que é concluída com alguma situação (RODRIGUES, 2005).

O entendimento do Círculo de Bakhtin para o conceito de valoração é uma forma essencial de compreender como se processa a construção material da ideologia dentro dos discursos, assim como se dão a expressividade e a axiologia dos enunciados materializados na experiência humana, as quais integram o cronotopo e as vinculações valorativas e semânticas dos enunciados.

Julgamos que é indissociável que no discurso se processe uma valoração que esteja vinculada com a história, com as ideologias e com a cultura do cronotopo que permeiam a experiência humana. Sob essa perspectiva, podemos defender que nas práticas discursivas sempre há um exercício de valoração que permeia a interrelação entre

as pessoas. Como abordado até aqui, o Círculo de Bakhtin compreendeu que era fundamental a construção de suas reflexões sem desconsiderar as questões sociais, culturais e históricas, por meio dos quais é possível a formulação de uma teoria discursiva da linguagem.

A forma como o conceito de valoração é entendida pelos pensadores que integram o Círculo de Bakhtin deve ser feita considerando os demais conceitos-chave propostos pelo grupo. Assim, é possível uma discussão que relacione com outros conceitos, tais como gênero do discurso, dialogismo, enunciado e ideologia, o que permite uma forma mais significativa para a compreensão da valoração dentro do âmbito discursivo.

As palavras são polissêmicas e seus sentidos podem variar muito de um contexto para outro. Isso acontece porque a palavra é compreendida como o resultado de um sentido múltiplo, ou seja, naturalmente a forma como as palavras são compreendidas pode variar muito. O Círculo de Bakhtin também entende que a palavra é plurivocal e dotada de plasticidade em função do seu funcionamento discursivo a partir da interação entre falantes.

[...] assim como a palavra, não tem autor; não é de *ninguém* (como a palavra), sendo somente quando funciona como *enunciado completo* que se torna expressão individualizada da instância locutora, numa situação concreta da comunicação verbal (BAKHTIN, 2011, p. 309, grifos do autor).

A citação destaca a natureza social e contextualizada da linguagem. Bakhtin argumenta que as palavras em si não pertencem a ninguém, mas sim à língua como um todo, que é moldada e mantida por uma comunidade de falantes. Ao mesmo tempo, o filósofo observa que as palavras só são experimentadas pelos indivíduos em contextos específicos, como parte de enunciados ou obras individuais. Nesses contextos, as palavras adquirem uma expressividade individualizada que é moldada tanto pelo gênero ao qual pertencem quanto pelo contexto social e cultural em que são utilizadas (BAKHTIN, 2011).

A expressividade individualizada das palavras significa que, mesmo que duas pessoas usem as mesmas palavras em um determinado contexto, a maneira como as palavras são enunciadas (entonação¹⁴), interpretadas e experimentadas pode ser muito

¹⁴ Destacamos que, por limitações de tempo e espaço, não analisaremos a questão da entonação em nosso *corpus*, apesar de termos consciência de que ela é um tema relevante para o Círculo de Bakhtin, que a

diferente. Bakhtin enfatiza que o contexto individual em que uma palavra é usada é único e irreproduzível, o que significa que a compreensão das palavras é sempre influenciada pelo contexto social e histórico específico em que são usadas.

Neste estudo, que analisa pronunciamentos oficiais em contextos políticos, é comum observar o uso da ideologia como uma ferramenta para distorcer a realidade, a fim de justificar ou legitimar determinadas posições políticas. A perspectiva dialógica da linguagem, que fundamenta esta pesquisa, considera a ideologia um conceito fundamental. Embora os estudiosos russos, que são referenciados nesta reflexão, dialoguem com o marxismo, eles compreendem a ideologia não apenas como uma visão de "falsa consciência" ou "mascaramento do real". Ao invés disso, a ideologia é vista como uma forma de ocultar a existência das contradições sociais e das classes sociais, promovida pelas forças dominantes como meio de legitimar o poder político e manter a ordem social (MIOTELLO, 2017).

Medviédév (2012) apresenta reflexões a respeito da relação entre a ideologia e a base econômica da sociedade. De acordo com essa visão, a ideologia é determinada pela base econômica, o que significa que as ideias e valores de uma sociedade são influenciados pelos fatores econômicos, como a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços. Destaca que a ideologia é representativa da consciência social e individual, o que sugere que as ideias e valores de uma sociedade são refletidos na forma como as pessoas pensam e agem. Considera a importância da enunciação na prática da ideologia.

Para o pensador, a enunciação é o ato de expressar e comunicar ideias por meio da linguagem, e é por meio dela que as ideias e valores de uma sociedade são transmitidos e refletidos. Os gêneros de cada esfera ideológica (como a política, a religião e a cultura) influenciam a forma como as ideias são expressas e comunicadas. A ideologia tem uma existência material no enunciado concreto, o que significa que as ideias e valores de uma sociedade são refletidos na linguagem usada para expressá-las. Nesse sentido, a linguagem é um reflexo das avaliações sociais que são estabelecidas na enunciação, ou

entende não apenas como uma questão de variação sonora, mas com um papel fundamental na construção do significado, que ajuda a transmitir as nuances afetivas e ideológicas do discurso (a ironia, o sarcasmo, a seriedade, a autoridade, a persuasão e muitos outros elementos).

seja, na forma como as ideias são comunicadas e recebidas pela sociedade (MEDVIÉDEV, 2012).

Volóchinov (2017) afirma que a linguagem é fundamentalmente ideológica e que as ideologias se manifestam nas palavras e nos signos. As palavras e outros elementos da linguagem não são simplesmente representações neutras da realidade objetiva, mas são carregados de significados e valores que refletem as visões de mundo das pessoas que os utilizam. Assim, as palavras são usadas para expressar ideias, crenças e valores, bem como para influenciar e persuadir outras pessoas a compartilhar essas ideias.

Isso significa que a linguagem não pode ser considerada neutra ou objetiva, já que as palavras e os signos refletem as contradições e juízos de valor presentes nas ideologias das pessoas que os utilizam. Portanto, a linguagem é uma arena em que as lutas ideológicas são travadas, e as palavras são usadas para construir, reforçar ou desafiar ideologias existentes (VOLÓCHINOV, 2017).

No Brasil, Miotello (2017) apresenta que os pensadores que integram o Círculo de Bakhtin não concebem a ideologia como algo acabado e como existente apenas no plano individual da consciência humana. De acordo com o pesquisador, Bakhtin e seus companheiros trataram as discussões filosóficas de forma dialética e concreta, tal como fizeram abordando a constituição dos signos e a questão da subjetividade:

Bakhtin (...) vai construir o conceito no movimento, sempre se dando entre a instabilidade e a estabilidade, e não na estabilização que vem pela aceitação da primazia do sistema e da estrutura; vai construir o conceito na concretude do acontecimento, e não na perspectiva idealista (MIOTELLO, 2017, p. 168).

Na leitura feita por Miotello (2017), compreende-se por universo de signos todo o conjunto de signos que são delimitados a um certo grupo social, cuja materialidade tanto no plano físico quanto no plano social e histórico é considerada como um ponto de vista, pois é uma representação da realidade de acordo com um prisma condicionado a um cronotopo e que, dada a sua valoração (bom, mal, positivo, negativo) faz com que o signo se entrelace com o âmbito ideológico, razão pela qual considera-se que pode-se inferir o motivo pelo qual "todo signo é ideológico":

Logo, *todo signo é ideológico*. O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades

humanas. E o campo privilegiado de comunicação contínua se dá na interação verbal, o que constitui a linguagem como lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. A representação do mundo é melhor expressa em palavras, pois que não precisa de outro meio para ser produzida a não ser o próprio ser humano em presença de outro ser humano (MIOTELLO, 2017, p. 168 – destaques nossos).

A perspectiva da ideologia, de acordo com os ensinamentos de Bakhtin, se dá como uma expressão, uma organização ou regulação das relações materiais e históricas dos homens. Do ponto de vista da compreensão tradicional, ideologia é entendida como uma superposição efetuada pelos detentores dos meios de produção. Contudo, a diferença de análise promovida pelos membros do Círculo de Bakhtin é vinculada ao fato de que a superestrutura da concepção marxista necessariamente deve se relacionar com a infraestrutura, e é justamente por causa desse fato que os pensadores bakhtinianos compreenderam que o melhor caminho analítico é revestir os signos de sentido próprio pois as relações sociais produzem sentidos e interesses particulares a cada grupo social (MIOTELLO, 2017).

Miotello (2017) destaca que as palavras possuem um papel importante como agentes e memória social, já que podem ser usadas em diferentes contextos e situações. Por serem presentes em diversos ambientes sociais, as palavras são permeadas por uma grande quantidade de ideologias, muitas vezes contraditórias, que foram construídas ao longo dos conflitos e relações sociais. Em uma sociedade dividida em classes, a luta de classes é expressa através das palavras utilizadas nos discursos. Dessa forma, as palavras não são neutras, mas sim carregadas de significados e intenções, que podem revelar as relações de poder e conflito existentes na sociedade.

Para o pesquisador brasileiro, o signo verbal não pode ser compreendido em um único sentido, uma vez que contém diversos acentos ideológicos que podem seguir tendências diferentes. Isso ocorre porque é muito difícil eliminar completamente outras correntes ideológicas contidas dentro do próprio signo (MIOTELLO, 2017). Em outras palavras, os significados das palavras são moldados por diferentes perspectivas ideológicas, que muitas vezes podem estar em conflito umas com as outras. Portanto, é importante entender que as palavras não são simplesmente portadoras de um significado estático, mas sim complexas construções culturais que refletem diferentes correntes ideológicas presentes na sociedade: “Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do

passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios” (MIOTELLO, 2017, p. 172).

Para melhor entender como pode ser feito a reflexão a respeito da valoração, de acordo com a perspectiva dos estudiosos do Círculo de Bakhtin, é válido destacar o entendimento de cronotopo, que deve ser entendido como a relação dos discursos na sua vinculação com o espaço/tempo, pois ele se enfatiza na indissociabilidade desses fatores. O cronotopo é uma forma de apreender e compreender como se constituem as experiências que são construídas culturalmente e socio historicamente na trajetória humana.

De acordo com Círculo de Bakhtin, todas as situações sociais são compostas das instâncias definidas como espaço e tempo. Representadas por meio do conceito de cronotopo, os pensadores bakhtinianos concebem-no como imbricados na representatividade da imagem humana e dos eventos. Entendido dessa forma, cada momento da história humana é marcado por traços específicos de cultura, historicidade e demais ações e eventos que representam uma determinada sociedade na sua particularidade.

As ações humanas provocam marcas no tempo e no espaço e estas se projetam na história por meio dos discursos. Visando identificar o conceito de cronotopo e como se dá o equilíbrio entre as dimensões de tempo e de espaço, Bakhtin objetiva compreender a forma como esse conceito se constitui e como esse se funde com as marcas temporais e espaciais de maneira a formar uma totalidade concreta e inteligível (BAKHTIN, 2018).

A associação do conceito cronotopo com o de valoração pode ser percebido por meio do discurso, o qual se dá por meio de uma associação de acontecimentos. Compreendendo a concretização de acontecimentos como a forma em que se dão os enunciados nos diferentes campos de atividades sociais, podemos compreender que os gêneros do discurso constroem suas visões de mundo e do homem em vista dos valores que se ancoram na realidade.

Bakhtin (2011) explica que os gêneros do discurso são formas que se constituem historicamente em vista dos diferentes modos de perceber o mundo, tal como modos de dizer e de pensar sobre a realidade, o que necessariamente provoca consigo a discussão acerca dos valores e das concepções sociais e histórico culturais nas suas diferentes multiplicidades.

Quando pensamos em cronotopo temos a concepção de homem em suas diferentes manifestações temporais e espaciais. Sabemos que as relações sociais manifestam a cultura produzida na história, e a explicação humana sobre a sua exteriorização do homem por meio da palavra traz consigo uma compreensão axiológica e ideológica constituída na realidade cronotópica (BAKHTIN, 1998).

O homem se constrói tanto em vista do quadro de representação que cria para si quanto em função da forma como produz seu discurso. São exemplares nesse sentido o realismo grotesco de Rabelais e a perspectiva polifônica de Dostoievski. Bakhtin argumenta que:

para entrar em nossa experiência (experiência social, inclusive), [os] significados, quaisquer que eles sejam, devem receber uma expressão espaço-temporal qualquer, ou seja, uma forma sígnica audível e visível por nós [...] (BAKHTIN, 1998, p. 361-362).

De acordo com Bakhtin, toda temporalidade nova traz consigo a ascensão de valores e de possibilidades outras que possibilitam o surgimento de um novo ser humano. É a compreensão de um novo sentido de passado e de futuro que trazem consigo a possibilidade de novas perspectivas. Elemento marcado de dinamicidade, o tempo é envolto ao movimento e a transformação de tudo o que é ligado ao espaço, esfera em que os acontecimentos se dão. De acordo com Amorim (2006):

O conceito de cronotopo trata de uma produção da História. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem. Está ligado aos gêneros e a sua trajetória. Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, conseqüentemente, visões típicas de homem (AMORIM, 2006, p. 105).

O cronotopo promove a viabilização da demonstração imagética dos acontecimentos por meio da situação, da junção do espaço tempo, da ação dos participantes e do fato de haver uma “condensação e concretizações espaciais dos índices de tempo em regiões definidas do espaço” (BAKHTIN, 1998, p. 355). O cronotopo fornece condições precisas sobre o tempo e o lugar históricos da realização do gênero.

Em cada gênero discursivo, o cronotopo se faz presente de forma variada e isso significa que concepções da história, das pessoas e sua cultura, enfim, as experiências da realidade são meios de fazer com que os gêneros sejam compreendidos como “modos

específicos de visualizar uma dada parte da realidade situada no tempo-espaço” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 290).

Bakhtin e Medviédev (1985) apresentam que:

[...] nós pensamos e conceituamos em enunciados, e os enunciados, em última análise, são formulados, não de acordo com princípios sintáticos, mas segundo princípios genéricos. Dir-se-ia [portanto] que a consciência humana possui uma série de gêneros interiores para ver e conceitualizar a realidade. [...] À medida que aprendemos novos gêneros, aprendemos a ver diferentemente e expandimos nosso repertório de visão [...] novos aspectos da realidade visível (BAKHTIN; MEDVIÉDEV, 1985, p. 134).

Todas as experiências humanas se dão por meio do tempo e do espaço. O surgimento de novos gêneros ao longo da trajetória humana se relaciona com a necessidade de se experienciar novos aspectos da cultura, o que faz com que ela vá se alterando cada vez mais ao longo do tempo. Para os russos, cada gênero se adapta à realidade ao longo do tempo:

cada gênero só é capaz de controlar certos aspectos definidos das experiências. Cada gênero possui princípios definidos de seleção [...] e um escopo e profundidade de penetração definidos no tempo-espaço (BAKHTIN; MEDVIÉDEV, p. 131).

Dessa forma, o cronotopo é caracterizado como o espaço/tempo das realizações humanas, tornando-se assim uma forma de representação da realidade social. “É como se cada gênero possuísse um ‘campo’ específico que determinasse os ‘parâmetros’ dos eventos [...]. Estudar o campo é estudar o cronotopo” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 387).

Seguindo essa perspectiva, Rodrigues (2001) apresenta que um gênero discursivo se vincula a um determinado cronotopo e pode se relacionar com a conjuntura social que cada gênero representa. No entendimento dessa pesquisa, há um forte vínculo entre espaço, tempo e os valores que se manifestam em determinadas conjunturas sociais.

A compreensão sobre o cronotopo permite que se faça apontamentos sobre a conexão entre os indivíduos, eventos e valores atribuídos aos discursos. Por essa perspectiva, o cronotopo se torna um campo de estudo sobre os axiomas que se manifestam nos eventos que inexoravelmente se vinculam ao tempo e ao espaço.

O cronotopo promove a organização dos acontecimentos e faz com que o detalhamento sobre o tempo e o espaço se materializem por meio dos gêneros do discurso, possibilitando a compreensão precisa do cronotopo, sem desconsiderar que pode ocorrer de mais cronotopo se sobrepossem ao discurso, o que não impede que exista um cronotopo dominante ou englobador, como ensina Bakhtin (1998).

Uma forma de explicar este ensinamento bakhtiniano é perceber que em certos artigos criados como se fossem cartas ou romances materializados sob a forma de diário pessoal. Em cada gênero do discurso poderá ser percebido um cronotopo e que incorpora os cronotopos participados pelas outras formas discursivas.

Os cronotopos incorporam-se mutuamente e se entrelaçam, permitindo coexistirem e se confrontarem para gerar inter-relações novas e complexas e que permitam que o pensamento abstrato seja notável enquanto domínio dos sentidos e dos valores que são construídos por meio da justaposição de cronotopos integrantes do discurso (BAKHTIN, 1998).

1.3 Cronotopo, dialogismo e interação

O cronotopo, o dialogismo e a interação são conceitos fundamentais para analisar o discurso da Política Externa Brasileira (PEB) a partir do enfoque teórico-metodológico do Círculo de Bakhtin. Neste item, exploramos como esses conceitos podem ajudar a desvelar as nuances dos enunciados concretos da PEB e, conseqüentemente, contribuir para uma compreensão mais aprofundada do papel da linguagem na construção das relações internacionais.

Para tanto, abordamos inicialmente a noção de cronotopo (explorada no item anterior desta dissertação), que envolve a interação entre espaço e tempo na organização do discurso e na construção de sentidos. Em seguida, discutimos o dialogismo como uma característica inerente à linguagem, na qual os enunciados estão em constante diálogo com outros enunciados, sejam eles presentes no contexto imediato ou em outras esferas discursivas.

Por fim, analisamos a interação, destacando a importância das relações sociais, políticas e culturais na produção e recepção dos enunciados da PEB. Ao utilizar esses conceitos para examinar os enunciados concretos da PEB, buscaremos identificar as vozes e perspectivas presentes no discurso oficial brasileiro, assim como as suas

implicações para as relações internacionais.

Em vista dos ensinamentos dos intelectuais do Círculo de Bakhtin, podemos pensar que as relações dialógicas que se dão entre o encontro e o confronto das valorações discursivas. A concepção dialógica da linguagem é fundamental para a compreensão do pensamento proposto pelo Círculo de Bakhtin. O termo dialogismo e outros a ele relacionados, tais como diálogo, dialógico, dialogização acabaram sendo compreendidos de formas não apropriadas ao inicialmente proposto, como explica Faraco (2005):

Nesse sentido, é interessante lembrar que aquilo que Bakhtin chama de *relações dialógicas* não remete ao diálogo face a face (como muitos acreditam), mas à dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas entre posições socioavaliativas. Na interação vista pelo olhar bakhtiniano, não se trocam mensagens, mas se dialogizam axiologias (FARACO, 2005, p. 219, grifos do autor).

A condição humana é marcada pela interação. Os indivíduos são constituídos por meio do estabelecimento de interações recíprocas, as quais acabam sendo essenciais para que sua individualidade seja estabelecida. Dessa forma, a interação é algo essencial para que a individualidade seja marcada e os sujeitos não sejam equivocadamente pensados como autossuficientes e ensimesmados. Faraco (2005) argumenta que as análises da interação feitas por Bakhtin inovaram na medida em que propuseram que sua compreensão deve ser dar por meio de posições sociais e axiológicas e não como resultado aleatório das mensagens que se sustentam no código linguístico.

De acordo com Bakhtin (2011), o debate acerca da questão da expressividade deve ser dar em vista do fato de que todo enunciado é permeado de ecos e ressonâncias de outros enunciados já concretizados na experiência humana. Sob esse ponto de vista, todo enunciado não é indiferente em relação a outros pois se interpenetram e promovem relações e concepções valorativas determinadas nos enunciados.

O filósofo russo nos explica que as relações de sentido devem ser realizadas por meio dos enunciados. Quando enunciados são confrontados, temos um determinado plano de sentido que é demarcado por meio das situações sociais. A partir dessa confrontação, temos o estabelecimento de uma relação semântica e axiológica que deve ser entendida como resultado também de questões extraverbais e que não podem ser desconectadas do discurso.

Para Bakhtin (1998, 2011, 2008a), as relações dialógicas são resultado da

interconexão dos enunciados na sua integralidade, considerando qualquer das suas partes. Ainda, considera-se os estilos da língua, os dialetos sociais e a enunciação como um todo na composição da sua representatividade.

As relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado [...], se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado [...], por outro lado, as relações dialógicas são possíveis entre os estilos de linguagem [...]. Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a própria enunciação como um todo [...] (BAKHTIN, 2013 p. 210-211).

Para Bakhtin (2013), as relações dialógicas devem ser compreendidas dentro de um contexto que considere cada palavra dentro de um enunciado como valorativamente inserida com vistas a um determinado propósito, e que, justamente por isso, acaba por possuir duas posições valorativas, uma da palavra por si própria e outra pela sua representação dentro da voz que se propõe como eco de outras. Estilos de língua, dialetos e relações valorativas e semânticas são compreendidas dentro da cosmovisão da linguagem, ou seja, propõem-se como formas correspondentes do discurso.

Partes isoladas da linguagem não podem ser separadas das suas relações com a enunciação como um todo, pois todas elas somadas não são capazes de distanciar as diferentes vozes e valorações que são presentes dentro de um discurso. Todo o discurso possui diferentes graus de alteridade das palavras utilizadas e em suas diferentes relações dialógicas. Dessa forma, as palavras integrantes de um discurso representam também o que o autor chama de consciência:

[...] tudo o que diz respeito, a começar pelo meu nome, chegado mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros, com sua entonação, sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio, eu tomo consciência de mim através dos outros [...] (BAKHTIN, 2011, p. 373, grifos nossos).

De acordo com Bakhtin (2011), podemos inferir que todas as nossas palavras, além de serem nossas, são também pertencentes a outros. Por esse ponto de vista, todos os seres humanos habitam um mundo em que as palavras do outro são as que também se fazem nossas, razão pelo qual podemos dizer que vivemos em um mundo multivocalizado. Como a interpretação do mundo se dá por meio da palavra, e assim, torna-se possível perceber que a nossa interpretação do mundo demanda de outras vozes

além das nossas, para compreender e avaliar o mundo necessitamos das palavras para transcrever nossos pensamentos, e por esse ponto de vista, podemos dizer que todo o discurso envolve um ato único de pensar e de valorar.

Sobre a responsividade do discurso feito pelo outro, Bakhtin diz que o sentido de nosso discurso é de natureza responsiva:

[...] chamo sentido às respostas a perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós. [...] Um sentido atual não pertence a um só sentido, mas tão-somente a dois sentidos que se encontraram e se contactaram (BAKHTIN, 2011, p. 381-382).

Ao longo de toda a sua trajetória, a humanidade vem criando enunciados aos quais assim enriquece e entrecruzam com outros sentidos oriundos de outros cronotopos, e na medida em que no curso da história acaba possuindo outras projeções, cada época é ressignificada por meio do círculo social de novos envolvidos, e essa ressignificação acaba por operar uma mudança na concepção sociocultural e histórica que se evidencia na interação entre os enunciados alheios.

Bakhtin (1998) ensina que as relações dialógicas são um fenômeno natural porque se processa ao longo de toda a experiência humana. De acordo com o pensador russo, todo o discurso possui múltiplas direções e igualmente capazes de promover o diálogo social entre cada ser humano. A existência de vozes multidiscursivas acabam sendo ressonâncias dialógicas. Compreender o discurso no seu multidirecionamento é uma forma de perceber a sua natureza dialógica. De acordo com o mestre russo: “Em todos esses caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1998, p. 88).

As relações dialógicas do discurso são relações axiológicas e semânticas que permeiam os cronotopos da experiência humana e fazem com que todos os atos e palavras sejam singulares e dotadas de sentido intrínseco, ao passo que também se conectam com outros espaços/tempo da vivência humana, reforçando sua importância social na medida em que se projetam para além do acontecimento vivido. Como observa Amorim (2004),

[...] o dialogismo de um enunciado é um acontecimento; não é uma simples experiência psíquica nem uma relação lógica. Mesmo se as relações dialógicas são impossíveis sem relações lógicas, a elas não se reduz[em] (AMORIM, 2004, p. 140).

Ao longo deste item, vimos que, segundo Bakhtin, a linguagem é essencialmente dialógica, ou seja, ela não é uma simples expressão individual de pensamentos ou emoções, mas é influenciada pela interação social e histórica entre as pessoas. O diálogo, desta forma, não é apenas uma troca de palavras entre duas pessoas, mas um processo complexo em que as vozes de diferentes indivíduos e grupos se encontram, se confrontam e se entrelaçam para formar um enunciado. Um enunciado, então, é uma unidade de comunicação que envolve não apenas a voz do locutor, mas também as vozes de outras pessoas e grupos com os quais ele está dialogando.

O dialogismo de um enunciado é um "acontecimento", o que significa que ele é uma expressão única e irrepetível que surge em um momento específico e em um contexto particular. O dialogismo não é apenas uma experiência psíquica individual, mas é moldado pelas relações sociais e históricas que envolvem o locutor e os interlocutores.

Embora o dialogismo envolva relações lógicas entre as vozes que compõem um enunciado, ele não se reduz apenas a essas relações. As relações dialógicas também envolvem aspectos culturais, emocionais e históricos que influenciam a forma como as vozes interagem e se entrelaçam para formar um enunciado. O dialogismo é um fenômeno complexo que envolve múltiplas dimensões e não pode ser reduzido a uma simples relação lógica.

1.4 O Enunciado Concreto

Nesta dissertação, apresentamos a perspectiva bakhtiniana em relação ao enunciado concreto como sendo um evento social e um elemento inseparável da vida linguística e ideológica. Em outras palavras, a enunciação concreta é a expressão tangível de uma atividade mental moldada por uma orientação social mais ampla, bem como uma interação com indivíduos reais. A expressão verbal concreta é o resultado tangível de um processo mental influenciado por uma orientação social mais abrangente e imediata, além da interação com interlocutores concretos.

Toda expressão linguística é sempre orientada em direção ao outro que, por sua vez, é concreto. Assim, para se compreender o enunciado é preciso entender a sua orientação social, uma vez que a verdadeira essência da linguagem é o evento social da interação discursiva que se concretiza em um ou em vários enunciados. Portanto, a orientação social é uma das forças vivas e constitutivas que organizam o contexto do

enunciado – a situação –, determinam também a sua forma estilística e sua estrutura estritamente gramatical (VOLÓCHINOV, 2013).

A partir dessa concepção, todo enunciado real possui sentidos e as palavras assumem temas em função do sentido do enunciado que, por sua vez, é concreto. É por isto que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto, por sua vinculação a campos ideológicos de comunicação discursiva.

A partir do Círculo de Bakhtin em diálogo, compreendemos que o enunciado é entendido como unidade da comunicação discursiva. Para o autor, é preciso diferenciar a palavra da língua do enunciado concreto. A palavra da língua, segundo os escritos de Bakhtin, bem como do seu Círculo, é desprovida de emoção, de juízo de valor, de ideologia específica. Já o enunciado concreto é dotado de elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado variado, mas não qualquer, e grau variado de força: um enunciado absolutamente neutro é impossível.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (VOLÓCHINOV, 2017, p. 29).

Quando se trata da expressão verbal concreta, as atividades linguísticas são influenciadas pelo efeito do discurso. Isso significa que o discurso é moldado pela forma do enunciado, que é propriedade exclusiva de um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. De acordo com a teoria do filósofo russo, as fronteiras do enunciado são vistas como uma unidade da comunicação linguística e ideológica, e são definidas pela alternância de sujeitos falantes ou interlocutores.

Em se tratando das principais características do enunciado concreto, de acordo com Bakhtin (2011), destacamos: tem contato direto com a realidade, assim como relação com outros enunciados; propicia uma atitude responsiva por parte do *outro* e é delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso. Para o pensador russo, o enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, ou seja, está em constante diálogo com outros enunciados, tanto com os que o antecedem quanto com os que o sucedem, numa corrente complexa e

organizada de outros enunciados. Na visão bakhtiniana, cada enunciado: i) é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva; e ii) deve ser visto antes de tudo como uma resposta a outros precedentes de um determinado campo.

Se tomarmos os discursos da PEB enquanto *corpus* de análise como enunciados concretos, teremos que levar em consideração que só poderão ser compreendidos se reconhecermos a interação em que eles se deram, com todas as suas implicações, e o contexto mais amplo que os abriga. Neste sentido, nos inclinamos ao entendimento de que todo discurso seja analisado em sua materialidade linguística, ou não, e sua exterioridade, ou seja, sua penetração no acontecimento da vida verboideológica. Para além da estrutura linguística, “não é possível pensar os sentidos sem levar em conta suas condições de produção, pois são justamente essas condições de produção que gerenciam suas movências, seus desdobramentos” (XAVIER; SOUSA, 2017, p. 54).

No plano extraverbal compreendemos que o âmbito social inclui o caráter social do enunciado, confirmando-o e constituindo-o, o que significa que tanto a ideologia quanto a sua valoração se dão de forma recíproca. O discurso é constituído em uma determinada esfera social e depois acaba por ser refratada por meio da ideologia e da valoração, materializando-os sob a forma de enunciados.

A presente reflexão torna possível inferir que todo enunciado se dá de forma historicamente individual, concreta e de forma a não se repetir, já que representa uma unidade nova de comunicação discursiva, concomitantemente se dando de forma ativa do indivíduo que socialmente se constitui e que promove suas enunciações em um determinado âmbito social (BAKHTIN, 2011).

Uma possível forma de definir os enunciados por meio de unidades concretas e reais da interação social é diferenciar as unidades linguísticas entendidas como sistema. De acordo com Bakhtin, tem-se três características de enunciados que permeiam a questão da ideologia e sua valoração: a alternância dos sujeitos do discurso, a conclusibilidade específica do enunciado e a expressividade.

A alternância dos sujeitos do discurso é explicada pelo pensador russo: entre as orações e suas palavras não há modificação de sujeitos e os conceitos existentes dentro da língua se dão em fronteiras de ordem gramatical. Todavia, entre os enunciados ocorre a modificação de sujeitos e estes são os próprios espaços de modificação de interação.

Entre as orações ou palavras é perceptível a mudança pois todo falante, para promover a sua reação/resposta, deve antes ter sido exposto a palavra de outro falante antes dele.

A conclusibilidade do enunciado de acordo com Bakhtin (2011) é um critério de fundamental relevância para que se dê a unidade concreta da comunicação discursiva. A própria capacidade de determinar a ativa resposta/reação de outro participante do ato comunicativo é uma forma de sucintamente se ter uma resposta, sendo isso um ato de valoração dos enunciados e dos seus atores comunicantes.

Tendo em vista a questão da responsabilidade perante o enunciado do outro, Bakhtin (1998) explica que a valoração do falante perante o objeto discursivo se concatena com o elemento expressivo do enunciado, assim como com a relação do discurso em face de outros discursos, pois a valoração emotiva do falante com o conteúdo e objeto de seu enunciado faz com que exista uma relação entre os enunciados anteriormente ditos e pré-figurados como aqueles em que é possível que haja uma antecipação dos interlocutores quanto a possível reação-resposta dos membros do diálogo.

A questão da expressividade pode ser identificada como um dos elementos do enunciado, sendo as orações e palavras uma das estruturas da língua que são imbuídas de expressividade e que, nos casos de termos orações e palavras isoladas de seu contexto originário, perde-se a relação da língua como um elemento de interação entre sujeitos do discurso. Todavia, para que se tenha um sentido concreto das palavras e das orações, é necessário ter as condições reais do discurso, pois assim é possível se escolher como o projeto pensado como conjunto do enunciado pode ser animado por meio da expressão do enunciado com sua valoração destacada:

[...] escolhemos a palavra pelo significado que em si mesmo não é expressivo, mas pode ou não corresponder aos nossos objetivos expressivos em face de outras palavras, isto é, em face do conjunto do nosso enunciado. O significado neutro da palavra referida a uma determinada realidade concreta em determinadas condições reais de comunicação discursiva gera a centelha da expressão. Ora, é precisamente isto que ocorre no processo de criação do enunciado [...] esta [centelha da expressão] não existe no sistema da língua [...] (BAKHTIN, 2011, p. 292).

De acordo com os membros do Círculo de Bakhtin, é somente por meio do contato direto com a realidade é que é possível se ter a expressão da língua. Elementos tais como a os juízos de valor, a emoção e o tom se tornam concretos por meio do emprego vivo da

língua e em vista da concretude do enunciado permeado na realidade social. A constituição do enunciado se dá em função daqueles que atuam como interlocutores do diálogo firmado, pois isso influencia como se dá a expressividade e a forma estilística como se dão os enunciados produzidos pelos autores do discurso (BAKHTIN, 2011).

A conjuntura social determina as formas como se darão tanto os enunciados quanto as próprias relações sociais entre os sujeitos. Partindo desse ponto de vista os membros do Círculo de Bakhtin promovem uma reflexão que se integra a questão da enunciação: “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113, grifos do autor).

Não importa qual seja o enunciado, sempre se terá um discurso socialmente voltado a outrem. Dessa forma, Volóchinov argumenta que o enunciado não pode ser explicado sem se levar em conta o contexto social e sem considerar o fato da comunicação verbal entrelaçar-se com os demais tipos de comunicação e que fecundam no terreno comum da produção social em que foram feitas (VOLÓCHINOV, 2017).

O discurso é concebido como uma unidade axiológica que constitui o seu sentido por da interação entre os membros do discurso, constituindo-se como uma forma de comunicação que é embutida de significado histórico-cultural, social e que se dá como uma comunicação efetiva entre os sujeitos (BRAIT; MELO, 2007).

O discurso é compreendido pelo ponto de vista do integrante do ato da enunciação, pois quando o ouvinte passa a participar da situação de interação, o mesmo concomitantemente passa a participar da sua resposta-ação e a promover uma posição responsiva que é marcada axiologicamente. De acordo com Bakhtin (2011), a atitude de responder a uma questão por meio do ato interlocutivo se dá de forma que a compreensão da fala e do enunciado é sempre uma resposta ativa. Ou seja, toda compreensão traz em si a semente de uma resposta, e essa resposta se manifesta de uma forma ou de outra: o ouvinte se torna automaticamente um falante.

[...] toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a geraobrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Complementa ainda Bakhtin que:

O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante. Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações [...]. Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Defende Volóchinov (1981) que o vínculo entre a realidade social e o discurso promove a integração entre o enunciado e a situação social que lhe é originária, imbricamento que é fundamental para que se tenha a compreensão do sentido. Segundo o autor, a valoração e a expressividade devem compor os critérios científico, político e ético que consideram as unidades da língua (fatores verbais) e que abrange toda a situação questão extraverbal do discurso.

Todo o discurso é permeado como uma unidade que não se pode dissolver em fatores separados da vida e dos eventos que compõem a sua criação social. Nesse sentido, todo o contexto extraverbal é composto pelos horizontes temporal e espacial dos integrantes do discurso, pelo conhecimento e pela compreensão da situação interativa entre os envolvidos e pela avaliação comum que se faz pelos seus membros e a partir do ato discursivo.

Segundo Bakhtin (1998), um enunciado concreto e isolado sempre é apresentado dentro de um contexto cultural, semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou em uma situação específica da vida privada. Somente nesses contextos o enunciado isolado é vivo e pode ser compreendido de maneira adequada. Nesses contextos, ele pode ser avaliado como verdadeiro ou falso, belo ou feio, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário, entre outras possibilidades.

O Círculo de Bakhtin, ao considerar os enunciados como concretos, isto é, diretamente relacionados aos seus contextos históricos e sociais de produção, de forma dialógica e tecidos a partir de fios ideológicos, considera os enunciadores, como são os participantes do *corpus* que compõe a nossa pesquisa, como seres *expressivos e falantes*. Na concepção dialógica da linguagem que comungamos nesta pesquisa,

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser

definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. Não há analogias com eles (BAKHTIN, 2017, p. 26 – 27).

Ao problematizar a metodologia da pesquisa, Bakhtin (2017) argumenta que é o ser *expressivo e falante* o objeto das ciências humanas: “O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (p. 59). A concepção metodológica do ser expressivo e falante a partir do Círculo de Bakhtin tem como ponto de partida a ideia de que a linguagem não é apenas um sistema de signos, mas uma forma de ação social que está constantemente em movimento e evolução.

Bakhtin e seu Círculo propõem uma abordagem que considera a linguagem como um fenômeno social e histórico, onde o uso da linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um ato social que se dá em um contexto determinado. Segundo essa abordagem, a linguagem é sempre uma resposta a um contexto específico e a uma situação particular.

O ser expressivo e falante, nessa perspectiva, é entendido como um ser social, que se relaciona com os outros e com o mundo na e pela linguagem. Ele não é apenas um receptor passivo de informações, mas um agente ativo na construção do sentido e da significação dos discursos. A partir desse pressuposto, Bakhtin propõe uma metodologia que valoriza a análise dos enunciados concretos, ou seja, dos discursos produzidos pelos indivíduos em situações reais de interação social. Essa metodologia leva em conta não apenas o conteúdo do discurso, mas também o contexto social, histórico e cultural em que ele é produzido.

Assim, a ADD é vista como um processo complexo e dinâmico, que envolve a compreensão do contexto social e cultural em que determinado enunciado emerge, bem como a análise dos recursos linguísticos utilizados para expressar os significados e os valores presentes naquele enunciado. Para Bakhtin, o ser expressivo e falante está constantemente em diálogo com os outros, em um processo de interação social que envolve a troca de ideias, de valores e de experiências. O diálogo é visto como uma forma fundamental de construção do sentido, os indivíduos se posicionam em relação aos outros e ao mundo a partir de suas próprias perspectivas e experiências.

Para compreender a questão do discurso na sua amplitude, os pensadores do Círculo de Bakhtin também consideraram o conceito de cronotopo para apreender a

dimensão social. Neste sentido, cabe destacar o contexto sócio-político-ideológico brasileiro pré e durante o ano de 2019, cronotopo (tempo e espaço) no qual o nosso *corpus* de pesquisa se constitui, feito ao qual nos dedicaremos no início do próximo capítulo.

1.5 Os gêneros do discurso na esfera dos pronunciamentos oficiais

Neste item, apresenta-se que a teoria dos gêneros do discurso tem como objeto de estudo a interação via enunciados, ou seja, a maneira como as pessoas se comunicam em diferentes situações e contextos. Nessa perspectiva, a teoria identifica os gêneros primários e os gêneros secundários, esses últimos são mais complexos e surgem em esferas específicas da atividade humana, como, por exemplo, a esfera política internacional, foco dessa pesquisa.

Entre os gêneros secundários, destacam-se aqueles que circulam na esfera comunicativa dos pronunciamentos oficiais, por ocupar um lugar importante no universo das declarações públicas. A esfera dos pronunciamentos oficiais está composta por diferentes tipos de gêneros, cada um deles apresenta particularidades, mas é possível identificar algumas características comuns que tornam os pronunciamentos oficiais uma esfera comunicativa única e relevante, como abordaremos a seguir.

Os gêneros do discurso são uma forma importante de entender como a linguagem funciona em diferentes contextos sociais e culturais. Eles nos ajudam a compreender como diferentes tipos de texto são criados e utilizados, e como esses textos se relacionam com as práticas sociais e culturais mais amplas de uma sociedade:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 2011, p. 280).

Para o mestre russo, o enunciado deve se constituir como uma possibilidade de o interlocutor tomar uma postura mediante a relação dos enunciados de outros. De acordo com Bakhtin (2011), o enunciador possui a sua uma responsabilidade em face do enunciado de outrem se sua percepção se der de forma conclusiva e permeada pela noção de exauribilidade semântico-objetal do tema (ou seja, os temas são infinitos e devem se tornar objetos de discurso e serem compreendidos dentro da esfera da interlocução que se dá em vista da interação do gênero discursivo), a intencionalidade discursiva (ou seja, a vontade do participante de explorar as fronteiras do enunciado) e os gêneros do discurso do enunciado (ou seja, significa que estes são na prática balizas para a criação de enunciados e de determinação do horizonte de expectativas para a interlocução, possibilitando a percepção da sua conclusibilidade).

Sobre a questão da escolha do gênero do discurso, Bakhtin argumenta que ela se guia pela “especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 282). Para o teórico russo, compreendemos e falamos uns com os outros por meio de discursos que se dão sob a forma de gêneros discursivos, o que significa que se faz necessária a interação entre os sujeitos. Podemos compreender o outro por meio do domínio que se dá sob os gêneros, sem os quais não é possível que se tenha interação. Concomitantemente, podemos observar a conclusividade como um dos fatores que constituem o enunciado, e podemos observar que no trabalho de valoração até mesmo tomar a palavra e/ou responder a outro é uma forma de posicionar-se axiologicamente mediante o enunciado de outrem.

Como explanou-se até aqui, um dos conceitos mais importantes do Círculo é o de gêneros do discurso, que se refere aos diferentes tipos de textos e práticas comunicativas que existem em uma sociedade. Segundo Bakhtin (2011), os gêneros do discurso são formas sociais e culturais de linguagem que surgem em diferentes contextos de uso. Cada gênero é caracterizado por suas próprias regras de composição, estilo, vocabulário e propósito comunicativo. Além disso, os gêneros não são fixos e imutáveis, mas evoluem e se transformam ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais.

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A

língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática. É deste ângulo que vamos agora abordar algumas áreas e alguns problemas da linguística (BAKHTIN, 2011, 283).

O Círculo de Bakhtin destaca que ainda que em alguns gêneros do discurso se tenha uma reformulação criadora e livre não necessariamente se terá um novo gênero como resultado da elaboração de um criador, pois os membros falantes da língua se guiam por meio do uso regular das normas, as quais são resultado de um longo processo histórico, o que faz com que estes sejam operacionalizados conforme a livre demanda dos falantes e em vista do conhecimento que estes têm.

Ensina o mestre russo:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2011, p. 285).

Os gêneros do discurso podem ser divididos em duas categorias principais: gêneros primários e gêneros secundários.

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (BAKHTIN, 2011, p. 281).

Conforme apresentado na citação, os gêneros primários são aqueles que surgem na comunicação cotidiana e têm uma função social específica. Eles incluem conversas, cartas, telefonemas, e-mails e outros tipos de comunicação informal. Esses gêneros são caracterizados por uma linguagem simples e direta, adaptada ao contexto em que ocorrem.

Os gêneros secundários são aqueles que surgem em contextos mais formais, como documentos oficiais, relatórios, artigos científicos, discursos políticos (que é o foco dessa dissertação de mestrado), entre outros. Esses gêneros são caracterizados por uma linguagem mais elaborada e técnica, e geralmente seguem um conjunto de regras e convenções.

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 2011, p. 280).

É importante ressaltar que essas categorias não são rígidas e muitos gêneros do discurso podem se sobrepor ou se cruzar. Além disso, os gêneros do discurso são influenciados por fatores culturais, históricos e sociais, o que significa que diferentes sociedades e épocas podem ter diferentes gêneros do discurso e diferentes maneiras de utilizá-los.

Com base nas teorias do Círculo de Bakhtin, que concebem o gênero como uma categoria socialmente construída e que se manifesta em diferentes esferas da atividade humana, busca-se, nessa dissertação, compreender quais são as principais características e funções comunicativas do conjunto de gêneros que compõem a esfera dos Pronunciamentos Oficiais.

A compreensão dos pronunciamentos oficiais como esfera de gêneros do discurso será fundamental ao longo dos capítulos 2 e 3 desta dissertação. Neles, serão analisados diversos exemplos de Pronunciamentos Oficiais produzidos pelos agentes da política externa brasileira ao longo de 2019. Nossa proposta de ADD, funde descrição, análise e interpretação tendo em conta as relações dialógicas, os gêneros do discurso e as formas da língua. As marcas linguísticas que caracterizam os gêneros em análise, bem como as estratégias discursivas utilizadas para persuadir e convencer o interlocutor serão fundamentais para as nossas reflexões, nas quais serão também examinadas as condições de produção desses enunciados, levando-se em consideração o contexto histórico, social e político em que são elaborados e as possíveis expectativas de seus possíveis interlocutores.

Ao final, pretende-se contribuir para a compreensão do funcionamento da esfera discursiva dos Pronunciamentos Oficiais, para a reflexão crítica a respeito da linguagem e da comunicação na esfera pública.

Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o **universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas)** (BAKHTIN, 2011, p. 281 – destaques nossos).

Ao grupo de práticas discursivas que nomeamos como Pronunciamentos Oficiais que compõe o *corpus* da nossa pesquisa, temos diversos gêneros, assim nomeados pelo portal da FUNAG: alocução, apresentação, artigo, aula magna, declaração à imprensa, discurso, entrevista, exposição, mensagem, painel e palestra. Os pronunciamentos oficiais produzidos pelos agentes da política externa brasileira em 2019 apresentaram (ou deveriam apresentar) – de modo geral - diversas características em comum, incluindo formalidade, diplomacia, posicionamento político (refletem o posicionamento político do governo brasileiro em relação a questões internacionais), uso de argumentação, intenção persuasiva.

Apresentamos, ao longo desse item que a teoria dos gêneros do discurso é uma área de estudo que busca entender como as pessoas interagem por meio de enunciados que são produzidos em diferentes situações comunicativas. Nesse sentido, podemos distinguir os gêneros primários, que são aqueles que se manifestam de maneira natural e espontânea na vida cotidiana, e os gêneros secundários, que são aqueles que surgem em esferas específicas da atividade humana, como a esfera jurídica, a esfera acadêmica e a esfera política, por exemplo.

Os pronunciamentos oficiais são um dos principais gêneros secundários de declarações públicas, compostos por diferentes tipos de gêneros. Embora apresentem particularidades, têm características comuns, como serem produzidos por autoridades ou representantes de instituições, visarem informar ou persuadir um público específico, utilizarem linguagem formal, clara e objetiva, além de terem uma estrutura argumentativa

coerente e organizada para transmitir credibilidade e autoridade. Esta dissertação explorará essas características nos capítulos 2 e 3.

1.6 Análise Dialógica do Discurso (ADD)

Bakhtin e o Círculo não chegaram a construir uma vertente teórica ou mesmo um pensamento sistematizado ao qual nomeariam como análise do discurso, análise do enunciado concreto, dentre outras possibilidades. Porém, diversos pesquisadores, a partir da década de setenta do século passado começaram por aproximar as ideias de Bakhtin e do Círculo da AD argumentando, entre outras coisas, que existem relações dialógicas mesmo entre enunciadores distantes um do outro, “tanto no tempo quanto no espaço entre eles há ao menos uma convergência de sentidos ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 331).

Como para o filósofo russo, “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (BAKHTIN, 2011, p. 410), o diálogo acabou por se tornar forte. Entretanto, a especificidade da AD, bem como as descobertas de novos textos dos membros do Círculo e sua tradução direta do russo para o português fez com que esse diálogo não mesclasse os campos e houvesse o vislumbrar não apenas de suas semelhanças, mas também de suas discordâncias e disparidades.

Neste sentido, Medviédev (2012), membro do Círculo, complementa “[...] todas as objetivações do ser humano pertencem, sem exceção, a um único mundo da realidade sócio-histórica e, portanto, encontram-se em mútua interação e podem entrar em contradições ou consonâncias” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 214). No Brasil, Brait (2006) “cunha” a terminologia ADD para especificar a linha de pesquisa que toma os estudos de Bakhtin e o Círculo como base de reflexão.

Porém, como essa linha de pesquisa poderia se constituir se Bakhtin e o Círculo não chegaram a construir uma vertente teórica sistematizada? Para explicitar tal questão e, para além, justificar nossa adoção aos conceitos, muitas vezes considerados filosóficos, do Círculo de Bakhtin, Brait (2006a, p. 9-10) afirma:

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto *formalmente* uma teoria e/ou análise do discurso, no sentido em que usamos a expressão para fazer referência, por exemplo à Análise do Discurso Francesa. Entretanto, também não se pode negar que o

pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que (...) [o] *Círculo de Bakhtin* jamais tenha postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada, esse ensaio arrisca-se a sustentar o conjunto das obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral (BRAIT, 2006a, p. 9-10).

Assim, sem ultrapassar os limites do próprio pensamento do *Círculo*, Brait (2006a, p. 10) denomina esse pensamento de “teoria dialógica do discurso”, sem uma definição fechada, haja vista que se fechá-lo seria uma contradição com o próprio conceito teórico de abertura e de constituição “no evento”. Mas, esse posicionamento implica uma nova questão fulcral: levando-se em conta a indissolúvel relação existente entre língua, História e sujeitos como espaços de produção do conhecimento de forma comprometida (ideológica) e responsável – e não apenas como objetos fixos a serem submetidos a teorias e metodologias –, baseado em uma concepção de linguagem e de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados, como realizar uma ADD. Qual seria o passo inicial desse método “ametódico”?

Temos que, na ADD, o enunciado concreto é a unidade real de comunicação discursiva, nem sempre entendida como consenso, mas composta por palavras e contrapalavras, pontos e contrapontos, como bem explicita Volóchinov (2017): de fato, todo discurso real, de uma maneira ou de outra, concorda ou discorda de algo em maior ou menor grau. Os contextos não existem de forma isolada, ignorando um ao outro, mas estão constantemente interagindo e se confrontando em um estado de tensão contínua.

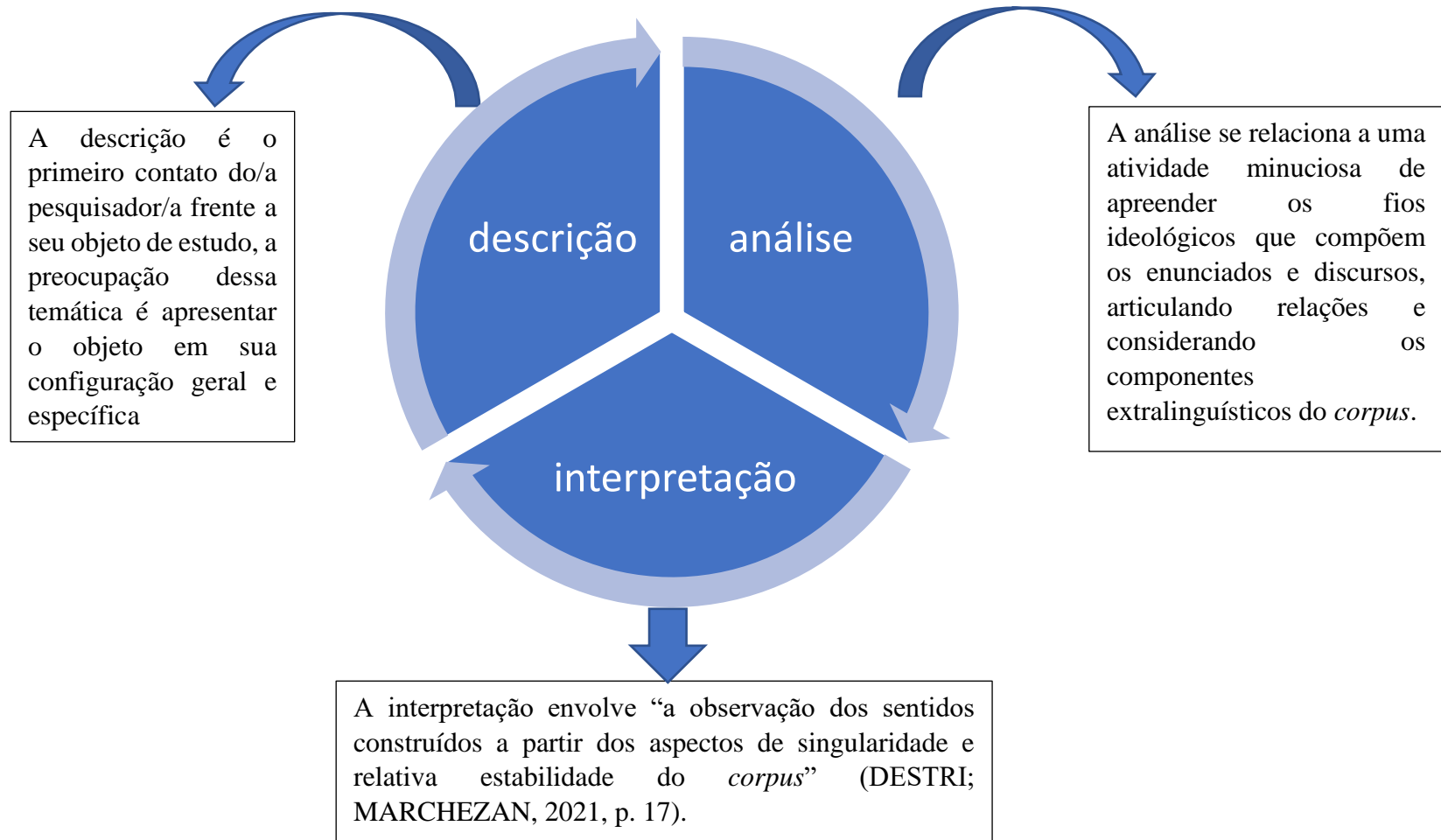
Dessa forma, a elucidação de Volóchinov (2017) permite à ADD tomar como parte inicial da análise o enunciado concreto para chegar a um produto tendo sempre a não fixidez e a antigeneralização como consciência de trabalho. Tal posicionamento permite considerarmos Bakhtin como ADD exatamente para distingui-lo de outros pensadores de outras perspectivas teóricas (como Pêcheux, Foucault, Maingueneau, Charaudeau, Amossy na AD francesa, por exemplo), sem apagar a singularidade de suas posições teóricas. Essa distinção acontece, em especial para não haver uma “[...] homogeneização que, nas palavras de Courtine, ‘amalgama, neutraliza e torna

indistinguível sob uma etiqueta consensual posições teóricas contraditórias” (GREGOLIN, 2006, p. 47).

A metodologia dos estudos dialógicos do discurso vai na contramão de perspectivas teórico-metodológicas lineares ou fechadas em si, que tomam como base o referencial teórico estruturalista do âmbito da análise do discurso. Para Destri e Marchezan (2021, p. 4), “a relação do pesquisador com o objeto é permeada pelo seu horizonte avaliativo. Diante dele, o pesquisador é um outro não neutro que entra em diálogo com os discursos observados e com os discursos anteriormente produzidos sobre o objeto”. As autoras realizaram uma revisão sistemática integrativa de literatura¹⁵ sobre as contribuições teórico-metodológicas do campo da ADD para o âmbito das ciências humanas e apresentam três orientações analíticas, a saber: a descrição, a análise e a interpretação. Esses direcionamentos são atravessados por três focos de estudos do campo da ADD, que se relacionam com as relações dialógicas, gêneros do discurso e formas da língua.

¹⁵ Tomando como banco de dados: Google Acadêmico, Portal de Periódicos Capes, SciELO, Google Books, Portal de Periódicos Capes (livros), SciELO Livros e Wordcat, buscando artigos, capítulos e livros sobre a temática.

Figura 01: Contribuições teóricas-metodológicas da Análise Dialógica do Discurso para as Ciências Humanas.



Fonte: Elaboração nossa (a partir de DESTRI; MARCHEZAN, 2021).

Essas propostas analíticas são complementares entre si e inseparáveis. A figura 01 explora essa relação cíclica entre as atividades analíticas, não podendo ser pensadas em formas de etapas. Por isso, a divisão posta pelas autoras e expressada na figura almeja apenas apresentar de maneira mais didática. Enxergar essas propostas analíticas em forma de etapas acabam tornando o processo analítico mecânico, o que descaracteriza a dimensão dialógica desta análise do discurso. A descrição é o primeiro contato do pesquisador frente a seu objeto de estudo, a preocupação dessa temática é apresentar o objeto em sua configuração geral e específica. Dessa forma, esse momento deve estar atento às esferas de produção, circulação e recepção dos enunciados concretos que englobam o *corpus* do estudo.

A análise se relaciona a uma atividade minuciosa de apreender os fios ideológicos que compõem os enunciados e discursos, articulando relações e considerando os componentes extralinguísticos do *corpus*. Esse processo diz respeito a enxergar o objeto na posição de desconhecido e a sua compreensão exige, inevitavelmente, considerar outras vozes que podem construir para o aprofundamento reflexivo do objeto estudado, o que conflui para aquilo que Geraldi (2012) defende como cotejo: para a compreensão de um enunciado existe a necessidade de o pesquisador recorrer a outros textos. Isso envolve pensar o objeto como dinâmico e perspectivar uma análise de processo e não de produto.

A interpretação envolve a observação dos sentidos construídos a partir dos aspectos de singularidade e relativa estabilidade do *corpus*. Esse ato valoriza a singularidade do olhar interpretativo do pesquisador frente a relativa estabilidade do *corpus* construído. A relativa estabilidade direciona o pesquisador a observar “padrões linguístico-discursivos, ao ser observada e analisada, pode ser, por fim, interpretada em seu caráter genérico, com todos os elementos analíticos já produzidos engajados” (DESTRI; MARCHEZAN, 2021, p. 18).

Nesta perspectiva, a estabilidade e a singularidade são dimensões que colaboram para uma abordagem analítica que valoriza a unicidade do objeto, pois, na análise bakhtiniana, os elementos relacionados à estabilidade e singularidade trabalham em conjunto para construir significados. Na ADD, examina-se a relação entre os aspectos específicos e os aspectos generalizáveis do objeto, entre o que é repetível e o que não é, como duas dimensões importantes que contribuem para uma perspectiva analítica que valoriza a unicidade do objeto de análise. Na ADD, o objeto de análise é visto como um discurso situado em um contexto histórico, social e cultural específico. A estabilidade

refere-se aos elementos que são mais recorrentes e comuns no discurso, enquanto a singularidade se refere aos elementos que são mais únicos e distintos. Dito de outra forma, a ADD se preocupa em entender como os elementos que são estáveis e generalizáveis (repetíveis) e os elementos que são singulares e não generalizáveis (não repetíveis) interagem na formação de sentidos no discurso.

1.7 Considerações parciais

Ao longo deste capítulo, destacou-se a importância de se compreender a relação entre linguagem, discurso e prática social. Ao apresentar o Círculo de Bakhtin, deu-se relevância as contribuições do grupo para a concepção e a realização de pesquisas em ciências humanas. Discutiu-se conceitos fundamentais, como ideologia e valorização *na e pela* linguagem, cronotopo, dialogismo e interação, de forma a se estabelecer uma base teórica sólida que permitisse o desenvolvimento de uma análise dialógica do discurso da política externa brasileira ao longo de 2019.

Além disso, a apresentação do enunciado concreto e das características esperadas dos gêneros discursivos que compõem os pronunciamentos oficiais e da Análise Dialógica do Discurso demonstrou as orientações analíticas que serão utilizadas, nesta dissertação, para a compreensão do discurso político em cena. Esses direcionamentos são importantes para que se possa realizar uma descrição, análise e interpretação (de forma complexa e integrada) dos enunciados concretos selecionados para essa pesquisa.

Por fim, a discussão dos três focos de estudos do campo da Análise Dialógica do Discurso - relações dialógicas, gêneros do discurso e formas da língua - contribuem para a compreensão de como esses elementos estão interligados e como podem influenciar a compreensão do discurso político. A partir desse arcabouço teórico, o próximo capítulo tece considerações a respeito do contexto de produção dos pronunciamentos oficiais da PEB ao longo de 2019. Apresenta-se o contexto sociopolítico (condições de produção) dos Enunciados Concretos produzidos ao longo de 2019 e analisados nesta dissertação. O principal enunciado concreto analisado será o discurso inaugural da política externa brasileira, o pronunciamento de Bolsonaro em 2019 em Davos. A análise será complementada com fragmentos do *corpus* que ilustrem questões ideológicas e valorativas.

2 FIOS DISCURSIVOS DA IDEOLOGIA NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (2019)

Com vistas a compreender nossos textos em contextos, unidade fundamental para a compreensão de enunciados concretos, ao longo deste capítulo serão apresentadas as características do cronotopo no qual se deram os pronunciamentos oficiais analisados nessa dissertação, assim como os fios discursivos da ideologia e da valoração presentes nesses discursos. O discurso inaugural proferido pelo então presidente Jair Bolsonaro em solo estrangeiro será o foco principal desta análise. Adicionalmente, utilizar-se-ão fragmentos do *corpus* que ilustrem questões ideológicas e valorativas. Para atingir esse objetivo, o texto será dividido em cinco subitens.

No primeiro, “Contexto de produção dos pronunciamentos oficiais da PEB ao longo de 2019” apresenta-se o contexto sociopolítico (condições de produção) dos Enunciados Concretos produzidos ao longo de 2019 e analisados nesta dissertação. O segundo, “O pronunciamento inaugural de Bolsonaro, como presidente brasileiro, no exterior”, analisa o primeiro discurso do Presidente Jair Messias Bolsonaro no exterior, proferido em janeiro de 2019 durante a sessão plenária do Fórum Econômico Mundial em Davos, Suíça, e tece comentários a respeito do discurso da PEB daquele ano e como ela pode ter sido vista internacionalmente. O terceiro, “O negacionismo no discurso inaugural de Bolsonaro no exterior”, toma como materialidade linguística o enunciado “Nossas relações internacionais serão dinamizadas [...] implementando uma política na qual o viés ideológico deixará de existir”, no qual o então presidente sugeriu que a tomada de decisões e definição de parcerias internacionais seriam baseadas em interesses mútuos e objetivos concretos, em vez de afinidades ideológicas. A declaração e a postura ideológica clara do próprio presidente puderam dificultar a implementação de uma política externa pragmática e desideologizada. O quarto, intitulado “Desvendando os fios ideológicos do termo ideologia”, explora a ideia de que a PEB apresenta uma conduta fundamentalmente ideológica, o que a distancia de uma suposta imparcialidade nas questões políticas globais. Os discursos proferidos pela PEB têm o propósito de ocultar a multiplicidade de signos que evidenciam a ideologia e a valoração, e são direcionados a grupos sociais específicos que compartilham das concepções de mundo dos representantes governamentais. Por fim, o quinto subitem, “Considerações” traça uma retrospectiva do que foi abordado no capítulo. De acordo com os argumentos

apresentados nesta dissertação, pode-se afirmar que a linguagem é um fenômeno que está em constante transformação, influenciado pelo contexto histórico, social e cultural, assim como as relações de poder e os participantes envolvidos na comunicação. Nesse sentido, a ADD emerge como uma ferramenta essencial para compreender as ideias, valores e interesses que orientam as ações dos atores políticos no âmbito internacional.

2.1 Contexto de produção dos pronunciamentos oficiais da PEB

O tempo e espaço escolhidos para a seleção do *corpus* dessa pesquisa são fundamentais para entender a História do tempo presente e refletir a respeito do cenário político, tanto interno quanto externo, antes, durante e após o ano de 2019. A escolha desses elementos é fundamental para contextualizar a pesquisa e fornecer uma visão mais ampla das condições de produção que cercam os pronunciamentos oficiais da PEB nesse período.

Ao estabelecer esse cronotopo, é possível compreender as condições históricas, sociais e políticas que moldaram o período em questão e influenciaram a produção dos discursos e pronunciamentos oficiais da política externa do país. Dessa forma, é possível analisar esses pronunciamentos a partir de uma perspectiva dialógica e reflexiva, levando em conta as diferentes visões de mundo e interesses em jogo, tanto no cenário doméstico quanto no internacional.

Desde o "*impeachment*"¹⁶ da presidenta Dilma Rousseff¹⁷ (2011-2016), em 2016, até a eleição do presidente Jair Bolsonaro, em 2018, o cenário político brasileiro foi marcado por uma série de crises, instabilidades e polarizações que persistem em nosso país. O "*impeachment*", amplamente questionável, gerou uma crise política sem precedentes no Brasil, resultando em um sentimento de insatisfação popular e de descrença nas instituições políticas. Além disso, a crise econômica agravou ainda mais a situação, aprofundando a instabilidade e o clima de acirramento político.

¹⁶ O impeachment é um processo jurídico-político que tem como objetivo a cassação do mandato de um chefe de Estado ou de governo por meio de julgamento e condenação por crimes de responsabilidade. Trata-se de um mecanismo constitucional de remoção do chefe do poder Executivo, que pode ser aplicado a presidentes, vice-presidentes e governadores que cometem crimes de responsabilidade (QUEIROZ, 2021).

¹⁷ Dilma Rousseff foi presidenta do Brasil entre os anos de 2011 e 2016. Foi eleita presidenta em 2010, assumindo o cargo em janeiro de 2011, e foi reeleita em 2014, governando até agosto de 2016, quando sofreu um processo de *impeachment* e foi afastada da presidência (LIMA, 2022).

Essas crises e instabilidades políticas continuaram após a eleição de Bolsonaro em 2018, já que o presidente ficou conhecido por suas posturas controversas e polarizadoras, o que gerou novos debates e conflitos políticos no país. Nesse contexto, a História do tempo presente é fundamental para compreender as condições de produção e as múltiplas perspectivas envolvidas nas crises e polarizações políticas do Brasil nesse período, possibilitando uma análise reflexiva desses eventos.

As eleições presidenciais de 2018 foram marcadas por um clima de polarização política que dividiu o país entre esquerda e direita¹⁸. Jair Bolsonaro, um político de extrema direita, conseguiu se eleger com um discurso “*anti-establishment*” (contra a ordem estabelecida) e anticorrupção, prometendo mudanças profundas no sistema político e econômico do país. Durante o ano de 2019, a política externa brasileira passou por uma série de mudanças significativas, o que influenciou o contexto de produção dos pronunciamentos oficiais emitidos pelo governo brasileiro. Bolsonaro ficou conhecido por suas posições controversas e muitas vezes polêmicas em relação a temas como direitos humanos, meio ambiente, políticas sociais, modelo de Estado e comércio internacional.

No Brasil, a política sempre foi dividida entre a "direita" e a "esquerda", mas recentemente surgiu uma nova categoria, a "nova direita". No entanto, essa nova direita ainda não se formalizou como um grupo político institucionalizado, e é uma espécie de referência modernizada que está associada aos meios de comunicação. Desde as manifestações de 2013, em que grupos populares se declararam "sem partido" e "contra a corrupção", o cenário político do país se tornou cada vez mais instável. Isso tem gerado dúvidas na sociedade sobre como os termos "direita" e "esquerda" são representados por ideologias políticas e como se adequam aos novos tempos.

Na obra de Bobbio (1995), é feita uma análise sobre a oposição entre os termos "direita" e "esquerda", que são opostos um ao outro e abrangem todos os movimentos

¹⁸ Embora a polarização política entre direita e esquerda tenha sido uma característica proeminente nas últimas eleições no Brasil, o "centrão" desempenhou um papel importante na formação de coalizões e alianças políticas, muitas vezes sendo capaz de influenciar e moldar a agenda política do país. Sua capacidade de formar maiorias parlamentares e garantir a governabilidade tem sido objeto de debate e críticas, uma vez que algumas pessoas veem essas alianças como uma forma de perpetuação do "presidencialismo de coalizão" e da corrupção política. O "centrão" é composto por partidos e políticos que não adotam uma posição ideológica rígida, mas tendem a ser flexíveis em relação às suas alianças políticas, buscando apoio e concessões em troca de apoio ao governo de turno. Esses partidos e políticos geralmente têm influência significativa nas negociações políticas, especialmente no Congresso Nacional, onde podem exercer influência em decisões-chave e ocupar cargos estratégicos no governo.

sociais ao longo da história política da humanidade. Esses termos são utilizados para destacar as diferenças ideológicas entre esses movimentos, especialmente no campo político, e são mutuamente exclusivos e abrangentes. A dualidade mencionada neste contexto compartilha a concepção axiológica apresentada por Bobbio (1995), na qual os termos "direita" e "esquerda" são usados para expressar um julgamento valorativo positivo ou negativo sobre uma ou outra das partes. Apesar de alguns posicionamentos políticos ainda afirmarem não ser nem de direita nem de esquerda, esses termos continuam a ser amplamente utilizados na linguagem política, especialmente em debates repetitivos que abordam a dialética do "futuro da esquerda" ou do "renascimento da direita" (SOUZA *et. al.*, 2020).

As características da “direita” e da “esquerda” são amplamente discutidas e variam de acordo com o contexto histórico, cultural e político. Embora seja importante lembrar que essas descrições são generalizações e não se aplicam a todos os indivíduos ou grupos, há certos traços comuns associados a cada uma delas: i) Direita: conservadorismo, liberalismo econômico, individualismo, hierarquia social e nacionalismo; ii) Esquerda: progressismo, intervenção estatal, igualdade, coletivismo, internacionalismo, cooperação internacional, busca por direitos humanos universais e a solidariedade global. É importante notar que essas descrições são simplificações e não capturam toda a complexidade das ideologias políticas. Além disso, as fronteiras entre direita e esquerda podem ser fluidas, com variações e nuances em diferentes países e momentos históricos.

No tempo presente, as lideranças políticas lançam mão de suportes e plataformas de redes digitais, bem como dos demais meios de comunicação de massa, como instrumentos propícios à fabricação de um consenso ideológico¹⁹. Foi pelos suportes de

¹⁹ Paralelo ao fenômeno das *fake news* ou da desinformação, é importante destacar que a ascensão de Jair Bolsonaro e seu sucesso político não pode ser totalmente compreendido sem levar em consideração o papel desempenhado pela mídia convencional, tradicional, impressa, televisiva e radiofônica. A cobertura midiática e a campanha anti-partido dos Trabalhadores e anti-Lula tiveram um impacto significativo na construção da imagem de Bolsonaro e na caracterização do PT como uma força negativa. A mídia desempenhou um papel fundamental ao moldar a narrativa política e influenciar a opinião pública, destacando certos aspectos e minimizando outros. A cobertura frequentemente se concentrou em questões de corrupção e crises econômicas durante os governos do PT, contribuindo para uma visão negativa do partido e de suas lideranças. Além disso, os partidos de centro e centro-direita, em especial o PSDB, tiveram um papel importante na condução do processo de “*impeachment*” contra a presidenta Dilma Rousseff, que culminou em seu afastamento do cargo. Esses partidos foram fundamentais para a legitimidade do processo e para a ascensão do bolsonarismo. A união entre setores políticos de centro e centro-direita com forças conservadoras contribuiu para a construção de uma coalizão ampla que se opôs ao governo do PT.

redes sociais digitais que se viu postagens, *fake news*²⁰ e transmissões de *lives*²¹ por meio das quais Jair Messias Bolsonaro levantou as bandeiras de luta pela defesa da família, do Estado e da religião, apresentando-se como o messias, o mito de direita autorizado a dar um novo rumo ao Brasil. De acordo com Sampaio (2022), embora fofocas, boatos, mentiras e distorções sempre tenham sido comuns nas disputas políticas, o fenômeno das *fake news*, como o conhecemos hoje, está principalmente ligado ao mundo online e apresenta diversas particularidades. Este fenômeno teve início nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos da América, quando Donald Trump, do Partido Republicano, foi eleito e as redes sociais foram inundadas com uma grande quantidade de *fake news* por ambos os lados, especialmente contra Hillary Clinton. A eleição de Trump, o Brexit e o aumento do populismo de extrema direita em todo o mundo estão diretamente relacionados ao crescente uso global das *fake news*.

Por sua vez, em seu governo, Jair Bolsonaro fez uso de estratégias similares às de Trump, buscando estar em um constante clima de confronto com o jornalismo profissional tradicional. Bolsonaro, a exemplo desses líderes, também se apropriou de meios paralelos de informação, que não seriam filtrados ou mediados pela imprensa profissional, usando perfis em plataformas de redes sociais digitais e também aplicativos de conversação direta por celulares, notadamente na formação de grupos para divulgação de suas mensagens (SAMPAIO, 2022, p. 134).

Sampaio (2022) ressalta que, originalmente, as *fake news* eram notícias falsas, criadas, alteradas ou retiradas de seus contextos originais. No entanto, atualmente, elas podem ter formatos mais simples ou rudimentares, sem precisar seguir o modelo jornalístico tradicional. Ainda assim, geralmente são construídas com base em "fatos" inventados ou distorcidos, com o objetivo de atrair a atenção do público e se espalhar rapidamente. Além disso, as *fake news* geralmente exploram o viés de confirmação, ou seja, informações que confirmem o que o indivíduo já acredita, mesmo que não sejam verdadeiras.

²⁰ “O que se convencionou *fake news* são um tipo de informação inverídica ou distorcida que simula uma notícia – ou novidade – para narrar fatos políticos e assim conquistar maior visibilidade no trânsito entre plataformas de mídias sociais. Isso quer dizer que *fake news* podem ser entendidas como uma espécie dentre a ampla gama de conteúdos capazes de gerar distorções e enganos no entendimento da realidade, ou seja, que potencialmente promovem desinformação generalizada” (DOURADO, 2020, p. 54).

²¹ *Live*: termo utilizado para se referir a uma transmissão ao vivo de áudio e/ou vídeo pela internet. Forma de comunicação em tempo real que permite a interação entre o emissor e o público de forma imediata. As *lives* podem abranger uma variedade de conteúdos e são populares em plataformas como *YouTube*, *Facebook* e *Instagram*.

A campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, em 2018, foi marcada por estratégias inovadoras, no contexto brasileiro, que chamaram a atenção da mídia e dos eleitores (LIMA; FORTUNATO, 2021). Ao contrário das campanhas tradicionais, que investem em grandes estruturas partidárias e em publicidade massiva na televisão, a campanha de Bolsonaro apostou em estratégias digitais e em uma comunicação mais direta com o eleitorado.

Durante as eleições, as *fake news* e, posteriormente, as *lives* do governo, que proporcionaram uma comunicação mais direta com os cidadãos, contribuíram para a manipulação da informação e a criação da desinformação²² como estratégia para confundir e minar a confiança nas evidências científicas.²³ A mentira é frequentemente usada como uma ferramenta política para manipular a opinião pública e controlar a tomada de decisões políticas. Por meio da mentira, uma realidade distorcida pode ser criada para favorecer certos interesses, ignorando os fatos verdadeiros. O obscurantismo de massa, por outro lado, é a criação de um ambiente de ignorância e desinformação que permite a manipulação da opinião pública. Através da massificação da informação, uma visão distorcida e falsa do mundo pode ser disseminada para beneficiar grupos políticos, econômicos ou ideológicos específicos.

Neste sentido, Koyré (2015)²⁴ e Horkheimer e Adorno (1994)²⁵, argumentam que a massa é facilmente influenciável quando se lhe é dito o que quer ouvir e quando seus medos e paixões são explorados. A produção do obscurantismo de massas, portanto, explora essa fragilidade e utiliza a mentira como uma forma de manter a ignorância e a

²² “A desinformação é definida como a dinâmica de criação e propagação de informações deliberadamente falsas em meio às plataformas digitais, beneficiando-se de sua rápida e ampla disseminação, com o intuito deliberado de causar danos a atores como indivíduos, grupos sociais, organizações, religiões ou até mesmo Estados. Dentro do conceito de desinformação se incluem, ainda, histórias maliciosas divulgadas amplamente, mas que não necessariamente são falsas, podendo deter elementos de verdade retiradas de seu contexto original, mas utilizadas para causar danos a pessoas, grupos sociais, organizações ou países, como vazamentos de documentos, assédio e discursos de ódio” (PINI, 2022, p. 227).

²³ “Agnotologia. Gnosis vem do grego e significa conhecimento — o prefixo ‘a’ tem caráter negador — e Logos, que vem da mesma língua, significa estudo ou razão. Assim sendo, este campo do conhecimento propõe-se a estudar a formação, disseminação e persistência da ignorância” (GONÇALVES; COSTA, 2022, p. 47). A agnotologia dedica-se à análise da criação e manutenção da ignorância através de processos políticos, econômicos e culturais. A disciplina examina a seleção e filtragem da informação, a semeadura de dúvida sobre fatos estabelecidos, a manipulação ou distorção da informação para servir interesses específicos, bem como a utilização da ignorância como forma de poder e controle (GONÇALVES; COSTA, 2022).

²⁴ “A massa crê em tudo que lhe é dito. Desde que lhe seja dito com bastante insistência. Desde que sejam adulados seus ódios, suas paixões, seus temores” (KOYRÉ, 2015, p. 85).

²⁵ “A regressão das massas de que hoje se fala nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com suas próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas” (HORKHEIMER; ADORNO, 1994, p. 89).

alienação, impedindo que as pessoas tenham acesso à verdade e ao conhecimento crítico necessário para tomarem decisões informadas e conscientes (LIMA; FERREIRA NETO; SANTOS, 2022).

Uma das principais estratégias de inovação de campanha eleitoral de Bolsonaro foi o uso de suportes de redes sociais, em especial do Facebook e do Twitter, que permitiram ao candidato se comunicar diretamente com seus seguidores e eleitores. Por meio das redes sociais, Bolsonaro conseguiu construir uma base de apoio forte e engajada, que o ajudou a difundir suas ideias e propostas de campanha. Outra estratégia importante foi o uso de vídeos curtos e de memes nas redes sociais, que tinham como objetivo transmitir mensagens de forma rápida e impactante. Os vídeos eram produzidos, provavelmente intencional, de forma amadora, com um tom informal e bem-humorado, o que contribuiu para a construção de uma imagem de Bolsonaro como um candidato *anti-establishment* e próximo das pessoas: “em sua trajetória, Bolsonaro forjou uma personalidade política que ama a ordem e odeia a disciplina” (NOBRE, 2022, p.57).

Ao longo das eleições de 2018, elementos como amar e prometer a ordem, ao mesmo tempo em que recusava qualquer disciplina institucional fez de Bolsonaro o candidato vitorioso. Como presidente, ele continuou a amar e prometer a ordem, mas apresentou a ordem existente como caótica. “Bolsonaro foi um candidato antissistema e assim continuou como presidente” (NOBRE, 2022, p.58):

Bolsonaro presidente é aquele que governa apenas para ‘os bons brasileiros’. Ou seja, governa apenas para quem o apoia. Do ponto de vista da manutenção de sua base social de apoio, a tática de Bolsonaro desde o início de seu mandato como presidente foi dupla: esquivar-se permanentemente de qualquer responsabilidade como suposto dirigente do ‘sistema’; e vetar qualquer medida potencialmente danosa aos interesses de sua base de apoio (NOBRE, 2022, p.58).

O pesquisador argumenta que Bolsonaro utiliza frequentemente a ambiguidade das expressões "sistema" ou "velha política" para unificar sua base de apoio. Em um sentido amplo, o "sistema" é tudo o que é considerado corrupto e corruptor na vida do país, o que ajuda a unir sua base de apoio. No entanto, em um sentido mais preciso, Bolsonaro e seus apoiadores consideram o "sistema" como sendo de esquerda e se confundindo com a própria redemocratização do país. A eleição de Bolsonaro é uma novidade na história política do país, já que ele foi capaz de catalisar e organizar o eleitorado autoritário, que estava disperso desde o fim da ditadura militar. O pesquisador

nos alerta que esse fato não deve ser subestimado, pois essa organização política veio para ficar e ressalta que a eleição de Bolsonaro não foi um caso único ou excepcional, mas sim um resultado de um movimento global de revoltas conservadoras.

Nobre (2022) destaca dois elementos que caracterizam o projeto bolsonarista:

Um deles é o objetivo de tornar organicamente autoritário todo o impulso antissistema, o conjunto de sua base de apoio. O outro desses elementos é dado pelo sentido e pela direção do ímpeto destrutivo das instituições, que vem da certeza de Bolsonaro de que a redemocratização é a responsável por todos os males do país. Assim se poderia explicar o propósito de uma personalidade política que ama a ordem e odeia disciplina, que cultiva o caos institucional em nome da ordem (NOBRE, 2022, p. 59).

Além das ações no universo on-line, a campanha de Bolsonaro investiu em estratégias de marketing de guerrilha, como a distribuição de adesivos e de panfletos em eventos públicos e a realização de carreatas em cidades do país. Essas ações permitiram que o candidato alcançasse um público maior e mais diversificado, que não necessariamente acompanhava as redes sociais.

Apesar de se apresentar como uma “alternativa de direita”, Jair Bolsonaro trouxe consigo um conservadorismo reacionário presente em seu governo. Almeida (2019b) argumenta que a forma como um governante governa está diretamente ligada à maneira como foi eleito. Ele sugere que a campanha eleitoral é uma manifestação de um processo social em andamento no Brasil a médio prazo. Esse processo pode ser rastreado até as manifestações de junho de 2013, que desencadearam uma crise e permitiram que forças sociais previamente desarticuladas fossem liberadas sob uma legitimidade discursiva construída pelo campo político à esquerda.

Desde então, ocorreu uma sinergia entre atores sociais, valores culturais e forças políticas que configuram o que tem sido chamado de “onda conservadora²⁶”. Bolsonaro

²⁶ No contexto do Bolsonarismo, ser conservador ou conservador radical geralmente se refere à adesão a uma ideologia política que enfatiza a preservação de tradições, valores e instituições estabelecidas, bem como a defesa de uma abordagem mais assertiva e radical na promoção desses princípios. Implica uma visão mais tradicionalista, onde há uma valorização da ordem social, da família tradicional, da religião e da segurança como pilares fundamentais. Os conservadores tendem a resistir a mudanças rápidas na sociedade, favorecendo a estabilidade e a continuidade. No contexto do Bolsonarismo, os conservadores apoiam o presidente Jair Bolsonaro e suas políticas, que se alinham a esses princípios conservadores. Já o conservadorismo radical, também conhecido como ultraconservadorismo, envolve uma postura ainda mais enfática na defesa de valores e ideias tradicionais, muitas vezes acompanhada de uma abordagem mais confrontadora e desafiadora em relação às instituições e à ordem estabelecida. O conservadorismo radical busca impor uma agenda conservadora com pouca tolerância a ideias progressistas e uma postura mais combativa em relação àqueles que consideram uma ameaça às tradições e valores que defendem. A nova

é parte dessa onda, articulando-se com algumas linhas de força social que a constituem. Embora nem todos os conservadores sejam evangélicos e nem todos os evangélicos sejam conservadores, a tendência evangélica mais hegemônica²⁷ é uma força constituinte dessa onda em curso no Brasil, presente em todos os partidos e com representantes que variam de progressistas a fundamentalistas.

Em continuidade à reflexão de Almeida (2019b), podemos acrescentar que a moralidade foi adicionada à pauta política. Teve a igreja como sua representante e encontrou na busca pela sacralização da família tradicional sua via de expressão. Neste sentido, Brum (2019) argumenta:

São principalmente homens, mas também são mulheres que sentem que a opressão é um preço baixo a pagar para voltar a um território que, mesmo asfixiante, é conhecido e supostamente mais seguro num mundo movediço. São brasileiros que pertencem a diferentes religiões, mas a votação mais expressiva recebida por Bolsonaro foi entre os evangélicos. As igrejas evangélicas neopentecostais têm multiplicado o número de fiéis e aumentado sua representação no Congresso nos últimos anos, encarnando uma das mais importantes mudanças culturais – e políticas – do Brasil (BRUM, 2019, s.p.).

A citação de Brum (2019) se refere à base de apoio do presidente Jair Bolsonaro no Brasil, que foi e é composta principalmente por homens, mas também inclui mulheres que compartilham de uma visão conservadora e restauradora sobre a sociedade brasileira. Essas pessoas sentem que a opressão é um preço baixo a pagar para voltar a um território conhecido e supostamente mais seguro em um mundo em constante mudança.

A votação mais expressiva recebida por Bolsonaro, nas eleições de 2018, foi entre os evangélicos, que são uma parte importante da base de apoio do presidente. As igrejas evangélicas neopentecostais têm crescido em número de fiéis e representatividade no Congresso brasileiro nos últimos anos, o que reflete uma mudança cultural e política significativa no país.

onda conservadora, especialmente associada ao Bolsonarismo, caracteriza-se pela ascensão de uma corrente política mais assertiva e combativa, com uma retórica mais polarizada e uma postura de confronto com as instituições tradicionais. Essa nova onda conservadora no Brasil ganhou força nas eleições de 2018, com Jair Bolsonaro sendo eleito presidente, e tem como características a valorização da segurança pública, o nacionalismo, a crítica às políticas de esquerda e uma postura mais alinhada a princípios conservadores tradicionais.

²⁷ A noção de hegemonia remete ao poder exercido de forma predominante e influente, estabelecendo uma liderança política, econômica e ideológica que molda as regras, normas e relações entre os atores envolvidos.

Neste sentido, vivencia-se, cada vez mais, um conservadorismo reacionário, em um discurso que corrobora o aumento da repressão do Estado, validando a intolerância a grupos sociais, como LGBTQIAP+²⁸, mulheres (sobretudo aquelas que não são “belas, recatadas e do lar”²⁹), moradores de comunidades de baixa renda, pessoas em situação de rua, sem terras e negros.

O Bolsonarismo pode ser caracterizado como um fenômeno baseado na mobilização do que chamamos de ‘política do choque’. A política do choque é uma estratégia utilizada por grupos que se sentem marginalizados no debate público. Tais grupos procuram chamar atenção para suas pautas se afastando da respeitabilidade e utilizando táticas chocantes para uma audiência mais ampla: a disrupção, a transgressão e a quebra de decoro (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2022, p.55).

Desde o final dos anos 1970, diversos grupos e movimentos que representam trabalhadores, mulheres, negros e indígenas ganharam uma participação inédita no debate público brasileiro por meio de suas lutas em vários movimentos sociais. Isso resultou na criação de um novo pacto democrático que incluiu a institucionalização de direitos. Esse pacto foi oficializado na Constituição Federal de 1988 e em um arranjo político específico que envolve grandes coalizões parlamentares para assegurar a governabilidade do Poder Executivo. O Bolsonarismo, por sua vez, se rebela contra esse pacto de 1988 e contra a maior diversidade de opiniões presentes neste debate público ampliado:

Ao longo do tempo, os avanços, maiores ou menores, em políticas públicas voltadas para mulheres, negros e pessoas LGBTQI+, desencadearam conflitos de um novo tipo. Afinal, determinados setores da sociedade reagiram ao perder seu poder relativo ou por se sentirem marginalizados no debate público. Parte dessa reação se deu por meio da circulação de suas próprias ideias em fóruns alternativos. E, para tanto, a popularização da internet no país na virada da década de 2000 para 2010 teve um papel fundamental. Foi desse modo que Bolsonaro

²⁸ A sigla LGBTQIAP+ tem como objetivo representar a diversidade de identidades e orientações sexuais. Cada letra representa um grupo diferente dentro desse espectro: L: Lésbicas, mulheres que se sentem atraídas por outras mulheres. G: Gays, homens que se sentem atraídos por outros homens. B: Bissexuais, pessoas que sentem atração tanto por pessoas do mesmo gênero quanto de outros gêneros. T: Transgêneros, pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo que lhes foi atribuído ao nascer. Q: *Queer* ou *Questioning*, termo que representa pessoas que não se identificam com as normas de gênero e/ou sexualidade ou que ainda estão explorando sua identidade. I: Intersexuais, pessoas que possuem características biológicas que não se encaixam nas definições típicas de sexo masculino ou feminino. A: Assexuais, pessoas que não sentem atração sexual por outras pessoas ou que sentem muito pouco. P: Pessoas Pansexuais, que são atraídas por pessoas independentemente de seu gênero. O sinal de "+" no final da sigla é uma forma de incluir outras identidades e orientações sexuais que podem não ser representadas pelas letras da sigla (NASCIMENTO, 2021).

²⁹ “Bela”, “recatada” e “do lar” são três adjetivos que correspondem ao título da reportagem “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”, de Juliana Linhares, publicada na Revista Veja, *on-line*, em 18 de abril de 2016, apresentando a esposa do então do vice-presidente, Michel Temer.

e seus apoiadores não puderam continuar a se perceber e se apresentar como ‘antissistêmicos’. Em sua visão, o establishment teria, desde meados do regime militar, sido permeado por aquilo que chamaram de ‘hegemonia cultural esquerdista’. Essa alegada ‘hegemonia’ representaria ameaças existenciais a suas visões de mundo e seus modos de vida tradicionais. Daí, então, a necessidade de apostar na ‘política do choque’, mesmo após a ascensão de Bolsonaro à presidência (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2022, p. 55 - 56).

Durante a campanha de 2018, Bolsonaro - por várias vezes - declarou que as minorias deveriam se adaptar à maioria ou, caso contrário, deveriam sair do país³⁰. Essa declaração sugere uma postura intolerante e excludente em relação às minorias, e é um exemplo de como o discurso político pode contribuir para a disseminação de preconceitos e discriminação.

O discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro em 2019 foi marcado por uma forte retórica pseudonacionalista³¹ e conservadora, em que ele prometeu combater a corrupção, a criminalidade e a ideologia de gênero. Bolsonaro enfatizou a necessidade de promover mudanças profundas na política brasileira, destacando a importância das reformas estruturantes (possível referência à redução do tamanho do Estado e à reforma da Previdência) mas que também se expressão na ideologia (estrutura e superestrutura). O pronunciamento foi alvo de críticas por parte de setores da sociedade civil e da oposição, que viram em suas palavras uma ameaça aos direitos humanos e às liberdades democráticas.

³⁰ “Durante o governo Bolsonaro, tanto o presidente como seus filhos utilizaram a política do choque diversas vezes. Comentários escatológicos, o uso de palavras em declarações à imprensa, bem como ameaças autoritárias continuaram a ser frequentemente imobilizados em declarações públicas” (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2022, p.56).

³¹ Vários dos pronunciamentos examinados neste estudo apresentam uma retórica que pode ser caracterizada como pseudonacionalista. Embora os enunciadores desses discursos tenham buscado defender, por meio de suas argumentações, uma postura nacionalista e alegações de moralidade, o governo em questão demonstrou pouca ou nenhuma aderência a esses princípios. Ao contrário, trata-se de um governo claramente alinhado a uma agenda entreguista, que negligenciou o exercício de sua soberania. Essa postura entreguista manifestou-se na decisão de fechar e transferir para a iniciativa privada empresas estatais de grande importância, como a CEITEC, a Petrobras e a Eletrobras. Além disso, promoveu-se a aprovação do projeto conhecido como independência do Banco Central e realizou-se uma reforma da previdência contrária aos interesses da maioria da população brasileira. A privatização das empresas, o desmantelamento do grupo Petrobras e a independência do Banco Central representaram a perda de instrumentos fundamentais de política pública, essenciais para a defesa da soberania nacional e dos interesses do povo brasileiro. Vale ressaltar, ainda, a postura subserviente do então presidente em relação ao governo de Donald Trump. No que diz respeito à moralidade, pode-se considerar que essa postura entreguista foi imoral, uma vez que tais decisões resultaram em maior concentração de renda, aumento da desigualdade social e dependência do país em relação a grupos privados nacionais e internacionais, agravando as dificuldades enfrentadas pela população brasileira.

No início do segundo discurso de posse como presidente da república, Bolsonaro afirmou que livraria o Brasil, dentre outras coisas, do politicamente correto:

É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como presidente do Brasil e me coloco diante de toda a nação neste dia como um dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto (LEIA, 2019, s.p.).

Este trecho do discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro em 2019 reflete a sua visão política conservadora-reacionária e antissocialista. Ele se posiciona como um líder que está assumindo o comando do país para libertá-lo do socialismo, que ele associa à inversão de valores, ao gigantismo estatal e ao politicamente correto. O termo "socialismo" é frequentemente usado por líderes conservadores para se referir a políticas públicas que visam garantir maior igualdade social e econômica. Bolsonaro, neste trecho, está apresentando uma visão contrária ao socialismo, em que o Estado deve ter um papel reduzido na economia e na sociedade.

A referência à "inversão de valores" sugere que Bolsonaro acredita que o país se afastou de uma moralidade conservadora que ele considera apropriada. Essa retórica é frequentemente usada por políticos conservadores para criticar mudanças culturais que consideram contrárias às suas crenças. O termo "gigantismo estatal" sugere que Bolsonaro vê o Estado como excessivamente grande e ineficiente, e que a redução do tamanho e do papel do governo é necessária para que o país prospere.

Por fim, a crítica ao "politicamente correto" é comum em discursos de políticos de direita que se opõem a políticas que buscam garantir o respeito à diversidade e a proteção dos direitos das minorias. Bolsonaro parece estar rejeitando a ideia de que a sociedade deve evitar palavras e ações que possam ofender ou excluir determinados grupos sociais. O trecho do discurso de posse de Bolsonaro em 2019 reflete a sua visão política conservadora-reacionária e antissocialista, na qual o Estado deve ter um papel reduzido na economia e na sociedade, e as mudanças culturais devem ser avaliadas à luz de uma moralidade conservadora.

Em relação à política externa, a administração Bolsonaro adotou uma postura mais pró-EUA³² e pró-Israel do que seus predecessores (SCHUTTE; COSTA; JOÃO; POLA,

³² “Logo nos primeiros meses de governo, Bolsonaro promoveu um alinhamento automático à Casa Branca, comandada à época pelo republicano Donald Trump. Em uma de suas primeiras viagens internacionais, em

2021 e HIRST; MACIEL, 2022; dentre outros). O contexto político e ideológico da administração Bolsonaro influenciou a produção dos pronunciamentos oficiais da política externa brasileira em 2019. A postura anti-multilateral adotada pelo governo brasileiro resultou em declarações públicas que muitas vezes foram controversas e geraram críticas internacionais. (SARAIVA; SILVA, 2019).

Neste item, apresentaram-se elementos para uma breve história do tempo presente com vistas a refletir a respeito do cenário político interno e externo antes, durante e após o ano de 2019. A escolha desses elementos é fundamental para contextualizar a pesquisa e fornecer uma visão mais ampla das condições de produção que cercam os pronunciamentos oficiais da política externa do Brasil nesse período. Para isso, abordaram-se as manifestações de junho de 2013, que desencadearam uma crise e permitiram que forças sociais previamente desarticuladas fossem liberadas sob uma legitimidade discursiva construída pelo campo político à esquerda. Em seguida, apresentaram-se as características da campanha eleitoral e eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, incluindo uma análise de trechos do seu discurso de posse em 2019. No próximo item, analisaremos o pronunciamento inaugural de Bolsonaro no exterior, o discurso proferido em Davos, em 2019.

2.2 O pronunciamento inaugural de Bolsonaro no exterior

Conforme tem-se defendido ao longo desta dissertação, a linguagem é um fenômeno social e dinâmico que influencia e é influenciada pelo contexto histórico, social e cultural, bem como pelas relações de poder e pelos interlocutores envolvidos. A partir dessa perspectiva, a ADD pode apresentar um instrumental importante para compreender

março de 2019, ofereceu um jantar na embaixada brasileira em Washington (...) Entre os comensais também estava Steve Bannon, ex-estrategista de Trump e atualmente condenado por participação nos ataques ao Capitólio. Meses depois do jantar, durante a Assembleia Geral da ONU, em Nova York, Bolsonaro verbalizou seus sentimentos: “Eu te amo, Trump”, ele afirmou. (...) No auge do relacionamento com Trump, Bolsonaro tentou emplacar o próprio filho, o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), como embaixador do Brasil nos Estados Unidos. A potencial indicação chocou diplomatas e políticos e o presidente acabou desistindo. Antes, no entanto, ele defendeu publicamente dar o “filé mignon” ao filho, que seria “fluyente em inglês”. Apesar de uma parte importante da política externa de Bolsonaro ser marcada apenas pela retórica, o alinhamento com Trump resultou em decisões objetivas. Ignorando a possibilidade de uma vitória democrata em 2020, Bolsonaro e Araújo cederam a muitos interesses da Casa Branca, entre eles a entrega aos americanos da indicação do presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)” (CAMAROTTO, 2012, s.p.).

as ideias, valores e interesses que orientam as ações dos atores políticos no cenário internacional.

Nesse contexto, o primeiro pronunciamento do então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, no exterior, em janeiro de 2019, na abertura da sessão plenária do Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça, representa um importante objeto de estudo. A análise desse discurso pode revelar elementos importantes sobre a Política Externa Brasileira naquele ano e a sua percepção internacional.

Com base nessa prerrogativa, este item tem como objetivo analisar o discurso do Presidente Bolsonaro durante o Fórum Econômico Mundial, a partir dos elementos da lente teórica de Bakhtin e do Círculo. O objetivo é apreender as possíveis construções discursivas da Política Externa Brasileira presentes nesse discurso, bem como sua recepção pelos interlocutores estrangeiros. Dessa forma, busca-se contribuir para a compreensão dos desafios e oportunidades da política externa brasileira no cenário internacional.

O evento de Davos reúne líderes mundiais e representantes de empresas e organizações internacionais, constitui uma plataforma importante para discussões sobre questões econômicas e sociais globais. Durante seu discurso, Bolsonaro destacou a importância da retomada do crescimento econômico brasileiro e ressaltou a necessidade de estreitar laços com outros países para viabilizar a implementação de políticas públicas e projetos de investimento. Além disso, o presidente destacou a necessidade de aprimorar a segurança pública, investir em educação e tecnologia, e preservar o meio ambiente.

O líder do Estado brasileiro começa seu discurso criticando a esquerda política no Brasil e defendendo a importância da família. O pronunciamento dura 6 minutos e 40 segundos, não é baseado em dados concretos e não oferece detalhes sobre seus planos para mudar o país. No entanto, sua premissa é a de propagar um Estado ideal capaz de atrair investimentos de países com economias fortes e desvincular a PEB de qualquer inclinação ideológica, ainda que isso seja ideológico em essência.

Dentre os principais pontos do pronunciamento do então presidente, pode-se comentar:

- i) Destacou a necessidade de uma economia aberta e neoliberal, com menos intervenção do Estado, burocracia e impostos. Ressaltou que seu governo trabalhará para estabelecer um ambiente favorável aos negócios e à inovação,

atraindo investimentos estrangeiros e promovendo o comércio exterior. Observou que o Brasil possui vastos recursos naturais e uma população jovem e empreendedora.

- ii) Ressaltou a importância da segurança pública, da redução da criminalidade e do combate ao crime organizado. Afirmou que seu governo está comprometido em proteger a vida, a propriedade e a liberdade dos brasileiros, e que está adotando medidas concretas para melhorar a segurança pública no país.
- iii) Enfatizou a importância da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável. Afirmou que o Brasil é um país comprometido com a proteção do meio ambiente, e que seu governo buscará encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental.
- iv) Reforçou o compromisso do Brasil com a democracia e os direitos humanos. Afirmou que seu governo respeita a liberdade de imprensa, a independência dos poderes e os direitos individuais, e que está comprometido em combater a corrupção e a impunidade. No geral, o discurso de Bolsonaro em Davos enfatizou a visão de seu governo para o Brasil como um país aberto, seguro, próspero, ambientalmente responsável e comprometido com a democracia e os “verdadeiros” direitos humanos.

No geral, o discurso de Bolsonaro em Davos enfatizou a visão de seu governo para o Brasil como um país aberto, seguro, próspero, ambientalmente responsável e comprometido com a democracia e os direitos humanos. Neste momento, serão tecidas análises de alguns fragmentos do pronunciamento:

[Excerto 01]

Pela primeira vez no Brasil um presidente montou uma equipe de ministros qualificados. Honrando o compromisso de campanha, não aceitando ingerências político-partidárias que, no passado, apenas geraram ineficiência do Estado e corrupção.

(...)

Queremos governar pelo exemplo e que o mundo restabeleça a confiança que sempre teve em nós.

(*T_05 *E_BOL – Apêndice A).

O excerto 01 destaca a formação de uma equipe de ministros qualificados e a recusa a ingerências político-partidárias. Porém, sabe-se que é impossível haver escolha de ministros sem critério político, pois a gestão pública é essencialmente baseada em posições políticas, independentemente das questões técnicas. Ao enfatizar que sua equipe ministerial é qualificada, Bolsonaro está tentando mostrar que seu governo tem uma abordagem técnica e está baseada em competência, e ocultando o caráter inerente a gestão de formar equipes a partir de indicações políticas. Isso pode ser visto como uma resposta as críticas de que seu governo seria formado por aliados políticos sem experiência nas áreas que eles estão encarregados de liderar.

Além disso, o presidente menciona a importância de evitar ingerências político-partidárias no governo. Ele sugere que governos anteriores foram ineficientes e corruptos porque os líderes dos partidos políticos interferiram nas decisões do governo em vez de permitir que os líderes escolhidos tomassem as decisões com base em mérito e competência.

No entanto, é importante notar que, desde o discurso de 2019, o governo Bolsonaro enfrentou críticas sobre a nomeação de ministros com laços políticos e o envolvimento de políticos no processo de tomada de decisão do governo. Portanto, o discurso de Bolsonaro em Davos pode ser visto como um esforço para estabelecer uma narrativa sobre seu governo, mas não necessariamente refletiu a realidade que se sucedeu. Ao afirmar que “queremos governar pelo exemplo e que o mundo restabeleça a confiança que sempre teve em nós”, o líder do Estado enuncia uma contradição: se o governo que agora começa, pela primeira vez monta uma equipe de ministros competentes, inicia uma PEB inédita, promove os verdadeiros Direitos Humanos e pela primeira vez combate a corrupção, como é possível que o mundo “restabeleça a confiança que sempre teve em nós”? Ora, se o passado era tão ruim, de onde vem essa confiança de sempre?

Em relação ao Excerto 02, em que ele afirma "vamos defender a família e os verdadeiros direitos humanos" (*T_05 *E_BOL – Apêndice A) o fragmento pode ser interpretado como uma defesa da família tradicional, pois o termo "família" é frequentemente utilizado por grupos conservadores e religiosos para se referir à família tradicional, composta por pai, mãe e filhos. Nesse sentido, a defesa da família pode ser interpretada como uma postura conservadora-reacionária em relação a questões de gênero, sexualidade e papel social das mulheres. Ao enunciar a defesa dos “verdadeiros”

direitos humanos, fica implícito que há outros direitos humanos (aqueles não verdadeiros) que não devem ser levados em conta.

No que concerne aos verdadeiros direitos humanos, essa parte do enunciado pode ser interpretada de diversas maneiras, mas em geral é possível afirmar que Bolsonaro está se contrapondo a uma suposta agenda "globalista" (SZWAKO, MILANI, 2022) que, segundo ele, estaria impondo uma série de valores e direitos humanos que não condizem com a realidade brasileira. Em outras palavras, Bolsonaro estaria defendendo outra visão em relação aos direitos humanos. Porém, é importante lembrar que os direitos humanos são universais e devem ser respeitados em qualquer lugar do mundo. Além disso, é necessário lembrar que a defesa dos direitos humanos não é uma escolha ideológica, mas deveria ser uma obrigação ética e legal para todos os governos.

Durante toda a campanha eleitoral e ao longo do ano de 2019, o presidente Jair Bolsonaro frequentemente utilizou referências religiosas em seus discursos e declarações, muitas vezes citando a frase "Deus acima de tudo, Brasil acima de todos", que se tornou um lema de sua campanha eleitoral e o lema do seu governo. O bordão "Deus acima de tudo, Brasil acima de todos" pode ser analisado a partir das vertentes religiosa, política e histórica.

Do ponto de vista religioso, o lema pode ser visto como uma tentativa de associar a figura de Deus ao projeto político do governo. Isso pode ser problemático por vários motivos. Primeiro, porque a religião deve ser um assunto pessoal e privado, e não um elemento legitimador do poder político. Segundo, porque a associação entre religião e política pode levar à intolerância e à exclusão de grupos que não compartilham da mesma fé. Terceiro, porque a identificação entre Deus e um projeto político específico pode levar à suposição de que aqueles que se opõem ao governo são, de alguma forma, inimigos de Deus. Isso pode levar a uma polarização ainda maior na sociedade e à erosão do diálogo e da cooperação entre diferentes grupos.

No que diz respeito à política, o lema pode ser visto como uma afirmação de que os interesses do Brasil estão acima de tudo e de todos. Isso pode ser visto como uma posição nacionalista e patriótica, que busca proteger e promover os interesses do país. No entanto, esse tipo de discurso também pode ser problemático, especialmente quando usado de forma exclusivista e excludente. Se o Brasil estiver acima de tudo e de todos, isso pode levar à suposição de que outros países e povos são inferiores e devem ser

subordinados aos interesses brasileiros. Isso pode levar a conflitos internacionais e prejudicar a cooperação e o entendimento entre diferentes nações.

Conforme já destacado no primeiro capítulo dessa dissertação, dedicado à construção do embasamento teórico, O Círculo de Bakhtin é uma corrente teórica que enfatiza a importância do dialogismo na compreensão da linguagem e da cultura e todo discurso é permeado por vozes e influências de outros discursos e contextos, o que torna o diálogo um processo fundamental para a construção de significados. No caso do bordão "Brasil acima de todos" de Bolsonaro, é possível identificar diversas possibilidades de dialogismo com a História brasileira.

De maneira geral, esse bordão busca exaltar a ideia de que o Brasil deve ser priorizado em relação a outros países e interesses, o que pode ser interpretado como uma postura nacionalista. Essa postura, por sua vez, tem raízes históricas profundas no Brasil. Desde o período colonial, os brasileiros lutaram para se afirmar como uma nação independente e distinta de Portugal, seu colonizador. O movimento de independência liderado por Dom Pedro I, em 1822, é um exemplo desse esforço de construção de uma identidade nacional. Ao longo da História do Brasil, diversos movimentos nacionalistas e patrióticos também surgiram como, por exemplo, a campanha "O petróleo é nosso" na década de 1950, que defendia a nacionalização da exploração do petróleo no país. Esses movimentos buscavam afirmar a soberania e a independência do Brasil em relação a outras nações e interesses estrangeiros.

Como abordado no parágrafo anterior, a compreensão, nesta dissertação, do discurso da PEB se relaciona com o Nacionalismo. Neste sentido, cabe ressaltar a visão de Rouanet (1997), é importante reconhecer que as nações não surgem espontaneamente, mas são fruto de um processo de construção. Logo, ao abordar a temática nacional, é fundamental ter em mente que se trata de uma construção cultural. No que se refere ao contexto latino-americano, Ianni (1988) destaca que alguns dos temas mais relevantes abordados na história e pensamento latino-americanos questionam as raízes, mudanças, crises e desafios da sociedade nacional e do Estado-nação.

A obra organizada por Balakrishnan (2000), aborda o tema do nacionalismo de forma abrangente, explorando diferentes perspectivas teóricas e históricas. Logo na introdução do livro, Anderson (2000) argumenta ser difícil encontrar outro fenômeno político tão fascinante quanto o nacionalismo e que, apesar da discussão existir há pelo menos dois séculos, não há uma definição amplamente aceita para o nacionalismo e nem

consenso sobre suas origens e seu futuro. Diante da falta de um consenso analítico sobre a questão nacional, é importante destacar que muitos pontos ainda permanecem em aberto. Por isso, é preciso salientar que – por questões de tempo e espaço - o presente estudo não tem a intenção de aprofundar o debate.

Verdery (2000) apresenta a definição de nação como um construto ideológico fundamental para a conexão entre o Estado e seus membros, além de servir para distingui-los dos membros de outros Estados. Ela ressalta que, como símbolo, o significado do termo é instável e seu uso exige uma análise cuidadosa das tensões e conflitos sociais que moldam seu sentido. A partir dos dois sentidos identificados por Eric Hobsbawm para o termo "nação" - (a) a relação de cidadania, na qual a soberania é coletiva, e (b) a relação étnica, que engloba todos aqueles que compartilham uma língua e uma história comuns - , a antropóloga argumenta que os nacionalismos modernos têm se baseado principalmente na última relação. No entanto, ela adverte que confundir os dois conceitos é um erro, uma vez que a nação deve ser tratada como um símbolo e qualquer forma de nacionalismo tem múltiplos significados, que são oferecidos como alternativas e disputados por diferentes grupos que buscam controlar a definição do símbolo e seus efeitos legitimadores (CARVALHO, 2016).

O nacionalismo pode ser entendido como uma ideologia que enfatiza a importância da identidade nacional e da soberania do Estado em relação a outros Estados. O nacionalismo pode assumir diferentes formas, desde o nacionalismo étnico, que se baseia na identidade cultural, até o nacionalismo cívico, que se baseia em valores políticos compartilhados. No contexto brasileiro, o nacionalismo tem sido uma questão central na política externa do país. Desde o período colonial, o Brasil tem lutado para afirmar sua identidade e sua autonomia em relação aos países europeus dominantes. Esse processo continuou ao longo do século XX, quando o Brasil se tornou um importante ator no cenário internacional e buscou afirmar sua influência na América Latina e em outras regiões.

No entanto, o nacionalismo brasileiro também enfrentou desafios e contradições. Por exemplo, o Brasil tem uma longa história de relações comerciais e políticas com os Estados Unidos e outros países ocidentais, o que pode levar a tensões entre a afirmação da identidade nacional e a dependência econômica externa. Além disso, o nacionalismo muitas vezes se relaciona com outros temas controversos, como a defesa dos direitos indígenas e a integração regional.

Cabe também destacar a proximidade semântica entre "Brasil acima de todos" e "Brasil acima de tudo" do movimento integralista de Plínio Salgado (BARBOSA, 2012) e/ou da narrativa de construção da identidade do combate paraquedista do exército brasileiro (BRUNO, 2010; VIANA, 2020):

No Brasil, surgiram algumas pequenas organizações fascistas na década de 1920. Um movimento expressivo nasceu nos anos de 1930, quando em outubro de 1932, logo após a Revolução Constitucionalista, Plínio Salgado e outros intelectuais fundaram em São Paulo a Ação Integralista Brasileira (AIB) (FAUSTO, 2015, p. 301).

O movimento integralista buscava criar um Estado autoritário, baseado em princípios nacionalistas, anticomunistas e antiliberais; defendia a união entre todas as classes sociais em torno de um projeto nacional, inspirado na ideologia fascista europeia; pregava a rejeição de influências estrangeiras, a promoção da cultura nacional, o corporativismo e o antisemitismo. Fausto (2015) destaca que o integralismo enfatizava principalmente a valorização espiritual da nação, fundamentada em princípios unificadores. O lema do movimento era "Deus, Pátria e Família".

O integralismo se destacou pela habilidade em empregar rituais e símbolos, tais como a adoração ao líder nacional, as cerimônias de adesão e os desfiles dos "camisas-verdes" que ostentavam braçadeiras com a letra grega sigma (Σ), simbolizando a soma matemática. No contexto desta dissertação, o movimento integralista pode ser relevante como um exemplo histórico de nacionalismo extremo no Brasil e como uma referência para a análise das posições ideológicas em relação à política externa brasileira de 2019, conforme será explorado no próximo capítulo.

No entanto, é importante destacar que o diálogo não se dá apenas entre o bordão de Bolsonaro e a História brasileira. É possível identificar outras vozes e contextos que também influenciam o significado desse bordão, como a política contemporânea e as ideologias da direita. O bordão "Brasil acima de todos" pode ser interpretado como uma expressão de nacionalismo extremo e xenofobia, que desconsidera a importância da cooperação e do diálogo entre as nações. Nesse sentido, é possível identificar vozes e discursos que se opõem a essa postura, como o internacionalismo e o multiculturalismo.

O lema do governo Bolsonaro, "Deus acima de tudo, Brasil acima de todos", pode ser considerado problemático por sua associação entre religião e política por sua posição nacionalista exclusivista. Essas referências religiosas foram utilizadas em diferentes

contextos, desde a defesa de pautas conservadoras até a promoção de políticas públicas, como a valorização da família e o “combate” à corrupção. Bolsonaro também frequentemente afirmou que o Brasil é um país cristão e que é importante preservar seus valores e tradições religiosas.

Porém, essa abordagem religiosa de Bolsonaro não foi unânime e gerou controvérsias, especialmente entre grupos que defendem a laicidade do Estado e a separação entre religião e política. Alguns argumentam que o uso constante de referências religiosas pode ser visto como uma tentativa de instrumentalizar a religião para fins políticos, o que pode ser prejudicial para a democracia e a diversidade religiosa do país.

Além disso, algumas das políticas promovidas pelo governo Bolsonaro também geraram críticas por parte de lideranças religiosas, especialmente em relação à questão indígena e ao meio ambiente. Várias organizações religiosas e líderes religiosos se posicionaram contra a política de exploração econômica das terras indígenas e a flexibilização das leis ambientais promovidas pelo governo Bolsonaro, argumentando que essas medidas ferem os valores de cuidado com a criação e a proteção dos direitos humanos. Dentre elas, pode-se citar: i) o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC); ii) a Comissão Pastoral da Terra (CPT); iii) Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

É curioso notar que na finalização do pronunciamento em Davos, Bolsonaro omite a parte do “Brasil acima de todos” de seu bordão, enunciando apenas “Deus acima de tudo”. Uma possível explicação para a omissão é que Bolsonaro tenha sentido a necessidade de adaptar seu discurso ao público internacional, evitando frases que pudessem ser mal interpretadas ou interpretadas de maneira negativa. O lema “Brasil acima de tudo” poderia ser percebido como nacionalista e xenófobo, o que poderia prejudicar a imagem do Brasil no exterior. Já a frase “Deus acima de tudo” é mais genérica e pode ser interpretada como uma afirmação da fé pessoal de Bolsonaro, sem necessariamente ter uma conotação política. Outra possibilidade é que Bolsonaro tenha percebido que a retórica nacionalista e patriótica que caracterizou sua campanha eleitoral não é tão bem-vista no exterior como é no Brasil. O presidente pode ter optado por adotar uma abordagem mais moderada e menos polarizadora em seu discurso em Davos para evitar controvérsias desnecessárias.

O discurso de Bolsonaro em Davos pode ser visto como um resumo de suas principais ideias e intenções políticas para o Brasil e o mundo e apresenta implicações

ideológicas relacionadas ao nacionalismo, ao neoliberalismo econômico e à conservação dos valores tradicionais. Ele enfatiza a importância de um novo Brasil que está sendo construído, com destaque para a equipe de ministros qualificados, a segurança pública, a preservação do meio ambiente, a agricultura e a pecuária, além da abertura da economia e das relações comerciais.

Bolsonaro defende a ideia de que o Brasil é um país único, com recursos naturais abundantes, e que deve ser protegido contra influências ideológicas estrangeiras. Ele também enfatiza a importância da família e dos direitos humanos tradicionais, como o direito à vida e à propriedade privada. Além disso, ele promete reduzir a carga tributária e simplificar as normas para facilitar a vida de quem deseja empreender e investir, bem como privatizar e equilibrar as contas públicas. No geral, o discurso de Bolsonaro pode ser visto como uma mistura de nacionalismo, liberalismo econômico e conservadorismo, com ênfase na proteção dos valores tradicionais e na promoção do desenvolvimento econômico.

2.3 O negacionismo³³ no discurso inaugural de Bolsonaro no exterior

[Excerto 03]

Nossas relações internacionais serão dinamizadas pelo ministro Ernesto Araújo, implementando uma política na qual o viés ideológico deixará de existir. (*T_05 *E_BOL – Apêndice A).

Em relação ao excerto 03, surgem diversos questionamentos que merecem ser explorados. Por exemplo, qual ideologia está implícita neste discurso de aparente isenção ideológica? Além disso, é possível que existam não ditos por trás do que foi expresso pelo presidente Bolsonaro em Davos. É importante, ainda, destacar que a fala do presidente sugere a possibilidade de adotar uma abordagem mais pragmática e menos ideológica no que diz respeito às relações internacionais do Brasil.

Ao proferir tal afirmação, o então presidente sugere a adoção de uma abordagem nas decisões e parcerias internacionais que seja baseada em interesses mútuos e objetivos concretos, em vez de afinidades ideológicas. Esse posicionamento pode ser interpretado

³³ Conforme explicado ao longo dessa dissertação, negacionismo é um fenômeno que consiste em negar, minimizar ou distorcer fatos históricos, científicos e sociais, muitas vezes com o intuito de justificar ideologias ou comportamentos controversos e perpetuar preconceitos e discriminações. O termo é frequentemente utilizado em relação a negações do Holocausto, da escravidão, do racismo estrutural e das mudanças climáticas, entre outros temas sensíveis (SZWAKO, J.; RATTON, 2022).

como uma discordância em relação à política externa adotada pelo governo anterior, liderado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil, com a presidência de Dilma Rousseff (2011-2016) e, anteriormente, de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), que frequentemente foi objeto de críticas por adotar uma postura ideológica em suas relações internacionais, favorecendo países de esquerda em detrimento de países conservadores³⁴. É importante destacar que o presidente Bolsonaro optou por alinhar-se ideologicamente ao governo Trump, dos Estados Unidos, sem que tal alinhamento tenha resultado em qualquer contrapartida para o Brasil³⁵.

No entanto, é importante ressaltar que a frase em si é um pouco contraditória e não deixa clara como exatamente a política externa será dinamizada. Além disso, o próprio Bolsonaro tem uma posição ideológica clara, o que pode ser um obstáculo para a efetiva implementação de uma política externa pragmática e desideologizada que sabemos ser impossível, já que toda política se inscreve em determinada linha ideológica.

Uma política externa pragmática e desideologizada se baseia (ou deveria se basear) na busca de interesses nacionais concretos e objetivos tangíveis, em vez de ser guiada principalmente por afinidades ideológicas. Nesse contexto, a abordagem pragmática visa estabelecer relações e parcerias com base em benefícios mútuos, considerando os aspectos econômicos, comerciais e estratégicos. Uma política externa pragmática e desideologizada busca priorizar os interesses do país, avaliando as oportunidades e desafios presentes no cenário internacional de maneira objetiva e

³⁴ Durante o período de governança do PT, houve críticas de que a PEB favorecia países de esquerda em detrimento de países considerados conservadores. Alguns exemplos de países de esquerda que foram frequentemente mencionados como beneficiados pela gestão do PT incluem: i) Venezuela: o governo brasileiro manteve relações próximas com o regime do então presidente venezuelano, Hugo Chávez, e posteriormente com Nicolás Maduro. Essas relações foram alvo de críticas por parte de grupos que se opunham ao governo do PT; ii) Cuba: o governo brasileiro desenvolveu laços estreitos com o regime cubano, incluindo parcerias comerciais e programas de cooperação em áreas como saúde e educação. Essas relações também foram alvo de críticas, especialmente de setores mais conservadores; iii) Bolívia: durante o governo do PT, o Brasil manteve uma relação próxima com o governo do então presidente boliviano, Evo Morales, que era considerado um líder de esquerda. Essa proximidade também foi alvo de críticas, principalmente devido a questões relacionadas à política energética e ao setor de hidrocarbonetos.

³⁵ “No período de Araújo, o Brasil também prorrogou a isenção do imposto de importação sobre o etanol americano e estendeu, sem contrapartida, a isenção de visto para cidadãos dos Estados Unidos. Já Trump, preocupado com a reeleição, agiu na contramão e anunciou barreiras ao aço brasileiro. (...) O alinhamento deliberado a Trump também representou um princípio de crise diplomática com a China. Já nos primeiros meses de governo, Araújo chegou a dizer que o Brasil ‘não iria vender sua alma para exportar soja e minério de ferro’. O então chanceler também fez o possível para atender os interesses americanos e impor restrições aos asiáticos no leilão da tecnologia 5G de telefonia móvel. Bolsonaro acabou sendo convencido a não ir adiante” (CAMAROTTO, 2012, s.p.).

racional. Isso implica em colocar de lado uma postura ideológica rígida que pode influenciar negativamente as relações com outros países.

No caso específico do pronunciamento de Bolsonaro em Davos, em 2019, ao mencionar a adoção de uma política externa pragmática e desideologizada, o presidente sugere que o Brasil buscará parcerias e relações comerciais com base em critérios econômicos e de interesse nacional, em vez de ser guiado por preferências ideológicas. Essa postura busca estabelecer relações com uma gama mais ampla de países, independentemente de sua orientação política, desde que haja vantagens claras para o Brasil. É importante ressaltar que, na prática, é impossível alcançar uma completa ausência de ideologia na política externa, uma vez que os valores e interesses de um país são moldados por suas convicções políticas e ideológicas.

Na declaração, o enunciador sugere que sua abordagem será livre de qualquer ideologia política ou partidária, buscando uma postura imparcial e objetiva. No entanto, essa afirmação pode esconder uma ideologia subjacente, especialmente se considerarmos o cronotopo (contexto político, social e econômico) em que ela é enunciada. Por exemplo, uma possível ideologia que poderia estar oculta nas entrelinhas deste discurso é o neoliberalismo, que promove uma economia de mercado livre, desregulamentação e privatização. Uma abordagem internacional que não leve em consideração as questões políticas e sociais subjacentes, mas apenas as forças de mercado, pode ser vista como uma postura neoliberal.

Além disso, ao tecer o pronunciamento, o enunciador pode estar ignorando ou minimizando questões políticas e sociais importantes que afetam as relações internacionais, como a desigualdade, a discriminação, a opressão e a violência. Ao não levar em conta esses fatores, uma política internacional supostamente "isenta de ideologia" pode perpetuar ou mesmo agravar essas questões.

No que diz respeito ao negacionismo, quando o chefe de Estado enuncia, num evento internacional, que as "nossas relações internacionais serão dinamizadas pelo ministro Ernesto Araújo, implementando uma política na qual o viés ideológico deixará de existir", é possível se questionar quais seriam as ideologias ocultadas por trás do discurso de isenção ideológica? O então presidente do Brasil se coloca no lugar de enunciador de um discurso que advoga por uma PEB isenta de ideologia. Porém, sabemos que isso é impossível.

Nosso próprio presidente, a partir de seu nascimento social, é – por si só – socioideológico. Bakhtin (2006) nos apresenta que todo homem passa por dois nascimentos: um físico e outro social. Para o filósofo, “o indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social (p. 11)”. O pensador russo argumenta que nascer fisicamente não é o suficiente para fazer parte da história: “o homem não nasce como organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o primordial” (BAKHTIN, 2006, p. 11). Assim sendo, é necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social: “ele nasce como russo ou francês e, por último, nasce em 1800 ou 1900. Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo de criação da vida e da cultura” (BAKHTIN, 2006, p. 11).

Neste sentido, Volóchinov (2017) complementa:

o indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos e, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico (p. 58).

Sabe-se, com Bakhtin e o Círculo, que todo signo é ideológico: “seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas” (MIOTELLO, 2017, p. 170). Neste sentido, Miotello (2017) argumenta que “o ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio historicamente” (p. 170).

Ao optar pelo negacionismo, o presidente nega a realidade com o objetivo de valorar ideologia como algo negativo e não como elemento constituinte das relações sociais. Afirmar que a PEB do seu governo não será ideológica, implica dizer que a dos governos anteriores assim o eram e que isso era ruim. Na relação entre a ideologia e a linguagem se dá a postulação axiológica dos discursos, razão pela qual não percebemos qualquer tipo de neutralidade discursiva, porque o que se verifica é seu oposto, ou seja, na língua, no seu plano discursivo, o que se tem é um posicionamento social por meio da materialização do plano discursivo, dimensão em que podemos avaliar as concepções de mundo envolvidas por meio da análise crítica, o que vimos executando até o presente.

Faraco (2009), leitor brasileiro do Círculo de Bakhtin, ressalta que todos os enunciados são considerados ideológicos, ou seja, não existe um enunciado que não seja

influenciado por uma ideologia. Essa ideologia pode estar presente em diferentes esferas e o enunciado sempre expressará uma posição avaliativa. A respeito dessa temática, O Círculo de Bakhtin explica a forma como se dá valoração ideológica por meio da operacionalidade da língua:

Cumpra ainda acrescentar aqui uma observação extremamente importante: a consciência linguística dos sujeitos falantes não tem o que fazer com a forma linguística enquanto tal, nem com a própria língua como tal. De fato, a forma linguística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96, grifos do autor).

Ao enunciar, no pronunciamento em Davos, que na PEB do seu governo, a partir do Ministro Araújo, seria isenta de viés ideológico, Bolsonaro dialogou com sua compreensão particular e própria do termo ideologia: durante o seu governo, o ex-presidente frequentemente teceu críticas ao que ele chamou de "ideologia" ou "ideologia de esquerda". Sua concepção sobre o termo foi geralmente associada a uma visão negativa, na qual ele argumenta que certas ideologias políticas têm influenciado negativamente a sociedade brasileira, promovendo uma agenda que, segundo ele, seria contrária aos valores conservadores e nacionalistas. O ex-presidente costumou criticar ideologias como o marxismo, o comunismo, o socialismo e o progressismo, considerando-as responsáveis por problemas sociais, econômicos e morais no Brasil. Diversas vezes, ele afirmou que essas ideologias teriam dominado instituições como a educação, a cultura, a imprensa e os órgãos estatais, e que isso teria levado a um enfraquecimento dos valores tradicionais e à promoção de pautas que ele considera contrárias aos interesses da nação.

O ex-presidente defendeu uma abordagem pragmática e desideologizada, na qual as políticas públicas seriam orientadas por critérios técnicos e voltadas para o desenvolvimento econômico, a segurança, a moralidade e a preservação dos valores conservadores, criticou várias vezes a suposta influência ideológica nas decisões governamentais e prometeu uma gestão que colocasse o "Brasil acima de tudo". Aquilo que seria da ordem natural do uso da linguagem: a de ser ideológica por natureza, foi

colocado numa esfera semântica que sugerisse, por exemplo, a sociedade entender o ideológico como algo errôneo e prejudicial, que fere a princípios de correção e ética. A concepção de linguagem enquanto ideológica evidencia que, como sujeitos sociais que somos, nos filiamos às instituições, crenças e valores que nos constituem, nos situam e nos demarcam em sociedade.

O conceito de ideologia é abordado de maneiras distintas pelo Círculo de Bakhtin e para pensadores brasileiros contemporâneos como Lilia Schwarcz e Marilena Chauí em contraposição à Bolsonaro. Enquanto o Círculo de Bakhtin, Lilia Schwarcz e Marilena Chauí apresentam perspectivas mais críticas e complexas sobre a ideologia, Bolsonaro parece ter uma visão simplificada e reducionista. Para o Círculo de Bakhtin, a ideologia é compreendida como um fenômeno social e discursivo. Eles destacam a natureza dialógica da linguagem, em que os significados e sentidos são construídos nas interações sociais e nos diferentes contextos em que ocorrem. Nessa perspectiva, a ideologia está relacionada aos valores, crenças e visões de mundo que são transmitidos e negociados por meio da linguagem. A ideologia é entendida como uma construção social que reflete a diversidade de vozes e discursos presentes na sociedade.

Schwarcz (1993; 1996; 1998), em suas análises sobre a história e a sociedade brasileira, aborda a ideologia como um conjunto de ideias e representações que moldam as percepções e as relações de poder em determinado contexto. Ela examina como a ideologia influencia a construção de identidades, a hierarquia social e as desigualdades estruturais. Schwarcz considera importante analisar as ideologias presentes na sociedade, questionar seus fundamentos e compreender como elas operam para perpetuar relações de dominação ou resistência. Chauí (2014; 2016), por sua vez, destaca que a ideologia está presente em todas as dimensões da vida social, desde a política até a cultura, a religião e a educação. Ela argumenta que a ideologia não se restringe apenas a uma falsa consciência, mas também engloba uma forma de pensar, de perceber e de agir que é influenciada pelas estruturas de poder. Chauí enfatiza a importância de desvelar as ideologias presentes na sociedade para compreender as relações de dominação e opressão, bem como para promover a transformação social.

Em contrapartida, Bolsonaro parece adotar uma visão simplista e reducionista do conceito de ideologia. Ele frequentemente utiliza o termo "ideologia" de forma pejorativa, associando-o a uma suposta manipulação da realidade e a um conjunto de ideias que considera contrárias aos seus próprios valores e interesses. No entanto, sua abordagem

parece ignorar a complexidade e a influência das ideologias na sociedade, reduzindo o conceito a uma dicotomia simplista de "nós versus eles". Essas diferentes perspectivas sobre o conceito de ideologia refletem abordagens teóricas e políticas distintas. Enquanto o Círculo de Bakhtin, Lilia Schwarcz e Marilena Chauí apresentam análises críticas e contextualizadas, buscando compreender as relações de poder e as formas de dominação presentes na sociedade, Bolsonaro parece adotar uma postura mais simplista e polarizada, limitando a discussão sobre ideologia a um embate ideológico superficial.

Bolsonaro e seus apoiadores criticaram severamente, por exemplo, as políticas de expansão educacional, em nível superior e técnico-profissionalizante, fortemente presentes nos governos Lula (2003 – 2010) e Dilma Rousseff (2011 - 2016), bem como disseminaram a concepção de que a educação não abriria mais espaço ao que eles denominaram “ideologia de gênero” (SOUZA *et. al.*, 2020). Em vista dos discursos analisados nesta dissertação de mestrado, a forma atual da PEB situa-se em um afã que tenta apresentar-se em uma vã neutralidade, o que de fato só acentua seu posicionamento na medida em que se esforça por se dissimular como não posicionada com certo conjunto valorativo de mundo e da própria forma de conceber a relação entre pessoas e povos. Lima (2019) apresenta:

[...] desarticula-se a ideia da neutralidade do enunciado, já que a tentativa de instaurar um discurso neutro é também uma posição avaliativa que serve às classes dominantes, com o objetivo de assegurar um sentido específico e determinado às palavras (LIMA, 2019, p. 45).

O negacionismo difundido a partir de enunciados concretos é feito a partir de um *locus* ancorado no tempo e no espaço (cronotopo), de forma a valorar determinado ponto de vista. Ou seja, trata-se de um discurso determinado pela ideologia. Acreditamos que o enunciador até pode ter em mente ser impossível um discurso isento ideologicamente, mas busca filiar-se ao campo comunicativo dos seus eleitores:

Como sentiam-se oprimidos por conceitos que não compreendiam, os bolsonaristas descobriram que poderiam dar às palavras o significado que lhes conviesse porque o grupo os respaldaria. E, graças às redes sociais, o grupo os respalda. O significado das palavras é dado pelo número de “curtir” nas redes sociais. Esvaziadas de conteúdo, história e consenso, esvaziadas até mesmo das contradições e das disputas, as palavras se tornaram gritos, força bruta” (BRUM, 2019, s.p.).

Brum (2019) argumenta que os apoiadores de Bolsonaro, sentindo-se inadequados diante da elite acadêmica que os desprezava, encontraram seus próprios intelectuais e foram acolhidos por eles. Olavo de Carvalho³⁶ (1947-2022) é um exemplo disso, tendo se tornado um autor popular (*best-seller*) e exercendo seu autodenominado "anarquismo" de forma intrigante³⁷. Embora Bolsonaro promova a "transformação", sua eleição se baseia na ilusão de um retorno ao passado. A jornalista e ativista destaca que a equipe Bolsonaro construiu consensos com os seus eleitores "prometendo" o passaporte de volta para o paraíso perdido: "Essa 'nova direita' compreende muito bem os anseios de uma parcela dos homens desesperados desse tempo" (s.p.). Na busca por filiar-se aos campos da comunicação discursiva daqueles que o elegeram, (re) produzindo uma visão que satisfizesse aos "anseios" dos seus eleitores, "os privilégios perdidos foram tachados de 'ideologia'" (s.p.):

Aqueles que ideologizam tudo, até mesmo a orientação sexual e a religião alheias, culpam a ideologia por tudo. Se não gostam dos fatos, como o aquecimento global, convertem-nos em "ideologia marxista". Transformam "politicamente correto" num palavrão. Qualquer limite se torna uma afronta à liberdade, em especial a liberdade de ser violento. Chamam todos aqueles que apontam a necessidade de limites de "comunistas" ou "esquerdistas", como se ambas as palavras significassem uma espécie de pecado capital (BRUM, 2019, s.p.).

Dessa forma, na busca por filiar-se aos campos discursivos e ideológicos daqueles que o elegeram, Bolsonaro promete o impossível: uma PEB divorciada de ideologias. Para isso, o chefe de Estado lança mão do negacionismo que, nos dias de hoje, se converteu em "uma modalidade discursiva, um modo de representação do passado e de percepção do presente" (ROUSSO, 2020, p. xiii).

³⁶ Olavo Luiz Pimentel de Carvalho (1947-2022), Olavo de Carvalho, escritor e polemista brasileiro, atuou como jornalista e astrólogo. Representante intelectual do conservadorismo no Brasil, considerado uma influência na extrema-direita brasileira. Ficou conhecido por sua rejeição ao "politicamente correto", suas teorias conspiratórias e informações incorretas foram amplamente divulgadas em suas publicações. Embora tenha alcançado sucesso de vendas em suas obras como, por exemplo "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota" (Record, 2013), que segundo a *Amazon* vendeu mais de 150 mil exemplares no Brasil, elas não tiveram impacto no meio acadêmico (SZWAKO, J.; RATTON, 2022).

³⁷ Wink (2022) argumenta que o sucesso do olavismo e a adoção do seu pensamento singular resultam de uma dupla negação conveniente: a negação da competência das instituições científicas e educacionais na produção e ensino de conhecimento, bem como a negação da complexidade dos fenômenos do mundo. Essas negações estão interligadas, pois se os cientistas devem se dedicar coletivamente à compreensão do mundo, reconhecendo as limitações de seu conhecimento e a relatividade temporal de suas descobertas, e se o mundo é complexo e diverso, então os cientistas devem ser considerados incompetentes. Para evitar essa incompetência, segundo Olavo de Carvalho, basta compreender o mínimo que ele descobriu em um sistema que se destaca por sua uniformidade, aplicabilidade e estabilidade, e assim não ser um idiota.

O termo "negacionismo" se refere à prática de negar ou minimizar fatos históricos, científicos ou políticos comprovados, e tem sido cada vez mais presente no discurso político mundial. No caso específico do nosso país, o negacionismo tem se manifestado em diversas áreas, como comprova o Dicionário dos Negacionismos no Brasil (SZWAKO; RATTON, 2022) e, em nossa pesquisa, incluímos a política externa.

Expressões destacadas dessa combinação de promessa de ordem e permanente produção do caos são os vários negacionismos que caracterizam a atuação de Bolsonaro. Negacionismo dos horrores da ditadura militar, da objetividade científica e jornalística, da confiabilidade das urnas eletrônicas de votação, da eficácia das vacinas e do distanciamento social contra a COVID-19, entre tantos outros. Bolsonaro 'nega' tudo o que faz parte do 'sistema', e o 'sistema', por sua vez, engloba todas as instituições: a mídia, a ciência e a tecnologia, a política, e assim por diante (NOBRE, 2022, p. 60).

Nobre (2022) adverte que não se deve interpretar os negacionismos de Bolsonaro como uma rejeição total da institucionalidade, e que também não é útil pensar que a simples "negação do negacionismo" é uma estratégia eficaz para combater o bolsonarismo. O autor argumenta que seria um equívoco acreditar que é possível e desejável retornar à situação anterior às revoltas de junho de 2013, quando as fraturas expostas da democracia brasileira foram reveladas.

O negacionismo bolsonarista pretende buscar e mesmo dispor da 'autêntica ciência', da 'verdadeira objetividade factual', da 'boa política', e assim por diante. Os negacionismos de Bolsonaro não se voltam contra essas instituições enquanto tais, mas contra a suposta perversão delas. (...). A democracia ela mesma seria a perversão, a origem e causa de todas as demais perversões. E, como tal, deveria ser, ela também, eliminada (NOBRE, 2022, p. 60).

Diante do objetivo dessa dissertação, de analisar os fios ideológicos que constituem, discursivamente (ou política discursiva), os enunciados da PEB e, portanto, compreender se e como o negacionismo tem sido utilizado como estratégia discursiva na Política Externa Brasileira, não damos conta, neste trabalho, em explorar as possíveis implicações políticas e diplomáticas do uso de discursos negacionistas no cenário internacional, mas sabemos que isso pode afetar as relações do país com outros atores internacionais.

Trabalhos como o dossiê organizado por Valim, Avelar e Bevernage (2021) apontam perspectivas de pesquisa a respeito do negacionismo a partir da História e da Historiografia. Os autores historicizam o fenômeno do negacionismo, ao longo do tempo, “destacando suas permanências, tensões, cisões e rupturas” (p. 14) e alertam estarmos diante de “um processo em movimento, em contínua reconfiguração” (p. 14) e que tem assumido, em diversos lugares “os contornos de uma forma específica – negacionista - de governamentalidade da vida política” (p. 14).

Parece-nos adequado pensar o negacionismo histórico como o elemento estruturante de uma certa governamentalidade contemporânea, compreendida, em termos foucaultianos, como um conjunto de instituições, procedimentos, análises e táticas que adquirem sentido e forma quando articuladas pelo negacionismo histórico” (VALIM; AVELAR, 2020, s.p.).

Dado que a nossa relação com o mundo não é direta, mas mediada na e pela linguagem, torna-se fundamental analisar os pronunciamentos oficiais como forma de compreender os discursos da PEB. O *corpus* de pesquisa tem diversos excertos que podem ser apresentados como exemplos negacionismo (ideológico) no discurso da PEB de 2019, nos quais o que seria normal do uso da linguagem, ser ideológica por natureza, é colocado numa esfera semântica que negativa o conceito de ideológico, como se fosse algo errôneo e prejudicial, que fere a princípios de correção e ética.

[...] a forma linguística é dada ao falante (...) apenas no contexto de certos enunciados e, portanto, apenas em um determinado contexto ideológico. Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mau, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (...) A língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181).

A prática negacionista de Jair Bolsonaro não é uma exclusividade do discurso proferido em Davos. Nascimento et al. (2018) destacam ser impossível dissociar a persona política do presidente do negacionismo/revisionismo ideológico da ditadura brasileira. Valim, Avelar e Bevernage (2021, p. 25) acrescentam que o negacionismo do

governo foi, de forma trágica, espetacularizado ao longo da pandemia do COVID-19³⁸, dando forma a uma “lógica de negação que antecede e extrapola a dimensão sanitária e se realiza, em nosso tempo presente, sob a forma de uma governamentalidade”, compreendida por Valim e Avelar (2020, s.p.) como “um conjunto de instituições, procedimentos, análises, e táticas que adquirem sentido e forma quando articulados pelo negacionismo histórico”.

No campo das mudanças climáticas e em relação à pandemia de COVID-19 o discurso negacionista de Bolsonaro apresentou várias ameaças para a PEB. Algumas delas incluíram:

- i) Isolamento diplomático³⁹: Bolsonaro enfrentou críticas internacionais por sua postura em relação à pandemia e ao meio ambiente, o que em alguns momentos representou no isolamento diplomático em relação a outros países que levavam essas questões mais a sério (SARAIVA; SILVA, 2019; HIRST; MACIEL, 2022).
- ii) Atraso na agenda ambiental: a postura negacionista do governo Bolsonaro em relação às mudanças climáticas atrasou a agenda ambiental do Brasil no cenário internacional, comprometendo acordos internacionais e negociações futuras (HIRST; MACIEL, 2022).
- iii) Prejuízos econômicos: a imagem do Brasil ficou prejudicada no mercado internacional, já que a postura negacionista do governo afetou a confiança de investidores e parceiros comerciais em relação ao país (BARROS, 2020).
- iv) Dificuldades na cooperação internacional: a postura negacionista de Bolsonaro dificultou a cooperação internacional em áreas como a saúde pública e o meio ambiente, prejudicando o país em relação a iniciativas conjuntas de combate a crises globais (HIRST; MACIEL, 2022).

³⁸ “A Organização Mundial de Saúde – OMS, em 12 de março de 2020, fez saber a todas as civilizações do planeta que, coletivamente, vivia-se uma pandemia denominada de “*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus-2*” (SARS-CoV-2). A doença trouxe o maior problema de saúde pública no mundo atual e seus reflexos foram percebidos em áreas importantes da sociedade. O novo coronavírus desencadeia uma crise multidimensional, de ampla envergadura sanitária, humanitária, política, econômica e educacional” (BRENNAND, 2022, p. 9).

³⁹ “Os quatro anos de Jair Bolsonaro mergulharam o Brasil em um nível de isolamento inédito na história recente do país. A política externa teve a marca do ex-chanceler Ernesto Araújo, diplomata que foi alçado ao comando do Itamaraty e que liderou a agenda antiglobalista responsável por rebaixar o Brasil a pária internacional - posição da qual o próprio disse ter orgulho” (CAMAROTTO, 2012, s.p.).

- v) Fragilização da imagem internacional do Brasil: a postura negacionista de Bolsonaro fragilizou a imagem do Brasil no cenário internacional, prejudicando a capacidade do país de influenciar decisões importantes em fóruns internacionais e reduzindo sua relevância geopolítica (BARROS, 2020; HIRST; MACIEL, 2022).

Uma vez apresentadas as reflexões tecidas a respeito do negacionismo no discurso inaugural de Bolsonaro no exterior, o próximo item dessa dissertação será dedicado a desvendar fios ideológicos que tecem as concepções semânticas do termo ideologia em fragmentos do *corpus* da pesquisa.

2.4 Desvendando fios ideológicos do termo ideologia

Como mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, escolheu-se uma abordagem que utiliza os ensinamentos do Círculo de Bakhtin para analisar o tema da ideologia. Isso requer uma reflexão sobre conceitos bakhtinianos como dialogismo, valoração e gêneros do discurso, que se relacionam com a ideologia e são cruciais para compreender o modo como os discursos humanos operam.

O argumento apresentado é de que a análise da ideologia está relacionada à PEB, e nos ajudar a entender que o que é expresso nos discursos da PEB pode ser, muitas vezes, o oposto do que realmente ocorre na prática. Em outras palavras, a PEB apresenta uma conduta fundamentalmente ideológica, que está distante de uma pretensa imparcialidade nas questões políticas globais.

Desde os anos 1920, o Círculo busca entender os discursos que são incorporados na vida cotidiana e nas esferas formais da vida, que são mais estruturadas e influenciadas pela ideologia. É por isso que a linguagem e a ideologia se complementam reciprocamente. Segundo os pensadores do Círculo de Bakhtin, quando se trata de uma criação, a questão ideológica é expressa de forma viva e dinâmica. É uma maneira de a classe dominante se manifestar acima dos grupos e classes sociais, instrumentalizando sua ação para amenizar conflitos e apresentar os signos de forma homogênea.

Os discursos da PEB são uma forma de ocultar a multiplicidade de signos que evidenciam a ideologia e a valoração. Esses discursos são orientados para atender a determinados grupos sociais que se identificam com as concepções de mundo dos

representantes do governo. Isso é problemático porque os interesses do Estado deveriam ter prioridade sobre as questões cotidianas do Brasil e não deveriam se limitar a um pequeno grupo que possui uma visão particular do mundo, que não necessariamente representa o país como um todo.

Entre os exemplos listados no "Apêndice A" deste trabalho acadêmico, destaca-se o discurso do embaixador Ernesto Araújo⁴⁰ na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores. Na análise deste discurso, nota-se, em primeiro lugar, a preocupação de Araújo com a formalidade do evento (*T_01 *E_ERN – Apêndice A). No entanto, ao citar a Bíblia ("Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." JOÃO, 8:32), o embaixador rapidamente associa a referência religiosa a uma convicção do presidente recém-empossado. Isso não é surpreendente, dada a tendência do chefe de Estado em relacionar sua investidura ao cargo com suas convicções religiosas. É possível que Araújo esteja alinhando seu discurso às ideias de seu chefe e possível guru ideológico, como sugere a análise da fonte em questão. Este discurso será analisado na íntegra no próximo capítulo desta dissertação.

O discurso do ministro se desenvolve em torno de uma discussão etimológica e sua relação com a ideia de verdade religiosa:

[Excerto 04]

A *Aletheia* faz-nos esquecer e reconectar-nos conosco mesmos, e nesse redescobrimto e reconexão conosco mesmos é que a verdade liberta. Pois onde estava preso aquele que se vê libertado pela verdade? Estava preso fora de si mesmo. Estava procurando ser o que não é. O Brasil estava preso fora de si mesmo. E eu arriscaria dizer que a política externa brasileira estava presa fora do Brasil (*T_01 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Ao afirmar que a *Aletheia* nos reconecta conosco mesmos e nos liberta, o ministro

⁴⁰ Ernesto Henrique Fraga Araújo, diplomata brasileiro que serviu como Ministro das Relações Exteriores (2019-2021) é graduado em Letras pela UnB, com formação em Diplomacia pelo IRB. Iniciou sua carreira diplomática em 1991, servindo em diversas embaixadas brasileiras em todo o mundo. Como ministro, defendeu uma PEB pró-Estados Unidos e pró-Israel e recebeu críticas por sua postura contra a China e a política ambiental. Ernesto Araújo é autor de vários artigos e ensaios sobre política externa e é considerado um dos principais defensores do nacionalismo conservador no Brasil. "Araújo ficou à frente da pasta por dois anos e quatro meses e só perdeu o emprego porque Bolsonaro foi pressionado pelo Centrão no Congresso, preocupado com a repercussão da retórica do ex-chanceler sobre a pauta de exportações do agronegócio. Em uma escolha pragmática, o presidente nomeou como substituto Carlos França, que chegou ao comando da diplomacia brasileira sem jamais ter liderado uma embaixada" (CAMAROTTO, 2012, s.p.).

destaca que a verdade é um meio de superar a prisão que é a busca por uma identidade que não condiz com a realidade. Segundo ele, o Brasil e sua política externa estavam presos a essa ilusão. E como pode ser lido, percebe-se no discurso do ministro uma predileção pelo enaltecimento ao que se vincula com a religião judaico-cristã:

[Excerto 05]

Eleuthería, eleutherosei humas. Eleuthería é outra palavra genial criada pelos gregos. Eu não conheço nenhuma outra língua antiga – não conheço tantas, enfim; não conheço hitita, não conheço sânscrito – mas não conheço nenhuma outra língua antiga que possua esse conceito, exceto o latim *libertas*, mas que já é uma tradução tardia do grego. Então, mesmo assim, na Grécia antiga, *eleuthería* significava basicamente a liberdade civil, era um termo jurídico. Somente com a literatura cristã, e especialmente com esse trecho de São João, *eleuthería* tornou-se algo mais completo, mais profundo e mais elevado (*T_01 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Ao se analisar o discurso do ministro, nota-se – no excerto 05 - uma clara inclinação ao elogio da religião judaico-cristã, como pode ser observado no trecho em que ele discute a palavra "Eleuthería". O termo é uma criação "genial" dos gregos, que não é encontrada em outras línguas antigas, com exceção do latim. Na Grécia antiga, a palavra tinha um significado basicamente jurídico, relacionado à liberdade civil. No entanto, foi com a literatura cristã e a citação de São João na bíblia que Eleuthería adquiriu um sentido mais amplo, profundo e elevado.

Em nosso país, sabemos que foi possível a obtenção da democratização do acesso à educação formal desde o fim do último século. Todavia, o aprofundamento no saber escolar sistematizado é algo que ainda demanda de maiores esforços para que seja possível de ser mais bem efetivado a toda população brasileira. Bem assim, compreendemos que a opção do embaixador Ernesto Araújo na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores dialoga diretamente com um maniqueísmo forçado quanto à existência de um mal que ameaça o Estado brasileiro e seu povo:

[Excerto 06]

O Presidente Bolsonaro está libertando o Brasil por meio da verdade. Nós vamos também libertar a política externa brasileira, vamos libertar o Itamaraty, como o Presidente Bolsonaro prometeu que faríamos em seu discurso de vitória (*T_01 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Sem deixar claro o que seria a “libertação do Itamaraty”, Ernesto Araújo segue discursando sobre formas de se conhecer a verdade, que muito longe da Epistemologia, na concepção do ministro de Estado recém-empossado, somente pode ser obtido por meio

do amor:

[Excerto 07]

(...) Gnosis é o conhecimento no sentido de uma experiência mais íntima. A verdade é essencial, mas não pode ser ensinada nem aprendida. Mas se é assim, como é que nós vamos conhecer a verdade, que é a chave disso tudo? Para explicar isso eu queria apelar a um brasileiro ilustre, Renato Russo, quando ele diz: “é só o amor, é só o amor que conhece o que é verdade.” Não são a cautela ou a prudência que conhecem o que é a verdade, mas o amor. A cautela, a prudência e o pragmatismo são bons instrumentos, quando sabemos para onde queremos ir, mas eles não nos ensinam para onde ir, não nos mostram o que somos, não nos explicam a nós mesmos. É só o amor que explica o Brasil. O amor, o amor e a coragem que do amor conduziram os nossos ancestrais a formarem esta nação imensa e complexa. Nós passamos anos na escola, quase todos nós, eu acho, escutando que foi a ganância ou o anseio de riqueza, ou pior ainda, o acaso, que formou o Brasil, mas não foi. Foram o amor, a coragem e a fé que trouxeram até aqui, através do oceano, através das florestas, pessoas que nos fundaram [...] (*T_01 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Sem qualquer rubor, Ernesto Araújo promove a analogia de que o local da sede do Ministério das Relações Exteriores é na verdade um local de representação da sua concepção sacra: “[...] isso aqui não é simplesmente uma repartição pública, isso aqui é uma espécie de um santuário” (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

Sabemos que existe na língua a questão da heterogeneidade e a variação, por meio das quais se manifestam as culturas e as ideologias. Todavia, a insistência no discurso religioso faz com que a variação social e a pluralidade do signo sejam embotadas em favor de uma língua única. Sobre isso, ensina Bakhtin que a ideia de “língua única expressa as forças de união e de centralização concretas, ideológicas e verbais, que decorrem da relação indissolúvel com os processos de centralização sociopolítica e cultural” (BAKHTIN, 1998, p. 81).

A ADD defende que a linguagem é um fenômeno social e que, por isso, ela é construída por meio do diálogo entre os sujeitos. De acordo com essa abordagem, o sentido de uma expressão não pode ser compreendido isoladamente, mas sim a partir do contexto em que ela se insere e dos diferentes pontos de vista envolvidos no diálogo.

Com base nessa perspectiva, pode-se dizer que o trecho do discurso de posse de Ernesto Araújo “Foram o amor, a coragem e a fé que trouxeram até aqui, através do oceano, através das florestas, pessoas que nos fundaram” apresenta uma visão histórica simplista e parcial, pois apaga a violência e as tragédias ocorridas durante a colonização das Américas pelos europeus. Ele reduz esse processo complexo e violento a um gesto de

amor dos invasores, omitindo a perspectiva dos povos indígenas e negando a existência do holocausto americano.

Ao afirmar que "foram o amor, a coragem e a fé que trouxeram até aqui, através do oceano, através das florestas, pessoas que nos fundaram", Araújo coloca os colonizadores europeus como heróis e fundadores da nação brasileira, ignorando a existência de outras culturas e povos que já habitavam a região. Esse discurso apaga a pluralidade cultural e histórica do Brasil, reduzindo-a a um único ponto de vista.

Além disso, o uso de expressões como "amor", "coragem" e "fé" busca legitimar a violência da colonização, como se ela tivesse sido realizada por motivos nobres e justos. Essa visão romantizada da história ignora a violência, a opressão e a exploração que marcaram a colonização das Américas e que continuam a afetar as sociedades indígenas e afrodescendentes até os dias de hoje.

Por meio de um discurso marcadamente permeado por referências inerentes da cultura popular, talvez seja possível entender que a intencionalidade do ministro seja condicionar sua valoração da linguagem por meio de um discurso inequivocadamente vinculada a certa visão ideológica, justamente o oposto do que diz defender o governo o qual representa, muito além, diga-se de passagem, do esperado de quem deve representar, sobretudo por meio do plano discursivo, os interesses e as posições de Estado.

Neste texto, vamos examinar como o governo em questão influencia a interpretação e a implementação da PEB, utilizando trechos do "Apêndice A" dessa pesquisa. Esses trechos mostram uma disfuncionalidade governamental em que o governo insiste em colocar a questão ideológica como o maior problema do Estado brasileiro, ignorando a realidade observável e toda a produção científica baseada em Ética e realidade. É importante notar que a análise dos seguidores do governo federal não tem fundamento na realidade.

Para exemplificar o que dissemos anteriormente, apresentamos alguns trechos do *corpus* da pesquisa. Começamos com citações da palestra proferida pelo Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no Instituto Rio Branco, em Brasília, em 11 de março de 2019:

[Excerto 08]

(...), mas foi parte do mesmo processo de apostas equivocadas. É interessante é curioso que naquela época a política do PT era muito criticada como sendo uma política **ideológica** o que realmente era [...] (*T_10 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

O enunciado do excerto 08 sugere que o então Ministro das Relações Exteriores considera a política do Partido dos Trabalhadores (PT) como uma política ideológica e criticável. Ele afirma que a política do PT foi uma aposta equivocada e faz referência ao fato de que, na época, muitos criticavam a política do partido por ser ideológica, o que ele concorda.

[Excerto 09]

(...) estamos mudando a política brasileira desde Geisel, mas é interessante porque o PT que era tão criticado a política **ideológica** do PT agora faz parte do que é considerado uma política externa normal dessa estrutura imutável das políticas de Estado (*T_10 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Neste excerto 09, a citação sugere que Ernesto Araújo acredita que a política brasileira tem sido alterada desde o governo do Presidente Geisel e que aquilo que o Partido dos Trabalhadores realizava e antes era criticado pelo motivo de ser uma política ideológica, agora faz parte do que é considerado uma política externa normal dentro da estrutura das políticas de Estado.

A citação (excerto 09) parece implicar que a política externa do governo atual é diferente das políticas anteriores, que ele vê como tendo sido influenciadas pelo PT e sua ideologia. Considerando o histórico de luta social e política que levou à redemocratização do Brasil, é surpreendente que o ex-ministro de Estado, Ernesto Araújo, tenha se sentido completamente à vontade em sua palestra ao mencionar um ex-presidente brasileiro no contexto da Ditadura Militar, a fim de destacar o problema que ele via na política ideológica.

Ernesto Araújo, seguidor da concepção de realidade e verdade do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, continua a defender sua ideia fixa ao abordar novamente a questão durante sua apresentação na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal, em Brasília, no dia 4 de abril de 2019.

[Excerto 10]

(...), mas apenas os aspectos quantitativos. Fala-se muito da necessidade de não haver **ideologia** na política externa. Eu concordo plenamente, mas a ausência de **ideologia** não pode significar a meu ver a ausência de razão [...] (*T_18 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

As contradições em torno das possíveis semantizações do termo ideologia podem ser exemplificadas neste excerto 10, em que Ernesto Araújo concorda com a ideia de que a política externa não deve ser baseada em ideologia, mas destaca que a ausência de ideologia não deve significar a ausência de razão.

Em outras palavras, sugere que a política externa deve ser baseada em uma análise racional e objetiva da situação, levando em consideração fatores como a história, a cultura e a realidade geopolítica dos países envolvidos. A citação indica que Ernesto Araújo vê a ideologia como um obstáculo para a análise racional da política externa, já que ele acredita que a razão deve ser o principal fator orientador das decisões políticas.

[Excerto 11]

(...) e precisamos investigar também qual é a razão por trás desses movimentos **ideológicos** que nós pretendemos superar para que possamos efetivamente superá-los. Acho que não podemos fazer da política externa um terreno cercado de grades onde a razão e o pensamento não penetram (*T_18 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

No excerto 11, Ernesto Araújo afirma que é necessário investigar a razão por trás dos movimentos ideológicos que ele acredita que precisam ser superados. Ele argumenta que, para superar esses movimentos, é preciso entender as suas motivações e os seus objetivos. Ele também expressa a sua preocupação de que a política externa não se torne um terreno cercado de grades onde a razão e o pensamento não possam penetrar. Isso sugere que ele vê a ideologia como uma barreira para a análise racional e objetiva da política externa e que ele valoriza a capacidade de pensar criticamente e questionar as ideias estabelecidas. Em resumo, a citação indica que Ernesto Araújo acredita que a política externa deve ser guiada pela razão e pela investigação crítica das ideologias, a fim de alcançar uma abordagem mais objetiva e eficaz.

Talvez em um ambiente voltado para as questões materiais e produtivas em nosso país, a pauta discursiva poderia ser outra, afinal, o Brasil sofria os impactos de uma enorme crise financeira e socioeconômica que fez com que inúmeros brasileiros dependessem de auxílio governamental para a obtenção de condições mínimas de vida. Contudo, o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, dedicou-se a novamente, a palestrar, desta vez na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), em São Paulo, em 8 de abril de 2019 a respeito de um dos temas preferidos do então governo Bolsonaro, como segue:

[Excerto 12]

(...) o pragmatismo virou um pouco um mito uma mitologia do pragmatismo. Acho que tivemos momentos **ideológicos** sim e os momentos não **ideológicos** também de certa forma foram **ideológicos** porque não buscaram as mudanças efetivas e essa intervenção digamos na realidade (*T_19 *ERN – Apêndice A, grifos do autor).

A ADD busca compreender a produção e circulação de sentidos em um contexto social e histórico específico. Nesse sentido, no fragmento 12, Araújo apresenta "momentos ideológicos" e "momentos não ideológicos", sugerindo que a ideologia pode ser entendida como um conjunto de valores, crenças e ideias que orientam as ações políticas. No entanto, ele também afirma que os momentos não ideológicos "foram ideológicos porque não buscaram as mudanças efetivas", o que pode ser interpretado como uma crítica à falta de clareza ideológica nessas ações.

No entanto, posteriormente, o orador discute o conceito de ideologia e defende a posição de que as críticas dirigidas às ações do governo são essencialmente ideológicas. Nesse sentido, a ideologia passa a ser entendida como algo oposto ao governo em questão, sendo associada a uma conotação negativa que sugere que aquilo que é ideológico é prejudicial ao governo:

[Excerto 13]

(...) o que é a definição da **ideologia**. Basicamente, então a mesma crítica ao enfoque **ideológico** que presidiu acho que cabe hoje acho que as reações negativas a várias coisas que nós estamos tentando fazer são puramente **ideológicas** (*T_19 *ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Nota-se que o ex-ministro adota uma postura crítica em relação ao "enfoque ideológico", que ele define como uma visão limitada e dogmática do mundo. Ele argumenta que as reações negativas a várias coisas que o governo estava tentando fazer eram "puramente ideológicas", sugerindo que seus oponentes não estavam dispostos a considerar outras perspectivas além de suas próprias convicções ideológicas. Ou seja, aquilo que é da ordem ideológica é ruim, logo, o ideal é a isenção ideológica ou, de forma dialógica, o negacionismo ideológico anunciado pelo ex-presidente em Davos.

Tudo aquilo que é contrário a visão do governo dominante passa a ser visto como negativamente ideológico:

[Excerto 14]

(...) essa visão de novo eu acho que faz parte daquele processo de que se a narrativa conflita com a realidade pior para a realidade segue a narrativa, ou seja, o processo **ideológico** (*T_19 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Araújo utiliza o termo "processo ideológico" para descrever uma situação em que a narrativa conflita com a realidade. Nesse caso (fragmento 14), ele parece sugerir que a ideologia pode ser uma força distorcida que impede as pessoas de reconhecerem a verdade e a realidade. Os fragmentos proferidos pelo então ministro Ernesto Araújo apresentam diferentes semantizações do termo ideologia, que variam de acordo com o contexto discursivo em que são utilizados. No entanto, em geral, ele parece adotar uma postura crítica em relação à ideologia, enfatizando a importância da clareza e da objetividade na formulação de políticas públicas. Dessa forma, tudo aquilo que se apresenta como ponto de vista contrário ao governo, passa a ser ideológico.

Curiosamente, a análise serial dos discursos do então Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, permite uma apreciação do quanto o representante do Governo Bolsonaro parece afetado pelos próprios temas que traz à luz para o seu discurso. Certamente, podemos afirmar que, na fala do ministro, há uma representação polifônica da classe governamental do então governo brasileiro (2019-2022), razão pela qual seja tão irresistível ao ministro abordar outros assuntos que não seja a questão da ideologia.

A temática é apresentada, mais uma vez, na palestra proferida na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) em 28 de agosto de 2019, no Rio de Janeiro:

[Excerto 15]

(...) você não negocia um acordo de milhares de páginas sem um agente como se brotasse da natureza. E então nós estamos diante da **ideologia**. O que é **ideologia**? É engraçado porque eu e alguns colegas somos chamados de a ala **ideológica** do governo (*T_47 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 16]

(...) o que nós tentamos é identificar a **ideologia**. Nós lidamos com a **ideologia** todo dia. Alguns ministros lidam mais do que outros por quê? Porque a **ideologia** está mais implantada em alguns setores do que em outros (*T_47 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 17]

(...) não por causa do Itamaraty, mas porque essa **ideologia** permeia a nossa vida internacional porque ela está implantada nas discussões de

clima. Ela está implantada nas discussões internacionais de direitos humanos. Ela está implantada nas discussões comerciais internacionais muitas vezes (*T_47 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 18]

(...) e por isso que nós temos que enfrentar a **ideologia**. Está bem se isso é ser ideológico. Quem enfrenta a **ideologia**, que assim seja, mas eu acho que é justamente o contrário (*T_47 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 19]

(...) **ideologia** é basicamente ter uma teoria e aplicá-la aos fatos e quando os fatos contrariam a teoria, pior para os fatos. Escolhemos outros fatos que a comprovem ou simplesmente os ignoramos. Isso é a **ideologia** (*T_47 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 20]

(...) e esse porta-voz é que recicla esse photoshop **ideológico** fazendo parecer que esse governo está em crise, que esse governo não está dando certo, que esse governo não tem programa, que esse governo não se entende (*T_47 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

De acordo com o Círculo de Bakhtin, a ideologia é uma questão fundamentalmente social e histórica, que emerge a partir das relações sociais e dos discursos que as sustentam. A partir dos fragmentos da palestra proferida na Firjan, podemos identificar algumas dimensões da ideologia na visão de Ernesto Araújo:

1. A ideologia é vista como um conjunto de ideias e valores que permeiam as relações sociais. Nos excertos 15, 16 e 17, a ideologia é mencionada como algo que está presente nas negociações políticas, nos setores da sociedade e nas discussões internacionais, demonstrando que é vista como uma força difusa e presente em vários aspectos da vida social.
2. A ideologia é associada a posições políticas e a grupos específicos. No excerto 15, por exemplo, o palestrante e seus colegas são chamados de "ala ideológica do governo", sugerindo que eles defendem uma determinada posição política e que essa posição é vista como ideológica pelos seus opositores.
3. A ideologia é vista como algo que deve ser enfrentado ou combatido. Nos excertos 18 e 20, o palestrante argumenta que é preciso enfrentar a ideologia, sugerindo que ela é vista como algo negativo ou problemático.
4. A ideologia é associada à manipulação da realidade e dos fatos. No excerto 19, por exemplo, a ideologia é definida como a aplicação de uma teoria aos fatos, ignorando aqueles que não a comprovam. Essa associação sugere que a ideologia

é vista como algo que pode ser usado para manipular a opinião pública e que não é baseada em fatos.

A partir dos fragmentos da palestra proferida na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), pode-se identificar que a ideologia é vista, pelo ministro, como uma força difusa e presente em vários aspectos da vida social, ligada a posições políticas específicas, vista como algo que deve ser combatido e relacionada à manipulação da realidade. A linguagem, seja falada ou escrita, reflete os critérios e o contexto em que é produzida, e pode transmitir diferentes ideologias e perspectivas dependendo de quem a utiliza.

O signo ideológico pode expressar valores individuais ou coletivos, assumindo ou se opondo a determinadas ideologias. Essa expressão pode ser monológica ou dialógica, polifônica ou heteroglósica. O Círculo de Bakhtin contribui para a compreensão dessas questões, enfatizando a importância dos valores da sociedade e das ideologias coletivas. Assim, cada signo ideológico não é apenas uma sombra da realidade, mas um fragmento material que a constitui.

Talvez julgue o ministro na sua forma muito particular de perceber o Brasil que sua missão como diplomata da República brasileira seja oportunizar a todos, de forma democrática, seu tema predileto. Tal fato pode ser verificado quando da sua apresentação ao painel do Fórum de Investimentos Brasil 2019, em 10 de outubro de 2019:

[Excerto 21]

(...) decidimos, portanto, atuar no campo **ideológico** e aí, estranhamente se diz, às vezes, nesse combate, que nós somos **ideológicos**, mas é justamente o contrário (*T_62 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 22]

(...) e quando nós dizemos isso para mostrar essa realidade, às vezes nos chamam de **ideológicos**. Isso é muito estranho. Quando nós procuramos fazer uma política externa que se aproxima de grandes parceiros sem detrimento de nenhum outro (*T_62 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Os fragmentos 21 e 22 sugerem uma perspectiva problemática a respeito da ideologia. O então Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, utiliza o termo "ideológico" para se referir aos críticos de sua atuação no campo diplomático, sugerindo que essa oposição decorre de uma confusão acerca do real significado da ideologia. No

entanto, a ideologia não pode ser compreendida como uma confusão ou uma distorção dos fatos, como sugere Araújo.

Ao contrário, a ideologia é um fenômeno constitutivo da linguagem e da cultura, que envolve a construção de significados e valores compartilhados por um grupo social. Como afirma o Círculo de Bakhtin, a ideologia é o processo pelo qual a linguagem é utilizada para construir e transmitir perspectivas a respeito do mundo. Nesse sentido, a afirmação de Araújo de que seu governo atua no campo ideológico não deve ser entendida como uma negação da ideologia, mas como uma admissão de que sua política externa busca promover uma determinada visão de mundo e de interesses nacionais.

Além disso, a ideia de que uma política externa pode ser isenta de ideologia é equivocada. Todas as ações políticas são permeadas por valores e crenças, e a escolha de parceiros e prioridades na política externa está inevitavelmente relacionada a uma visão de mundo e de interesses nacionais. Sugerir o contrário é ignorar a natureza intrinsecamente ideológica da ação política.

Portanto, os excertos 21 e 22 evidenciam uma compreensão limitada e equivocada da ideologia por parte do então Ministro das Relações Exteriores, e indicam a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre o papel da ideologia na ação política. Coerente com suas ideias fixas, o ministro Ernesto Araújo dedicou-se a explicar como a questão da ideologia pode ser perigosa. Assim o fez quando discursou na Conferência de Ação Política Conservadora Brasil (CPAC), em 2019, em São Paulo, 12 de outubro de 2019:

[Excerto 23]

(...) quando dizem que somos ideológicos porque lutamos contra a **ideologia** isso justamente é uma aplicação da **ideologia**. É uma manipulação de palavras para propagar uma mentira (*T_64 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

O excerto 23 revela uma visão crítica do ministro Ernesto Araújo a respeito da questão da ideologia. Segundo ele, ao se afirmar que o governo é ideológico por lutar contra a ideologia, trata-se de uma manipulação de palavras para propagar uma mentira. Essa declaração pode ser analisada à luz de duas perspectivas:

- Em primeiro lugar, é possível interpretar a posição do ministro como uma negação da existência da ideologia. Ao afirmar que lutar contra a ideologia é a aplicação da ideologia, ele parece sugerir que toda ação política é, por definição, ideológica, o que eliminaria a possibilidade de se questionar ou criticar qualquer ideologia.

Essa visão pode ser considerada problemática, pois impede o debate e a reflexão crítica sobre as ideias que orientam as políticas públicas.

- Em segundo lugar, é importante destacar que a declaração do ministro revela uma postura defensiva em relação às críticas de que o governo seria ideológico. Ao invés de argumentar de forma objetiva sobre as políticas adotadas e sua fundamentação teórica, ele se utiliza de uma estratégia retórica para desqualificar as críticas e afirmar a superioridade moral do governo. Essa postura pode ser vista como um reflexo da polarização política que marca o debate público no Brasil, onde as diferenças ideológicas são frequentemente utilizadas como argumento *ad hominem* para desqualificar adversários políticos.

Embora a crítica do ministro Ernesto Araújo possa apontar para a necessidade de se questionar a manipulação ideológica da linguagem, ela também pode ser interpretada como uma tentativa de eliminar o debate crítico sobre as políticas públicas e a fundamentação teórica que as sustenta.

No seminário internacional "Novos anseios da política externa brasileira: renovar para avançar", ocorrido em 21 de novembro de 2019, o Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, fez um discurso em que expressou seu descontentamento com o fato de sua atuação na PEB estar sendo discutida na opinião pública. Como representante do Itamaraty, o Ministro promoveu mais um desabafo sobre a situação.

[Excerto 24]

(...) outra coisa é a **ideologia**. Quando você apresenta ideias, é claro que as pessoas vão dizer que você é ideológico. Se você se retrair, você acaba ficando nesse plano sem uma dimensão superior, sem um guia, sem uma concatenação, com uma esfera superior (*T_72 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 25]

(...) bem esse portanto é um governo que tenta fazer uma política externa que se associa aos anseios do povo brasileiro, sem medo de receber esse tipo de crítica de ser chamado de **ideológico** (*T_72 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Nos excertos 24 e 25, o Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, parece ter uma compreensão ambígua e contraditória do que seria ideologia. No fragmento 24, ele sugere que apresentar ideias é inevitavelmente ser rotulado como

ideológico, e que se restringir para evitar isso seria limitar-se a um plano inferior sem conexão com uma esfera superior. Essa concepção parece negar a ideia de que ideologia é uma posição política, ideológica ou filosófica que molda a maneira como vemos o mundo e que influencia nossas escolhas políticas.

No excerto 25, o Ministro parece ter uma compreensão mais coerente do que seria ideologia. Ele se refere ao seu governo como "um governo que tenta fazer uma política externa que se associa aos anseios do povo brasileiro sem medo de receber esse tipo de crítica de ser chamado de ideológico". Aqui, ideologia parece ser entendida como uma crítica ou um rótulo pejorativo que é usado para desqualificar uma posição política.

Nos fragmentos 24 e 25, observa-se que o Ministro parece estar preocupado em se distanciar da ideologia ou em ser rotulado como ideológico, dialogando com o discurso de pretensão de negacionismo ideológico do presidente que o nomeou. No entanto, essa preocupação pode ser vista como problemática, pois a ideologia é um componente essencial da política e é inevitável que as posições políticas sejam moldadas por ela. Ao negar a existência ou a relevância da ideologia, o Ministro pode estar obscurecendo ou dissimulando as motivações políticas por trás de sua atuação na PEB.

Na transcrição dos discursos do ministro proferido na LV Reunião do Conselho do Mercado Comum (CMC), em Bento Gonçalves, em 4 de dezembro de 2019, sem nenhuma surpresa, é abordada a questão ideológica como crítica “prevista” pelo ministro:

[Excerto 26]

(...) é uma completa inversão de valores dizer que o nosso conceito e que a nossa postura é **ideológica**. Bem, nós queremos insistir no seguinte um Mercosul fechado um Mercosul mal posicionado em termos de valores. (*T_79 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

No excerto 26, o enunciador utiliza a questão da ideologia para criticar uma possível postura de fechamento do Mercosul, alegando que isso seria uma "inversão de valores". No entanto, o uso da ideologia como argumento pode ser visto como uma forma de deslegitimar a posição contrária e criar uma polarização, em vez de promover um debate fundamentado em argumentos concretos.

Além disso, é importante notar que o próprio ministro utiliza o termo "nosso conceito" e "nossa postura", o que sugere que a ideologia não é apenas uma questão de opinião, mas algo que ele e seu governo consideram como certo e verdadeiro. Isso pode

ser preocupante, pois a ideologia, quando se torna uma crença dogmática, pode impedir a abertura ao diálogo e ao debate crítico, e limitar a possibilidade de construção de políticas públicas mais inclusivas e justas.

Talvez em contato com um representante de outro Estado soberano o ministro utilizaria da investidura do seu posto para abordar outras pautas e perspectivas. Mas sem surpresa, novamente o ministro bolsonarista pode ser visto, ouvido e lido, dedicando-se a abordar seu tema preferido quando da palestra proferida no Ministério das Relações Exteriores de Angola, no dia 13 de dezembro de 2019:

[Excerto 27]

(...) ou com uma história falsificada na qual um grupo de aproveitadores e de fanáticos **ideológicos** quer me transformar. Eu sou o povo brasileiro e nesse dia o povo brasileiro começou a escolher alguém para conduzir o seu caminho (*T_83 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 28]

(...) estamos provando que esse tipo de visão é que é puramente **ideológica**. Pergunto: já conseguimos tudo o que queríamos na relação com os Estados Unidos? Não, claro que não, ainda não. Não se pode ter tudo de imediato (*T_83 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

O ministro Araújo, mais uma vez, apresenta a ideologia como algo negativo e prejudicial para a política externa. Ele usa a ideologia como uma espécie de bode expiatório para críticas recebidas pelo governo, afirmando que elas são infundadas e ideológicas. No excerto 27, ele se refere a um grupo de pessoas que querem "falsificar" sua história e apresentá-lo como um fanático ideológico, enquanto no fragmento 28 ele afirma que o governo brasileiro está combatendo uma "visão puramente ideológica".

Por meio desses trechos (27 e 28), o ministro parece tentar se desassociar da ideologia, ao mesmo tempo em que a utiliza como um argumento para defender suas posições políticas. Esse uso paradoxal do termo ideologia sugere que o ministro não tem uma compreensão clara do conceito, ou que pode estar sendo desonesto ao usá-lo como uma ferramenta retórica para desacreditar seus oponentes. Além disso, essa postura pode ser vista como um esforço para evitar o diálogo político e a crítica construtiva, o que é fundamental para uma política externa eficaz e responsável.

Em artigo intitulado "Para além do horizonte comunista", publicado na revista *Terça Livre*, em 18 de dezembro de 2019 (*T_86 *E_ERN – Apêndice A), sem

entrar no mérito sobre a existência do tema que desperta a fobia do ministro, novamente e sem surpresa temos o registro da questão da ideologia:

[Excerto 29]

(...) para começar precisamos estudar o comunismo a partir do que dizem e fazem os comunistas em lugar de sair aos gritos de **ideológico, ideológico**, condenando quem o estuda e quem o enfrenta (*T_86 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 30]

(...) a principal fragilidade do sistema liberal é a seguinte: o sistema liberal não pensa, não trabalha no mundo das ideias. Criou uma repulsa por tudo aquilo que chama de **ideológico** (*T_86 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Os excertos 29 e 30 do artigo intitulado "Para além do horizonte comunista" mostram a obsessão do Ministro das Relações Exteriores em relação à questão da ideologia, o que pode ser visto como um traço marcante de sua atuação na PEB. No excerto 29, ele sugere que é necessário estudar o comunismo a partir do que dizem e fazem os comunistas, em vez de condenar quem o estuda e enfrenta com gritos de "ideológico". Já no excerto 30, ele aponta a fragilidade do sistema liberal, que segundo ele, não pensa nem trabalha no mundo das ideias e tem repulsa por tudo o que chama de "ideológico".

É importante destacar que o termo ideologia é utilizado, em todos os textos analisados aqui, de maneira bastante vaga e imprecisa, o que dificulta a compreensão do que o Ministro está tentando transmitir. Em vários dos excertos apresentados, a ideologia é associada a algo negativo e que deve ser evitado, mas não fica claro o que ele entende por ideologia. Além disso, em alguns casos, parece haver uma tentativa de desqualificar as críticas que lhe são dirigidas, rotulando-as como meramente "ideológicas".

Em vez de esclarecer o tema da ideologia, o discurso do Ministro parece reforçar a polarização política no Brasil, ao enfatizar a importância de combater o "comunismo" e o que ele considera ser uma visão ideológica do mundo. Essa postura pode contribuir para aprofundar as divisões no país e dificultar o diálogo e a cooperação internacional em temas importantes.

E como fechamento dos seus esforços em utilizar diversos momentos oficiais para abordar seu tema predileto, o Embaixador Ernesto Araújo publicizou sua mensagem de final de ano em 27 de dezembro de 2019

[Excerto 31]

(...) dizem que é uma política externa **ideológica**. Não sei de onde tiraram isso. É uma política externa que contesta a **ideologia**. É uma política externa que procura desmontar uma ideologia que é justamente a **ideologia** que preside a muitas dessas críticas (*T_87 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

[Excerto 32]

(...) o que é **ideologia**? Ideologia é um sistema de pensamento fechado que não permite a penetração da luz da realidade. Isso é o que transparece aí em muitas políticas (*T_87 *E_ERN – Apêndice A, grifos do autor).

Nesses excertos 31 e 32, o ministro aborda o tema da ideologia e argumenta que a PEB não é ideológica, mas sim contrária às ideologias que são criticadas por ele. No fragmento 31, ele afirma que a PEB não é ideológica, mas sim uma política que contesta e procura desmontar uma ideologia. É importante destacar que o próprio ministro não especifica qual é essa ideologia que é contestada e desmontada pela PEB.

No excerto 32, o ministro define ideologia como um sistema de pensamento fechado que não permite a penetração da luz da realidade. Essa definição, embora possa parecer plausível à primeira vista, é bastante problemática. Primeiramente, é importante (re)lembrar que ideologia é um termo polissêmico e que há diversas definições diferentes do termo. Conforme apresentaremos no capítulo 1, nesta dissertação, compartilharemos da definição de ideologia apresentada por Volóchinov (1993): ela deve ser entendida como o conjunto completo de reflexos e interpretações da realidade social e natural que ocorrem no cérebro humano e são fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas simbólicas. Ou seja, a ideologia é formada por todas as maneiras como interpretamos e compreendemos o mundo ao nosso redor, e essas interpretações são moldadas pelas formas simbólicas que utilizamos para representar a realidade a partir de uma dimensão semiótica - interpretativa.

Além disso, a definição apresentada pelo ministro parece indicar que a realidade é objetiva e que a ideologia seria uma espécie de obstáculo à sua compreensão. No entanto, a realidade é sempre interpretada por meio de molduras conceituais e valores, que são, em última instância, ideológicos. Dessa forma, a análise crítica dos sentidos de ideologia apresentados na mensagem de final de ano do Ministro das Relações Exteriores demonstra que sua abordagem do tema é bastante superficial e não leva em consideração a complexidade do conceito de ideologia e das relações entre ideologia e realidade.

O Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil é encarregado de formular, executar e monitorar a Política Externa Brasileira, ou seja, as relações do Brasil com outros países e organizações internacionais. Dado que a principal função do MRE é aconselhar o Presidente da República na formulação, execução e monitoramento das relações internacionais do Brasil, ao longo deste capítulo, pode-se notar uma conexão ideológica entre o discurso inaugural do Presidente Bolsonaro no exterior, em Davos, e os pronunciamentos do seu ministro das Relações Exteriores. Ambos adotam o negacionismo ideológico como estratégia. Acreditamos que discutir essa temática é contribuir na compreensão de quanto essas questões podem prejudicar as relações internacionais do país.

2.5 Considerações parciais

Neste capítulo, foi apresentado o contexto sociopolítico em que foram produzidos os Enunciados Concretos produzidos ao longo de 2019. O discurso inaugural da PEB proferido por Bolsonaro em Davos foi o principal enunciado concreto analisado, complementado por fragmentos do *corpus* que ilustraram questões ideológicas e valorativas.

Conforme destacado por Bakhtin (2011), a neutralidade em um enunciado não é possível, uma vez que a expressividade é uma marca dos sujeitos em seus discursos e serve como forma de atribuir valor a uma comunicação discursiva em relação ao enunciado. Em outras palavras, o elemento expressivo está presente em todos os campos da comunicação discursiva, embora em graus e significados diversos. Para o mestre russo, “um enunciado completamente neutro é impossível” (BAKHTIN, 2011, p. 289).

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil é responsável por formular, executar e monitorar a Política Externa Brasileira, sendo sua principal função aconselhar o Presidente da República nessa área. Ao longo deste capítulo, elencou-se uma conexão ideológica entre o discurso inaugural do Presidente Bolsonaro em Davos e os pronunciamentos do seu ministro das Relações Exteriores, ambos utilizando o negacionismo ideológico como estratégia.

No próximo capítulo dedicar-se-á à análise do discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, com vistas a entender suas visões e intenções para o governo Bolsonaro. Para isso, apresentar-se-á uma visão geral do discurso, seguida pela

análise do papel da religião no governo e no discurso de posse. Discutir-se-á como o Ministro utiliza o discurso para criar uma verdade incondicional baseada na fé e no amor, o que pode ser interpretado como uma tensão entre a Constituição Federal e a ideologia conservadora do governo, demonstrada no discurso do Ministro.

3 “DEUS ACIMA DE TODOS” E A VERDADE LIBERTADORA

O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas [...] Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar **o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos** (LEIA, 2019 – destaques nossos).

Gostaria de começar com uma frase que é absolutamente fundamental para entender o que está acontecendo no Brasil (...). **‘Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará’**⁴¹ (*T_01 *E_ERN – Apêndice A – destaques nossos).

Ao analisar o trecho do discurso de posse do presidente Jair Messias Bolsonaro, que compõe a epígrafe que abre este capítulo, à luz da ADD, podemos compreender algumas características importantes que ilustram a natureza dialógica do discurso: em primeiro lugar, é possível observar a presença de múltiplas vozes e perspectivas no discurso. O presidente Bolsonaro se coloca como alguém que atendeu ao chamado das ruas, o que sugere a presença de um movimento social ou de uma demanda popular que influenciou sua campanha eleitoral. Além disso, o enunciado enfatiza o compromisso com o Brasil e com Deus, o que sugere a presença de valores e crenças compartilhados por uma determinada comunidade discursiva.

No entanto, ao mesmo tempo em que o discurso enfatiza a liberdade e o compromisso com o país, é possível identificar a presença de uma amarra ideológica que se coloca como um obstáculo a ser superado. Essa afirmação sugere que há uma determinada ideologia que está limitando a liberdade do país, o que pode ser interpretado como uma crítica a uma perspectiva política específica. É importante ressaltar que, ao utilizar uma linguagem que enfatiza a liberdade e a defesa do país, o discurso pode estar mobilizando afetos e emoções que são compartilhados por determinados grupos sociais.

Como argumentado no capítulo 1, no qual é apresentado o embasamento teórico que sustenta as reflexões tecidas nesta dissertação, é importante (re)lembrar que, ao analisar o fragmento do discurso de posse do presidente Bolsonaro à luz da ADD, é necessário considerar o contexto histórico e social em que ele foi produzido. O discurso reflete não apenas as ideias e valores do presidente, mas também as condições sociais, políticas e culturais em que ele está inserido. Nesse sentido, a ADD deve levar em

⁴¹ Citação bíblica do Evangelho de João, capítulo 8, versículo 32.

consideração as relações de poder e as tensões sociais que permeiam o discurso e o contexto em que ele se insere.

Ao estabelecer as possíveis relações dialógicas entre o trecho do discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro e o fragmento do discurso de posse do ministro das relações exteriores Ernesto Araújo, pode-se observar uma conexão temática entre eles: a defesa de um tipo de liberdade e de um tipo de verdade. Enquanto o presidente Bolsonaro destaca a necessidade de libertar o Brasil das amarras ideológicas e enfatiza o compromisso com o país e com Deus, o ministro Araújo utiliza uma citação bíblica para destacar a importância de um tipo de verdade como instrumento de libertação.

Nesse sentido, é possível observar que ambos os discursos compartilham uma preocupação com valores e ideias que são importantes para o grupo social de extrema direita que chega ao poder⁴². A defesa da liberdade e da verdade pode ser interpretada como uma crítica a determinadas perspectivas políticas que são vistas como limitadoras desses valores⁴³. No entanto, conforme será analisado ao longo deste capítulo, é

⁴² O grupo social de extrema direita que chegou ao poder com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 tem sido associado a uma série de valores e ideias. É importante ressaltar que essas características não são universais para todos os indivíduos dentro desse grupo, pois há diversidade de opiniões e perspectivas. No entanto, alguns valores comumente associados a esse grupo incluem: i) Conservadorismo: A defesa de valores tradicionais, instituições estabelecidas e a preservação da ordem social são aspectos centrais para muitos apoiadores de extrema direita; ii) Nacionalismo: A valorização da identidade nacional, o patriotismo e a proteção dos interesses e valores nacionais são considerados fundamentais para esse grupo; iii) Autoritarismo: Uma tendência a valorizar a autoridade, a disciplina e a ordem, bem como uma postura de tolerância reduzida em relação a grupos minoritários e à dissidência política; iv) *Antiestablishment*: A crítica e oposição às elites políticas e aos partidos tradicionais são frequentes entre os apoiadores de extrema direita, que muitas vezes se veem como agentes de mudança contra o sistema político vigente; v) Populismo: A adoção de um discurso e estilo político populista, com apelos diretos ao povo e uma retórica antielitista, é comum entre os líderes e apoiadores desse grupo; vi) Liberalismo econômico: Embora existam nuances, muitos adeptos da extrema direita defendem políticas econômicas liberais, com ênfase na desregulamentação, redução do Estado e promoção da livre iniciativa; vii) Conservadorismo social: A defesa de valores tradicionais e a resistência a mudanças sociais progressistas, como questões relacionadas a gênero, sexualidade e direitos reprodutivos, são frequentes entre os apoiadores desse grupo.

⁴³ Algumas das perspectivas políticas que são frequentemente criticadas pelos adeptos da extrema direita e que são vistas como limitadoras dos valores da liberdade e verdade costumam incluir: i) Progressismo: a extrema direita tende a se opor a políticas progressistas que promovem mudanças sociais e culturais, como a igualdade de gênero, os direitos LGBTQIAP+, a diversidade cultural, entre outros. Essas perspectivas são vistas como ameaças aos valores tradicionais e à identidade nacional; ii) Globalismo: a extrema direita geralmente critica o que considera uma excessiva integração e influência de instituições supranacionais, como a União Europeia ou as Nações Unidas. Essas perspectivas políticas são vistas como comprometedoras da soberania nacional e da autonomia política; iii) Multiculturalismo: a defesa de uma sociedade multicultural, que valoriza e respeita a diversidade étnica, religiosa e cultural, pode ser vista como uma perspectiva política limitadora pelos adeptos da extrema direita, que tendem a enfatizar a homogeneidade cultural e a preservação de uma identidade nacional supostamente ameaçada; iv) Políticas de inclusão e igualdade social: a extrema direita muitas vezes se opõe a políticas de redistribuição de renda e ações afirmativas que visam reduzir as desigualdades socioeconômicas e promover a inclusão social. Essas políticas são frequentemente interpretadas como limitadoras da liberdade individual e como uma suposta ameaça à meritocracia; v) Intervenção estatal na economia: a extrema direita tende a ser favorável

importante ressaltar que a ideia de verdade pode ser interpretada de maneiras diferentes, dependendo do contexto em que é utilizada. Enquanto para alguns grupos sociais a verdade pode ser entendida como algo objetivo e verificável, para outros ela pode ser vista como algo subjetivo e influenciado por diferentes perspectivas.

Além disso, a defesa da liberdade e da verdade também pode ser interpretada como um recurso retórico que busca mobilizar afetos e emoções em favor de determinada perspectiva política. A utilização de uma linguagem que enfatiza valores como a liberdade e a verdade pode ser vista como uma forma de criar uma identidade compartilhada entre os membros do grupo social que elegeu Bolsonaro que, por sua vez, nomeou Ernesto Araújo Ministro das Relações Internacionais.

Tendo isso em vista, este capítulo está organizado em cinco itens. No primeiro, “O discurso de posse do ministro das relações exteriores Ernesto Araújo”, realiza-se uma análise dialógica de aspectos gerais do discurso de posse do ministro das relações exteriores Ernesto Araújo, como uma forma de compreender a visão e intenções da nova gestão, além de captar tendências a respeito das políticas públicas e ações futuras. Considera-se o discurso proferido pelo embaixador durante a cerimônia de posse em Brasília, em 2 de janeiro de 2019, como um recurso valioso para pesquisas de Relações Internacionais. O segundo item, “O Estado laico em um governo ‘cristão’”, está dedicado a compreensão do papel de termos polissêmicos como verdade e liberdade associadas à Deus e a religião na campanha e no governo Bolsonaro, bem como os possíveis diálogos dessa composição semântica nos discursos de posses de seus ministros, como é o caso do discurso de posse de Ernesto Araújo, principal enunciado concreto analisado ao longo desse capítulo.

O terceiro item deste capítulo, “‘*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*’: o Estado laico num governo terrivelmente cristão” discute como o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, utiliza o discurso para criar um local intangível, em que a verdade é guiada pelo amor. Isso implica que a população brasileira deve aceitar e amar as políticas governamentais sem questionar, uma vez que o amor não é explicado por meio da lógica analítica ou reflexão crítica. Essa abordagem é baseada no discurso cristão e limita a interação com o interlocutor, pois exige que ele acredite na “verdade” por meio de seus sentimentos.

a uma menor intervenção do Estado na economia e é crítica a políticas de regulação e controle governamental, que são vistas como limitadoras da liberdade econômica e do livre mercado.

No quarto item, “O globalismo como um inimigo a ser combatido e ‘Deus em Davos’, analisa-se pronunciamentos de Ernesto Araújo a respeito do Globalismo que, na visão de mundo do nosso enunciador, seria basicamente uma sociedade liberal ateuista submetida ao comunismo, fruto de uma organização social atual sem Deus, a partir da concepção de que “Deus está morto”, de Nietzsche. Como solução para transformar a realidade, Araújo apresenta “combater a religião ateuista do politicamente correto”, a partir da inserção do “Messias” em Davos, na tentativa de trazer Deus de volta à cidadela da sociedade liberal.

Por fim, o quinto item, “Considerações” tece reflexões a respeito do que foi abordado ao longo do capítulo. Destaca-se um antagonismo entre a Constituição Federal e a formulação ideológica do governo. Ernesto Araújo usa o discurso para criar uma verdade incondicional, negando os princípios constitucionais de laicidade do Estado em prol de uma verdade libertadora baseada na fé e no amor. A fala do Ministro demonstra uma disputa discursiva entre o passado e o presente, a Constituição e o Cristianismo, a Fé e o Direito, em que a política externa do país é estruturada na ideologia conservadora com base no amor, em detrimento dos princípios constitucionais.

3.1 O discurso de posse o ministro das relações exteriores Ernesto Araújo

Segundo Pinto (2019), os discursos de posse dos líderes políticos contêm as linhas gerais dos projetos, diretrizes e políticas públicas que serão perseguidas pela nova gestão. Portanto, esses discursos podem ser entendidos como um compêndio propositivo de ações, que são de grande interesse por serem indissociáveis da atividade política a ser analisada e por oferecerem um prognóstico do que se pode esperar da gestão. Em outras palavras, os discursos de posse não só apresentam a visão e as intenções da nova gestão, mas também oferecem uma prospecção do que pode ser esperado em termos de políticas públicas e ações a serem implementadas.

Dessa forma, a análise do discurso proferido pelo Embaixador Ernesto Araújo na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores, realizada em Brasília no dia 2 de janeiro de 2019, pode desempenhar um papel fundamental em pesquisas de Relações Internacionais. Isso se deve ao fato de que, para a ADD, o enunciado concreto é considerado a unidade básica da comunicação verbal. Nesse sentido, ao analisar o discurso do Embaixador Araújo, é possível captar tendências a respeito das perspectivas

e políticas adotadas pelo governo brasileiro em relação a questões internacionais, tais como comércio, diplomacia e política externa.

Por meio da ADD, é possível entender a língua(gem) como uma prática social, permitindo compreender como as práticas linguísticas podem moldar e influenciar as Relações Internacionais. Assim, a análise do discurso do Embaixador Araújo apresenta-se como uma possibilidade para a compreensão das políticas e relações internacionais do Brasil naquele momento histórico. Dentre os muitos motivos pelos quais a análise desse discurso de posse pode ser considerado um recurso valioso para pesquisas de Relações Internacionais por diversos motivos, elencamos:

- Representatividade: como Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo ocupava uma posição-chave na formulação e implementação da política externa do Brasil. Seu discurso de posse reflete as diretrizes e prioridades do governo brasileiro em relação aos assuntos internacionais.
- Visão e intenções da nova gestão: o discurso permite compreender a visão e as intenções da nova gestão em relação às relações internacionais. Pode revelar as prioridades do governo, as ideias e princípios que norteiam sua atuação no cenário global, assim como as possíveis mudanças em relação a administrações anteriores.
- Políticas públicas e ações futuras: analisar o discurso de posse de um ministro das relações exteriores pode fornecer projeções a respeito das políticas públicas e ações futuras do governo em relação aos assuntos internacionais. As declarações feitas no discurso podem indicar as principais áreas de interesse, as estratégias adotadas, os objetivos a serem alcançados e as abordagens a serem seguidas.
- Contexto internacional: o discurso de posse pode fornecer informações sobre a visão do governo em relação ao contexto internacional, incluindo suas percepções sobre outros países, organizações internacionais, desafios globais, acordos e parcerias internacionais, entre outros temas relevantes para as Relações Internacionais.
- Análise retórica e ideológica: a análise do discurso de posse pode revelar aspectos retóricos e ideológicos presentes nas declarações do ministro. Isso pode ajudar a compreender as perspectivas políticas, os valores, as crenças e as ideias que embasam a política externa do governo, bem como as estratégias discursivas utilizadas para comunicar e promover sua agenda internacional.

Diante do exposto, o discurso de posse de Ernesto Araújo pode ser considerado um recurso valioso para pesquisas de Relações Internacionais, pois fornece prospecções a respeito da visão, das intenções, das políticas e das estratégias do governo brasileiro em relação aos assuntos internacionais, permitindo uma análise aprofundada do contexto e das dinâmicas das relações internacionais do Brasil.

Em termos quantitativos, o discurso de posse de Ernesto Araújo é composto por 4.826 palavras, além de incluir 41 termos em idiomas estrangeiros. O pronunciamento apresenta 11 citações literárias, 10 referências eruditas, 7 menções a Deus, 15 referências ao amor, 1 menção ao Império ou à casa real, 16 referências ao presidente da República, 6 referências a países estrangeiros e 1 referência a regiões do mundo. Adicionalmente, o discurso contém 2 referências a organismos multilaterais e 8 menções à globalização ou ao globalismo (PINTO, 2019).

No levantamento quantitativo efetuado, concordamos com Pinto (2019): as palavras repetidas não foram contabilizadas mais de uma vez, o que significa que termos como *aletheia* e *gnosis*, que apareceram várias vezes, foram registrados apenas uma vez. No total, foram incluídas no cálculo 15 palavras em grego, quatro em latim, quatro em espanhol e 18 em tupi. Apesar de ser um idioma nativo, o tupi foi considerado por Pinto (2019) uma língua estrangeira, já que a maioria dos brasileiros hoje em dia não a conhece⁴⁴.

O pronunciamento foi rico em diálogo com referências artísticas numa tentativa de demonstrar erudição. Ernesto Araújo mencionou diversas fontes, incluindo – duas vezes – referências ao idioma grego, o *Evangelho de São João*, as canções *Monte Castelo* de Renato Russo e *Ouro de Tolo* de Raul Seixas⁴⁵, a tradução da oração Ave Maria por

⁴⁴ A língua tupi não é amplamente falada no Brasil atualmente. Devido ao longo processo de colonização e a imposição da língua portuguesa como idioma oficial, o uso do tupi foi gradualmente reduzido ao longo dos séculos. Existem várias variedades do tupi, algumas das quais são consideradas extintas, enquanto outras são mantidas e ensinadas dentro de comunidades indígenas específicas. Não existem estimativas precisas e atualizadas sobre o número exato de falantes de tupi no Brasil. O censo demográfico brasileiro, conduzido pelo IBGE, não coleta informações sobre a língua tupi de forma específica. Portanto, é difícil obter dados precisos sobre o número de falantes de tupi no país. Para saber mais, consulte: Simas e Pereira (2018).

⁴⁵ O enunciado do ministro "Não vamos ficar sentados no trono de um apartamento com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar. Vamos fazer algo pelas nossas vidas e pelo nosso país" (*T_01 *E_ERN – Apêndice A) faz referência ao trecho "Eu é que não me sento no trono de um apartamento / Com a boca escancarada, cheia de dentes, esperando a morte chegar" da produção musical "Ouro de tolo", de Raul Seixas, de 1973.

Padre José de Anchieta para o tupi, um texto de Fernando Pessoa (publicado originalmente com o pseudônimo Álvaro de Campos na revista Sudoeste de Lisboa com o título de *Nota ao Acaso*) e uma passagem de *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes. Ele também fez referências a outros autores, como Marcel Proust, Clarice Lispector, José de Alencar e Gonçalves Dias.

Outras relações dialógicas que buscassem demonstrar erudição foram explicitamente estabelecidas, como, por exemplo, com o texto fílmico *Independência ou Morte* (1972), de Carlos Coimbra⁴⁶; com Alexandre de Gusmão, um diplomata nascido em Santos que renegociou os termos do Tratado de Tordesilhas e ajudou a desenhar o mapa atual do Brasil, assim como a D. João VI, rei de Portugal e pai de D. Pedro I, e ao Barão do Rio Branco, o patrono da diplomacia brasileira. Além disso, o pronunciamento dialogou com uma série de outras fontes, como o seriado espanhol *Ministerio del Tiempo*⁴⁷, veículos de mídia estrangeiros como *Foreign Affairs*, *The New York Times* e *CNN*, bem como a controversa figura de Olavo de Carvalho, um escritor e ideólogo que foi influente durante grande parte do governo em tela.

Araújo enunciou que o Itamaraty iria defender "os direitos básicos da humanidade". "O principal dos quais, se me permitem usar o título de uma novela dos anos 1960, 'O direito de nascer'"(*T_01 *E_ERN – Apêndice A) estabelecendo diálogo com a telenovela *Direito de Nascer*, que foi originalmente produzida em 1964 pela TV Tupi⁴⁸. O discurso também menciona a saudação em tupi Anuê Jaci, cujo vocábulo é muito próximo daquele usado pelos membros do Movimento Integralista (Anauê), um grupo nacionalista fundado por Plínio Salgado, e a lenda do rei português Dom Sebastião,

⁴⁶ O longa-metragem de 1972 retrata a independência do Brasil de Portugal e foi dirigido por Carlos Coimbra. Tarcísio Meira e Glória Menezes interpretam os papéis principais de Dom Pedro 1º e Marquesa de Santos, respectivamente. O ministro expressou sua admiração pelo filme, revelando que o assistiu aos cinco anos de idade e ficou encantado. Além disso, ele mencionou que ficou emocionado ao ver o quadro da coroação de Dom Pedro 1º e o do grito do Ipiranga no prédio do Itamaraty, que fazem referência à história do Brasil e seus heróis.

⁴⁷ "Eu diria que o Itamaraty, em certo sentido, não é só o Ministério das Relações Exteriores, mas também o Ministério do Tempo. Como talvez nenhuma outra instituição no Brasil, nós temos a responsabilidade de proteger e regar este tronco histórico multiseccular por onde corre a seiva da nacionalidade" (*T_01 *E_ERN – Apêndice A). A produção televisiva dos irmãos Javier e Pablo Olivares, que se enquadra no gênero de "ficção histórica", foi criada pela emissora espanhola TVE e já foi transmitida em quatro temporadas. A série está disponível globalmente na plataforma de streaming Netflix e apresenta uma trama na qual governantes espanhóis de diferentes períodos históricos viajam através do tempo com o objetivo de impedir que a história do país seja alterada por aventureiros.

⁴⁸ Após a primeira produção, em 1964, a telenovela retornou em 1978 e 2001. A trama se passa em Havana, Cuba, no início do século 20, e gira em torno de uma mãe solteira (interpretada por Natália Timberg na primeira versão e Eva Vilma na segunda) que enfrenta o preconceito social. Devido às circunstâncias, seu filho é criado por outra mulher.

que desapareceu durante uma batalha em terras marroquinas e se acredita que um dia retornará para salvar Portugal.

A menção de Ernesto Araújo a Dom Bertrand de Orleans e Bragança, assim como aos presidentes Toffoli e Collor, pode ser interpretada como uma forma de enaltecer figuras que representam uma ideologia conservadora e monárquica, que vai contra os valores defendidos pela esquerda:

[Excerto 33]

Sua Alteza Imperial e Real Dom Bertrand de Orleans e Bragança, que juntamente com os presidentes Toffoli e Collor muito honram essa Casa e muito me honram pessoalmente, cuja presença muito agradeço (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

O excerto 33 que faz referência a "Sua Alteza Imperial e Real" é indicativa desse posicionamento político, que defende o retorno da monarquia ao Brasil. A ADD pode ajudar a compreender como a escolha de determinadas palavras e referências em um discurso podem influenciar a opinião do público e reforçar determinados valores e ideologias.

Nesse caso, a menção a figuras conservadoras pode servir para fortalecer o discurso de Araújo e construir consenso. Pode-se interpretar essa referência como um sinal preocupante de retrocesso político e social, uma vez que a monarquia representa uma forma de organização política ultrapassada e elitista, que favorece as elites e prejudica as camadas mais pobres da sociedade, naturalizando as desigualdades sociais.

No excerto 34 o ministro afirma que o presidente Jair Bolsonaro tem uma "convicção íntima e profunda" de que é necessário "reconquistar o Brasil e devolver o Brasil aos brasileiros".

[Excerto 34]

Essa convicção íntima e profunda animou o presidente Jair Bolsonaro na luta extraordinária que ele travou e está travando para reconquistar o Brasil e devolver o Brasil aos brasileiros. (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

O enunciado "reconquistar o Brasil" pode ser interpretado como uma referência à ideia de que o país teria sido "perdido" em algum momento anterior, e que Bolsonaro estaria agora liderando uma luta para recuperá-lo. Já a expressão "devolver o Brasil aos

brasileiros" sugere uma concepção de que o país teria sido controlado ou influenciado por agentes externos, e que agora seria necessário recuperar a soberania nacional.

O excerto 35 sugere que a nação estava aprisionada antes da ascensão do bolsonarismo ao poder:

[Excerto 35]

O presidente Bolsonaro está libertando o Brasil, por meio da verdade. Nós vamos também libertar a política externa brasileira, vamos libertar o Itamaraty, como o presidente Bolsonaro prometeu que faríamos, em seu discurso de vitória (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

O fragmento "O presidente Bolsonaro está libertando o Brasil, por meio da verdade." sugere que, do ponto de vista valorativo do enunciador, o Brasil estava aprisionado antes da chegada de Bolsonaro ao poder. A ideia de "libertação" é associada à "verdade", como se a administração anterior tivesse escondido algo do povo brasileiro. É importante notar que a verdade é um conceito subjetivo e pode ser interpretada de maneiras diferentes por diferentes pessoas.

Neste trecho: "Nós vamos também libertar a política externa brasileira, vamos libertar o Itamaraty, como o presidente Bolsonaro prometeu que faríamos, em seu discurso de vitória." o ministro se compromete a "libertar" a política externa brasileira e o Itamaraty, ou seja, a instituição responsável pela condução das relações internacionais do país. Essa fala sugere que o Itamaraty estava subjugado a uma agenda política anterior que, na visão do enunciador, não era favorável ao país. O fato de ele mencionar a promessa de Bolsonaro em seu discurso de vitória sugere que essa "libertação" era uma das principais metas do novo governo.

Dito de outra maneira, o trecho do discurso de posse do ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo, em 2019, sugere que o novo governo brasileiro se vê como um agente de mudança e "libertação" em relação à administração anterior. A ideia de "verdade" é utilizada como um símbolo dessa mudança, e o compromisso do ministro em "libertar" a política externa brasileira sugere que a visão do novo governo sobre as relações internacionais é bastante diferente daquela adotada pelo governo anterior.

Como já se citou antes, na fala de posse do ministro Ernesto Araújo, é possível observar a presença de diversos diálogos com referências culturais, como Marcel Proust, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, José de Alencar, Gonçalves Dias e Raul Seixas. A citação de Proust, "Nossos sentimentos vão se atrofiando por medo de sofrer", é utilizada para afirmar que a PEB se atrofiou por medo de ser criticada. Já a citação de Pessoa, "O

poeta superior diz o que sente. O poeta médio diz o que decide sentir. O poeta inferior diz o que acha que deve sentir", é utilizada para fazer uma comparação entre poesia e relações internacionais, sugerindo que o Brasil por muito tempo disse o que achava que se deveria dizer.

Ao dissertar a respeito do nacionalismo, o ministro cita Clarice Lispector para afirmar que a tendência nacionalista do Brasil não vem de uma vontade de isolamento, mas sim de autoconhecimento. Em seguida, no excerto 36, ele faz uma provocação, sugerindo que se leia menos revistas estrangeiras como "*Foreign affairs*" e "*New York Times*" e mais obras de escritores brasileiros como Cecília Meirelles, José de Alencar e Gonçalves Dias, além de escutar mais músicos como Raul Seixas.

[Excerto 36]

Lembrar-se da pátria. Não é lembrar-se da ordem liberal internacional, não é lembrar-se da ordem global, não é lembrar-se do que diz o último artigo da *Foreign Affairs* ou a última matéria do *New York Times*. É lembrar-se da pátria como uma realidade essencial.

Não estamos aqui para trabalhar pela ordem global. Aqui é o Brasil.

Não tenham medo de ser Brasil.

Não tenham medo (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

Essas referências culturais são utilizadas para construir uma ideia de resgate da identidade brasileira e de uma política externa mais autônoma e identitária, que não se submeta a influências estrangeiras. No entanto, essa posição pode ser questionada por não levar em consideração a importância do diálogo e da cooperação internacional na construção de soluções globais para questões como mudanças climáticas, pandemias, conflitos armados, entre outras.

No que concerne ao excerto 36, o fragmento enfatiza a importância de lembrar-se da pátria como uma realidade essencial, em contraposição à ordem liberal internacional e à ordem global. Essa ênfase pode ser entendida como uma crítica ao globalismo e ao multilateralismo, que são vistos por alguns setores políticos como uma ameaça à soberania nacional.

No entanto, é importante destacar que essa oposição entre pátria e ordem global não é necessariamente uma dicotomia absoluta. Na verdade, as relações internacionais contemporâneas são marcadas por uma interdependência cada vez maior entre os países, o que significa que os interesses nacionais não podem ser separados dos interesses

globais. Além disso, a ideia de "lembrar-se da pátria como uma realidade essencial" pode ser usada para justificar políticas nacionalistas e xenófobas, que excluem e discriminam grupos sociais considerados "estrangeiros" ou "não patriotas".

Por outro lado, a ênfase no Brasil como um país autônomo e independente pode ser vista como um posicionamento legítimo em defesa dos interesses nacionais. No entanto, é importante lembrar que a autodeterminação do país não pode ser alcançada às custas dos direitos humanos e das liberdades democráticas. Por fim, o excerto 36 apresenta uma mensagem de encorajamento, pedindo que as pessoas "não tenham medo de ser Brasil". Essa mensagem pode ser entendida como uma tentativa de mobilizar o sentimento patriótico e a identidade nacional em defesa de um projeto político específico. No entanto, é importante lembrar que a identidade nacional é plural e diversa, e que não há uma única forma correta de "ser Brasil".

Como é sabido, Itamaraty é o nome pelo qual é conhecido o Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Ao afirmar que "A partir de hoje, o Itamaraty regressa ao seio da Pátria amada" (*T_01 *E_ERN – Apêndice A), o ministro parece estar se referindo a um retorno às raízes, aos valores e à identidade do Brasil. Isso pode ser entendido como uma crítica implícita aos governos anteriores, que, segundo Araújo, teriam negligenciado esses aspectos em prol de uma agenda internacionalista.

Além disso, a expressão "pátria amada" sugere um tom patriótico e nacionalista, reforçando a ideia de que o Brasil deve se colocar em primeiro lugar nas suas relações internacionais. Novamente, isso pode ser entendido como uma rejeição à política externa dos governos anteriores, que, segundo Araújo, teriam se submetido a interesses estrangeiros em detrimento dos interesses nacionais.

A citação parece apresentar os tons valorativos do ministro das relações exteriores de que o Itamaraty, isto é, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, deve se pautar por uma política externa que priorize os interesses nacionais e esteja alinhada com os valores e a identidade do país. Ao afirmar que o Itamaraty regressa ao seio da Pátria amada, Araújo parece estar indicando que pretende resgatar esses valores e essa identidade, que teriam sido perdidos nos governos anteriores.

Ao se referir a si mesmo como "quixotesco", no fragmento 37 o ministro pode estar tentando se apresentar como um herói que luta contra moinhos de vento e obstáculos intransponíveis:

[Excerto 37]

Vocês podem dizer que isso é “quixotesco”, talvez, e as pessoas nos chamam, às vezes, ou me chamam de tantas coisas bem piores, que então “quixotesco”, só para dizer que talvez já estaria bom, “quixotesco” já seria um bom adjetivo. Mas isso me lembra algo que escutei do Professor Olavo de Carvalho, um homem que, após o presidente Jair Bolsonaro, talvez seja o grande responsável pela imensa transformação que o Brasil está vivendo (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

No entanto, essa caracterização pode também ser vista como uma forma de desqualificar aqueles que discordam de suas ideias, ao associá-los a algo irreal ou imaginário. Além disso, ao mencionar o nome de Olavo de Carvalho, o ministro parece estar endossando sua visão de mundo e contribuindo para a legitimação de um pensamento conservador reacionário e ultraliberal.

O êxito do olavismo, a adoção do seu pensamento único e individual, é fruto de uma negação dupla e duplamente conveniente: nega-se tanto a competência da rede de instituições científicas e de ensino para produzir ensinar conhecimentos, como também é negada a complexidade dos fenômenos do mundo. Novamente, ambas as negações estão relacionadas. Se os cientistas precisam se dedicar coletivamente à compreensão do mundo, acrescentando, em trabalho de formiga, algumas pedrinhas a um ilimitado mosaico, em plena consciência das suas limitações disciplinares e da relatividade e temporalidade do seu saber, e se, ao mesmo tempo, o mundo não pode ser complexo, mas baseado numa verdade única que Olavo de Carvalho quis descobrir desde criança, os cientistas têm de ser incompetentes - formando o ‘imbecil coletivo’, título de um de seus livros. Para não ser um idiota, para deleite de seus alunos, basta entender o mínimo que Olavo de Carvalho encontrou, convenientemente, num sistema que se destaca pela sua uniformidade, aplicabilidade e estabilidade (WINK, 2022, p. 228).

Ao afirmar que Olavo de Carvalho é um dos grandes responsáveis pela transformação que o Brasil está vivendo, o ministro parece estar ignorando o papel de outros atores sociais e políticos, como os movimentos sociais, os sindicatos e as organizações populares, que historicamente lutam por mudanças sociais e pela defesa dos direitos dos trabalhadores e das minorias. Além disso, ao mencionar Olavo de Carvalho como uma figura influente na transformação que o Brasil está vivendo, o ministro sugere que compartilha de suas ideias e valores, incluindo uma visão crítica em relação à globalização, aos valores liberais e progressistas e ao que considera uma hegemonia cultural esquerdista.

Wink (2022) destaca a popularidade do movimento olavista, que atrai milhares de seguidores em plataformas virtuais. Segundo o autor, a figura central do movimento, Olavo de Carvalho (1947-2022), é considerado por muitos como a única autoridade intelectual capaz de fornecer um conhecimento completo e fácil de entender. Para alguns, o olavismo oferece uma sabedoria monolítica que outros desejosos de conhecimento nunca poderão alcançar. Isso cria uma sensação de exclusividade e de pertencimento a um grupo privilegiado de indivíduos que têm acesso ao conhecimento "secreto" do movimento olavista.

Como ironia do destino, Olavo de Carvalho morreu de (ou com) a infecção do coronavírus cuja existência e periculosidade ele sempre tinha refutado. Se essa realidade de alguma forma afeta o sistema blindado do negacionismo olavista é incerto (WINK, 2022, p. 229).

Nesta citação, Wink (2022) reflete a respeito da morte de Olavo de Carvalho (1947-2022) em decorrência da infecção pelo coronavírus, apesar de suas negações sobre a existência e gravidade da pandemia. A citação sugere que essa situação irônica pode ter um impacto limitado no sistema blindado do negacionismo olavista. Como um movimento político e ideológico, o olavismo é resistente a evidências científicas e argumentos contrários às suas crenças, de modo que até mesmo fatos como a morte do escritor podem não ser suficientes para mudar a posição de seus seguidores.

É importante destacar que Olavo de Carvalho (1947-2022) é uma figura controversa e suas ideias já foram criticadas por muitos pensadores e acadêmicos, que as consideram extremistas e sem fundamento científico adequado. Além disso, suas críticas à ciência e à cultura popular podem ser preocupantes, uma vez que essas áreas são cruciais para o desenvolvimento social e econômico de qualquer país.

Num momento do discurso, o ministro enuncia “Admiramos os países latino-americanos que se libertaram dos regimes do Foro de São Paulo” (*T_01 *E_ERN – Apêndice A). A afirmação do ministro pode ser vista como um ataque à esquerda latino-americana, ao sugerir que os regimes do Foro de São Paulo são opressores e precisam ser "libertados". O Foro de São Paulo é uma organização política que reúne partidos de esquerda e movimentos sociais de toda a América Latina, com o objetivo de discutir estratégias para fortalecer a luta popular e construir um projeto político alternativo ao neoliberalismo. Portanto, a afirmação do ministro sugere que a esquerda latino-americana é uma ameaça à democracia e à liberdade, o que é uma visão deturpada e injusta.

Do ponto de vista teórico, a ADD nos permite observar como essa afirmação do ministro Araújo é construída discursivamente e como ela se relaciona com outras vozes e discursos presentes na sociedade. A ADD enfatiza a importância do diálogo e da interação social na construção do discurso, e sugere que as vozes presentes em um discurso não são autônomas, mas estão em constante relação com outras vozes e discursos presentes na sociedade. Nesse sentido, podemos observar que a afirmação do ministro Araújo se relaciona com outras vozes e discursos que procuram deslegitimar a esquerda latino-americana e que têm sido bastante presentes no contexto político brasileiro nos últimos anos. Essas vozes e discursos se apoiam em uma narrativa anticomunista que busca associar a esquerda a regimes totalitários e opressores, ignorando as contribuições históricas da esquerda para a luta por direitos e liberdades em todo o mundo.

A afirmação do ministro Araújo do ponto de vista político de esquerda, é uma tentativa de deslegitimar a esquerda latino-americana e reforçar uma visão deturpada e injusta sobre seus projetos políticos. Do ponto de vista teórico, ela nos permite observar como o discurso se constrói a partir de vozes e discursos presentes na sociedade e como essas vozes e discursos se relacionam entre si. Dando continuidade ao pronunciamento, Araújo afirma “admiramos os que lutam contra a tirania na Venezuela e em outros lugares. (*T_01 *E_ERN – Apêndice A). O enunciado pode ser considerado como uma tentativa de manipulação discursiva por parte do ministro das relações exteriores. O uso do termo "tirania" é uma forma de construir uma imagem negativa do governo da Venezuela e de outros países que não se alinham com a política externa do governo brasileiro. Além disso, a expressão "outros lugares" é vaga e pode incluir qualquer país que não seja considerado um aliado pelos governantes brasileiros.

Na ADD, o fragmento pode ser interpretado como um discurso autoritário, já que o ministro utiliza o pronome "nós" para incluir o Brasil em um suposto grupo de países que lutam contra a tirania. Essa construção discursiva pode sugerir a ideia de que o Brasil está acima das outras nações e tem o direito de interferir em assuntos internos de outros países.

Além disso, a frase pode ser vista como uma tentativa de construção de uma imagem positiva do governo brasileiro, já que o ministro se coloca como defensor dos direitos humanos e da democracia ao afirmar que "admiramos os que lutam contra a tirania". Entretanto, essa imagem positiva é contradita por outras ações e discursos do

próprio governo, como a defesa de regimes autoritários e a negação da existência de ditaduras no Brasil e em outros países da América Latina.

[Excerto 38]

Na verdade, o brasileiro não se interessava por política externa quando achava que política externa era simplesmente um exercício de estilo, infinitas variações para não dizer nada em um discurso da ONU. Desde a eleição do presidente Bolsonaro, o brasileiro está profundamente interessado e envolvido em política externa, mesmo porque o presidente dá uma atenção enorme a essa área, pois a considera algo profundamente integrado na vida nacional, e não alguma disciplina arcana à qual só teriam acesso alguns especialistas (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

A afirmação de que o brasileiro não se interessava por política externa quando achava que era apenas um exercício de estilo é uma tentativa de deslegitimar o discurso político anterior e, ao mesmo tempo, criar uma narrativa que atribui um novo significado à política externa do governo Bolsonaro. Dessa forma, há uma clara intenção de desvalorizar as políticas dos governos anteriores, que eram considerados por Bolsonaro e seus aliados como "ideológicas" e "antipatrióticas".

Além disso, o excerto 38 também apresenta a estratégia discursiva de exaltação do presidente Bolsonaro e de sua visão sobre a política externa, apresentando-a como profundamente integrada na vida nacional e não restrita a alguns especialistas. Essa estratégia é utilizada para construir a imagem de um líder forte e competente, capaz de promover a mudança e a transformação que o Brasil precisa.

Outra estratégia discursiva presente no trecho é a utilização da figura do "brasileiro" como uma forma de generalização e simplificação do público-alvo do discurso. Essa abordagem pode ser considerada como uma tentativa de aproximação do discurso com a população, uma vez que busca construir uma identificação entre o público e as ideias apresentadas.

O enunciado "o brasileiro está profundamente interessado e envolvido em política externa" pode ser interpretado como uma tentativa de legitimar as políticas externas do governo Bolsonaro e, ao mesmo tempo, reforçar a ideia de que o governo atual representa os interesses da maioria da população brasileira. Quanto ao encerramento do discurso, temos:

[Excerto 39]

Que Deus abençoe a todos vocês, aos que creem e aos que não creem, aos que estão conosco e aos que ainda não estão conosco. Que Deus abençoe o presidente Jair Bolsonaro e que Deus abençoe o Brasil.

Anuê Jaci!

Muito obrigado

(*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

Em “Que Deus abençoe a todos vocês, aos que creem e aos que não creem, aos que estão conosco e aos que ainda não estão conosco.”, destaca-se o uso do termo "ainda" que revela uma postura prepotente e arrogante, pois quem “não está conosco”, certamente estará no futuro, quando se der conta de que esse novo governo representa a “verdade”. O fato de ele sugerir que aqueles que não apoiavam o novo governo iriam eventualmente se juntar a eles, mostra uma falta de consideração e respeito pela opinião divergente.

Além disso, ao afirmar que o novo governo representa a "verdade", o discurso de posse de Ernesto Araújo sugere que aqueles que não compartilham de suas opiniões estão equivocados ou sendo enganados por outros interesses. Essa visão polarizada e simplista do mundo político pode levar a uma polarização ainda maior na sociedade, dificultando o diálogo, a alteridade e a busca por soluções mais justas e equilibradas.

Há, ainda, que se pensar a saudação em Tupi que o ministro usou tanto para abrir quanto para encerrar seu discurso: “Anuê Jaci!” A frase, um tanto deslocada dentro do discurso (lembremo-nos que o Tupi era falado pelos índios que habitavam o continente antes da invasão europeia, mas o próprio Araújo afirmara, em seu discurso de posse, que os fundadores que atravessaram oceanos eram seus ancestrais, aqueles que, por amor, formaram a nação brasileira) se justifica, segundo Araújo, por significar Ave Maria, em uma suposta tradução de José de Anchieta.

Essa primeira colocação aponta para duas questões. A primeira, por meio da representação de Anchieta, recorda a inculturação implementada no Brasil pelos jesuítas no século XVI, e a segunda, mais explícita, revela que, em verdade, não existe até o momento fonte fidedigna e/ou registro histórico da saudação utilizada pelo Ministro de Estado, nem a referida tradução do jesuíta José de Anchieta com os termos utilizados que indique a real autoria de Anchieta.

A expressão utilizada pelo Ministro de Estado como saudação e despedida indica claramente que ele está se associando a uma narrativa histórica do período colonial. Isso pode ser observado tanto por meio dos princípios subjacentes à expressão quanto pelo seu

sentido, bem como pela forma como a palavra em questão é utilizada. O tom ufanista e patriota do ministro mascara certa crítica ao globalismo, mas também aflora o epicentro de seu pensamento: uma ideologia unilateral de base cristã que, segundo sua fala, será a guia de sua política externa – tal qual a terrivelmente cristã postura de Damares, não nos esqueçamos.

Ainda resta lembrar, contudo, que, se não pudemos encontrar o termo “anuê” em fonte alguma, ele lembra fortemente o termo “anauê”, a saudação do movimento fascista brasileiro Integralismo, comandado por Plínio Salgado. O termo, de origem tupi, foi incorporado como saudação oficial pelo Movimento Integralista durante o governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1934) e se consideravam, também, ufanistas e patriotas.

“Quanto a mim, em tudo ouço vozes e relações dialógicas ente elas” (BAKHTIN, 2011, p. 78). Apesar de não haver registro da grafia Anuê e de sua proximidade exponencial com Anauê, o Itamaraty não fez questão de questionar a afirmação de haver alusão de Araújo à doutrina de extrema direita. O possível dialogismo entre Araújo e a perspectiva Integralista apenas realça a ideia suplementar defendida nesta análise, a de que o efeito de sentido discursivo sugerido pelo governo Bolsonaro de uma aliança ideológica entre liberalismo e conservadorismo reflete, diretamente, a política internacional brasileira.

Ernesto Araújo ainda retoma a imagem do rei português Dom Sebastião, que morreu com apenas 24 anos de idade em Alcácer-Quibir quando ele segue sua intuição e avança contra os mouros em uma cruzada particular. Segundo as palavras do próprio Chanceler, dever-se-ia pensar:

[Excerto 40]

(...) em dom Sebastião. Quando preparava sua expedição à África, algum nobre da corte portuguesa perguntou a dom Sebastião se ele não tinha medo. Dom Sebastião olhou e perguntou: ‘De que cor é o medo?’. O mito ensina a não ter medo, e é curioso que o mito é o mito e, no momento atual, o mito é o apelido carinhoso que o povo brasileiro deu ao presidente Bolsonaro (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

Ao comparar a grande figura de Bolsonaro com o mítico Dom Sebastião – apelidado por “o Desejado” e “o Adormecido” – e, ainda mais, alocar as duas figuras

como mito⁴⁹, o chanceler conclama, indiretamente, os seguidores de Bolsonaro a uma guerra particular contra as “heresias” declaradas pela constituição que agrada a muitas minorias, mas não prioriza as chamadas maiorias.

Dessa forma, a comparação feita por Araújo com Dom Sebastião, aliada ao restante do seu discurso, comprova que há uma tentativa de mudança não apenas em atitudes, mas também no discurso predominante. O Ministro procura impor a sua visão de verdade e rejeitar qualquer outra perspectiva que possa surgir. Sob a liderança bolsonarista, o Estado adota uma agenda focada no mercado liberal e no conservadorismo extremo, desconsiderando a pluralidade de valores, a liberdade e a neutralidade que caracterizam uma democracia verdadeiramente democrática.

Ao longo deste item, identificou-se e analisou-se algumas das estratégias discursivas utilizadas pelo ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo, em seu discurso de posse. Argumenta-se que essas estratégias foram utilizadas para criar uma narrativa que valorizasse a política externa do governo Bolsonaro e deslegitimasse as políticas dos governos anteriores, ao mesmo tempo em que reforçaram a figura do presidente Bolsonaro como um líder forte e competente, capaz de promover mudanças e transformações no Brasil.

No próximo item, ter-se-á como objetivo analisar como termos polissêmicos como "verdade" e "liberdade", associados a Deus e à religião, foram utilizados durante a campanha e governo Bolsonaro, assim como os possíveis diálogos que essa combinação semântica pôde gerar nos discursos de posse de seus ministros. Especificamente, o discurso de posse de Ernesto Araújo, que é o principal enunciado concreto analisado neste terceiro capítulo desta dissertação.

3.2 O Estado laico em um governo “cristão”

Concordamos com Almeida (2019a) que, ao tecer o ensaio “Deus acima de todos”, para a obra “Democracia em risco?” que objetivava pensar o Brasil no cronotopo de 2019,

⁴⁹ Cabe lembrar que a figura do mito e do Messias expressada no discurso de Bolsonaro durante a campanha eleitoral foi explorada de forma a reforçar discursiva e simbolicamente o plano sagrado em torno de seu nome. Essa construção narrativa foi utilizada estrategicamente para criar uma imagem de liderança forte e messiânica, capaz de trazer soluções miraculosas para os problemas do país. Durante sua campanha, Bolsonaro foi frequentemente retratado como um líder carismático e redentor, capaz de resgatar o Brasil de seus supostos problemas e restaurar a ordem e a prosperidade. O termo "mito" foi amplamente utilizado por seus apoiadores para exaltar suas características heroicas e sobre-humanas, criando uma aura de adoração e reverência ao seu redor.

sugeria que a ascensão do conservadorismo no Brasil não foi apenas resultado das escolhas eleitorais dos cidadãos, mas também de um processo social mais amplo que está em curso no país desde as manifestações de junho de 2013.

O autor acredita que a campanha eleitoral de Bolsonaro foi uma espécie de destilação de um processo social mais amplo que está em andamento no país e no mundo. Esse processo começou a se desenrolar durante a crise social que o Brasil enfrentou após as manifestações de junho de 2013. Essas manifestações foram responsáveis por liberar forças sociais que estavam parcialmente desarticuladas e reprimidas sob uma legitimidade discursiva construída pelo campo político à esquerda.

A partir de então, houve uma sinergia crescente entre atores sociais, uma amálgama de valores culturais e uma concentração de forças políticas que, juntos, configuraram o que é comumente chamado de "onda conservadora". O antropólogo argumenta que o Deus ao qual Bolsonaro invoca faz parte dessa onda conservadora:

Ele [esse Deus] não está acima de todas as coisas, mas se articula a algumas linhas de força social que constituem a onda. (...) Nem todos os conservadores são evangélicos; nem todos os evangélicos são conservadores. Entre os religiosos existem progressistas e conservadores, liberais e socialistas, moderados e fundamentalistas. Estão em todos os partidos. Entretanto, a tendência evangélica mais hegemônica é constituída – e, ao mesmo tempo, é constituinte – dessa onda em curso no Brasil (ALMEIDA, 2019a, 39-40).

A campanha presidencial que levou Bolsonaro⁵⁰ à chefia do executivo foi rica em citações bíblicas e contou com sinalizações, alianças e apoios estratégicos junto ao segmento evangélico, demograficamente expressivo (ainda que não coeso), “(...) mobilizados por pautas de costumes, pelo medo da ‘ameaça comunista’ e pelo apelo à honestidade das ‘pessoas de bem’, muitos evangélicos votaram no candidato” (ALMEIDA, 2019, p. 37). Apesar de Bolsonaro declarar-se católico, Silas Malafaia, pastor da Assembleia de Deus, celebrou o seu último casamento, com uma evangélica e,

⁵⁰ À época da campanha, o candidato em questão, compunha o Partido Social Liberal (PSL), formalizando a chapa: “Brasil Acima de tudo, Deus acima de todos”, junto ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), partido do seu vice, o general Mourão. Logo após a vitória na campanha eleitoral em 2018, Bolsonaro rompe com o PSL e, em novembro de 2021, filia-se ao Partido Liberal (PL). Ambos partidos são marcados pelo conservadorismo, reacionarismo e posicionamentos contrários à diversidade humana e às liberdades individuais.

após a votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) na Câmara dos Deputados, em 2016, Bolsonaro foi batizado pelo pastor Everaldo, também da Assembleia de Deus, no Rio Jordão, em Israel, mesmo tendo recebido o sacramento católico na infância” (ALMEIDA, 2019a, p. 36).

Ao longo do governo, o chefe de Estado se mostrou como “um cristão, sem acentuar as cores católicas e sempre sinalizando para os evangélicos que pode ser, parecer ou se tornar evangélico” (ALMEIDA, 2019a, p. 37). Neste sentido, o presidente expressou a utilidade que alguns segmentos religiosos representaram para ele, no sentido de aglutinar sujeitos que pudessem reproduzir os ideais e ideias retrógrados os quais ele representa. Não é possível afirmar, com certeza, a que cristão o governo de Bolsonaro representou, pois a comunidade cristã brasileira é diversa e composta por diferentes denominações e correntes de pensamento.

Inclusive, é importante destacar que há cristãos que se opuseram ao governo de Bolsonaro e suas políticas. Um exemplo disso é a chamada "teologia da libertação", que tem suas raízes na América Latina e enfatiza a justiça social e a luta contra a opressão e a desigualdade. A teologia da libertação é baseada no Evangelho e busca uma leitura mais crítica e engajada do texto sagrado, procurando aplicar seus princípios na defesa dos direitos humanos, na solidariedade com os mais pobres e marginalizados e na promoção da paz. Essa corrente teológica é frequentemente associada a movimentos sociais progressistas e partidos de esquerda, que têm criticado o governo de Bolsonaro por sua agenda conservadora e liberal na economia. Por exemplo, a Reforma da Previdência, que foi aprovada no início do mandato de Bolsonaro, foi criticada por muitos cristãos que viram nela um ataque aos mais pobres e vulneráveis, que dependem da seguridade social para sobreviver.

Outra questão que causou controvérsia entre os cristãos e o governo de Bolsonaro foi a política ambiental do governo. Muitos cristãos veem a preservação da natureza como uma questão fundamental de justiça social e de responsabilidade com as gerações futuras, e criticaram o governo por suas políticas de desmatamento e exploração dos recursos naturais. É importante lembrar que a diversidade de opiniões entre os cristãos é um reflexo da própria diversidade do Evangelho e da pluralidade de interpretações que ele pode suscitar. Portanto, é preciso respeitar as opiniões divergentes e buscar o diálogo e o entendimento mútuo, sempre com base nos princípios de amor, justiça e solidariedade que são centrais para a fé cristã.

3.2.1 Oração de abertura

Almeida (2019a) relembra que, antes de iniciar o discurso da vitória, logo após anunciado o resultado das eleições 2018, Jair Messias Bolsonaro passou a palavra ao senador, pastor e cantor gospel Magno Malta (PR-ES), que enunciou:

Nós começamos essa jornada orando. E o mover de Deus... e ninguém vai explicar isso nunca: os tentáculos da esquerda jamais seriam arrancados sem a mão de Deus. Começamos orando e mais do que justo que agora oremos para agradecer a Deus (MALTA, 2018).

Em seguida, após todos os presentes darem as mãos, iniciou-se uma típica oração evangélica pentecostal e, ao final, em coro, enunciaram o bordão da campanha: “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. Dentre os vários pronunciamentos efetuados na ocasião, Bolsonaro agradece a Deus por ter sido salvo pelos profissionais da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora e do Hospital Albert Einstein em São Paulo⁵¹. Ele afirma que essa é uma missão divina e que a verdade é libertadora. Bolsonaro promete que seu governo será um defensor da Constituição, da democracia e da liberdade, não apenas em nome de um partido, mas como um juramento a Deus. Ele acredita que a verdade vai libertar o Brasil e que a liberdade vai transformá-lo em uma grande nação. Bolsonaro afirma que a verdade é um farol que guiará seu caminho e continuará iluminando seu governo.

Nos pronunciamentos do então presidente do Brasil, a palavra verdade é repetida várias vezes. Além disso, a citação bíblica “*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” é transformada em mais um slogan da campanha, já que uma e outra vez é mencionado o ataque que sofreu e sua recuperação, o que permite a Bolsonaro expressar sua gratidão aos profissionais de saúde e a Deus, que é visto como o intermediário que possibilitou seu milagroso retorno para cumprir sua suposta missão divina. Ele prossegue enfatizando sua obsessão pela verdade:

além das reiteradas ocorrências do termo "verdade", há uma passagem em que a obsessão bolsonarista com a verdade torna-se ainda mais manifesta. Trata-se deste juramento: “Faço de vocês minhas testemunhas de que esse governo será um defensor da Constituição, da democracia e da liberdade. Isso é uma promessa; não de um partido. Não é a palavra vã de homem. É um juramento a Deus”. A instituição

⁵¹ Esfaqueado em Juiz de Fora em 6 de setembro de 2018, ele foi operado por médica da Santa Casa da cidade mineira (LEIA, 2019).

das “testemunhas”, a indicação da “promessa”, a denegação da “palavra vã” e a asserção do “juramento a Deus” produzem uma saturação na garantia que se pretende outorgar ao que é proferido. De modo geral, já fomos ensinados a ler o excesso como sintoma da falta. Vimos aqui que, com Bolsonaro, algo semelhante já se processara em sua insistência nas obsessivas demonstrações de coragem e virilidade e em não poucas simulações de humildade (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 231-232).

Assim, o discurso do presidente eleito externa aquilo que ele representa e acredita, uma aglutinação entre a política e a religião, a fim de constituir uma forma de se fazer política, que por meio do discurso é manifesta e externa o autoritarismo, suas obsessividades e o “mito do homem viril”, que tanto marcou os anos duros da ditadura militar – anos, os quais, o próprio presidente faz questão de comemorar e mencionar como sendo uma “revolução para o nosso país” (CARTA CAPITAL, 2021). Outro elemento, importante em ser destacado,

O juramento é o remédio contra o flagelo da violação da palavra dada. Sua função consiste em tentar garantir a verdade do que é dito, justamente porque sabemos que a linguagem humana nos permite dizer a verdade, mas também mentir e guardar segredos, porque, diferentemente da linguagem divina, que faz o que diz no próprio ato de dizer, na dos humanos não há correspondência necessária entre palavras e coisas falas e ações. Ele destina-se a impedir a desconfiança e a assegurar a verdade de uma asserção ou de uma promessa (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 232).

A citação de Piovezani e Gentile (2020) tece considerações a respeito do papel do juramento como uma forma de garantir a veracidade do que é dito ou prometido. Ela destaca que a linguagem humana permite que as pessoas mintam e guardem segredos, o que pode gerar desconfiança e violação da palavra dada. O juramento, por sua vez, é um remédio para essa situação, pois tem a função de tentar garantir a verdade do que é dito ou prometido. Ele funciona como uma forma de comprometimento solene, no qual a pessoa que faz o juramento coloca sua credibilidade em jogo, o que pode servir como um incentivo para que ela cumpra sua palavra.

O linguista e o historiador fazem uma comparação entre a linguagem divina e a humana, destacando que, enquanto na linguagem divina há uma correspondência necessária entre palavras e ações, na dos humanos isso não ocorre de forma automática. Por isso, o juramento é visto como uma forma de garantir a veracidade do que é dito ou

prometido, evitando a desconfiança e assegurando a confiabilidade de uma asserção ou promessa.

Em consonância com Almeida (2019a), acredita-se que um governante só pode governar de acordo com a forma e com as pessoas que o elegeram. Qualquer outra forma de governar seria uma fraude eleitoral. Nesse sentido, o presidente Bolsonaro formou um ministério alinhado às visões ideológicas e discursivas dos eleitores que o escolheram. Essa aliança se manifesta em citações religiosas que permeiam os discursos de posse de seus ministros. Como exemplo, a epígrafe que abre esse capítulo apresenta a citação ‘Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará’ (JOÃO, 8:32), pronunciada pelo embaixador Ernesto Araújo na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores, em 2019.

Nesta linha de raciocínio, o caso mais curioso foi o pronunciamento “O Estado é laico, mas essa ministra é terrivelmente cristã [...] Acredito nos desígnios de Deus e propósitos de Deus”, da ministra das Mulheres e Direitos Humanos, Damares Alves, que inspirou o título deste subitem.

Aplaudida repetidamente por centenas de assessores e convidados, com frequentes comentários de ‘aleluia’ e ‘graças a Deus’, Damares, que é evangélica, chorou em diversos momentos de seu discurso (...) a ministra declarou que vai governar com ‘princípios cristãos’, sempre priorizando a família. ‘O Estado é laico, mas essa ministra é terrivelmente cristã’, disse Damares. ‘Acredito nos desígnios de Deus e propósitos de Deus’ (BORGES, 2019, s/p).

A citação de Borges (2019) destaca que o enunciado proferido pela ministra Damares Alves foi muito aplaudido por assessores e convidados. Durante o discurso, a ministra, que é evangélica, chorou em vários momentos. Ela afirmou que governará com princípios cristãos, sempre priorizando uma determinada concepção de família. A ministra reconheceu que o Estado é laico, mas afirmou que ela é "terrivelmente cristã". Ou seja, ela expressou sua crença nos desígnios e propósitos de Deus.

O enunciado sugere a ministra governaria com uma perspectiva cristã, que inclui valores como a família e a fé em Deus. A ministra reconhece que o Estado é laico, ou seja, não deve estar associado a nenhuma religião em particular. No entanto, ela também enfatiza sua identidade cristã e sua crença na vontade de Deus. Em contraposição à fala da ministra, a Carta Magna, em seu art. 5º, inciso VI, apresenta o Estado Brasileiro como laico, quando assegura a liberdade de crença aos cidadãos:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Neste sentido, Souza (2019) argumenta que apreender o Estado Brasileiro como laico implica na separação entre a religião e suas manifestações ideológicas dos atos governamentais. Para ele, “em uma democracia, a pluralidade de crenças e valores é incalculável, justamente por pousar sobre a liberdade. E o Estado deve agir com o máximo de neutralidade e igualdade possível com relação as mais diversas pautas” (s.p.). É neste sentido que se considera a laicidade como princípio crucial para a manutenção da democracia e dos direitos individuais e coletivos. Em complemento a Souza, Fischman afirma que:

assim, o caráter laico do Estado, que lhe permite separar-se e distinguir-se das religiões, oferece à esfera pública e à ordem social a possibilidade de convivência da diversidade e da pluralidade humana. Permite, também, a cada um dos seus, individualmente, a perspectiva da escolha de ser ou não crente, de associar-se ou não a uma ou outra instituição religiosa. E, decidindo por crer, ou tendo o apelo para tal, é a laicidade do Estado que garante, a cada um, a própria possibilidade da liberdade de escolher em que e como crer, enquanto é plenamente cidadão, em busca e no esforço de construção da igualdade (FISCHMANN, 2012, p. 16 - 17).

O dicionário Priberam da Língua Portuguesa (c2022) apresenta, dentre os conceitos do vocábulo laico, “que não sofre influência ou controle por parte da igreja”. Almeida apresenta que “boa parte da argumentação dos atores pró-conservadorismo dos costumes apela para a constatação (...) de que ‘O Estado é laico, mas a sociedade é religiosa’, ou então de que ‘O estado é laico, mas não é ateu’” (2019a, p. 47). Damares foi além ao enunciar que, apesar do Estado ser laico, ela era uma ministra terrivelmente cristã. O mesmo dicionário apresenta “terrível” e “terrivelmente” como vocábulos que gravitam em um campo semântico negativo, filiado ao terror, a algo assustador e medonho:

ter·rí·vel

1. Que infunde terror. 2. Assustador. 3. Medonho. 4. Enorme. 5. Extraordinário. 6. Funestíssimo. 7. Muito mau.

ter·ri·vel·men·te
 (terrível + -mente). Advérbio. 1. De modo terrível.
 2. Em grau elevado (ex.: ele é terrivelmente maçador) = MUITO
 (PRIBERAM, c2022).

A associação do vocábulo “terrivelmente” ao cristianismo, no contexto em que foi enunciado, soa como algo negativo, estranho e contraditório e em oposição ao princípio do Estado laico, principalmente quando pronunciado por uma agente do Estado. Porém, esta associação vocabular expressa a posição ideo-cultural assumida pelo Estado no contexto do conservadorismo religioso.

Por meio das breves reflexões que traçamos até o momento, fora possível demonstrar que os discursos proferidos pelo presidente e os seus ministros externam os seus vínculos com os ideais reacionários que, por meio da insistente filiação da política e da religião, externam um discurso potente e constroem relações de poder em sintonia com o tempo presente, o qual deve ser responsável em naturalizar as contradições do tempo presente. Neste sentido, “a verdade” que seria responsável em libertar um povo, consolida-se enquanto uma ideologia da conformação, já que os princípios divinos quiseram assim, cabendo aos sujeitos respeitar, aguardar e orar.

3.3 “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”: o Estado laico num governo “terrivelmente” cristão

Brum (2019) argumenta que os ministros foram escolhidos por Jair Bolsonaro por motivos afetivos, em vez de ser por suas competências ou expertises. Para ela, um exemplo disso é o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que se tornou responsável por construir a base ideológica do presidente:

Há ainda os ministros da cota afetiva de Bolsonaro, como o chanceler Ernesto Araújo, que assumiu para si a tarefa de construir a base intelectual da ideologia de Bolsonaro. Em artigo publicado numa revista americana, o diplomata que parece desprezar a diplomacia lançou uma espécie de nacionalismo religioso: ‘Deus através da nação’ (BRUM, 2019, s.p.).

A citação sugere que a nomeação de ministros no governo de Bolsonaro nem sempre se baseou em critérios técnicos ou políticos, mas muitas vezes em ligações pessoais ou afetivas. Ernesto Araújo é apresentado como um exemplo disso, tendo sido escolhido para uma posição importante, mesmo que suas opiniões e atitudes pareçam desprezar a tradição diplomática. O nacionalismo religioso apresentado em um artigo

publicado por Araújo indica que a religião e a ideologia estão intimamente ligadas na administração de Bolsonaro.

Essa espécie de nacionalismo religioso defendido por Ernesto Araújo pode ser observado, inclusive, no discurso do diplomata na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores, em Brasília, em 2 de janeiro de 2019. Araújo inicia a sua fala cumprimentando as autoridades, a família, amigos e colegas presentes e, logo em seguida, apresenta uma citação bíblica:

[Excerto 41]

Gostaria de começar com uma frase que é absolutamente fundamental para entender o que está acontecendo no Brasil. Vou dizê-la de uma maneira diferente do que vocês estão acostumados a ouvir: *Gnosesthe ten aletheian kai he aletheia eleutherosei humas*. Essa convicção íntima e profunda animou o Presidente Jair Bolsonaro na luta extraordinária que ele travou e está travando para reconquistar o Brasil e devolver o Brasil aos brasileiros (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

A citação bíblica vincula o conhecimento da verdade à libertação: “O Presidente Bolsonaro está libertando o Brasil por meio da verdade. Nós vamos também libertar a política externa brasileira, vamos libertar o Itamaraty, como o Presidente Bolsonaro prometeu que faríamos, em seu discurso de vitória”. Observa-se que desejo e poder perpassam a construção e a difusão de discursos tidos como verdadeiros em determinada sociedade. Ora, se a verdade não é um fato, mas um elemento constituído, construir um discurso de governabilidade alçado nessa pretensão de se conhecer a verdade implica em construir, discursivamente, um esquema representacional que tome esse discurso como o certo, coerente e justo. O encerramento do discurso do então Ministro Ernesto Araújo apela para verdade como instrumento de libertação, via amor:

[Excerto 42]

A verdade liberta, mas para chegar à verdade é preciso conhecê-la. E não se trata aqui de um conhecimento racional, pois a verdade não pode ser ensinada, a verdade nesse sentido profundo não pode ser ensinada por dedução analítica. Gnosis é o conhecimento no sentido de uma experiência mais íntima. A verdade é essencial, mas não pode ser ensinada nem aprendida. Mas se é assim, como é que nós vamos conhecer a verdade, que é a chave disso tudo? Para explicar isso eu queria apelar a um brasiliense ilustre, Renato Russo, quando ele diz: “é só o amor, é só o amor que conhece o que é verdade. (...) É só o amor que explica o Brasil. O amor, o amor e a coragem que do amor conduziram os nossos ancestrais a formarem esta nação imensa e complexa. (...) Foram o amor, a coragem e a fé que trouxeram até aqui, através do oceano, através das florestas, pessoas que nos fundaram (...) (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

Lendo o discurso de Araújo, vê-se que existem três pontos básicos indicados pelo ministro: i) a verdade liberta, ii) essa verdade não é racional (por isso não pode ser ensinada analiticamente, sentimo-la intimamente) e iii) a verdade só é conhecida pelo amor. Desses três enunciados, pode-se estabelecer o evento social do governo Bolsonaro: em primeiro, o ministro conclama a todos para conhecerem a verdade. Enquanto orientação social mais ampla, ao decretar que o novo presidente inicia um governo que liberta porque é alicerçado na verdade, Araújo automaticamente se contrapõe polemicamente, ao governo anterior. Enquanto modelo responsivo, a verdade de Bolsonaro se contrapõe à mentira daquilo que, até então, era governo. A alternância se dá de forma polêmica pois o outro, o governo anterior, ecoa alternativamente como polo negativo.

Poder-se-ia, nesse momento, contrapor às palavras de Araújo ao pensamento científico – pois, como asseverou Bakhtin (2011), há em todo enunciado concreto um contexto verbo-ideológico ancorado no tempo e no espaço – mas, argutamente, o ministro apresenta sua segunda premissa, a de que a verdade não é racional, por isso impossível de ser deduzida analiticamente. Ao fugir para um *locus* incapaz de ser apreendido, o ministro encerra sua colocação afirmando que a única forma de entender essa atividade mental guiada por uma orientação social é por meio do amor.

Ao decretar o amor como *modus operandi* da verdade a ser implementada pelo governo Bolsonaro, Araújo conclama que o povo brasileiro adquira uma forte afeição por tudo aquilo que será realizado, sem qualquer questionamento – afinal, o amor não se explica por dedução analítica e é isento de reflexão crítica. Ou seja, a ideologia, desenvolvida por Araújo e constantemente afirmada por outros ministros, se baseia no discurso cristão, e cria uma realização exterior mais ampla, mais imediata, mas com certa delimitação de interação, pois obriga o interlocutor a acreditar na “verdade” por meio de seu sentimento.

Brum (2019) destaca que a equipe Bolsonaro “vendeu”, aos seus eleitores, o passaporte de volta para o paraíso perdido: “Essa ‘nova direita’ compreende muito bem os anseios de uma parcela dos homens desesperados desse tempo”. Na busca por se filiar aos campos da comunicação discursiva daqueles que o elegeram, (re)produzindo uma visão que satisfizesse aos “anseios” dos seus eleitores, “Bolsonaro prega ‘transformação’, mas somente se elegeu porque sua proposta de ‘mudança’ trabalha com a ilusão do retorno. E, essa ilusão é bem compreendida no discurso de Araújo. Há

realmente um retorno ao processo de criação de significados e uma ressignificação do termo verdade e de sua funcionalidade.

Em uma leitura desse discurso político, o que se constata é que o enunciador detrata o discurso da governabilidade anterior, impõe-se como criador de um discurso amoroso que “explica o Brasil”, resgata corajosamente um projeto ancestral e se firma pela verdade trazida pelos fundadores da nação brasileira; verdade essa impossível de ser compreendida ou racionalizada. Seu realizar-se faz-se apenas por meio do amor.

Esse discurso, que se quer fundador, entretanto, apresenta duas falácias básicas até aqui. A primeira se dá com a palavra amor. Se a governabilidade bolsonarista se dá por meio do amor, sua enunciação concreta não poderia ser polêmica, afinal, o amor, como bem conceitua todo dicionário, se dá por afeição e empatia, jamais por embates e polêmicas. A segunda falácia detectada está no cerceamento do pressuposto filosófico que acompanha esse discurso. Se existe uma proposta ou um projeto político de governabilidade, ele não precisa ser esclarecido, antes, ele só pode ser alcançado por meio de uma fé cega e de uma crença inabalável naquilo que é apresentado como verdade. Contudo, se há proposta, ela não pode ser construída por meio da fé e da irracionalidade, pois toda construção – mesmo que seja um resgate de uma verdade abafada por discursos opostos – precisa ser apresentado e construído enquanto tal. A simples fé amorosa não garante qualquer projeto, apenas um vazio discursivo cujo preenchimento não se dá em momento algum.

Esse vácuo, inclusive, parece ser um elemento presente em todos os componentes do governo Bolsonaro. Se se avançar no discurso de Ernesto Araújo, não há nada diferente:

[Excerto 43]

O Presidente Bolsonaro disse que nós estamos vivendo o momento de uma nova independência. É isso que os brasileiros profundamente sentimos. E deveríamos senti-lo e vivê-lo, ainda mais aqui no Itamaraty, onde a história está tão presente. Deveríamos deixar fluir por estes salões e corredores a emoção deste novo nascimento da pátria. Precisamos desesquecer e lembrar de quem somos, de quem estamos voltando a ser (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

O pequeno trecho comprova, *ipsis literis*, o já afirmado. Ao se observar a primeira oração do período, há uma informação: “o presidente Bolsonaro disse”. A segunda oração, ao invés de complementar ou se justapor a primeira, afirma que ela é uma “verdade sentida”. Mais que isso, a continuação do discurso comprova que, se alguém

não o sente, deveria sentir, quase como obrigação, em especial no Itamaraty. Veja: já anteriormente o ministro afirmara que era necessário acreditar em uma verdade que não seria dedutível, apenas sentida. Já neste momento, o ministro passa da teorização para a realização. Dessa forma, se antes dever-se-ia aceitar, pela via do amor, a verdade imanente ao discurso de Bolsonaro, neste caso o ministro cita o presidente e diz que essa fala é uma verdade que deve ser sentida e acreditada “acima de tudo e de todos”.

Junto à instauração dessa “nova verdade”, Araújo implanta uma nova visão de Estado: o Estado que crê terrivelmente e de forma exasperadamente cristã e parcial. Para isso, como deixa claro em seu discurso, o presidente Jair Bolsonaro precisará implantar uma nova república.

Essa nova república, guiada pelo eleito e atual Marechal Deodoro da Fonseca, implantar-se-á por meio de um “sentimento verdadeiro” que todos devem procurar por meio da fé. Ou seja, ao repetir a História do Brasil tendo como centro a figura de Bolsonaro, o novo chanceler explicita que todos devem sentir para poder conseguir viver sob esse novo jugo. E, mais uma vez, retoma-se a ideia de que a verdade não é algo que deva ser verificável (repetir o marechal em um capitão), conferido ou deduzido de forma racional.

Por isso, o novo marechal se traveste em atual herói da independência e conclama ser reconhecido pelo Itamaraty e por seus corredores que presentificam a História. A ideia de “herói” é muitas vezes associada a indivíduos que são admirados por suas ações extraordinárias e que são considerados modelos de conduta para outras pessoas. Esses indivíduos geralmente são vistos como líderes que têm a capacidade de inspirar outros e de mudar o mundo ao seu redor.

No contexto do governo de Jair Messias Bolsonaro, muitos de seus apoiadores o veem como um “herói”, um “salvador da pátria” que é capaz de lutar contra a corrupção, a criminalidade e a esquerda. Ele é muitas vezes retratado como um líder forte que não tem medo de tomar decisões impopulares, e que está disposto a enfrentar os desafios que o país enfrenta.

No entanto, a ideia de Bolsonaro como um “herói” é problemática, especialmente para aqueles que não se alinham ideologicamente ao olavismo e ao bolsonarismo como, por exemplo, os seguidores da ideologia do *white power* (expressão utilizada por grupos e indivíduos que defendem a supremacia branca, ou seja, a ideia de que a raça branca é superior a outras raças e deve ter um poder político, econômico e social superior), porque

ele tem uma longa história de declarações polêmicas e de atitudes questionáveis em relação a minorias e a grupos marginalizados. Além disso, alguns questionam se as políticas e decisões de Bolsonaro realmente melhoraram a vida dos brasileiros, especialmente no que diz respeito à saúde pública e à proteção do meio ambiente.

Em relação à ideia de "capitão", que é frequentemente usada para se referir a Bolsonaro, podemos pensar nela como uma referência a sua carreira militar anterior. Para alguns, essa imagem de um líder militar forte e disciplinado pode ser atraente, especialmente em um país que enfrenta altos índices de criminalidade e violência. No entanto, é importante lembrar que o papel de um governante é muito diferente do papel de um líder militar. Em um sistema democrático, o líder deve estar disposto a ouvir e responder às vozes de todos os cidadãos, independentemente de suas opiniões políticas ou ideológicas. Alguns críticos argumentam que Bolsonaro não tem sido capaz de fazer isso, e que suas decisões e políticas muitas vezes parecem ser impulsionadas por uma ideologia de direita rígida.

Ao pedir para deixar fluir a nova independência pelos corredores do Itamaraty, podemos inferir ser possível, inclusive, que Araújo exija dos diplomatas o cumprimento de suas tarefas de negociar, informar e representar em favor de uma nova política que pretende, qual a república, apagar a anterior e suas marcas – sejam elas positivas ou não.

Ao negociar não apenas em nome do Estado, mas também de um governo em particular, o diplomata passa a representar o interesse de uma ideologia, criando, assim, aquela verdade acreditada defendida pelo ministro. Enquanto sujeito que tem a tarefa de informar, o diplomata, ao assumir a presente ordem, acaba por criar condições existentes de uma perspectiva ou ideologia.

Ademais, o diplomata também representa a presença do Estado e acaba, no duplo sentido do termo, “mostrando a bandeira” ao aceitar o pleito apresentado. Ao representar o poder instaurado e praticar atos de interesse do Estado, o diplomata – aquele que crê pela fé no novo governo e deve anunciar como verdade a implantação de uma nova república – é, como pensa Araújo, o militante principal para a instauração de uma nova verdade – justamente aquela trazida por Bolsonaro e seu governo.

Em um arguto discurso, montado dentro de um modelo quase escolástico, Araújo tenta, por meio do fato, comprovar que suas afirmações são verdadeiras e que, por merecimento e justiça, todos (em especial no Itamaraty) deveriam sentir o mesmo, pois, somente por meio desse sentir, essa verdade fluiria.

Apesar de bem montado, o discurso, quando analisado de perto, comprova seu vazio argumentativo. Não há proposta, não há projeto e nem há comprovação de nada. Apenas um sentir que desesquece platonicamente uma suposta verdade estabelecida pelos fundadores da nação (sem se saber exatamente quem sejam esses fundadores, se os portugueses que chegaram aqui em 1500 ou se os patronos políticos de estirpe extremista, nacionalista e de direita) e apagada pelo governo anterior. Dito de outra forma, Araújo retoma, por outras vias, a declaração de Damares sem a contraposição básica posta entre Constituição e Cristianismo.

A Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos usa conjunção adversativa para justapor Constituição e Cristianismo em sua fala. O uso dessa justaposição diz mais do que, pretensamente, a ministra acredita ter expressado. O uso da adversativa “mas” em um discurso não implica apenas a contraposição de ideias. Antes, seu uso apresenta uma mudança diretiva de sentido (DUCROT, 1987). A orientação argumentativa operada pelo “mas” cria uma proposição, na qual o primeiro termo (Estado laico) é terrivelmente suplantado pelo segundo (Cristão).

Essa suplantação da lei pela crença é, argutamente, a mesma proposta apresentada por Araújo em seu discurso. A verdade posta (constituição) deve ser suplantada pela verdade trazida por Bolsonaro. Uma verdade que não se deduz nem se racionaliza, mas se sente por meio do amor incondicional (fé). Contudo, essa tentativa de Araújo em não contrapor Constituição e Cristianismo acontece para propor que as leis e o próprio Estado são partes de um todo maior, o discurso da crença, verdadeiro fundador da governabilidade de Bolsonaro.

Assim, por meio de um desvio cheio de contornos, Araújo muda, qual a ministra Damares, o sentido diretivo da lei brasileira, decretando que a pluralidade não é um caminho existente no governo Bolsonaro, afinal, somente existem duas possibilidades segundo Araújo: a daqueles “(...) que estão conosco e aos que ainda não estão conosco”. Se antes o Estado deveria agir com o máximo de neutralidade e igualdade possível com relação as mais diversas pautas, agora, nesse governo de fé, o sentido diretivo não é mais a neutralidade, antes o engajamento cristão, mesmo que esse seja terrível.

É importante notar, ainda, que esse jogo linguístico criado por Araújo tem o intuito de afirmar que, apesar de unilateral, não há qualquer desvio de manutenção da democracia e os direitos individuais e coletivos, antes que eles são realocados em novos sentidos, irmanados em um “novo saber” instaurado pelo poder do governo que se inicia. Não à toa, o pronunciamento de Araújo termina fazendo alusão à verdade e a religião:

[Excerto 44]

O Presidente Jair Bolsonaro está aqui, chegou até aqui, e nós com ele, porque diz o que sente. Porque diz a verdade. E isso é o logos. Eu vou terminar falando do princípio e citando novamente São João, a abertura do Evangelho de São João, quando diz “en archê ên ho logos”. O princípio era o logos. A palavra. O verbo. Archê, a última palavra em grego que eu vou dizer aqui hoje, significa princípio, tanto no sentido de início, quanto no sentido, principalmente, de força estruturante, princípio estruturante. A realidade, pelo menos a realidade humana, está estruturada em torno da linguagem, da palavra, do verbo, portanto do logos. Tudo o que temos, tudo de que precisamos, é a palavra. Ela está aprisionada, mas com amor e com coragem havemos de libertá-la. Que Deus abençoe a todos vocês, aos que creem e aos que não creem, aos que estão conosco e aos que ainda não estão conosco. Que Deus abençoe o Presidente Jair Bolsonaro e que Deus abençoe o Brasil. Anuê Jaci! Muito obrigado (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

A leitura desse excerto 44 reforça a argumentação desenvolvida até o momento. Ao afirmar a chegada de Jair Bolsonaro ao poder por dizer “o que sente”, Araújo incita que o princípio desse projeto não está no dizer, antes no sentir. E, sentir é verdade, aquela verdade que estava no início (tanto do *logos* quanto da fundação das terras brasileiras).

Assim, ao citar em grego o Evangelho de João, o ministro empossado apenas se vale de um dispositivo de autoridade que disfarça um vazio do projeto apresentado. Cercado de termos gregos, referências latinas, citações bíblicas e de um extremo e desambientado tupi, Araújo comprova apenas que existe, por traz de um discurso embelezador, que se quer verdadeiro, apenas um projeto microcefálico de governo, mas macrocefálico de vontade de verdade.

Dessa forma, o efetivamente dito por Damares e teorizado por Araújo apresentam um papel semântico extremamente importante para se entender sob qual perspectiva caminha o cenário político brasileiro interno e externo. Há, em verdade, todo um movimento polifônico construído por meio da conjunção, mas que explicita a normatividade do novo governo.

Ducrot (1987) ensina que existem dois usos da conjunção, mas. O primeiro pode ser obtido do exemplo “Carlos não é saudável, mas atlético”. No exemplo, a fala do enunciador A é negada pelo enunciador B e assimilada pelo locutor. Assim, a oposição estabelecida pela segunda oração é necessária para que se possa afirmar a primeira. Trata-se de uma justificativa da negação. Outro é o movimento quando há um exemplo do tipo “João tem dinheiro, mas não trabalha”. Há, na disposição da frase, uma primeira posição posta por um enunciador A (que pode ser, inclusive, uma voz pública) e que, antes de

concluir seu argumento é justaposto por um enunciador B que negligencia o argumento expresso anteriormente. Há uma mudança diretiva do sentido.

O próprio teórico da linguagem alertou que, em casos como este, o *mas* serve como orientador para determinada conclusão. Ou seja, a depender da forma de colocação, a conclusão implícita beneficia o argumento a se impor. Assim, a afirmação “a Constituição é laica mas a ministra terrivelmente cristã”, recupera o cristianismo como positivo e deprecia a Constituição.

Em termos polifônicos Damares, a responsável pelo enunciado, põe em cena um ponto de vista que representa uma voz geral, mas desqualifica essa voz por meio da quebra de expectativa direcionada pelo “*mas*” e imposta de vez com uma conclusão contrária do que se esperava comumente. Damares usa uma voz autorizada (a igreja e a fé) para conseguir a credibilidade ao que enuncia. Contudo, apesar desse exercício, a Constituição ainda é um conjunto de leis e ordens que serve de guia para a nação brasileira até o momento, cabendo ao ministro “comprovar” que existe uma verdade anterior a esta Lei em vigor. Dessa forma, a expectativa criada por Damares em sua fala se solidifica em Araújo, quando este, no interior do seu próprio enunciado, faz habitar outras vozes. A consequência imediata do uso desse tipo de enunciado promove a isenção quanto à responsabilidade do enunciado. Ou seja, Araújo forja um discurso que evita críticas imediatas ou mesmo sua nulidade.

Há, portanto, relações dialógicas entre os enunciados concretos proferidos por Damares e Araújo. Há um propósito ideologicamente marcado e demarcado de um projeto político ditatorial que fere à Constituição Brasileira. Em outras palavras, os enunciados proferidos pela Ministra Damares Alves e pelo Ministro Ernesto Araújo compartilham algumas características em comum. Ambos os ministros fazem declarações que são ideologicamente marcadas e demarcadas por um projeto político específico. Em particular, eles defendem uma visão conservadora que muitas vezes entra em conflito com os direitos humanos e as liberdades individuais.

No caso da Ministra Damares Alves, ela tem se destacado por suas posições conservadoras em relação a questões como aborto, diversidade de gênero e direitos das minorias. Em seus enunciados, ela frequentemente utiliza um discurso religioso e moralista para justificar suas posições políticas. Por exemplo, em uma entrevista em 2019, ela afirmou que “o Brasil vai se levantar como uma nação cristã e conservadora” e que é preciso “combater a ideologia de gênero, que é uma ideologia maligna”.

Já o Ministro Ernesto Araújo tem sido criticado por suas posições anti-globalização e anti-ambientalismo, além de sua defesa do regime militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985. Em seus enunciados, ele frequentemente utiliza um discurso nacionalista e conspiratório para justificar suas posições políticas. Por exemplo, em um artigo publicado em 2020, ele afirmou que a "globalização é uma religião globalista" e que o "comunismo está se infiltrando em todas as esferas da vida".

Em relação às relações dialógicas e intertextuais entre os enunciados dos ministros, é possível identificar algumas conexões. Por exemplo, ambos compartilham uma visão de que há uma conspiração globalista para minar os valores tradicionais e a soberania nacional. Além disso, ambos também compartilham uma retórica de combate aos "inimigos" ideológicos, que muitas vezes são representados por grupos marginalizados ou dissidentes políticos.

Ao longo desse item, viu-se que a contraposição entre Constituição e Cristianismo suscita, ainda, uma questão temporal. Ao evocar o Evangelho de João, Araújo recorre aos versículos iniciais dele para, em grego citar que o princípio de tudo não é a lei, mas a palavra. Assim, o ministro declara que a palavra que advém de Bolsonaro será “de força estruturante, princípio estruturante” e que, “tudo o que temos, tudo de que precisamos, é a palavra”.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas); eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. [...] Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2011, p. 410).

Orientados pelo pensamento bakhtiniano, não se pretende, nesse momento, apresentar conclusões, senão alguns pontos pertinentes que sobressaem à reflexão do e no tempo presente. A partir do instrumental teórico-metodológico da ADD, é possível encontrar, no discurso de posse do ministro Ernesto Araújo, questões valorativas e de usos manipulativos da linguagem para a orientação PEB sob o governo Bolsonaro. A evidente ausência do diálogo e a plena negação de um estado democrático na formulação da PEB implica reconhecer a produção de um silêncio cujos efeitos merecem investigação maior e mais detalhada.

Ao reformular a composição da PEB, que caminha em direção oposta à dos períodos anteriores, a política internacional, refletida no discurso do ministro Ernesto Araújo, não permite a reunião de setores econômicos de interesse nacional, antes valorizam um processo de desnacionalização, orientado pelos interesses do capital internacional. O discurso de posse intensifica uma mentalidade conservadora que, como ele mesmo declara, encontra-se na origem do Estado brasileiro.

Vale, ainda, destacar que Araújo representa uma tendência no âmbito do Itamaraty que carece de aprofundamento investigativo: um corpo diplomático constituído, predominantemente, por homens, cis, héteros, brancos e oriundos de classe média alta brasileira, o que se contrapõe à organização social do país e à sua pluralidade, efeito herdado de um processo colonizador que adquiriu, na contemporaneidade, a face de um modelo neoliberal conservador.

As reformas institucionais do Ministério do Exterior, acompanhadas da criação de uma academia diplomática - o Instituto Rio Branco, em 1945 -, ajudaram a reescrever a história num rumo mais racional-legal-burocrático, mas não lhe alteraram fortemente o sentido social. Por outros caminhos e simbologias, o elitismo persistiu. Bem assim, a “cultura do cavalheiro” continuou viva no seio do estamento diplomático. Se não na modalidade do guerreiro militar do século XIX (que evocava, inadvertidamente, a *noblesse d’épée* eliasiana), então sob a forma sublimada do homem branco, de família aquinhoada, cultivado e heterossexual (o *aristoi* moderno), a quem as responsabilidades de formulação e representação na política Internacional poderiam ser confiadas (LOPES, 2017, p. 88).

É necessário lembrar, novamente, que as referências do pensamento diplomático brasileiro – e, por consequência, de Ernesto Araújo – foram herdadas do Segundo Reinado, do já ultrapassado século XIX. Assim, guardadas as devidas proporções espaço-temporais, o discurso que analisamos atualiza um conservadorismo extremado a fim de, supostamente, “assegurar a unidade nacional” (RICUPERO, 2017).

É justamente essa política de silenciamento do diferente, de negação do progressismo e de um conservadorismo muito premente que gerou diversos níveis de silenciamento quanto à composição dos interesses nacionais. Isso se nota, inclusive, na fala do ministro:

[Excerto 45]

Eu me lembro desse momento muito marcadamente e eu percebi: olha, isso aqui não é simplesmente uma repartição pública, isso aqui é uma

espécie de um santuário. É uma espécie de túnel do tempo, onde os heróis estão vivos, os heróis famosos e os heróis anônimos, onde nós convivemos com os descobridores, com Alexandre de Gusmão, José de Anchieta, com D. João VI, com os Imperadores e as princesas, com os bandeirantes e os abolicionistas, com os seringueiros e garimpeiros e tropeiros que construíram essa nação, e até mesmo com o estranho caso de um Barão monarquista que se tornou o grande ídolo da República (*T_01 *E_ERN – Apêndice A – destaques nossos).

A asseveração de Araújo, que idolatra o passado colonial, as figuras quase míticas que não compõem a realidade brasileira e os projetos retrógrados implanta um rompimento entre o Estado e o princípio tutelar público. Ao recriar esse lugar por meio de signos, discursos, objetos, práticas sociais e estratégias organizacionais, o impacto é sentido imediatamente. Já não há mais a inclusão e a busca pela equidade de setores da sociedade historicamente desfavorecidos. Isso pode ser observado no enunciado:

[Excerto 46]

Nós temos tradições, é claro, mas precisamos empregá-las como estímulo para buscar a verdade e a liberdade, como serviço à pátria, como serviço a todos os brasileiros, tanto os mais humildes, quanto os mais afortunados do nosso povo (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

No fragmento 46, é importante destacar a ênfase que o autor dá à ideia de tradição, sugerindo que essa tradição deve ser vista como um estímulo para buscar a verdade e a liberdade. Isso pode ser interpretado como uma tentativa de resgatar valores e ideais que são considerados importantes para a sociedade brasileira, mas que muitas vezes são negligenciados ou esquecidos. Por outro lado, a afirmação de que a tradição deve ser empregada como um serviço à pátria e a todos os brasileiros pode ser vista como uma tentativa de criar uma conexão entre o passado e o presente, sugerindo que o resgate das tradições pode ser benéfico para toda a sociedade. No entanto, é importante questionar como exatamente essa conexão entre tradição e serviço pode ser estabelecida na prática, especialmente considerando as diferenças sociais e econômicas existentes no país.

Além disso, é possível argumentar que a ideia de "serviço à pátria" pode ser utilizada de maneira equivocada ou mesmo perigosa, especialmente se for interpretada de forma nacionalista ou autoritária. Afinal, o que exatamente significa "servir à pátria"? Quem define o que é ou não benéfico para a nação como um todo? Como garantir que as

políticas e ações empreendidas em nome do "serviço à pátria" não violem os direitos e liberdades individuais?

O trecho do discurso de posse de Ernesto Araújo que enfatiza a importância da tradição pode ser visto como uma tentativa de resgatar valores e ideais que são considerados importantes para a sociedade brasileira. No entanto, é importante questionar como exatamente essa conexão entre tradição e serviço pode ser estabelecida na prática e como garantir que as políticas e ações empreendidas em nome do "serviço à pátria" não violem os direitos e liberdades individuais.

3.4 O globalismo como um inimigo a ser combatido e “Deus em Davos!”

Szwako e Milani (2022) apresentam que o termo "globalismo" possui, ao menos, três significados diferentes, mas todos estão relacionados ao fato de que a ordem global é um fator importante nos arranjos políticos e socioeconômicos entre indivíduos, países e regiões do mundo. Mesmo que haja diferentes interpretações, todas reconhecem a importância da ordem global. Os autores argumentam que a nomenclatura “ganhou destaque no Brasil nos últimos anos, devendo seu uso ser entendido dentro de um conflito ideológico no interior do qual grupos e intelectuais de extrema direita acusam algo ou alguém de ser ‘globalista’ ou de representarem supostos ‘interesses globalistas’” (p. 153-154). O tema foi recorrente no discurso de posse do então ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo como será analisado nos excertos 47 a 52, a seguir:

[Excerto 47]

Lembrar-se da pátria. Não é lembrar-se da ordem liberal internacional, não é lembrar-se da ordem global, não é lembrar-se do que diz o último artigo da *Foreign Affairs* ou a última matéria do *New York Times*. É lembrar-se da pátria como uma realidade essencial. Não estamos aqui para trabalhar pela ordem global. Aqui é o Brasil. Não tenham medo de ser Brasil. Não tenham medo (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

[Excerto 48]

Por muito tempo o Brasil dizia o que achava que devia dizer. Era um país que falava para agradar os administradores da ordem global. Queríamos ser um bom aluno na escola do globalismo, e achávamos que isso era tudo. Éramos um país inferior, aplicando a classificação de Fernando Pessoa. Mas o Brasil volta a dizer o que sente, e a sentir o que é (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

[Excerto 49]

O globalismo se constitui no ódio, através das suas várias ramificações ideológicas e seus instrumentos contrários à nação, contrários à natureza humana, e contrários ao próprio nascimento humano. Nação,

natureza e nascimento, todos provém da mesma raiz etimológica e isso se dá porque possuem entre si uma conexão profunda. Aqueles que dizem que não existem homens e mulheres são os mesmos que pregam que os países não têm direito a guardar suas fronteiras, são os mesmos que propalam que um feto humano é um amontoado de células descartável, são os mesmos que dizem que a espécie humana é uma doença e que deveria desaparecer para salvar o planeta. Por isso a luta pela nação é a mesma luta pela família e a mesma luta pela vida, a mesma luta pela humanidade em sua dignidade infinita de criatura (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

[Excerto 50]

Quando eu era criança, ouvia, e adolescente também, ouvia muita gente dizendo: “O mundo caminha inexoravelmente para o socialismo”. Mas não caminhou. Não caminhou porque alguém foi lá e não deixou. Hoje escutamos que a marcha do globalismo é irreversível. Mas não é irreversível. Nós vamos lutar para reverter o globalismo e empurrá-lo de volta ao seu ponto de partida (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

[Excerto 51]

Um dos instrumentos do globalismo, para abafar aqueles que se insurgem contra ele, é espalhar que, para fazer comércio e negócios, não se pode ter ideias nem defender valores. Nós provaremos que isso é completamente falso. O Itamaraty terá, a partir de agora, o perfil mais elevado e mais engajado que jamais teve na promoção do agronegócio, do comércio, dos investimentos e da tecnologia (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

[Excerto 52]

Não deixem o globalismo matar a sua alma em nome da competitividade. Não acreditem no que o globalismo diz quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar o coração da pátria e não amar a pátria. Não escutem o globalismo quando ele diz que paz significa não lutar (*T_01 *E_ERN – Apêndice A).

No discurso de posse, Araújo se posiciona contra o globalismo e enfatiza a importância da pátria e da identidade nacional. Ele expressa preocupação com a suposta perda de soberania e autonomia do Brasil em relação à ordem global. Essa visão é evidente nos excertos 47 e 48, nos quais ele critica a submissão passada do Brasil aos interesses da ordem global, buscando agora expressar o que o país realmente sente e defender seus próprios valores.

No excerto 48, o discurso de Araújo estabelece um diálogo com Fernando Pessoa, quando menciona a "classificação de Fernando Pessoa" para descrever o Brasil como um país inferior. Esse diálogo pode ser compreendido em relação ao poema "Mar Português", onde Fernando Pessoa expressa a grandeza e a importância histórica de Portugal como nação marítima. O trecho do discurso sugere que, assim como Pessoa classificou Portugal

como uma nação superior em relação ao mar, Araújo está aplicando essa classificação a favor do Brasil, mas com uma conotação negativa. Enquanto Pessoa enaltece a grandeza de Portugal, Araújo o utiliza para criticar a posição anterior do Brasil de seguir a ordem global e buscar agradar seus administradores. Ele argumenta que o Brasil estava se submetendo a uma hierarquia global que o colocava em uma posição inferior.

A referência à Pessoa nesse contexto dialoga com o discurso nacionalista de Araújo, destacando a mudança de atitude e postura do Brasil em relação à ordem global. Ao mencionar a "classificação de Fernando Pessoa", Araújo está sugerindo que o Brasil está abandonando essa posição de inferioridade, buscando agora se expressar de forma autêntica e defender seus próprios interesses. No entanto, é importante notar que a interpretação do diálogo entre o discurso de Araújo e a "classificação de Fernando Pessoa" pode variar dependendo das perspectivas e do conhecimento do público. Essa referência indica uma apropriação seletiva e uma interpretação distorcida da obra de Pessoa para justificar um posicionamento nacionalista e antiglobalista.

A perspectiva dialógica de Bakhtin destaca que o significado dos discursos não é fixo, mas sim construído por meio de interações e confrontos entre diferentes vozes. No caso do discurso de Araújo, ele se posiciona contra o que ele considera ser as ramificações ideológicas do globalismo, retratando-o como uma força negativa que vai contra a nação, a natureza humana e a vida. No excerto 49, ele apresenta uma visão de globalismo que está ligada a questões de identidade de gênero, fronteiras nacionais e direitos humanos, retratando essas questões como uma ameaça à nação e à dignidade humana.

É importante notar que o discurso de Araújo apresenta uma visão polarizada e simplificada do globalismo, colocando-o como um inimigo a ser combatido. Essa abordagem não leva em consideração a diversidade de perspectivas e posições dentro do debate sobre o globalismo. A perspectiva dialógica ressalta a importância de reconhecer e dialogar com vozes diferentes, buscando uma compreensão mais ampla e complexa dos fenômenos sociais.

As raízes intelectuais e ideológicas desta concepção de globalismo são várias. De um lado, ela segue tendências internacionais inspiradas em ideólogos de extrema direita como Aleksandr Dugin e Steve Bannon, respectivamente, na Rússia e nos Estados Unidos. De outro lado, essa concepção se enraíza intelectualmente na obra de Olavo de Carvalho. Em seu livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, esse autor insiste que se trata de uma “revolução globalista” em curso, uma “mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral e até das reações mais íntimas da alma humana”.

Nesse “projeto civilizacional”, haveria, de um lado, elites econômicas encarnadas em “banqueiros” e “bilionários”, eles próprios pretensamente alinhados a China e Rússia. Esses seriam o que o autor chama de “metacapitalistas”, ou seja, os capitalistas que se valem das alianças com Estados para se afastar das oscilações do mercado. E, de outro lado, haveria as agências do sistema das Nações Unidas, renitentemente acusadas de exercer uma “administração planetária”. Segundo o *best-seller*, desde a ONU “joram sobre toda a população terráquea legislações uniformes em matéria de indústria, comércio, ecologia, saúde, educação, quotas raciais, desarmamento civil”. Assim, o “globalismo” é a forma pela qual Olavo de Carvalho e seus discípulos interpretam os rumos assumidos pela complexificação das relações internacionais e da globalização, cujo objetivos, em chave reacionária, seriam minar a assim chamada “civilização judaico-cristã” (SZWAKO; MILANI, 2022 p. 154 – destaques e aspas dos autores).

Essa citação explora as origens intelectuais e ideológicas da concepção do globalismo. Szwako e Milani (2022) destacam duas influências principais: tendências internacionais inspiradas em ideólogos de extrema direita, como Aleksandr Dugin e Steve Bannon, e a obra de Olavo de Carvalho. O autor brasileiro descreve o globalismo como uma "revolução globalista" em andamento que busca uma transformação radical nas estruturas de poder, na sociedade, na educação, na moral e até mesmo nas emoções mais íntimas das pessoas.

Olavo de Carvalho, inspiração declarada no discurso de posse de Ernesto Araújo, e seus seguidores interpretam o termo "globalismo" como a expressão dos rumos das relações internacionais complexas e da globalização. Em uma perspectiva reacionária, eles argumentam que esses rumos têm como objetivo minar a chamada "civilização judaico-cristã": compreendem o globalismo destacando as influências de ideólogos de extrema direita e enfatizando sua visão reacionária de uma ameaça à civilização judaico-cristã por meio de uma revolução globalista em curso.

A análise dialógica do discurso de Araújo também pode questionar a base factual das afirmações feitas. Por exemplo, no excerto 50, o ministro afirma que a marcha do globalismo não é irreversível e que eles lutarão para revertê-la. Essa declaração reflete uma visão política e ideológica, mas não é fundamentada em evidências concretas sobre a natureza e o alcance do globalismo. Essa teoria conspiratória intelectual adquire significado dentro do conjunto de categorias ofensivas e acusações criadas por Olavo de Carvalho e disseminadas pela extrema direita que se inspira nele. De acordo com essa perspectiva, o termo "globalismo" seria a expressão de um projeto de poder gramsciano, no qual as forças de esquerda teriam conquistado não apenas o poder político, mas

também o domínio sobre a cultura, as ideias e a educação ao longo da segunda metade do século XX:

Nesse sentido, o “globalismo” e seus supostos atores — Nações Unidas, “metacapitalistas”, bem como partidos e políticos de esquerda — seriam defensores de bandeiras como o chamado “gayzismo” e o “abortismo”, visando, a suposta “implantação do socialismo” (SZWAKO; MILANI, 2022 p. 154 – destaques e aspas dos autores).

De maneira oposta às tradições diplomáticas brasileiras, Ernesto Araújo declarou em seu discurso de posse que não estava no Ministério das Relações Exteriores para buscar aprovação da ordem global, mostrando – no excerto 50 - forte oposição à marcha do globalismo que ele acredita não ser inevitável. Além disso, ecoando as acusações difamatórias inspiradas em seu guru, Olavo de Carvalho, ele se posicionou - no excerto 49 - contra aqueles que afirmam que não há diferença entre homens e mulheres. Szwako e Milani (2022) destacam que, ao priorizar questões ideológicas e morais, o ex-ministro das Relações Exteriores adotou uma abordagem discrepante em relação à tradição diplomática, resultando em uma forma de inserção internacional para o Brasil que é subordinada e dependente dos Estados Unidos durante o governo Trump, sob o pretexto de ser patriota.

A retórica conspiracionista empregada nesse uso do termo “globalismo” encerra perigos nada desprezíveis à sociabilidade e à diversidade democráticas e, mais ainda, para a gestão dos riscos no Antropoceno. O desafio de compreender e refrear as estratégias reacionárias atravessa múltiplas escalas e atores, de maneira a extrapolar a arena das organizações e regulações transnacionais. Para o Brasil, o perigo vive na crescente difusão desse ideário e na sua eventual apropriação por partes de nossos quadros diplomáticos e mesmo militares. (SZWAKO; MILANI, 2022 p. 154 – destaques e aspas dos autores).

A citação alerta para os perigos resultantes do uso de teorias conspiratórias em torno do globalismo, destacando a necessidade de compreender e combater estratégias reacionárias que possam comprometer a sociabilidade democrática e a capacidade de lidar com os desafios do Antropoceno⁵². Além disso, ressalta a importância de evitar a propagação dessas ideias entre os setores diplomáticos e militares do Brasil.

⁵² O Antropoceno (do grego *anthropos*: ser humano; *ceno*: novo) é uma nova era geológica em que as atividades humanas são a principal força de transformação do planeta. Essas atividades, como industrialização, desmatamento e poluição, estão alterando os processos naturais da Terra, afetando o equilíbrio ecológico e a biodiversidade. O conceito destaca a responsabilidade humana na preservação do meio ambiente e a necessidade de adotar práticas sustentáveis para mitigar os impactos negativos (ESTEVEZ, 2020).

No excerto 51, Araújo aborda a relação entre o globalismo e a capacidade de ter ideias e valores enquanto se envolve em atividades comerciais e negócios. O ministro argumenta que o globalismo tenta silenciar aqueles que se opõem a ele, disseminando a ideia de que ter ideias e defender valores é incompatível com o comércio e os negócios. O enunciador rejeita essa premissa, afirmando que o Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) terá um papel mais proeminente e comprometido na promoção do agronegócio, do comércio, dos investimentos e da tecnologia. Ele sugere que é possível conciliar interesses econômicos e ideias, enfatizando que o Brasil continuará a buscar acordos comerciais e parcerias internacionais enquanto mantém suas próprias ideias e valores, o que reflete uma postura de rejeição ao argumento de que os aspectos comerciais e econômicos devem prevalecer sobre as convicções e princípios. O ministro reafirma a intenção de promover os interesses do país nos setores mencionados, ao mesmo tempo em que defende a importância de manter a capacidade de ter ideias e valores no contexto global.

A crítica ao globalismo e suas supostas consequências negativas é reafirmada no excerto 52. Nele, o ministro expressa preocupação com a ideia de que o globalismo pode levar à perda de identidade e valores nacionais em nome da competitividade econômica. A afirmação de que o globalismo "mata a alma" pode ser interpretada como uma crítica à globalização e suas influências culturais, sugerindo que a busca pelo progresso econômico pode resultar na supressão dos valores e tradições locais. O ministro argumenta que é possível alcançar eficiência econômica sem comprometer o amor pela pátria. Além disso, o excerto destaca uma visão contrária à noção de que a paz implica em não lutar. Essa afirmação pode estar relacionada à ideia de que a defesa dos interesses nacionais e a proteção da soberania podem exigir ações assertivas e até mesmo confrontos, se necessário.

Em termos gerais, o discurso reflete a postura crítica do ministro em relação ao globalismo, colocando ênfase na importância de preservar a identidade nacional e a pátria, ao mesmo tempo em que desafia algumas das supostas premissas do globalismo, como a ideia de que a eficiência econômica requer a diminuição do amor pela pátria ou a visão de paz como ausência de conflito. Em palestra proferida no Seminário da Fundação Alexandre de Gusmão sobre Globalismo, em Brasília, em 10 de junho de 2019, Araújo, a partir de uma leitura de Nietzsche, expande a luta contra o mal do globalismo, aproxima

o marxismo-leninismo do nazifascismo e argumenta que “ambos movimentos partem da rejeição de Deus”:

[Excerto 53]

Mas, essa ideia de que Deus está morto tornou-se o postulado central de todo o pensamento subsequente e, de certa forma, de toda a história posterior. Sem essa ruptura radical, a meu ver, não se pode explicar nem o marxismo-leninismo, e nem o nazifascismo. Ambos movimentos partem da rejeição de Deus, da rejeição da chamada moral burguesa, essa ordem moral centrada em Deus, que Nietzsche havia destruído de certa maneira, ou cuja necessária destruição, para uma necessária renovação, ele havia anunciado (*T_31 *E_ERN).

O enunciado do excerto 53, pronunciado pelo Ministro durante sua palestra no Seminário da Fundação Alexandre de Gusmão sobre Globalismo, aborda a ideia de que a morte de Deus se tornou um pressuposto fundamental, influenciando tanto o marxismo-leninismo quanto o nazifascismo. O Ministro destaca que ambos os movimentos surgiram da rejeição de Deus e da chamada moral burguesa, que estaria centrada em Deus. Ele faz referência a Friedrich Nietzsche, afirmando que o filósofo alemão de certa forma destruiu essa ordem moral e anunciou a necessidade de sua renovação.

Essa declaração revela a visão do Ministro em relação à influência da secularização e da rejeição da religião na formação de ideologias políticas do século XX. Ele argumenta que a rejeição de Deus e da moral burguesa teria sido um fator-chave na ascensão do marxismo-leninismo e do nazifascismo, sugerindo que a ausência de uma base moral centrada em Deus teria contribuído para o surgimento dessas ideologias.

No entanto, é importante destacar que a interpretação das origens do marxismo-leninismo e do nazifascismo não é consensual entre os estudiosos, e há diversas abordagens e teorias que buscam explicar esses movimentos políticos e ideológicos. A afirmação do Ministro reflete sua própria perspectiva e interpretação dos eventos históricos e ideológicos mencionados. E o enunciador continua alegando a certeza de que “o comunismo e o nazifascismo dependem da morte de Deus”, dependem do fim:

[Excerto 54]

do que eu chamaria de antropoteísmo, que é a concepção do homem como um ser vertical, que se relaciona com Deus e que é filho de Deus. Ambos instauram um antropocentrismo radical, talvez considerando que com isso estão, de alguma maneira, libertando o homem. Ambos querem rumar para alguma espécie de *Übermensch*, o homem

socialista, na concepção soviética, ou a própria palavra usada pelos nazistas. Há um parentesco grande aqui. E, no entanto, na verdade, nessa falsa libertação estão escravizando o ser humano.

(...)

Eu acho justamente que ela representa o reconhecimento dessa falsa liberdade trazida pela ausência de uma ordem divina, de uma ordem moral. Essa ideia já é vista, um pouco depois, com o moralismo que está dentro do globalismo atual (*T_31 *E_ERN).

No excerto 54 de sua palestra, Araújo, discute o que ele chama de "antropoteísmo", concepção em que o homem é visto como um ser vertical, relacionando-se com Deus e sendo considerado filho de Deus. Ele argumenta que tanto o comunismo quanto o nazifascismo estabelecem um antropocentrismo radical, acreditando que dessa forma estão libertando o homem. No entanto, o Ministro afirma que, na verdade, essas ideologias escravizam o ser humano sob a falsa noção de liberdade.

Ele faz uma associação entre o comunismo e o nazifascismo, mencionando o conceito de "Übermensch" (super-homem). O Ministro sugere que há semelhanças entre esses dois movimentos, apesar de suas diferenças superficiais, e argumenta que ambos exploram a ausência de uma ordem divina e moral para impor uma falsa liberdade que, na verdade, aprisiona as pessoas.

Ao mencionar o "moralismo" presente no globalismo atual, o Ministro parece expressar a opinião de que a ideologia globalista também representa essa falsa liberdade decorrente da ausência de uma ordem moral divina, ele sugere uma visão crítica em relação a essa ideologia e sua suposta falta de base moral. E assim o enunciador segue a propagação de um Estado "terrivelmente cristão" já discutido em outras partes desta dissertação:

[Excerto 55]

É curioso porque aqui no Brasil, para nós, o termo fisiologia adquiriu na política um outro sentido bastante próprio, que nós todos conhecemos. Então, quando Nietzsche diz: "Ah! Vamos fazer da fisiologia a rainha de tudo", o sistema político brasileiro fala: "Deixa comigo!" Bom, então, o que há, ao longo do século XX, é esse terrível mergulho da humanidade nessa noite do fisiologismo, nessa noite sem Deus. E a questão é saber se um dia conseguiremos emergir desse mergulho.

(....)

E quem que lutou contra essas ideologias? Basicamente, as democracias liberais, onde, ao longo do século XX, ainda subsistia algo da ordem antiga, algo da presença de Deus, mesmo que elas talvez não soubessem. Acho que nas democracias liberais, Deus nunca morreu, nunca inteiramente, justamente porque nessas democracias, havia/há

liberdade. E contrariamente ao que se fala, onde há liberdade acaba sempre havendo lugar para Deus (*T_31 *E_ERN).

No excerto 55 de sua palestra, o Ministro aborda a democracia liberal como espaço propício para a propagação de Deus como uma resposta ao globalismo que ele considera negar a existência de Deus. O Ministro faz uma referência irônica ao termo "fisiologia", que no contexto político brasileiro tem um sentido próprio relacionado a práticas corruptas e de favorecimento pessoal. Ele menciona a frase de Nietzsche que propõe fazer da fisiologia a rainha de tudo, e associa isso ao que ele chama de mergulho da humanidade na noite do fisiologismo, uma noite sem Deus.

O Ministro argumenta que as democracias liberais foram as principais lutadoras contra essas ideologias (comunismo e nazifascismo), e que essas democracias mantiveram algo da ordem antiga e da presença de Deus, mesmo que talvez não estivessem cientes disso. Ele sugere que nas democracias liberais, onde há liberdade, Deus nunca morreu completamente, pois a liberdade proporciona um espaço para a existência de Deus.

Essa visão do Ministro reflete sua perspectiva sobre o papel da religião e da crença em Deus como fundamentais para a resistência às ideologias que negam a existência divina. Ele defende a ideia de que a presença de Deus nas democracias liberais contribuiu para a manutenção da liberdade e como uma resposta ao que ele percebe como um globalismo que nega essa existência.

O enunciador argumenta, ao longo da sua fala, que com o final da Guerra Fria e com a vitória do capitalismo sobre o socialismo, o sistema liberal afrouxou-se na promoção de Deus: “resolveram expulsar Deus do coração da sociedade liberal e deixaram Deus do lado de fora, ali no frio”:

[Excerto 56]

Não se deram conta, mas há muito o comunismo vinha-se preparando para ocupar a sociedade liberal por dentro, com a teoria de Gramsci, com a Escola de Frankfurt, com a Revolução Cultural dos anos 60. E, com essa abertura no coração da sociedade liberal, que expulsa Deus, o caminho ficou livre para que o marxismo cultural, o gramscismo, como quer que se chame, ocupasse o coração da sociedade liberal, que tinha sido deixado vazio. Isso é o globalismo, o momento em que o comunismo, o fisiologismo, o gramscismo, como quer que se chame, ocupa o coração que tinha sido deixado vazio da sociedade liberal (*T_31 *E_ERN).

A fala de Ernesto Araújo levanta a questão da suposta infiltração do comunismo e do marxismo cultural na sociedade liberal. O ministro argumenta que o comunismo teria se preparado para ocupar a sociedade liberal por dentro, utilizando teorias como a de Antonio Gramsci, a Escola de Frankfurt e a Revolução Cultural dos anos 1960. A noção de uma invasão comunista silenciosa na sociedade liberal é uma visão simplista, controversa e contestável. As teorias de Gramsci e da Escola de Frankfurt, por exemplo, são frequentemente interpretadas de maneiras diversas e suas influências no desenvolvimento social e político são objeto de debate acadêmico. A associação direta entre comunismo, fisiologismo e gramscismo com o conceito de globalismo é uma generalização simplista. O termo "globalismo" pode ser interpretado de diferentes maneiras e se refere a fenômenos complexos relacionados à globalização, cooperação internacional e governança global. Sua vinculação direta com o comunismo e o gramscismo não é sustentada por uma análise rigorosa.

Outro ponto crítico é a afirmação de que a sociedade liberal teria expulsado Deus, deixando um vazio que teria sido ocupado por essas ideologias. Essa perspectiva pressupõe que a sociedade liberal é necessariamente secular e que a presença de Deus é uma condição essencial para a sua existência. No entanto, a realidade é muito mais complexa, com sociedades liberais abrangendo uma ampla gama de crenças religiosas e visões de mundo. A fala de Ernesto Araújo apresenta uma visão polêmica e contestável sobre a infiltração comunista e marxista na sociedade liberal. É importante analisar essas afirmações à luz de evidências concretas e considerar diferentes perspectivas acadêmicas. A compreensão do fenômeno do globalismo, por exemplo, requer uma abordagem mais complexa e uma análise mais aprofundada, longe de generalizações simplistas e associações diretas com ideologias específicas.

Na sequência, Araújo lança mão de Marcel Gauchet, historiador e filósofo francês, para falar do desencantamento do mundo que, na visão do ministro, nada mais é do que justamente a falta de Deus:

[Excerto 57]

Gauchet criou o termo de desencantamento do mundo, *le désenchantement du monde*, para falar de todo esse percurso da sociedade democrática, que aos poucos, a partir do século XVIII, vai livrando-se, desfazendo-se da ideia de Deus. O que era esse encantamento do mundo? Era justamente a presença de Deus. (...) Para mencionar alguns dos instrumentos que identificamos: o desconstrucionismo linguístico, talvez seja o principal, que é a

separação entre a palavra e a realidade, que também pode ser chamado de nominalismo, embora não seja exatamente o conceito da filosofia medieval de nominalismo, mas, enfim, a elevação de determinados conceitos, de determinadas palavras a um caráter absoluto onde já não se dialoga com a realidade. A ideologia de gênero; o que eu chamo de racialismo, que é a concepção da sociedade dividida em raças, a volta – algo tão lamentável – do conceito de raça como algo que seja substrato da formação da sociedade. E o ecologismo, por diferença da ecologia; quer dizer, o ecologismo é, digamos, a ecologia transformada em ideologia, ou seja, mais um desses exemplos onde determinada área de atividade, de pensamento, deixa de ter contato com a realidade e torna-se algo que extrapola, algo abstrato que não é mais objeto de debate, que tem que ser implementado sem debate. Então, é fundamental fazer essa distinção entre ecologia, ou a dimensão ambiental, no seu caráter legítimo, e o ecologismo, o ambientalismo como uma ideologia. **E todos esses instrumentos pressupõem a ausência de Deus, pressupõem a horizontalidade do ser humano. E, ao mesmo tempo – algo que previa Nietzsche – eles criam um novo moralismo, criam uma nova moral, um moralismo férreo, um mecanismo de opressão psicológica** (*T_31 *E_ERN – destaques nossos).

No excerto 57, Araújo menciona instrumentos que, segundo ele, se afastam do diálogo com a realidade e se tornam ideologias abstratas: o desconstrucionismo linguístico, a ideologia de gênero, o racialismo e o ecologismo. Ele argumenta que essas ideologias atribuem caráter absoluto a certos conceitos e palavras, deixando de dialogar com a realidade e não sendo mais objetos de debate, mas sim implementados sem questionamentos. Uma análise crítica pode questionar a validade dessas afirmações, levantando o fato de que as ideologias mencionadas possuem fundamentos teóricos e são objeto de discussões e debates acadêmicos e sociais. Por exemplo, o desconstrucionismo linguístico, como abordado por Araújo, pode ser visto como uma simplificação desse campo de estudos, que busca analisar as relações entre linguagem, poder e significado.

Da mesma forma, a concepção de ideologia de gênero e racialismo pode ser interpretada como uma tentativa de deslegitimar a discussão sobre questões de gênero e raça, reduzindo-as a meras ideologias abstratas. No entanto, essas discussões são fundamentais para compreender as desigualdades e injustiças sociais relacionadas à identidade de gênero e raça. Quanto ao ecologismo, Araújo distingue-o da ecologia, enfatizando que o ecologismo se transformou em uma ideologia que deve ser implementada sem debate. Essa afirmação pode ser contestada, já que a preocupação com o meio ambiente e a sustentabilidade são temas cruciais nas discussões contemporâneas e envolvem uma ampla gama de perspectivas e abordagens, incluindo debates científicos, políticos e sociais.

Uma análise da citação de Ernesto Araújo pode levantar questionamentos sobre a simplificação e deslegitimação das ideologias mencionadas, argumentando que elas possuem fundamentos teóricos e são objetos de discussão e debate acadêmico e social. Além disso, pode-se ressaltar a importância de reconhecer a complexidade e a pluralidade de perspectivas nessas áreas temáticas, em vez de descartá-las como meras ideologias abstratas.

Na sequência, no excerto 58, o ministro expressa uma visão crítica em relação a supostas restrições e opressões na sociedade contemporânea, bem como à transformação de valores legítimos em ideologias. No entanto, é fundamental analisar e questionar as premissas subjacentes a essas afirmações, levando em consideração a diversidade de perspectivas e a importância de princípios como respeito, consentimento, direitos humanos e proteção ambiental:

[Excerto 58]

Nós temos cada vez mais um caráter opressivo, coisas que você não pode falar, coisas que você não pode fazer, um moralismo inclusive no campo sexual, que hoje um homem olhar para uma mulher já é tentativa de estupro. (...) O globalismo tenta formular, de maneira canhestra, uma espécie de nova religião, com esses pseudovalores, esses conceitos legítimos, mas que são extrapolados e transformados em ideologia – como os direitos humanos, como a tolerância, como a proteção ambiental, por exemplo (...) E o globalismo começa a inventar falsos inimigos para defender algo, para ter a sensação de defender algo e dotar-se de algum tipo de sentido de propósito, de unidade e de verdade. Mas existe um problema nessa criação de uma pseudoreligião globalista (*T_31 *E_ERN – destaques nossos).

O excerto 58 aborda a percepção do caráter opressivo e restritivo que, segundo Araújo, está cada vez mais presente na sociedade. Ele menciona que existem restrições em relação ao que pode ser dito e feito, criticando a existência de um moralismo excessivo, especialmente no campo sexual, como se fosse normal um chefe da pasta de relações exteriores argumentar, num evento, “que hoje um homem olhar para uma mulher já é tentativa de estupro”. É válido questionar essa afirmação de que a observância de determinados limites morais no campo sexual, como o respeito mútuo e a busca pelo consentimento, seja equivalente a uma tentativa de estupro. Essa afirmação parece minimizar a importância da cultura do consentimento e da proteção contra a violência sexual.

O enunciador também critica o que ele chama de "globalismo" e sua tentativa de formular uma nova religião. Argumenta que valores legítimos, como direitos humanos, tolerância e proteção ambiental, são extrapolados e transformados em ideologias. Nesse sentido, o autor parece sugerir que esses conceitos, embora tenham uma base legítima, são distorcidos e usados para promover uma agenda globalista que ele vê como problemática. A citação menciona os direitos humanos, a tolerância e a proteção ambiental como exemplos de conceitos que teriam sido extrapolados e transformados em ideologia. No entanto, é fundamental reconhecer a importância desses princípios na busca por uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável.

Pouco antes de terminar a palestra, o ministro faz uma recapitulação: Então, qual é a ideia central que eu tentei formular aqui? Partimos do conceito de que Deus está morto; a partir disso, surge o fisiologismo como uma estrutura filosófica de organização de uma sociedade sem Deus. Duas ideologias baseadas nisso surgem e lutam entre si, uma delas sobrevive. O liberalismo, que enfrenta essas ideologias, preserva um núcleo de fé e antropoteísmo, ou seja, a concepção do homem como um ser relacionado a Deus. Inicialmente, o liberalismo triunfa sobre o fisiologismo, mas acredita que foi um triunfo meramente econômico e retira Deus do centro. A partir daí, surge o globalismo, que é essencialmente o niilismo. O globalismo é a consolidação daquele niilismo previsto por Nietzsche, ou seja, é a sociedade liberal ateu submetida aos mecanismos de controle daquele núcleo gramscista, comunista ou fisiologista, independentemente de como o chamemos.

Essa fala do Ministro Ernesto Araújo apresenta sua visão sobre a relação entre Deus, ideologias e o globalismo. Ele argumenta que o conceito de "Deus está morto" de Nietzsche leva ao surgimento do fisiologismo como uma estrutura organizacional em uma sociedade sem Deus. Duas ideologias surgem dessa estrutura, e o liberalismo, com seu núcleo de fé e antropoteísmo, confronta essas ideologias. No entanto, o liberalismo acaba dispensando Deus do centro e, posteriormente, o globalismo surge como uma forma de niilismo. O Ministro acredita que o globalismo é a sociedade liberal ateu submetida aos mecanismos de controle de ideologias como o gramscismo, comunismo ou fisiologismo.

Contra todo esse mal que assola a humanidade, nosso enunciador anuncia a solução que vai dar conta de combater a "religião atea do politicamente correto" na sociedade liberal: o Messias⁵³ em Davos!

[Excerto 59]

E nós talvez estejamos começando a viver um novo momento, um momento central desse conflito entre *Aufgang* e *Niedergang*, onde nós tentamos reintroduzir a Deus nessa cidadela da sociedade liberal, em substituição a esta religião atea do politicamente correto. Eu acho que um momento simbólico desse movimento – movimento no qual o Brasil tem um papel fundamental – foi no último Fórum Mundial de Davos, onde, no discurso de abertura, o Presidente Bolsonaro, no final, falou de Deus. Eu não sei, não fui pesquisar, mas acredito que provavelmente foi a primeira vez que um chefe de Estado fala, usa a palavra Deus, acreditando nEle, sobretudo no Fórum de Davos. Eu imagino as pessoas ali tendo que olhar no dicionário: “o que significa esse nome?” Num momento realmente de certo desconcerto. E eu acho que é isso, que o momento que estamos vivendo é esse, é **Deus em Davos**. (...) **Então é isso: Deus em Davos!** (*T_31 *E_ERN – destaques nossos).

A fala de Ernesto Araújo, no excerto 59, sugere a reintrodução de Deus como uma resposta ao que ele chama de "religião atea do politicamente correto" na sociedade liberal. O ministro argumenta que estamos vivendo um novo momento, um conflito entre dois movimentos representados pelo *Aufgang* (ascensão) e *Niedergang* (declínio). A tentativa é trazer Deus de volta à cidadela da sociedade liberal.

No entanto, é importante fazer uma análise crítica dessa perspectiva. A ideia de reintroduzir Deus na sociedade liberal como uma alternativa ao que é chamado de "religião atea do politicamente correto" é baseada em uma visão específica e subjetiva das dinâmicas sociais. Essa visão sugere uma polarização entre uma suposta religiosidade

⁵³ Durante a campanha eleitoral, ao se autodenominar como um messias, Bolsonaro explorou simbolicamente a ideia de ser o salvador do Brasil, alguém que traria a redenção e a transformação necessárias. Essa associação com o messianismo permitiu que sua figura fosse vista como transcendente, acima das limitações humanas comuns, e dotada de uma missão divina de resgate nacional. Essa construção discursiva e simbólica do "mito" e do "messias" não apenas conferiu uma aura sagrada à figura de Bolsonaro, mas também alimentou a esperança e a devoção de seus seguidores. A ideia de um líder messiânico que poderia conduzir o país a um futuro melhor foi instrumentalizada como uma estratégia persuasiva na campanha eleitoral, mobilizando emoções e criando um forte senso de identificação e pertencimento em torno de seu nome. Essa exploração da figura do "mito" e do "messias" não é exclusiva de Bolsonaro ou do contexto político brasileiro. Ao longo da história, líderes políticos e religiosos em diferentes culturas e sociedades têm utilizado esses arquétipos para estabelecer uma autoridade carismática e conquistar seguidores. Essa estratégia de construção simbólica e discursiva está profundamente enraizada na dimensão simbólica e religiosa da experiência humana.

tradicional e uma ideologia politicamente correta, criando uma dicotomia simplificada que não reflete a complexidade da sociedade e das crenças individuais.

Além disso, a afirmação de que a menção de Deus pelo presidente Bolsonaro no Fórum Mundial de Davos foi inédita ou surpreendente é discutível. A presença de referências religiosas em discursos políticos não é incomum e varia de acordo com o contexto cultural e as crenças dos líderes políticos. O uso da palavra "Deus" em um discurso não necessariamente representa uma mudança radical ou um evento simbólico de grande relevância.

Também é importante ressaltar que o discurso de Ernesto Araújo parece sugerir que a introdução de Deus na sociedade liberal é a solução para os desafios contemporâneos. No entanto, as sociedades liberais são diversificadas em termos de crenças e valores, e a imposição de uma visão religiosa específica como resposta a esses desafios pode ser problemática e excludente para aqueles que têm diferentes visões de mundo. A fala de Ernesto Araújo reflete uma perspectiva que busca reintroduzir Deus como uma resposta ao que é considerado uma religião atea do politicamente correto. No entanto, é importante considerar a complexidade da sociedade e evitar visões simplistas que polarizam crenças e ideologias. A pluralidade de crenças e valores deve ser respeitada e promovida em uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

3.5 Considerações parciais

Conforme discutido ao longo deste capítulo, a relação entre política e religião, como expressa nos discursos do presidente e de seus ministros, reflete a busca por construir uma ideologia que represente os interesses dos setores mais conservadores da sociedade, os quais desempenharam um papel significativo na vitória eleitoral de 2018. É importante ressaltar que essa parcela não constitui o único grupo de apoiadores do projeto político de Bolsonaro, mas desempenhou um papel relevante ao articular um discurso que apelava às massas, especialmente em um contexto no qual a mídia frequentemente deslegitimava nossa já fragilizada democracia, proporcionando uma percepção de "promessa" de mudança.

Neste contexto, é possível observar a articulação de uma narrativa que busca mobilizar a população por meio da exploração de questões religiosas, políticas e sociais. Essa estratégia visa apelar para as aspirações e preocupações de determinados grupos,

oferecendo uma suposta alternativa às insatisfações existentes na sociedade. A simplificação e a polarização presentes nesse discurso têm o objetivo de angariar apoio e fortalecer uma base de sustentação política.

No entanto, é importante enfatizar que a construção de uma ideologia política que se baseia em uma vinculação estreita entre política e religião pode gerar tensões e desafios para a democracia. Ao polarizar questões complexas e explorar sentimentos religiosos para fins políticos, existe o risco de restringir a pluralidade de visões e valores presentes em uma sociedade diversa. Além disso, a simplificação excessiva pode comprometer a discussão fundamentada e a compreensão aprofundada das questões em jogo, prejudicando o diálogo e a busca por soluções equilibradas.

Portanto, é necessário analisar criticamente essa relação entre política e religião, reconhecendo sua influência na formação da opinião pública e no direcionamento das agendas políticas. O estudo desses discursos e estratégias é fundamental para compreender os processos políticos e sociais contemporâneos, bem como para promover um debate informado e plural, que contribua para a consolidação democrática e o respeito aos direitos e diversidade de pensamento em uma sociedade democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação centrou-se no estudo de enunciados concretos do discurso ideologicamente situado da Política Externa Brasileira (PEB) em 2019. Buscou-se estabelecer uma relação entre os Estudos da Linguagem, da Ciência Política e das Relações Internacionais (RI), com foco no papel da linguagem na política internacional. O objetivo desta pesquisa foi compreender os sentidos discursivos ideologicamente construídos por Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) e Ernesto Araújo (2019-2021), dois agentes da PEB ao longo de 2019. Diante da pergunta norteadora "Quais filiações ideológicas podem ser compreendidas em alguns dos discursos da PEB no ano de 2019?", o objetivo geral foi analisar, dialogicamente, o discurso materializado em alguns dos diferentes gêneros discursivos da PEB durante o primeiro ano (2019) do governo Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), que desdobrou-se nos objetivos específicos: i) compreender o contexto sociopolítico (condições de produção) dos enunciados concretos dos gêneros discursivos em destaque nesta pesquisa; e ii) analisar os fios ideológicos que constituem, discursivamente (ou política discursiva), tais enunciados.

A investigação dos enunciados concretos do discurso da PEB em 2019 foi relevante para compreender as ideologias adotadas pelo governo brasileiro em relação aos assuntos internacionais naquele ano. A abordagem dialógica permitiu compreender os discursos relativos às relações internacionais do país ao reconhecer a importância da interação entre diferentes sujeitos sociais na construção do discurso político. Ao analisar o discurso como um processo de interação social, foi possível compreender como as ideias e valores são negociados e transformados em diferentes contextos sociais. Além disso, essa abordagem possibilitou identificar as vozes sociais presentes no discurso político e compreender como elas se relacionam entre si, contribuindo para a formulação das políticas públicas.

A pesquisa adotou o conceito de ideologia do Círculo de Bakhtin, que considera a ideologia como um conjunto de ideias e valores que permeiam as relações sociais. Verificou-se que a ideologia está presente nas negociações políticas, nos setores da sociedade e nas discussões internacionais, sendo vista como uma força difusa e presente em vários aspectos da vida social. Além disso, associou-se a ideologia a posições políticas e grupos específicos, indicando que esses grupos defendem uma determinada posição política vista como ideológica por seus opositores. Esses conceitos foram utilizados para

analisar os fios ideológicos presentes nos enunciados discursivos da PEB durante o primeiro ano do governo Jair Messias Bolsonaro.

O primeiro capítulo teve como objetivo fornecer o embasamento teórico que subsidiou as etapas subsequentes. Nesse sentido, foram explorados o Círculo de Bakhtin, seus conceitos e princípios metodológicos para a análise do discurso político, enfatizando a importância desses conceitos e abordagens para compreender as relações entre linguagem, ideologia e prática social na PEB.

O segundo capítulo buscou examinar alguns dos pronunciamentos proferidos pelos principais agentes da PEB ao longo do ano de 2019. Especificamente, o foco recaiu sobre o discurso inaugural de Bolsonaro em solo estrangeiro, o pronunciamento no Fórum Econômico Mundial em Davos e trechos selecionados dos pronunciamentos de Ernesto Araújo, os quais ilustraram questões ideológicas e valorativas. O objetivo principal consistiu em identificar os elementos discursivos que compuseram a ideologia presente na PEB durante o primeiro ano do governo Jair Messias Bolsonaro. Observou-se um alinhamento ideológico entre os discursos de Bolsonaro e Ernesto Araújo. Destacou-se as relações dialógicas entre os enunciados concretos proferidos por Bolsonaro e Araújo, caracterizados por uma carga ideológica específica, que defendia uma visão conservadora, muitas vezes em conflito com os direitos humanos e as liberdades individuais.

O terceiro capítulo buscou compreender a visão e as intenções da nova gestão, bem como obter uma projeção a respeito das políticas públicas e ações futuras, por meio da análise do discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. Concentrou-se na abordagem da religião no discurso de posse de Araújo, o qual defendeu uma visão cristã conservadora reacionária que enfatizava "Deus acima de todos", o lema do governo Bolsonaro. Além disso, discutiu como essa visão religiosa pode ter influenciado as políticas externas do Brasil, especialmente em relação aos direitos humanos e à democracia. Ao analisar o discurso de posse de Ernesto Araújo, destacou-se a presença de tensões entre a Constituição Federal e a formulação ideológica nos processos discursivos e na postura política internacional adotada. Essa tensão indica uma subordinação da Constituição à formulação ideológica elaborada pelo governo. Ao moldar seu discurso dessa forma, Araújo atribuiu-lhe um corpo discursivo e encerra sentidos que se apresentam como verdades incondicionais. Em meio a uma disputa discursiva entre o passado e o presente, a Constituição e o Cristianismo, a Fé e o Direito,

a fala do Ministro Araújo, como evidenciado, nega os princípios constitucionais de laicidade do Estado em prol de uma suposta verdade libertadora, mesmo que obscurecida pela fé e pelo amor. Assim, contrapondo-se ao texto da Constituição Federal, que estabelece a República Federativa do Brasil como um Estado Democrático de Direito, Araújo aposta todas as suas fichas no retorno a uma ideologia conservadora reacionária, com viés fundamentalista/neopentecostal, utilizando o amor como elemento estruturante da política externa do país.

A teoria do Círculo de Bakhtin oferece contribuições significativas para os Estudos Linguísticos, a Ciência Política e as Relações Internacionais, especialmente na análise do discurso político da Política Externa Brasileira (PEB). Essa teoria permite uma abordagem dialógica do discurso político, visando compreender suas implicações políticas e sociais, bem como os desafios e oportunidades do discurso da PEB no contexto internacional. A relevância da teoria do Círculo de Bakhtin na análise do discurso PEB reside na oferta de conceitos e princípios metodológicos que facilitam a compreensão das relações entre linguagem, ideologia e prática social. Essa teoria destaca a interconexão entre língua, discurso e prática social, evidenciando como as formas de falar e escrever estão intrinsecamente ligadas às práticas e relações sociais. Além disso, ela ressalta a importância do contexto histórico e social na compreensão dos discursos políticos.

Ao aplicar a teoria do Círculo de Bakhtin na análise do discurso da PEB, é possível identificar filiações ideológicas presentes nos discursos proferidos por seus agentes, além de traçar possíveis interpretações sobre como esses discursos são recebidos pelos interlocutores estrangeiros. Dessa forma, a teoria proporciona uma análise dos discursos políticos, contribuindo para uma melhor compreensão das políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro em relação aos assuntos internacionais.

O Círculo de Bakhtin opera com diversos conceitos teóricos cruciais para a análise do discurso, tais como: i) Dialogismo: a concepção de que todo discurso é uma resposta a outros discursos e, portanto, é sempre influenciado por eles; ii) Cronotopo: a relação entre tempo e espaço na construção do discurso; iii) Polifonia: a presença de múltiplas vozes no discurso, cada uma com sua própria perspectiva e ideologia; iv). Valoração: o processo pelo qual os falantes atribuem valor positivo ou negativo às coisas mencionadas no discurso; v) Ideologia: as crenças e valores subjacentes que influenciam o discurso dos falantes. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão da construção do discurso

e sua refletividade em termos de relações sociais e políticas em uma sociedade ou contexto histórico específico.

As principais contribuições dessa pesquisa incluem: i) A aplicação da teoria do Círculo de Bakhtin na análise do discurso da PEB, possibilitando uma análise profunda e crítica do discurso político; ii) A identificação das ideologias subjacentes ao discurso político da PEB em 2019, ampliando a compreensão das relações internacionais do Brasil; iii) A contribuição para o desenvolvimento de uma base teórica sólida que embasa pesquisas nas ciências humanas, utilizando a teoria do Círculo de Bakhtin como referência; iv) O estabelecimento de uma metodologia para a análise dialógica dos enunciados concretos, que pode ser aplicada em outras áreas de pesquisa; v) A contribuição para o debate público sobre a PEB, fornecendo informações e análises a respeito do discurso político e suas possíveis implicações potenciais nas relações internacionais do Brasil.

No que diz respeito às implicações práticas da pesquisa, como sua relevância para formuladores de políticas, diplomatas e outros atores envolvidos PEB e como seus resultados podem influenciar o discurso e as ações diplomáticas do país, oferecendo *insights* para a tomada de decisões políticas no contexto internacional, as contribuições deste estudo abrangem uma análise crítica e aprofundada dos discursos da PEB em 2019, além de uma reflexão a respeito da importância da teoria do Círculo de Bakhtin na análise do discurso político.

O estudo realiza uma revisão bibliográfica dos principais conceitos e princípios metodológicos da teoria do Círculo de Bakhtin, que pode ser útil para estudantes e pesquisadores interessados na análise do discurso político. Além disso, contribui para uma reflexão mais ampla sobre a importância da linguagem e do discurso na construção das relações sociais e políticas em uma determinada sociedade ou contexto histórico. Desse modo, o trabalho auxilia os leitores no desenvolvimento de uma visão mais crítica e reflexiva a respeito das questões políticas contemporâneas.

A análise dialógica dos enunciados concretos pôde oferecer contribuições significativas para a compreensão da PEB, permitindo uma análise mais aprofundada e crítica do discurso político. Por meio da aplicação da teoria do Círculo de Bakhtin, é possível compreender como as palavras são utilizadas para construir significados e como esses significados são influenciados pelas relações sociais e históricas. Dessa forma, a análise dialógica auxilia na identificação das ideologias subjacentes ao discurso político

e na compreensão de como essas ideologias podem afetar as relações internacionais do Brasil.

No que diz respeito às limitações do estudo, é importante mencionar que: i) A análise se concentra apenas em alguns enunciados concretos produzidos em 2019, limitando a compreensão das mudanças e continuidades na PEB ao longo do tempo; ii) O estudo baseia-se em uma abordagem teórica específica, a teoria do Círculo de Bakhtin, o que pode restringir a compreensão de outras perspectivas teóricas para a análise do discurso político; iii) A análise concentra-se principalmente no discurso político do Presidente Bolsonaro e de Ernesto Araújo, limitando a compreensão das perspectivas e ideologias de outros atores políticos relevantes para a PEB.

Além disso, é importante ressaltar que a pesquisa não inclui uma análise empírica da recepção dos enunciados concretos pelos interlocutores estrangeiros, o que pode limitar a compreensão das implicações práticas da PEB no cenário internacional. Ademais, o estudo é baseado em uma amostra relativamente pequena de enunciados concretos, o que impossibilita qualquer tentativa de generalização dos resultados.

O estudo realizado proporciona uma análise crítica e aprofundada dos discursos da PEB em 2019, utilizando a teoria do Círculo de Bakhtin como base teórica. No entanto, dado que o tema é amplo e complexo, existem diversas outras questões que poderiam ser exploradas em pesquisas futuras. Por exemplo, seria interessante investigar como as políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro em relação aos assuntos internacionais impactam diferentes grupos sociais no país e fora dele. Além disso, seria relevante analisar como os discursos da PEB são recebidos por outros países e organizações internacionais.

Para aqueles interessados no assunto, é fundamental continuar explorando questões relacionadas à PEB e à análise do discurso político. Manter-se atualizado sobre os acontecimentos políticos nacionais e internacionais, assim como sobre as teorias e metodologias utilizadas na análise do discurso, é crucial. Além disso, estudos mais aprofundados sobre as implicações das políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro em relação aos assuntos internacionais para diferentes grupos sociais no país e fora dele são necessários. Essas pesquisas permitirão uma melhor compreensão dos impactos dessas políticas na vida das pessoas e o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para lidar com os desafios da PEB no cenário internacional.

Considerando as possíveis limitações do estudo, algumas recomendações para pesquisas futuras são:

- Ampla análise temporal: ampliar a investigação para incluir enunciados concretos produzidos em diferentes períodos históricos, a fim de compreender as mudanças e continuidades na PEB ao longo do tempo.
- Exploração de perspectivas teóricas alternativas: considerar outras abordagens teóricas relevantes para a análise do discurso político, além da teoria do Círculo de Bakhtin, a fim de obter uma compreensão mais abrangente das implicações políticas e sociais do discurso político.
- Inclusão de atores políticos relevantes: realizar uma análise mais ampla dos atores políticos relevantes para a PEB, indo além do Presidente e do Ministro das Relações Exteriores, a fim de compreender as perspectivas e ideologias presentes em outros atores políticos relevantes para a PEB.
- Análise empírica da recepção dos enunciados: realizar uma análise empírica da forma como os enunciados concretos são recebidos pelos interlocutores estrangeiros, com o intuito de compreender as implicações práticas da PEB no cenário internacional.
- Amostra mais abrangente: aumentar o tamanho da amostra de enunciados concretos analisados, permitindo uma generalização robusta dos resultados para o contexto específico em estudo, bem como para a realização de análises comparativas com outros contextos ou períodos históricos.

Essas considerações fornecem diretrizes para pesquisas futuras que buscam aprimorar e expandir o conhecimento sobre a PEB e a análise do discurso político. Ao incorporar essas recomendações, será possível obter *insights* mais profundos e abrangentes sobre as dinâmicas políticas e sociais relacionadas à política externa do Brasil.

Em relação às análises apresentadas, é relevante citar Clark e Holquist (1998, p. 361), que destacam a perspectiva do Círculo de Bakhtin de que "nada jamais é completo, nenhuma palavra é final, não há explicações últimas que todo mundo, sem exceção, aceitará como esgotantes de todas as possibilidades". Essa citação expressa a perspectiva filosófica do filósofo russo, que se compartilhou neste trabalho, a respeito a natureza da linguagem e do conhecimento. Para Bakhtin, nada na vida é completo e final, incluindo as palavras e os significados que usamos para nos comunicar. As palavras estão sempre

abertas a múltiplas interpretações e possibilidades de significado, e não há uma explicação final ou definitiva que possa abranger todas as suas nuances e possibilidades.

Além disso, Bakhtin acreditava que as diferentes perspectivas e interpretações que surgem em torno das palavras e do conhecimento são inevitáveis e até desejáveis. Ele via a pluralidade de vozes e perspectivas como um aspecto fundamental da vida social e cultural, argumentando que é por meio do diálogo e da troca de pontos de vista que podemos nos aproximar de uma compreensão mais completa e complexa da realidade. Uma voz que pretendesse ser única seria contrária aos princípios bakhtinianos que compartilhamos nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. Deus acima de todos. *In*: SPEKTOR, M. *et al.* (org.) **Democracia em risco?**: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a. p. 35-51.
- ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-215, jan./abr. 2019b.
Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 10 abr. 2023.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.
- ANDRADE, C. D. de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1988.
- ANDERSON, Benedict R. Introdução. *In*: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Introdução Benedict Anderson. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p 7-22.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, [S.l.], n. 26, p. 91-151, 1982.
Disponível em: https://www.persee.fr/issue/drlav_0754-9296_1982_num_26_1?sectionId=drlav_0754-9296_1982_num_26_1_978. Acesso em: 11 abr. 2023.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, M. **O Freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, M. M.; MEDVIÉDEV, P. N. **The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics**. Cambridge: H.U.P, 1985.

BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Introdução Benedict Anderson. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000

BARBOSA, J. R. **Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma**. 2012. 717f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2012. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101002/barbosa_jr_dr_mar.pdf?sequence=1. Acesso em: 13 abr. 2023.

BARROS, R. Y. V. de. A política externa brasileira atual em tempos de pandemia: retrocessos e consequências para o Brasil do futuro. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 5, n. 9, p. 136-141, maio 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/42413/pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

BENVENISTE, E. O aparelho formal de enunciação. *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-92.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: USP, 1995.

BORGES, A. ‘O Estado é laico, mas essa ministra é terrivelmente cristã’, diz Damares Alves. **UOL**, Brasília, 2 jan. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/01/02/o-estado-e-laico-mas-essa-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-alves.htm>. Acesso em: 25 nov. de 2021.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006a. p. 09-32.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, Niterói-RJ, n. 20, p. 47–62, jan./jun. 2006b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238>. Acesso em: 30 mar. 2022.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 61-78.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BRENNAND, E. G. de G. Prefácio. *In*: XAVIER, M. M.; SERAFIM, M. L.; SILVA, M. P. B. da; ALMEIDA, S. N. C. B. (org.). **Professor, cadê o link?: dossiê ensino remoto emergencial**. São Paulo: Mentis Abertas, 2022. p. 9-15.

BRUM, E. O homem mediano assume o poder: o que significa transformar o ordinário em “mito” e dar a ele o Governo do país?. **El País**, [S.l.], 4 ene. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRUNO, D. C. **‘Brasil acima de tudo!’ narrativa e construção de identidades: o combatente paraquedista do Exército Brasileiro.** 2010. 281f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/consultas/conteudo.php?strSecao=resultado&nrSeq=17043@1>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CAMAROTTO, M. (2022). **Politização no Itamaraty isola o país no exterior: Relações Exteriores e Meio-Ambiente são foco do quarto balanço do Valor sobre atual governo.** Valor. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/12/23/politizacao-no-itamaraty-isola-o-pais-no-externior.ghtml>. Acesso em: 21 mai. 2023.

CARTA CAPITAL. **Bolsonaro pediu troca do termo ‘Golpe de 1964’ por ‘revolução’ no Enem, dizem servidores.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-pediu-troca-do-termo-golpe-de-1964-por-revolucao-no-enem-dizem-servidores/>. Acesso em: 1 jan. 2022.

CARVALHO, C. P. A. **Rasuras da nação: novas representações identitárias na ficção da Guerra da Tríplice Aliança.** Tese (Doutorado em Literatura e Cultura). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político.** São Paulo: Contexto, 2018.

CHAUI, M. S. Ideologia e educação. **Educação e Pesquisa** - Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 42, 2016. p. 245-258

CHAUI, M. S. **A ideologia da competência.** 1. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2014.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax.** Cambridge-MA: MIT Press, 1965.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 12 fev. 2023.

DOURADO, T. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil.** Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2020. 323 páginas. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31967/1/Tese_Tatiana%20Dourado.pdf. Acesso em: 20 mai. 2023.

DUCROT, O. **O dizer e o dito.** Campinas: Pontes, 1987.

ESTEVES, T.C. **Amazônia do antropoceno: uma proposta socioambiental para a classificação dos tecnógenos - reflexões sobre o risco e a injustiça ambiental.** (Tese de Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: USP, 2020. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-21092020-203349/publico/2020_ThullaChristinaEsteves_VCorr.pdf. Acesso em: 18 mai. 2023.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FARACO, C. A. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. **Calidoscópico**, [S.l.], v. 3, n. 3, p. 214-221, set./dez. 2005. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6244>. Acesso em: 15 ago. 2010.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 14. ed. Atual. e ampl., reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. (Colaboração de Sérgio Fausto).

FISCHMANN, R. **Estado laico, educação, tolerância e cidadania**. São Paulo: Factash Editora, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 39-46.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: MIOTELLO, V. (org.). **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GONÇALVES, R.; COSTA, I. M. Aspectos da desinformação no filme “Não olhe para cima” na perspectiva da agnotologia. *In*: IASULAITIS, S. (org.) **Negacionismo, desinformação e agnotologia**. Campina Grande: EDUEPB, 2022. p. 45-52.

GREGOLIN, M. R. V. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 33-52.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HARRIS, Z. S. Discourse analysis: a sample text. **Language**, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 1-30, jan./mar. 1952. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/409987>. Acesso em: 13 abr. 2023.

HIRST, M.; MACIEL, T. A política externa do Brasil nos tempos do governo Bolsonaro. **SciELO Preprints**, [S.l.], 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4771.

Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4771>. Acesso em: 11 mar. 2023.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialéctica de la Ilustración**: fragmentos filosóficos. Madrid: Editorial Trotta, 1994.

IANNI, O. A questão nacional na América Latina. In: **Estudos Avançados**. Vol.2. n.1. São Paulo. Jan./Mar.1988. Disponível em: Acesso em: 15 dez.2013.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**. Paris: Éditions de Minuit, 1963.

KOYRÉ, A. A função política da mentira moderna. In: **Anamorfose - Revista de Estudos Modernos**, [S.l.], v. 3, n. 1, p.71-86, 2015.

LEIA a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml#:~:text=Hoje%2C%20aqui%20estou%2C%20fortalecido%2C,Governar%20com%20voc%C3%AAAs>. Acesso em: 22 jun. 2022.

LIMA, A. Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco. In: BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S. (org.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 37-53.

LIMA, E. C. A.; FORTUNATO, M. L. (org.) **Mídias sociais, gênero e política no cenário brasileiro**. São Paulo: Mentis Abertas, 2021.

LIMA, E. C. A. **A imagem midiática de Dilma Rousseff sob o olhar da antropologia da política**. São Paulo: Mentis Abertas, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10deC0fvbb0e6KvIAraoGkDnqfA60zTYP/view?usp=sharing>. Acesso em: 10 mai. 2023.

LIMA, J. A.; FERREIRA NETO, J. L.; SANTOS, J. R. A função política da mentira e a produção do obscurantismo de massa. In: IASULAITIS, S. (org.) **Negacionismo, desinformação e agnotologia**. Campina Grande: EDUEPB, 2022. p. 145-181.

LIMA, R. V. de A. **Ideologia, acento apreciativo, tema e significação no discurso político-midiático**. 2019. 115f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/38354/1/DISSERTA%20Renata%20Val%20de%20Araujo%20Lima.pdf>. Acesso em 11 abr. 2019.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, D. B. Elitismo e política externa: notas sobre os fundamentos aristocráticos e oligárquicos da política externa brasileira. *In*: WESTMANN, G. (org.) **Novos olhares sobre a política externa brasileira**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 73-91.

MAINGUENEAU, D. **Initiation aux méthodes de analyse du discours**. Paris: Hachette, 1976.

MARINGONI, G. *et al.* (org.) **As bases da política externa bolsonarista: relações internacionais em um mundo em transformação**. Santo André: EdUFABC, 2021.

MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

MIOTELLO, V. Ideologia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 167-176.

MORSON, G. S; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin: a construção de uma prosaística**. São Paulo: EDUSP, 2008.

NASCIMENTO, F. A. **Nomear, classificar, existir: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a organização do conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+**. 2021. 276f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/211026>. Acesso em: 12 abr. 2023.

NASCIMENTO, L. *et al.* “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. **Plural**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 135-171, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2018.149019>. Acesso em: 12 abr. 2023.

NOBRE, M. Bolsonaro, J. M. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L (org.). **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 57-60.

ORLANDI, E. P. A análise do discurso: algumas observações. **DELTA**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 105-136, 1986.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso – ADD-69. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990a. p. 61-162.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1990b.

PINI, A. M. A desinformação nas eleições de Donald Trump em 2016. *In*: MELO, F. R. M.; NOGUEIRA, S. G.; FERREIRA, T. S. H. (Orgs.). **Mídia, opinião pública e política internacional**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022, p. 223-254. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp->

[content/uploads/2022/11/Midia-opinio-publica-e-politica-internacional-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf](#). Acesso em: 20 de maio de 2023.

PINTO, I. L. **O fim da ideologia?** Análise dos discursos de posse dos chanceleres Celso Amorim e Ernesto Araújo. Artigo (Especialização em Relações Internacionais). Brasília: UnB, 2019. 28 f.

PIOVEZANI, C.; GENTILE, E. **A linguagem fascista**. São Paulo: Hedra, 2020.

PONZIO, A. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021**, [S.l.], c2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 15. dez. 2021.

PROPP, V. **Morphology of the Folktale**. Bloomington: Indiana University Press, 1958.

QUEIROZ, R. M. R. **Como remover um Presidente: teoria, história e prática do impeachment no Brasil**. São Paulo: Zahar, 2021.

RICUPERO, R. **A diplomacia na construção do Brasil: 1750-2016**. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

ROCHA, C.; SOLANO, E.; MEDEIROS, J. Bolsonarismo. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 55-57.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. 347f. Tese (Programa de Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/rosangela_rodrigues.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROUANET, Maria Helena. **Nacionalidade em questão**. Rio de Janeiro: IL/UERJ, 1997.

ROUSSO, H. Foreword. *In*: GUDONIS, M.; JONES, B. T. (ed.). **History in a post-truth world: theory and praxis**. New York: Routledge, 2020. p. xiii-xv.

SAMPAIO, R. C. Fake News. In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 133-137.

SARAIVA, M. G.; SILVA, Á. V. C. Ideologia e pragmatismo na política externa de Jair Bolsonaro. **Relações Internacionais**, [S.l.], n. 64, p. 117-137, dez. 2019. Disponível em:

https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri64/RI_64_art08_MGSAVCS.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHNAIDERMAN, B. **Turbilhão e semente**: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

SCHUTTE, G. R.; COSTA, B. P.; JOÃO, M. C.; POLA, V. D. Uma nova prioridade na política externa para o Oriente Médio: Israel. In: MARINGONI *et al.* (org.) **As bases da política externa bolsonarista**: relações internacionais em um mundo em transformação. Santo André: EdUFABC, 2021. p. 201-228.

SCHWARCZ, L.M. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L.M. “Questão racial no Brasil” In: SCHWARCZ, L.M. ; MORITZE REIS, L. V. **Negras imagens**. São Paulo, Edusp, 1996.

SCHWARCZ, L.M. **As barbas do imperador**: d. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SIMAS, H.C.P.; PEREIRA, R. C. M. Usos da língua tupi entre os Potiguara: qual Política Linguística em jogo? **Investigação (Online)**, v. 31, p. 391-409, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/238174>. Acesso em: 19 maio 2023.

SOUZA, F. M. *et al.* O viés ideológico deixará de existir?: nas trilhas do discurso da política externa brasileira. **Letra Magna**, [S.l.], v. 24, p. 214-228, 2020. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/162/214>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SOUZA, F. M. de; DI CAMARGO JR., I. Pensar as ciências humanas com Mikhail Bakhtin: alguns possíveis percursos de compreensão. **Revista Água Viva**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 15-30, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/27087/26636>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SOUZA, F. M. de; DI CAMARGO JR., I.; SILVA, V. A. da. Possible paths for understanding human sciences with Mikhail Bakhtin. **Open Minds International Journal**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-7, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.openmindsjournal.com/openminds/article/view/13/9>. Acesso em: 12 abr. 2021.

- SOUZA, G. T. Boris Schnaiderman e Mikahil M. Bakhtin. ENTREVISTA. **Bakhtiniana**, Revista de Estudos do Discurso, v. 11, n. 3, p. 233-247, set.-dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457328883>. Acesso em: 08 mai. 2023.
- SOUZA, L. V. O princípio da laicidade na Constituição Federal de 1988. **Justificando**, [S.l.], 14 fev. 2019. Disponível em: <http://www.justificando.com/2019/02/14/o-principio-da-laicidade-na-constituicao-federal-de-1988/>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- SPEKTOR, M. *et al.* (org.) **Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SZWAKO, J.; MILANI, C. R. S. Globalismo. In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 153-155.
- SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.
- VALIM, P.; AVELAR, A. de S. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. **Revista Cult**, São Paulo, 3 set. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- VALIM, P.; AVELAR, A. de S.; BEVERNAGE, B. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 13-36, 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- VERDERY, Katherine. Para onde vão a “nação” e o “nacionalismo”? In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Introdução Benedict Anderson. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 239-247.
- VIANA, C. G. de A. **A Brigada de Infantaria Paraquedista: história institucional e cultura organizacional da tropa aeroterrestre brasileira**. 2020. 375f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30888>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- VOLÓCHINOV, V. N. Les frontières entre poétique et linguistique. In: TODOROV, T. **Mikhail Bakhtine: le principe dialogique – suivi de Écrits du cercle de Bakhtine**. Paris: Éditions du Seuil, 1981. p. 243-285.
- VOLÓCHINOV, V. N. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. **Bajtín y Vigotsky: la organización semiótica de la conciencia**. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 217-243.
- VOLÓCHINOV, V. N. A palavra e sua função social (1930). In: VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 189-212.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

WINK, G. Olavo de Carvalho. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 227-230.

XAVIER, M. M.; SOUSA, M. E. V. Enquanto isso... Dilma é vaiada e xingada no Itaquerão: a estrutura e o acontecimento em enunciados concretos. *In*: SILVA, F. N.; XAVIER, M. M.; ALMEIDA, M. F.; FRANCELINO, P. F. (org.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva**: teoria, análise e questões de ensino. João Pessoa: Ideia, 2017, p. 51-64.

APÊNDICE A: corpus da pesquisa

Pronunciamento	QR Cod para acesso
<p>*T_01 *E_ERN Transcrição do discurso do Embaixador Ernesto Araújo na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores, em Brasília, 2 de janeiro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2913 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/15q_TwFebmE1sNk1vhGSgeVeQFrILE_Ij/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/15q_TwFebmE1sNk1vhGSgeVeQFrILE_Ij/view?usp=sharing
<p>*T_02 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na cerimônia de transmissão de cargo do Secretário-Geral das Relações Exteriores, em Brasília, 3 de janeiro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3239 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1hn6KhBV1-GzGvUNfRS1tgOWXyNiNRBmu/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1hn6KhBV1-GzGvUNfRS1tgOWXyNiNRBmu/view?usp=sharing
<p>*T_03 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado pela <i>Bloomberg</i>, em 7 de janeiro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2919 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1Tla9K70doevc--PnYfJaqSepPcyBJaC8/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1Tla9K70doevc--PnYfJaqSepPcyBJaC8/view?usp=sharing
<p>*T_04 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado na revista <i>The New Criterion</i>, em janeiro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3401 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1DZGgtEKjNyobgX2BliK4D8X4JC8aS9az/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1DZGgtEKjNyobgX2BliK4D8X4JC8aS9az/view?usp=sharing
<p>*T_05 *E_BOL Transcrição do discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a sessão plenária do Fórum Econômico Mundial, em Davos, realizada em 22 de janeiro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2958 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1JTgzIu4m2jplXj1cCmCYh52faJf7-Pwg/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1JTgzIu4m2jplXj1cCmCYh52faJf7-Pwg/view?usp=sharing
<p>*T_06 *E_ERN Transcrição da apresentação do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na reunião ministerial informal da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Davos, 25 de janeiro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2918 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1SxwIVRA70PB4oTVicAJrZA4WWHbcFK_K/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 https://drive.google.com/file/d/1SxwIVRA70PB4oTVicAJrZA4WWHbcFK_K/view?usp=sharing

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_07 *E_ERN Tradução não oficial do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na Conferência Ministerial para Promover um Futuro de Paz e Segurança no Oriente Médio, em Varsóvia, 14 de fevereiro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3245 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/18bQ2zpKEHTq096r8pA0NVlbKUxjlgcmx/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/18bQ2zpKEHTq096r8pA0NVlbKUxjlgcmx/view?usp=sharing</p>
<p>*T_08 *E_DAM Transcrição do discurso da Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, na abertura do Segmento de Alto Nível da 40ª sessão do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, em Genebra, 25 de fevereiro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2961 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1PFYmH6fjUi6MZiZwYukICJOo083_Tx5n/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1PFYmH6fjUi6MZiZwYukICJOo083_Tx5n/view?usp=sharing</p>
<p>*T_09 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado no livro <i>A nova política externa brasileira: seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores 2019</i> http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3443 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1yRG22Odb92sJk1NFS1wCiceh_KxCPK29/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1yRG22Odb92sJk1NFS1wCiceh_KxCPK29/view?usp=sharing</p>
<p>*T_10 *E_ERN Transcrição da aula magna do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no Instituto Rio Branco, em Brasília, 11 de março de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2912 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1QGmv5PTJKVC7x_h7RWEal7hZOYtti rkU/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1QGmv5PTJKVC7x_h7RWEal7hZOYtti rkU/view?usp=sharing</p>
<p>*T_11 *E_ERN Tradução não oficial do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na abertura da 1ª reunião de <i>Sherpas</i> do BRICS, em Curitiba, 14 de março de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3261 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1lZ6_o6etLzSnqQQzyikwupiMGprdYXkp/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1lZ6_o6etLzSnqQQzyikwupiMGprdYXkp/view?usp=sharing</p>
<p>*T_12 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita do Chanceler dos Emirados Árabes Unidos, em 15 de março de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3194 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1FLmSIbuEFr8bEH933pqoAN9paH_64Cha/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1FLmSIbuEFr8bEH933pqoAN9paH_64Cha/view?usp=sharing</p>

[continua]

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_13 *E_ERN Transcrição da entrevista do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, concedida à <i>Brasil Paralelo</i>, em Brasília, 17 de março de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3241 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1jyE-schgFurZmcmsxdl_eOGTKuS1ah3n/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1jyE-schgFurZmcmsxdl_eOGTKuS1ah3n/view?usp=sharing
<p>*T_14 *E_ERN Transcrição das alocações do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no “Dia do Brasil” na Câmara de Comércio dos Estados Unidos, em Washington, D.C., 18 de março de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2914 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1P7y6hQ93HVXo22HEGHyLnX4T0Uc2C6Fm/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1P7y6hQ93HVXo22HEGHyLnX4T0Uc2C6Fm/view?usp=sharing
<p>*T_15 *E_ERN Transcrição da entrevista do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, sobre a Venezuela e o Brasil no cenário mundial, concedida ao <i>Terça Livre TV</i>, em 19 de março de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3284 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1w3YBDP4WKvaDva7rdRiq2D_x1MkzD2Ab/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1w3YBDP4WKvaDva7rdRiq2D_x1MkzD2Ab/view?usp=sharing
<p>*T_16 *E_ERN Transcrição da exposição inicial do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, em Brasília, 27 de março de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2909 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/19jPC6rO1FP5ANwJudL4JPVVOHN1QMPH/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/19jPC6rO1FP5ANwJudL4JPVVOHN1QMPH/view?usp=sharing
<p>*T_17 *E_ER Tradução não oficial do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião do Encontro Empresarial Brasil-Israel, em Jerusalém, 2 de abril de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3240 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1JgfYMj5jAfNILothzI9eCqv54DSrr876/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1JgfYMj5jAfNILothzI9eCqv54DSrr876/view?usp=sharing
<p>*T_18 *E_ERN Transcrição da apresentação inicial do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal, em Brasília, 4 de abril de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2908 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1WzLnitIHoVQalwYRdENjA4QJM9GlDEqU/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 https://drive.google.com/file/d/1WzLnitIHoVQalwYRdENjA4QJM9GlDEqU/view?usp=sharing

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_19 *E_ERN Transcrição da palestra do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), em São Paulo, 8 de abril de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3247 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1m-kyQJXxlawg-wk4KYL76TE4Kk-JcM-b/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1m-kyQJXxlawg-wk4KYL76TE4Kk-JcM-b/view?usp=sharing</p>
<p>*T_20 *E_ERN Tradução não oficial da apresentação do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no Conselho Argentino para as Relações Internacionais (CARI), em Buenos Aires, 9 de abril de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2917 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1jTLotKQ9OCZBg8KND7ga7o0FalbKqip0/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1jTLotKQ9OCZBg8KND7ga7o0FalbKqip0/view?usp=sharing</p>
<p>*T_21 *E_OTA Artigo do Secretário-Geral das Relações Exteriores, Embaixador Otávio Brandelli, para a Agência EFE, em 30 de abril de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2953 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1JsrKObdZia8_4PqqDtHKu4mb2RED9ETw/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1JsrKObdZia8_4PqqDtHKu4mb2RED9ETw/view?usp=sharing</p>
<p>*T_22 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita do Ministro das Relações Externas da Alemanha, Heiko Maas, em 30 de abril de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3225 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1ITj8gT6bzdpmqK6pEqgpWzBEx9EAx515/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1ITj8gT6bzdpmqK6pEqgpWzBEx9EAx515/view?usp=sharing</p>
<p>*T_23 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da formatura do Instituto Rio Branco, em Brasília, 3 de maio de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2940 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1oGntjziQ2jQbvO4hI_I0stRfPf6nfWWP/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1oGntjziQ2jQbvO4hI_I0stRfPf6nfWWP/view?usp=sharing</p>
<p>*T_24 *E_BOL Transcrição do discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, proferido na formatura do Instituto Rio Branco, realizada em 3 de maio de 2019, em Brasília http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2957 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1ZvT07RDAGP41mwu9W5q1_AKC14H9jgx8/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1ZvT07RDAGP41mwu9W5q1_AKC14H9jgx8/view?usp=sharing</p>

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_25 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado no jornal <i>Valor Econômico</i>, em 8 de maio de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3455 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1F7tcs5XWLju0KIwC96v2sWKdzZxbChvy/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1F7tcs5XWl
<p>*T_26 *E_ERN Transcrição da Declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião de sua visita à Polônia, em 10 de maio de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3221 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1XWeGuvnhOzQf5U-ZEwuW8WyYklisJ3x6/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1XWeGuvnhOzQf5U-ZEwuW8WyYklisJ3x6/view?usp=sharing
<p>*T_27 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na conferência "A cooperação entre o Brasil e a África", por ocasião da celebração do Dia da África, em Brasília, 27 de maio de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2933 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1u1vBEvFHwi1Lt-f2EynVXVr3fII3H4zk/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1u1vBEvFHwi1Lt-f2EynVXVr3fII3H4zk/view?usp=sharing
<p>*T_28 *E_ERN Transcrição da exposição inicial do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião do trigésimo aniversário da Embrapa Territorial, em Campinas (SP), 30 de maio de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2941 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1cxeJkCDKRmbT9WaCUryh30XtLzUk5m4R/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1cxeJkCDKRmbT9WaCUryh30XtLzUk5m4R/view?usp=sharing
<p>*T_29 *E_ERN Tradução do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, em evento empresarial durante visita presidencial, em Buenos Aires, 6 de junho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=3256 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1Rj20AAA6bGaAsQtuKsnnhQh_E3zEoJBY/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1Rj20AAA6bGaAsQtuKsnnhQh_E3zEoJBY/view?usp=sharing
<p>*T_30 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita do Chanceler do Uruguai, Rodolfo Nin Novoa, em 7 de junho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3219 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1DYgoHS4HYyxviRgzNwfrDCTto6J-4ieC/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 https://drive.google.com/file/d/1DYgoHS4HYyxviRgzNwfrDCTto6J-4ieC/view?usp=sharing

Pronunciamento	QR Cod para acesso
<p>*T_31 *E_ERN Palestra do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no seminário da FUNAG sobre globalismo, em Brasília, 10 de junho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2942 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/133mH_JIkedlK7RAFPomKrCIqu9yzpx98/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/133mH_JIkedlK7RAFPomKrCIqu9yzpx98/view?usp=sharing</p>
<p>*T_32 *E_ERN Transcrição da palestra do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na abertura do seminário “Diplomacia do Agronegócio”, realizada em 13 de junho de 2019, em Brasília http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2949 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1ZFOPqA3K3ndVoaClgDHISs6aarbpS_sL/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1ZFOPqA3K3ndVoaClgDHISs6aarbpS_sL/view?usp=sharing</p>
<p>*T_33 *E_ERN Artigo do Presidente da República, Jair Bolsonaro, publicado no <i>site</i> do Itamaraty em 17 de junho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2960 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/14y_pZ5XQk6giJa6KEibYf4pW2hshVi6l/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/14y_pZ5XQk6giJa6KEibYf4pW2hshVi6l/view?usp=sharing</p>
<p>*T_34 *E_OTA Entrevista do Secretário-Geral das Relações Exteriores, Embaixador Otávio Brandelli, para o jornal <i>Zero Hora</i>, publicada em 19 de junho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2963 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1XxgsY0YI1E4UFIz0h_659xz2MMR_caCw/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1XxgsY0YI1E4UFIz0h_659xz2MMR_caCw/view?usp=sharing</p>
<p>*T_35 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita do Chanceler do Marrocos, Nasser Bourita, em 21 de junho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3218 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1ChOkw0EkDI7qQ9xn8x-ki81ZNN99Czc-/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1ChOkw0EkDI7qQ9xn8x-ki81ZNN99Czc-/view?usp=sharing</p>
<p>*T_36 *E_ERN Transcrição das palavras iniciais do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, em coletiva de imprensa sobre a conclusão do Acordo MERCOSUL-União Europeia, em Bruxelas, 28 de junho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3217 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1M0J9qKqzSqq-A_6qiHLWgUtl9WHLDDTN/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1M0J9qKqzSqq-A_6qiHLWgUtl9WHLDDTN/view?usp=sharing</p>

Pronunciamento	QR Cod para acesso
<p>*T_37 *E_ERN Transcrição da alocação do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da celebração de 4 de Julho na Embaixada dos EUA no Brasil, em Brasília, 4 de julho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3228 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1tIVOVBTkJ7WNKNMofh9UT6F_T4z3AEQe/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1tIVOVBTkJ7WNKNMofh9UT6F_T4z3AEQe/view?usp=sharing</p>
<p>*T_38 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na data nacional da Venezuela, em Brasília, 5 de julho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3211 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1iy_SHGnlpe5b9e5GoyJjvUESAGlukymd/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1iy_SHGnlpe5b9e5GoyJjvUESAGlukymd/view?usp=sharing</p>
<p>*T_39 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, durante a 54ª Reunião Ordinária do Conselho do Mercado Comum, em Santa Fé, Argentina, 16 de julho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=2955 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1Qs11OP9TzqBMbKX09aFhJyXqFtLO7M/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1Qs11OP9TzqBMbKX09aFhJyXqFtLO7M/view?usp=sharing</p>
<p>*T_40 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na XXIV Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), realizada em Mindelo (Cabo Verde), 19 de julho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2956 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1wwa4k4GHYMO-1S4ATCkAzzq3z1O18nBD/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1wwa4k4GHYMO-1S4ATCkAzzq3z1O18nBD/view?usp=sharing</p>
<p>*T_41 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado no livro <u>A nova política externa brasileira: seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores 2019</u> http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3444 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/11FF4d4kwhM3IPmWOyzJGCdDw62vcFM_/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/11FF4d4kwhM3IPmWOyzJGCdDw62vcFM_/view?usp=sharing</p>
<p>*T_42 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita oficial do Conselheiro de Estado e Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular da China, Wang Yi, no Palácio Itamaraty, em 25 de julho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3207 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1A7RVkVfsY2luDVtONKzQ6InmNiNH4QiH/view?usp=sharing</p> <p><i>[continua]</i></p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1A7RVkVfsY2luDVtONKzQ6InmNiNH4QiH/view?usp=sharing</p>

Pronunciamento	QR Cod para acesso
<p>*T_43 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na abertura da III Reunião de Ministros das Relações Exteriores do BRICS no Rio de Janeiro, em 26 de julho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3220 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1eoeA241Q-Rw_aPtdXJ7va5RO9wkBkZgY/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1eoeA241Q-Rw_aPtdXJ7va5RO9wkBkZgY/view?usp=sharing
<p>*T_44 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita ministro da Europa e dos Negócios Estrangeiros da República Francesa, Jean-Yves Le Driande, no Palácio Itamaraty, em 29 de julho de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3208 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1upRFeNm4qKOarDXGjRhJnSJDtiofN6AG/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1upRFeNm4qKOarDXGjRhJnSJDtiofN6AG/view?usp=sharing
<p>*T_45 *E_ERN Transcrição da apresentação inicial do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, em audiência pública na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados, em Brasília, 7 de agosto de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3259 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1mrAkoTAhS6ZnFpwPF0CbInbseLgouSyQ/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1mrAkoTAhS6ZnFpwPF0CbInbseLgouSyQ/view?usp=sharing
<p>*T_46 *E_ERN Transcrição da alocução do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na VIII Reunião do Corredor Rodoviário Bioceânico, realizada em Campo Grande (MS), em 22 de agosto de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2993 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1Ih4H2T8zQp9jvuO1rcbvqRNrPKusCsG/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1Ih4H2T8zQp9jvuO1rcbvqRNrPKusCsG/view?usp=sharing
<p>*T_47 *E_ERN Transcrição de palestra do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, proferida na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) em 28 de agosto de 2019, no Rio de Janeiro http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2990 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1RSpKvTt7xBJWFEHPTEnn23AvXvEfW7yA/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1RSpKvTt7xBJWFEHPTEnn23AvXvEfW7yA/view?usp=sharing
<p>*T_48 *E_ERN Tradução não oficial do artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, intitulado <i>Incêndios na Amazônia: o processo de bruxaria contra o governo do Brasil</i>, publicado no jornal francês <i>Le Figaro</i>, em 28 de agosto de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3089 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1Mz0QC-mCULcFDk2dKbTdbOOC_4J5AhaM/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 https://drive.google.com/file/d/1Mz0QC-mCULcFDk2dKbTdbOOC_4J5AhaM/view?usp=sharing

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_49 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no seminário “60 anos das relações Brasil-República da Coreia”, em Brasília, 3 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3192 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1jv35xcvDefXWDICR9RhmzUD7Fg2ZTLc2/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1jv35xcvDefXWDICR9RhmzUD7Fg2ZTLc2/view?usp=sharing</p>
<p>*T_50 *E_ERN Alocuções do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na reunião de trabalho da Rede de Agentes de Combate ao Suborno Transnacional da América Latina e Caribe da OCDE, em Brasília, 3 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3483 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1HlnOHwNcRQZsUxnFbOZIxsr-B4F1JSNF/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1HlnOHwNcRQZsUxnFbOZIxsr-B4F1JSNF/view?usp=sharing</p>
<p>*T_51 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do ministro de Estado das Relações Exteriores, embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita do ministro das Relações Exteriores do Chile, Teodoro Ribera Neumann, ao Brasil, em 5 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3201 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1VVIIIemlvoGLH57HW hryYKVaoIkFL L6Y/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1VVIIIemlvoGLH57HW hryYKVaoIkFL L6Y/view?usp=sharing</p>
<p>*T_52 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita do Ministro das Relações Exteriores do Paraguai, Embaixador Antonio Rivas Palacios, ao Brasil, em 9 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3202 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1i4k64pfZwFWZ7_jzYsa9U--uFMxsuis5/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1i4k64pfZwFWZ7_jzYsa9U--uFMxsuis5/view?usp=sharing</p>
<p>*T_53 *E_ERN Tradução não oficial do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, proferido na Heritage Foundation, em Washington D.C., 11 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3011 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1vNhpJi7oV9WkY8hf4nqxHOY45oZ_CGX_/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1vNhpJi7oV9WkY8hf4nqxHOY45oZ_CGX_/view?usp=sharing</p>
<p>*T_54 *E_ERN Tradução não oficial da alocução do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no National Press Club, em Washington, em 13 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3263 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1kNcRhk6zReprxCZRoSVEdTvgnDkVAAo/view?usp=sharing <i>[continua]</i></p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1kNcRhk6zReprxCZRoSVEdTvgnDkVAAo/view?usp=sharing</p>

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_55 *E_ERN Tradução não oficial da declaração à imprensa do Secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, e do Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Embaixador Ernesto Araújo, após reunião bilateral em Washington, D.C., em 13 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2999 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1ArT_nUITztSesJ2V3fbobPotegILIDgT/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1ArT_nUITztSesJ2V3fbobPotegILIDgT/view?usp=sharing
<p>*T_56 *E_ERN Tradução da entrevista do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, a Tucker Carlson, da <i>Fox News</i>, no dia 13 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3094 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1uNGkIFN0huek-MZgz4_AS76g1bQRB5xA/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1uNGkIFN0huek-MZgz4_AS76g1bQRB5xA/view?usp=sharing
<p>*T_57 *E_ERN Transcrição do discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, proferido na abertura da 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), em Nova York, 24 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3003 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1ix8HZE87ZRPIrOQ8IsijffNvLsyFISfo/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1ix8HZE87ZRPIrOQ8IsijffNvLsyFISfo/view?usp=sharing
<p>*T_58 *E_ERN Tradução não oficial do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, proferido no evento “Rebuilding Communities: Ensuring a Future for Persecuted Christians”, em Nova York, 27 de setembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3014 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1WGK3PaeP40dLqHgspmCkLqZo9Kd-w2Qj/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1WGK3PaeP40dLqHgspmCkLqZo9Kd-w2Qj/view?usp=sharing
<p>*T_59 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no lançamento da publicação dos compromissos voluntários do Brasil no contexto da candidatura do país ao Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, em 4 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3193 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1yq1ZiiUDs5DAQ35n_05uHawuHKc4CYUR/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1yq1ZiiUDs5DAQ35n_05uHawuHKc4CYUR/view?usp=sharing
<p>*T_60 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião da visita do Chanceler da Hungria, Péter Szijjártó, em 8 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3222 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1rfbYvo4EwJW63vIUjoiEphTAuZdSkJ33/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1rfbYvo4EwJW63vIUjoiEphTAuZdSkJ33/view?usp=sharing

[continua]

Pronunciamento	QR Cod para acesso
<p>*T_61 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado no perfil do Governo Federal no LinkedIn em 10 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3018 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1UZoQInOhuz43-Getlc8-mO445fAQLnON/view?usp=sharing</p>	 <p>Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1UZoQInOhuz43-Getlc8-mO445fAQLnON/view?usp=sharing</p>
<p>*T_62 *E_ERN Transcrição do painel com o Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no Fórum de Investimentos Brasil 2019, em 10 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3209 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1oW5N9ViHkhV-D_JuM3R2v4nZrtucZg1D/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1oW5N9ViHkhV-D_JuM3R2v4nZrtucZg1D/view?usp=sharing</p>
<p>*T_63 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, proferido na abertura do Fórum Brasil de Investimentos 2019, realizado em São Paulo, em 10 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3020 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1ERzpvWH0Ryixv9tFNByVf55kgitGP2q/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1ERzpvWH0Ryixv9tFNByVf55kgitGP2q/view?usp=sharing</p>
<p>*T_64 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na CPAC (Conferência de Ação Política Conservadora) Brasil 2019, em São Paulo, 12 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3238 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1hh8pbwR2BmODyIJPCGegVgz7J9CgPicB/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1hh8pbwR2BmODyIJPCGegVgz7J9CgPicB/view?usp=sharing</p>
<p>*T_65 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, proferido na abertura do Seminário Empresarial Brasil-China, em Pequim, em 25 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3035 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1B_c152Q5M_I7yZY1ErHb1x6JCn5fMsCx/view?usp=sharing</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1B_c152Q5M_I7yZY1ErHb1x6JCn5fMsCx/view?usp=sharing</p>
<p>*T_66 *E_ERN Transcrição da alocação do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na mesa-redonda “Perspectivas do cenário macroeconômico e do ambiente de negócios no Brasil”, em Doha, 28 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3255 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1uOCB4E38vpXW19ADMQQD-yw-bkzhV34r/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 <p>https://drive.google.com/file/d/1uOCB4E38vpXW19ADMQQD-yw-bkzhV34r/view?usp=sharing</p>

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_67 *E_ERN Transcrição da alocação do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na sessão de abertura do “Seminário Empresarial sobre o Brasil no Conselho das Câmaras Sauditas”, em Riade, 30 de outubro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3254 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/190fgw6vj5RfS3se531PaahbTHIHto1VB/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/190fgw6vj5RfS3se531PaahbTHIHto1VB/view?usp=sharing
<p>*T_68 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no lançamento da Frente Parlamentar Mista em Defesa do Comércio Internacional e do Investimento – FRENCOMEX, em 6 de novembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3227 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1VzVPHehflB6EW8y_oB56tqyaBDiiVs3n/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1VzVPHehflB6EW8y_oB56tqyaBDiiVs3n/view?usp=sharing
<p>*T_69 *E_ERN Transcrição das alocações do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na XVI Reunião dos Ministros das Relações Exteriores do Grupo de Lima, realizada no Palácio Itamaraty, em Brasília, no dia 8 de novembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3093 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1eTRjG4kK4tLhhHENNWtyfCOriOOfMJnz/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1eTRjG4kK4tLhhHENNWtyfCOriOOfMJnz/view?usp=sharing
<p>*T_70 *E_ERN Transcrição das palavras do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na abertura da VIII Conferência sobre Relações Internacionais (CORE), em São Paulo, 11 de novembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3189 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1XQNHPz5aX07bhTI2mK0rjY_OErf8z947/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1XQNHPz5aX07bhTI2mK0rjY_OErf8z947/view?usp=sharing
<p>*T_71 *E_MDA Transcrição da palestra proferida pela Embaixadora Márcia Donner Abreu, Secretária de Comunicação e Cultura do Itamaraty, na Conferência Internacional das Línguas Portuguesa e Espanhola – CILPE 2019, em Lisboa, 21 de novembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3149 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1jw1wLpMg6CfmrnJhaphlCG5H-Akx2Fpr/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 https://drive.google.com/file/d/1jw1wLpMg6CfmrnJhaphlCG5H-Akx2Fpr/view?usp=sharing

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_72 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no seminário internacional “Novos anseios da política externa brasileira: renovar para avançar”, em 21 de novembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/component/content/article?id=3224 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1W9GGALMSn3XuXXNUxqVNusxkOlhQGTS1/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1W9GGALMSn3XuXXNUxqVNusxkOlhQGTS1/view?usp=sharing
<p>*T_73 *E_ERN Mensagem do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, para os participantes do III Fórum Nacional da Liga Cristo Rei, no Rio de Janeiro, em 23 de novembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3285 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1MZ_QUSPVcZ7RS1Oh-SJ9ggSL7O4G7JsG/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1MZ_QUSPVcZ7RS1Oh-SJ9ggSL7O4G7JsG/view?usp=sharing
<p>*T_74 *E_ERN Entrevista do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, ao <i>Valor Econômico</i>, em 25 de novembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3096 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1W0hOoxNEi-ntSLIbK18XA6hZsarmITZf/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1W0hOoxNEi-ntSLIbK18XA6hZsarmITZf/view?usp=sharing
<p>*T_75 *E_ERN Entrevista do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, ao jornal <i>O Globo</i>, em 28 de novembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3097 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1pU6rY6U7VMXe5vurP91NlnWmkCHKWzZd/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1pU6rY6U7VMXe5vurP91NlnWmkCHKWzZd/view?usp=sharing
<p>*T_76 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado na revista <i>Interesse Nacional</i>, ano 12, número 47, outubro-dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3585 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1GuifmSztDP7fyREwAyggaVHnM3zh6-Z/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1GuifmSztDP7fyREwAyggaVHnM3zh6-Z/view?usp=sharing
<p>*T_77 *E_ERN Entrevista com o Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicada no jornal <i>Gazeta do Povo</i>, em 3 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3079 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1-kBWe8lWdxk-k4cEimJLNckQsuE1yPg8/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 https://drive.google.com/file/d/1-kBWe8lWdxk-k4cEimJLNckQsuE1yPg8/view?usp=sharing

Pronunciamento	QRCod para acesso
<p>*T_78 *E_ERN Transcrição da declaração à imprensa do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na LV Reunião Ministerial do MERCOSUL, em 4 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3226 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1cVQ-QXZu5i3nmJUcDuL-nN_KaYIRaJeY/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1cVQ-QXZu5i3nmJUcDuL-nN_KaYIRaJeY/view?usp=sharing
<p>*T_79 *E_ERN Transcrição dos discursos do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, proferido na LV Reunião do Conselho do Mercado Comum (CMC), em Bento Gonçalves, em 4 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3069 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1-dvNswtpU7KbyYF0mkgIonHdZP9nE5g_/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1-dvNswtpU7KbyYF0mkgIonHdZP9nE5g_/view?usp=sharing
<p>*T_80 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado no jornal cabo-verdiano <i>Expresso das Ilhas</i>, em 8 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3088 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1IRndsnIzjOBUDrA-vhPaP-QQnjNT1EGB/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1IRndsnIzjOBUDrA-vhPaP-QQnjNT1EGB/view?usp=sharing
<p>*T_81 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado no jornal senegalês <i>Le Soleil</i>, em 9 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3082-une-cooperation-technique-solide-et-un-dialogue-politique-fluide-le-soleil-senegal-9-12-2019 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1upCeFYZqtmoYK-tvVusPbAHbIOLNWBww/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1upCeFYZqtmoYK-tvVusPbAHbIOLNWBww/view?usp=sharing
<p>*T_82 *E_ERN Artigo do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado no <i>Jornal de Angola</i>, em 11 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3081 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1y_IohjT9NFUt4K-Q16tFWMp_VFGYqkHk/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1y_IohjT9NFUt4K-Q16tFWMp_VFGYqkHk/view?usp=sharing
<p>*T_83 *E_ERN Transcrição da palestra proferida pelo Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, no Ministério das Relações Exteriores de Angola, no dia 13 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3080 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1COPhq_X700IZenC8ysopNVA0ega4X8BB/view?usp=sharing</p> <p>[continua]</p>	 https://drive.google.com/file/d/1COPhq_X700IZenC8ysopNVA0ega4X8BB/view?usp=sharing

Pronunciamento	QR Cod para acesso
<p>*T_84 *E_ERN Transcrição do balanço da política externa em 2019 e da mensagem de final de ano do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, em 17 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3210 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/14vKM4wtQZkF08i2-NHyy8zdKPa4WdTXL/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/14vKM4wtQZkF08i2-NHyy8zdKPa4WdTXL/view?usp=sharing
<p>*T_85 *E_ERN Transcrição do discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na cerimônia de cumprimentos ao corpo diplomático, em 18 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3200 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1hCiaxuPbJVxmuVSF7APr7n4DUh41-sWU/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1hCiaxuPbJVxmuVSF7APr7n4DUh41-sWU/view?usp=sharing
<p>*T_86 *E_ERN Artigo "Para além do horizonte comunista", do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, publicado na revista <i>Terça Livre</i>, em 18 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3076 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1Z5m2hm-1Kc3TNJkOtuTunCEhTQOIWYZQ/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1Z5m2hm-1Kc3TNJkOtuTunCEhTQOIWYZQ/view?usp=sharing
<p>*T_87 *E_ERN Mensagem de final de ano do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, em 27 de dezembro de 2019 http://funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/3099 Link alternativo: https://drive.google.com/file/d/1WnMoeA97guwxBkrGbmjRCO5yiAYHbnWs/view?usp=sharing</p>	 https://drive.google.com/file/d/1WnMoeA97guwxBkrGbmjRCO5yiAYHbnWs/view?usp=sharing

Fonte: elaboração nossa.